



I H 6v

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RARIA "ASTRÉIA"
EDITORIA LTDA.

a Ramos de Azevedo, 209

1.a Sobre-loja

SÃO PAULO



Arte de furtar

ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL
Dos Reynos de Portugal.



ARTE DE FURTAR

ESPELHO DE ENGANOS,

THEATRO DE VERDADES,

MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,

GAZUA GERAL

Dos Reynos de Portugal.

SEGUNDA REEDIÇÃO

(Reproduzindo o texto e a ortografia da edição de 1744)

INTRODUÇÃO DE CARLOS BURLAMAQUI KOPKE



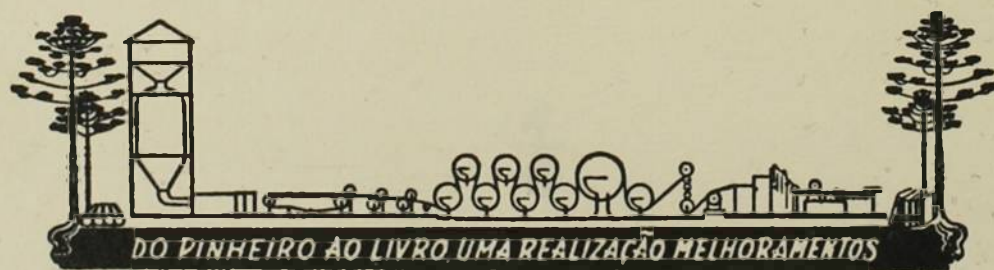
EDIÇÕES MELHORAMENTOS

6/V-1

1.^a Reedição das Edições Melhoramentos: 1926

2.^a Reedição das Edições Melhoramentos: 1951

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 156



INTRODUÇÃO À ARTE DE FURTAR

POR CARLOS BURLAMAQUI KOPKE

A HISTORIOGRAFIA moderna interessa-se, sobremaneira, pela realidade histórica, entendendo-se que esta é o resultado da aproximação entre fatos e reações mentais. Podemos argumentar, sem qualquer dose de primarismo ou de surpresa, que cada época tem sua atitude psíquica indivisível, na qual a ordem interior do espírito, a cultura refletida, a sedimentação das experiências políticas e sociais, a fenomenologia econômica se consideram os elementos deflagradores da realidade histórica.

Ora, o século XVII, que é o século motivador da «Arte de Furtar», apresenta fisionomia e reações próprias, e, embora com toda a sua parenética⁽¹⁾, seus preitos à Igreja, à Escolástica, aos tribunais da Inquisição — não se transcendentalizou em mito, como o século XVI que, fundamentado num conceito ou comportamento pan-erótico⁽²⁾ da vida, muitas vezes se desumanizou⁽³⁾.

É um comportamento partido em várias direções o desse século XVII tão mal estudado e não menos injustiçado! Poucos lhe vêem o sentido dinâmico, a sintomatologia da inquietação, da mesma inquietação que promoveu a uma hierarquia de valores, dos quais Portugal tem, sempre, de lembrar-se na apresentação de sua cultura.

(1) Ao que os gregos chamavam *parenética*, os latinos chamavam *preceptiva* (Ver em Sêneca, "Cartas a Lucílio": *Haec pars philosophiae, quam Graeci pareneticen vocant, nos praeceptivam dicimus*). É, finalmente, parte da filosofia moral que trata dos preceitos em forma de pormenores. A "NOVA FLORESTA", de Bernardes, pertence ao gênero parenético.

(2) Dizemos "pan-erótico" pelo amor à aventura, às conquistas. Indiscutivelmente, uma forma de amor que coletiviza.

(3) O *des-humanismo*, se assim podemos dizer, é uma consequência da aventura, das conquistas que tornavam herói ao homem, por isso, tirando-o de sua humanidade coletiva.

Em que pese a certos juízos, o século XVII, português, com todos os seus escrúpulos, soube rastrear uma evolução, na qual não se podem subestimar as conquistas ideativas, o gosto místico do heroísmo, de que, de umas e de outro, se afere uma forma de interesse essencial da vida. O próprio «stil nuovo», em que muitos querem ver uma degradação expressiva do Classicismo (o que é errado!) na síntese formal de seus autores, não foi sempre quantitativo, nem teve sempre feição de «enflure» retórica, mas, iluminado de expressão e de verdade, soube criar a linguagem artística, valorizando a palavra, trespassando de sensibilidade e de lucidez a posição do escritor, como se vê em certas páginas do Pe. Manuel Bernardes e de D. Francisco Manuel de Melo, para citar dois entre os valores atuantes do século.

Há quem lhe chame, ao século XVII, «vasto cemitério intelectual»⁽⁴⁾ por o comparar, talvez, ao mesmo XVII de certas nações, como a França, a Inglaterra, a Espanha, com exercício mental mais intenso ou desenvolvido, ou por ainda o comparar ao século XVI português, quando, então, a literatura e língua vernácula encontrou campo temático de grande alcance.

É necessário, todavia, que vejamos o século XVII no fluir universal, fruto da dialética histórica, condicionado a traumatismos econômicos, religiosos, administrativos, diplomáticos etc. A cultura portuguesa, nêle, não se abastardou; criou, apenas, uma forma de amor maior do que a da lógica, não se divorciando dos princípios universais da razão, da justiça e da humanidade. Hajam vista certos sermões⁽⁵⁾ e certas cartas⁽⁶⁾ de Vieira, autênticos documentos de sobranceira, desassombro e decência, poucas vezes encontráveis em séculos anteriores e posteriores.

Experimentado pela adversidade, Portugal teve o século

(4) "História da Literatura Portuguesa" (Coleção Saber — Publicações Europa-América, p. 77 — Antônio José Saraiva.

(5) "Sermão da Sexagésima" — "Sermão dos Bons Anos".

(6) Carta ao Conde da Ericeira (18-8-1688); Carta ao Conde da Ericeira (23-5-1689).

que mereceu. Mais uma vez, as leis da História foram implacáveis nos seus desígnios. Daí a razão de ter-se formado um enrêdo, o qual nem sempre foi bem travado em prol da cultura portuguesa. Enrêdo em que personagens e fatos nem sempre se bafejaram de verossimilhança histórica, ou dimanaram de fontes fidedignas.

A meu ver, muitas teses se podem levantar para o estudo do século XVII, diferindo-se umas de outras em valor, mas tôdas essencialmente necessárias à corporificação do juízo histórico. Em forma de esquemas, essas teses criariam a seguinte disposição:

a) A cultura portuguesa (?), no século XVII, foi homogênea nas suas atribuições, no seu sentido e no seu destino.

b) A cultura portuguesa distingue-se das demais culturas européias por ter mantido uma feição específica de ser.

c) O Bandarrismo, acometendo grandes espíritos, como o de Vieira, não foi um valor negativo para a cultura portuguesa.

d) A mística do Sebastianismo fez renascer a fé no homem português.

e) Os valores intelectuais do século XVII foram coerentes consigo mesmos e com as injunções da época.

f) Relação entre a «Arte de Furtar» e as teses propostas.

DESENVOLVIMENTO DAS TESES

a) A respeito da primeira, faz-se mister interrogar: Pode considerar-se não esforço de emancipação o ter-se a Península Ibérica conservado fiel à Escolástica ou aos filósofos da Antigüidade?

Durante o século XVII, o ensino universitário, em Portugal e na Espanha, fundamentava seus princípios em Aristóteles e na Escolástica. Daí proveio a Escola Conimbricense, representante da filosofia medieval e expressão mais autêntica da Contra-Reforma. Temos de aceitar, por isso,

(7) Todo o conjunto mental e criacionista do século XVII.

que houve monopólio do ensino pela Companhia de Jesus; que à censura eclesiástica coube cercear muitas manifestações laicizantes⁽⁸⁾ do espírito. Mas dizer-se que a literatura, por exemplo, «passa a ser uma função do Clero»⁽⁹⁾, é desconhecer-se o papel de moralista, desempenhado por D. Francisco Manuel de Melo, nos seus «Apólogos Dialogais»; o laicismo das Academias⁽¹⁰⁾; os sonetos e as églogas de Rodrigues Lôbo; as interferências conceitistas na poesia e na própria oratória sagrada; a epopéia, como documento incisivo da Restauração.

É verdade que, na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, nos Países Baixos, surge, quase simultaneamente, a Filosofia moderna, já amadurecida secretamente nas contraposições ao aristotelismo. Quer emancipar-se da tradição, do binômio: *Escolástica-Teologia*, e, para isso, basta o gênio de Descartes, Locke, Galileu, Spinoza, Bacon, cada um dos quais se distinguindo em processo, método e finalidades, mas todos, conjuntamente, se afinando na constituição de novos sistemas filosóficos, pelos quais o homem, desenvolvendo o espírito crítico e o livre pensamento, pudesse ter um modo exclusivo de ver a realidade em tôdas as suas manifestações. Como exemplo dessa liberdade, cite-se a interpretação da Bíblia por Spinoza, interpretação laica por excelência, distinta da exegese reinante no

(8) As manifestações laicizantes referem-se a toda atitude que não fôsse afim da Escolástica e da teologia de Cristo. Não esquecer os "Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in Libros Aristotelis Stagiritae.

(9) A própria época, politicamente traumatizada, impunha o *didatismo*, os livros de edificação religiosa, a parenética, a oratória sagrada. Até mesmo assim operando, a parte negativa da sociedade, a *gens sociabilis*:

"As riquezas vindas da África, do Oriente e do Brasil — esclarece Fortunato de Almeida — tinham radicado tradições de luxo que resistiam a tôdas as providências oficiais tomadas em contrário.

A ostentação manifestava-se, nos séculos XVII e XVIII, de tôdas as maneiras e em tôdas as classes, não hesitando perante as modas mais extravagantes e ridículas, com alguma quebra da honestidade e falência do decôro. Para evitar certos excessos de luxo, determinara Filipe III, de Espanha, quando em 1619 se preparava para vir a Portugal, que, enquanto neste reino estivesse, ninguém pudesse usar bordados ou recamados de ouro ou prata, em vestidos de côrte nem de caminho".

("O luxo em Portugal nos séculos XVII e XVIII", in *Labor*, revista de educação e extensão cultural, ano II, n.º 9, setembro de 1927).

(10) Referência à Academia dos Generosos (1647) e à dos Singulares (1663), onde se procurava manter viva a tradição literária portuguesa.

século... Ou ainda: o processo da dúvida metódica, de Descartes: sua negação da autoridade como critério de verdade; o processo da formação da sociedade civil, de Locke: sua negação da autoridade como fundamento da soberania política.

Cada época, entretanto, tem a filosofia que melhor se adapta às suas necessidades. E o homem seiscentista, caminhando *pari passu* à pátria, naquela humilhante época de domínio espanhol; desesperançado de uma revisão social e moral; percebendo no subconsciente coletivo o conflito entre as duas faces do mesmo homem: a face do homem lusíada, senhor de áreas geográficas e das cantigas de escárnio; a face do homem vencido, com a lembrança viva da derrota de Alcácer-Quibir, com o inimigo como seu comensal e mentor — o homem seiscentista teve de planificar sua existência na filosofia que melhor respondia aos seus apelos, na mística que era uma ansiedade viva das glórias passadas. Aristóteles dava-lhe uma ética, e esta, consoante a homologia dos fenômenos históricos, se conciliava bem com as necessidades, de toda ordem, do homem seiscentista. Não foi em vão que medraram, no século XVII, muito mais moralistas do que poetas, embora uns e outros possam fazer, com a mesma grandeza, o inventário das gerações e dos povos!

Contudo os moralistas, como o Pe. Manuel Bernardes, têm a seu favor uma capacidade irrepreensível de persuasão e, acima de tudo, o desinterêsse aos enleios da vaidade e das conquistas mundanas. Assim, a atuação dos moralistas, em face do homem seiscentista, teve uma feição catártica, e a *catársis* ⁽¹¹⁾, termo da filosofia aristotélica, dá-nos uma visão simplificadora da vida, do mundo, de nós mesmos, permitindo-nos que sejamos coerentes com a nossa unidade, sem que, para isso, tenhamos de perder nossa humanidade de homens de carne e osso.

b) Diante disso, não vemos, como querem certos teoricistas, «atraso» ou «incapacidade de renovação» na cul-

(11) Aplicação do termo no sentido aristotélico, no sentido de purificação.

tura portuguesa, em presença das demais culturas européias. Manteve uma feição específica de ser, a que homens de ação apostólica e política — (Vieira e alguns representantes da poesia épica) — transmitiam entusiasmo e compostura. No Reino seiscentista, não era possível caminhar-se com os olhos cheios de sol. Nem tão pouco se ter o «esprit de mesure» da ética cartesiana, quando, através da memória e da melancolia, a *Lebensanschauung* ou visão compreendedora da vida estava condicionada a uma situação de vassalagem, de temor e de insegurança. A moral laica, que o gênio de Spinoza arquitetou, não satisfazia, não tanto pela inexecutabilidade de sua aplicação num transe em que Portugal dependia da estatística econômica, do crédito financeiro, da boa vontade das chancelarias, porém não satisfazia visto não trazer o braseiro da misericórdia que a oratória sacra ateava para dar conforto, serenidade e expectativa às almas portuguesas em estertor coletivo. De que valiam livros, como o «De jure belli et pacis» (1632), de Grotius ou o «De Cive» (1642), de Hobbes, se o direito da guerra, da paz e do cidadão eram quase inaplicáveis em Portugal? Em Coimbra, em Évora, os jesuítas, a quem se confiava a educação da mocidade, proibiam a leitura de livros, como o «Novum Organum» (1620), de Bacon; os «Discorsi» (1638), de Galileu — contrapostos ao espírito escolástico e às especulações filosóficas que a Igreja imprime nas suas discussões.

Se o constante exercício da inteligência nos torna seres lógicos, o português, do século XVII (o universitário, o profissional, o homem da rua) arrostando com a particularidade, por excelência, histórica, de não ter reações, porque lhe impunham ouvir ou, pelas próprias condições de sua vassalagem, lhe era vedado pedir às horas o sentido do possível e do justo.

O seiscentista português tinha de ser receptivo pela força dos vários condicionalismos que o oprimiam. Manteve, porém, uma feição específica de ser, a qual se entre-mostra numa filosofia súper-cristã ou em um novo huma-

nismo. É verdade que não teve o sentido praxista⁽¹²⁾ ou ação utilitária da feição específica de ser do humanista do século XVI, resultado de uma disciplina política submetida a certos princípios fixados *a priori*. Mas seguiu, em progressão lógica, seu destino histórico⁽¹³⁾, intentando, quer na sua serenidade («marginalismo», para uns), quer em sua vivência⁽¹⁴⁾ experiencial, dar uma afirmação de si mesmo, o que é o mesmo que se dizer: o seiscentista português inferia a responsabilidade de assoalhar seu coeficiente pessoal de valores, o qual ressumou da vocação para o sofrimento e a expectativa.

c) Aqui, entra o capítulo da *expectativa*, que transfunde a significação latente do Bandarrismo. Este procurou criar uma hora decisiva para Portugal; procurou aglutinar as forças dispersas, encontráveis nos púlpitos, entre a nobreza decadente, no homem da rua, nas próprias fronteiras desse tempo calamitoso. É a hora da criação das místicas, em que se desenha a fisionomia espiritual de uma raça que deseja reaver sua consciência moral e jurídica de nação organizada.

A Restauração, conquanto um movimento nem sempre alicerçado em bases politicamente previsíveis, trouxe seus elementos de ordem, de lógica e de coesão. Fixou, historicamente, um tempo humano, a consciência da responsabilidade de um povo que desejava ver-se satisfeito nos seus princípios e nas suas aspirações. Para isso, a mística do Sebastianismo, visando a quebrantar o jugo filipino, formou-se, num quase consenso unânime, atingindo até grandes espíritos, como o Pe. Antônio Vieira, ou instituições, como a Companhia de Jesus, que procurava, numa das atitudes mais definidas e conscientes de sua história, intensificar essa mística.

Dividem-se as teorias relativas ao Sebastianismo. Historiadores, como Oliveira Martins, Teófilo Braga, Lúcio de

(12) Quase a aplicação do pragmatismo "avant la lettre".

(13) Referência às conquistas, ao seu sentido prático. Referência ao próprio antropocentrismo quinhentista.

(14) Dados específicos ou internos. Vivência individual. Vivência histórica.

Azevedo coordenam, mais ou menos, suas opiniões, na conceituação de que êle foi «uma manifestação do gênio natural íntimo da raça», um «sentimento inconsciente», um «pensamento natural orgânico»⁽¹⁵⁾, «caráter étnico do povo português»⁽¹⁶⁾, «uma feição incomparável da alma portuguesa»⁽¹⁷⁾. Outros há, como Antônio Sérgio, que o consideram um «fenômeno social e intelectual independente da raça em que se manifestou». Quer isto dizer que não se deve dar importância ao elemento céltico ou ao da raça ligúrica, formativos do *ethne* luso, como assim preestabeleciam Oliveira Martins e Teófilo Braga.

Há, entretanto, uma unidade irreduzível entre o messianismo do sapateiro Bandarra e o Sebastianismo identificado em forma de mística. As trovas de Bandarra, inspiradas na Bíblia, tornam-se, por seus temas, sua concepção, sua execução, a face primitiva e popular dessa mística, em que se entressacham as esperanças do povo português. Não importa que sejam cristãos novos seus divulgadores, elementos nem sempre de confiança da Igreja e dos Tribunais da Inquisição. Mas o certo é que o messianismo bíblico-bandarrista, apesar do seu caráter transitivo, pontificado da mediocridade do seu autor, é uma poderosa cunha contra o domínio dos Filipes. O Sebastianismo, face intelectual dêsse messianismo, vale como a sistematização normativa e programática do espírito da Restauração. O mito do *Encoberto*, do *Desejado* transferir-se-ia, depois, para D. João IV, já considerado pelo Pe. Antônio Vieira, em 1642, no «Sermão dos Bons Anos», o *Restaurador*.

A figura de D. João IV toma, com essa transferência, uma estilização implacável, na qual nem sempre se vê a identidade com o seu próprio duplo, isto é, o mito sebastianista. Deve-se isto à problemática da época, referta de crises e de conflitos específicos por sua historicidade: aos olhos inquisitivos da diplomacia espanhola, ao cesarismo filipino, à derrocada do patrimônio colonial, ao descrédito

(15) Oliveira Martins.

(16) Teófilo Braga.

(17) Lúcio de Azevedo.

no estrangeiro. Através dessas causas, D. João IV estiliza-se, e, às vezes, nem as esperanças do povo, nem o profetismo, nem a oratória sacra conseguem fazê-lo a personagem necessária para a redenção de Portugal.

Nesse comenos, não é possível esquecer-se o Pe. Antônio Vieira, que prestigiou o Sebastianismo, numa ininterrupta ação apostólica e política. A invocação dos textos sagrados ia Vieira colhêr os dados iniciais, as fontes com que os fatos, registados no século, de interesse essencial para a história portuguesa, deviam identificar-se. Há quem, como Hernani Cidade, queira ver na possível origem judaica de Vieira⁽¹⁸⁾ a tendência ao *profetismo*. O certo, porém, é que esse profetismo é uma grande manifestação de fé nacionalista do português...

Creio, portanto, em atenção à quarta e à quinta tese, que tanto a mística do Sebastianismo quanto os valores intelectuais do século XVII (o exemplo em Vieira) foram coerentes consigo mesmos, não só na ambivalência íntima que os liga, como também no processo de libertação, em que todos os recursos, desde os mais primários (as trovas de Bandarra) até aos superiores por excelência (a participação da Companhia de Jesus) se conjugaram para a finalidade única da redenção portuguesa. A Restauração, logo após, faria nascer um novo sol no peito lusíada...⁽¹⁹⁾.

Quer-me parecer que chegou o momento da localização da «*Arte de Furtar*». Nessa introdução, procuramos desenvolver as cinco teses propostas, inicialmente. O que vai seguir concerne, em especial, a esse livro problemático, sendo que a introdução lhe serve de envoltório. Para metodização desta exegese, vamos dividir o capítulo em *pro-*

(18) "Padre Antônio Vieira" (Estudo biográfico e crítico — Vol. I — Agência Geral das Colônias — Lisboa, MCMXL).

(19) Para Antônio Sérgio, historiador português e um dos dez maiores ensaístas vivos da Europa atual, "o método de argumentar de Vieira não consiste na dedução a partir de princípios dogmáticos, mas na metáfora; não é silogístico, mas sim simbólico, alegórico. A idéia é dada pela vontade ou pelo sentimento de quem a enuncia; e busca-se-lhe depois uma figura, uma frase qualquer do sagrado texto que possa ser apresentada como seu "símbolo". O conceitismo de Vieira se ligou, conforme Antônio Sérgio, ao método dos "conceitos predicáveis".

blemas, a cada um dos quais devem corresponder um desenvolvimento e uma possível solução.

A) Primeiro problema: o da autenticidade

Nesse problema, já se delineia o histórico da «Arte de Furtar». Examinar a autoria do livro implica num passeio bibliográfico de sumo interesse para a história da Literatura. Portugueses e brasileiros, neste sentido, não têm regateado esforços para a solução do problema, uns com mais êxito, outros com menos, outros ainda sem nenhum êxito, mas todos procurando dar termo a essa questão que, desde Francisco José Freire, vem atarantando espíritos lúcidos e sequiosos da verdade. Oito autorias se levantaram em relação à «Arte de Furtar»: Pe. Antônio Vieira, João Pinto Ribeiro, Tomé Pinheiro da Veiga, Duarte Ribeiro de Macedo, Antônio da Silva e Sousa, Pe. Manuel da Costa, D. Francisco Manuel de Melo, Antônio de Sousa de Macedo.

Não podemos dizer (o que seria injustiça!) que tem havido discussões estéreis a êsse respeito, porque bastam os trabalhos dos nossos Solidônio Leite, João Ribeiro e Afonso Pena Júnior e o do português Francisco Rodrigues para dar testemunho da austeridade com que o problema tem sido encarado. Entretanto, desde que a «Arte de Furtar» criou um corpo de exegetas, tem havido muita interpretação descabida, aleatória, o que nos faz deduzir que seus autores, para o levantamento da autoria, se esqueceram de um elemento ou dado inicial: o *texto*. Examinaram-lhe a autenticidade? — a pontuação? — a grafia? Compararam-no com o texto de livros da mesma época ou com o texto de livros anteriores dos supostos autores da «Arte»?

Sem essa uniformidade de operações, sem uma capacidade coordenadora e diretiva, não é possível estabelecer-se uma autoria. Uma pequena digressão: a literatura portuguesa e a brasileira sempre se viram em conflito com o problema das autorias. Desde os séculos XII e XIII, a filologia, com seu processo depurativo, vem desmascarando falsas interpretações, investigando, cuidadosamente, a fonte

e a gênese de certas obras, constituindo, assim, as concepções basilares da verdadeira Ciência Literária, a qual, só no século XIX, vai ter seu fastígio. Na sua por todos os aspectos importante «História da Literatura Portuguesa», o Prof. Costa Pimpão, catedrático de literatura na Universidade de Lisboa, cita alguns códices para os quais é discutível a época a que pertenceram. O exemplo está no Códice n.º 266 ant.º (Manuscrito de Alcobaça) hoje encontrado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Quatro grandes espíritos o estudaram, para o localizar numa determinada época: meado do século XV — Júlio Cornu, Pedro A. de Azevedo, Epifânio Dias e José Pedro Machado. Sessenta anos levaram-se para chegar a êsse termo...

A «Crônica do Condestabre» é outro problema e, pela primeira vez, focado, em 1897, por D. Carolina de Michaëlis em sua «Geschichte der portugiesischen Literatur». Braancamp Freire e mais seis historiadores, todos de reputada proficiência e espírito de pesquisa, lançaram-se à resolução do problema. Hoje, pelas próprias correções estilísticas de Fernão Lopes, na reprodução da crônica, desvendadas pela exegese filológica, sabe-se que não é da autoria dêsse cronista português.

Aqui, no Brasil, o problema apaixonante tem sido em torno das «Cartas Chilenas» (século XVIII), atribuídas por certa crítica nem sempre feliz nas suas induções e conclusões, ora a Cláudio Manuel da Costa, ora a Alvarenga Peixoto, ora a Cláudio Manuel da Costa — Gonzaga — Alvarenga, conjuntamente. Hoje, o problema da autoria já está solucionado mediante o trabalho do ensaísta mineiro, Afonso Arinos de Melo Franco, que, em argumentos históricos e prova de estilo, deu a primazia a Tomás Antônio Gonzaga.

Podemos citar, neste estudo de literatura comparada, ou de historiografia literária, os «Diálogos das Grandezas do Brasil», do século XVI, manuscrito dialogado, que consta de 106 fôlhas referentes à corografia e história natural das capitanias. Varnhagen encontrou um códice dos «Diálogos», na Holanda. O historiador Capistrano de Abreu, mais objetivamente, e senhor de práticas ecdóticas, em

estudo publicado no «Jornal do Comércio», de 5/9/1901, contrapôs-se a Varnhagen, embora este já se houvesse pronunciado a respeito da falibilidade dos seus próprios argumentos. Entre os autores: Bento Teixeira e Ambrósio Fernandes Brandão, a primazia ficou com este.

Fechado o parêntese dessa digressão, necessária para robustecer a *atmosfera* problemática da «Arte de Furtar», retornemos à nossa questão inicial. Falávamos em *interpretação descabida, aleatória*. O exemplo está na pretensa autoria de Antônio da Silva e Sousa, diplomata da Restauração, que o historiador Ataíde e Melo adverte ser o autor da «Arte». Hoje, pelo trabalho do humanista mineiro, Afonso Pena Júnior, um dos mais sérios estudos feitos no terreno da historiografia em língua portuguesa, trabalho subordinado a um processo, a um método e, principalmente, ao exame da tese de Solidônio Leite (o primeiro em ser solidário com essa autoria) — podemos convir em que a «Arte de Furtar» pertence a Antônio de Sousa de Macedo.

Antônio de Sousa de Macedo, o «muy zeloso da Pátria», pertenceu à fase épica do Seiscentismo português. Seu poema heróico «Ulíssipo» (1640) referente à fundação de Lisboa; suas «Flores de Espanha, Excelências de Portugal»... e sua «Eva e Ave», submetidos a um trabalho de revisão textual, de fato, nos induzem a crer ter sido ele o autor.

Todo um histórico, entretanto, se focou para atestar essa autenticidade. Mas, se indicamos essas três obras anteriores à «Arte de Furtar», é porque fazem, juntamente com ela, um breviário de emoção, de pensamento, de lucidez, de sarcasmo, de rabiosa energia, breviário, enfim, plasmado pelo caráter social da espiritualidade de Antônio de Sousa de Macedo.

Sendo a «Arte de Furtar» um depoimento dos costumes portugueses seiscentistas ou da vida social da época da Restauração, um processo repressivo contra os desmandos administrativos, compreende-se que a época, afora as particularidades, historicamente, contingenciais e sua compleição psicológica gerada em erros políticos, deixou um es-

pólio repleto de derrancamentos morais que uma fauna parasítica de ex-homens transformava em farisaísmo, em marginalismo e, o que é pior, num quase estilo de vida social de certos grupos. Não contradizem êste passo afirmações anteriores, visto se estar tratando de uma face necessária para a temática do satírico, como é o caso de Antônio de Sousa de Macedo, ou do didata, como é o caso de Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo, Rodrigues Lôbo.

Hoje, depois de aduzida tôda uma sorte de documentos, de pesquisas, de estudos ensaísticos, a «Arte de Furtar» se acha esteticamente legitimada, o que é o mesmo que se dizer: cria tantas direções quantas as vistas em sua autenticidade de documento representativo de uma fase no quadro histórico do seiscentismo, fase essa da qual o livro, em seu frontispício, tira motivos para se exprimir como «um espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos Reinos de Portugal». Como inventário, como fixação consciente da época, a «Arte de Furtar» não tem sido estudada por êsse prisma, comumente. A maior parte da Bibliografia toma-a como um problema de autoria, apenas; outros, como um documento de alto teor filológico para o estudo da linguagem seiscentista; raros, como um depoimento histórico em que se vê retratada a face negativa da sociedade portuguesa do século XVII. Nesse particular, estamos de parabéns, pois o nosso Afonso Pena Júnior, em seu magistral estudo, não omitiu o prisma histórico, e, num juízo de valor, soube apanhar o conteúdo positivo e negativo da época, valendo-se do próprio texto de Antônio de Sousa de Macedo.

Qual é, entretanto, o papel do Pe. Antônio Vieira em todo êsse pronunciamento, do qual êste ensaio se faz expressão? Que relação pode ter êle com a «Arte de Furtar»? Por que lhe foi atribuída a autoria?

Para responder a tais perguntas, devemos apresentar, em primeira mão, o *argumento cronológico*. Há quem chame «apócrifa» à edição de 1652, à edição de Amsterdam, alegando que «o fato de, só no século XVIII, se haver divul-

XV

gado a obra», a «impossibilidade de que o Pe. Antônio Vieira, então em pleno apogeu da glória literária e influência política, deixasse correr sem protesto essa atribuição de autoria e ainda o êrro inverossímil no título da tipografia — «Elvizireana» por «Elzeviriana» — têm feito crer que essa edição de 1652 seja apócrifa e que a primeira seja a de 1774».

Creio que êsses argumentos nem sempre procedem, e procederiam se nos fôsse possível localizar o manuscrito, ou lembrar-nos de que grande número de documentos da literatura e da historiografia portuguesa se acha truncado pelos erros dos copistas e dos impressores. No fim de contas, a Ecdótica, nos séculos XVII e XVIII, podemos dizer, era incipiente, no sentido laico, ou, quando não, só se realizava nos mosteiros para satisfazer aos intentos da Igreja, como se fêz com as múltiplas versões da Vulgata. Assim, quando o Pe. João Batista de Castro, a quem o impressor genovês, João Batista Lerzo, em 1740, confiara o manuscrito, o levou consigo a fim de estudar-lhe a gênese ou especificar-lhe a autoria, dá-nos o primeiro lanço da questão. Restituindo, em 1742, o manuscrito a Lerzo, talvez tivesse, pela eloquência, pelo maneirismo, pela lucidez das conclusões dêste, advertido o impressor de que a autoria fôsse de Vieira, em 1652 um dos oradores preferidos. Colho êsses últimos dados no informativo livro de Afonso Pena Júnior e mais ainda o relativo à modificação (inversão dos dizeres, supressão do lugar e da data da *composição* (1652), ou valendo-se dela como data da *impressão*), operada na página do rosto da obra. Quer isto dizer que Lerzo forjou, a seu talante e a seus interesses, possivelmente inconfessáveis, uma data, e esta parece ter formado o segrêdo do problema. Todo o capítulo inicial da «Arte de Furtar e o seu autor», do nosso Afonso Pena Júnior, desenvolve, com muita perícia, dialética, argumentação a gênese dêsse segrêdo a respeito do qual o leitor veria removidas algumas de suas dúvidas ou suspeitas.

Convenhamos em que a primeira edição seja de 1652; que haja, logo em seguida, outras: a de 1744, a de 1820,

a de 1821, a de 1885, a de 1919. Qual seria o papel do estudioso, em face dêste enigma cronológico: 1652 — data da composição? — 1652 — data da impressão? O mais objetivo possível: o confronto das versões sucessivas com o manuscrito (documento original) e com a *edição-arquétipo*, isto é, a edição em que tôdas as outras se fundamentam em prova textual.

Levando-se em conta os erros dos copistas, as arbitrariedades em relação à cronologia, à falta de gosto artístico dos impressores do tempo como um dado que, no século, torna comuns essas deficiências, impossíveis, por exemplo, de registarem-se em nossos dias pela perfeição a que chegaram os estudos ecdóticos, os filológicos, os de literatura comparada, é possível encararmos o texto em sua integridade, isto é, na posição (como está no manuscrito ou está na edição-arquétipo) das suas categorias gramaticais, das suas relações lógicas; na sua verdadeira pontuação; nas suas formas gráficas (formas ortográficas e cacográficas). Isto, sim, é o que se deveria ter feito e fazer em relação à «Arte de Furtar». Sem o interesse estatístico, sem o capítulo das constantes (constantes expressivas, rítmicas, sintáticas) as quais todo grande escritor manifesta, nenhum problema de autoria pode ser resolvido. Seria, no entanto, justo e aconselhável que indicássemos ao leitor alguns trabalhos importantes, em que o texto é a prova dos nove do problema: o livro de Afonso Pena Júnior, sob todos os aspectos, harmonioso, lúcido, convincente «*A Arte de Furtar e o seu autor*»; o probo e bem arquitetado trabalho de Solidônio Leite «*A autoria da Arte de Furtar*; o *Estudo Crítico* do nosso saúdoso João Ribeiro, na edição Garnier da «Arte»...

O processo das discussões acêrca da autoria não vem seguindo, todavia, desenvolvimento homogêneo. Tem tomado feição de linha sinuosa, cheia de sínopes e de intervalos.

Remontemo-nos ao século XVIII, época da «Carta Apolo-

gética» (20-2:1744), de Francisco José Freire⁽²⁰⁾, e observaremos a primeira posição contra a autoria de Vieira. Mas Francisco José Freire (Cândido Lusitano), no «Vieira defendido», sugere a autoria de Tomé Pinheiro da Veiga, jurisconsulto, procurador da Coroa, autor da «Fastigímia». Na incidência dessa autoria participaram até grandes espíritos como o do historiador português Lúcio de Azevedo⁽²¹⁾, o que prova ter a «Arte de Furtar» interessado, inicialmente, apenas como um *problema histórico*, para o qual a *chave* estava no encontro de um autor. Devassavam-se épocas, mediam-se dados cronológicos e biográficos, mas havia o esquecimento do texto, em si ou em situação, bibliograficamente, comparativa. Hoje, por argumentos e pesquisas textológicas — Solidônio Leite no-lo indicou — está provado que não é possível um confronto ou uma prova de estilo entre a «Fastigímia» e a «Arte de Furtar», tantas as diferenças que se podem assacar!...

A esteira das autorias continua: quando não é Ataíde de Melo que a dá a Antônio da Silva e Sousa, diplomata da Restauração, alegando prova da estada dêsse suposto autor, no Brasil, e a concomitância das referências a êste na «Arte», é o historiador Francisco Rodrigues que a dá ao Pe. Manuel da Costa, «com ofício de pregador nas diversas províncias de Portugal, no continente e nas ilhas».

Em esquema, são estas as atribuições:

- a) Ao Pe. Antônio Vieira — A edição de Amsterdam (1652) e Frei Francisco Xavier dos Serafim Pitarra⁽²²⁾.
- b) A Tomé Pinheiro da Veiga; depois: a João Pinto Ribeiro — Francisco José Freire, Cunha Rivara, João Ribeiro.
- c) A Antônio da Silva e Sousa — Ataíde e Melo.
- d) Ao Pe. Manuel da Costa — Francisco Rodrigues.

(20) "Dissertação apologética em que se mostra que não he auctor do livro intitulado "Arte de Furtar" o insigne Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus".

(21) Mais tarde, Lúcio de Azevedo, grande pesquisador que é, penitencia-se do equívoco.

(22) "Dissertação apologética e dialogística que mostra ser o auctor do livro "Arte de Furtar" digno desvelo do engenho illustre do Padre Antonio Vieira, em resposta de uma carta por um ignorado zeloso da memoria do dito padre".

e) A Antônio de Sousa de Macedo — Solidônio Leite, Afonso Pena Júnior (em trabalhos específicos), Edgar Prestage, Lúcio de Azevedo, Fidelino de Figueiredo, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima (em trabalhos de enfeixe ou notas accidentais).

Quanto às duas restantes entre as oito autorias: Duarte Ribeiro de Macedo e D. Francisco Manuel de Melo, não há, propriamente, à maneira dos citados, trabalhos corporificados em estilo de ensaio: há, apenas, suposições, vagas e tímidas referências que não podem ser tomadas como dados de um problema.

O interesse do assunto deveria incidir sobre a figura do Pe. Antônio Vieira, mas sua autoria da *Arte* fica anulada ou frustrada diante das pesquisas a que se vêm procedendo até aos nossos dias. Nesse sentido, trabalhos como o de Solidônio Leite e o de Afonso Pena Júnior são valiosíssimos, senão definitivas contribuições para o acerto do problema.

Ao tratar-se, porém, de uma edição como esta da *MELHORAMENTOS*, que reproduz a versão de 1926, o argumento que se deve aduzir é de ordem histórica e jurídica, ao mesmo tempo. Em 1926, a situação do problema vacilava ainda. Lembremo-nos de que os trabalhos de Francisco Rodrigues e de Afonso Pena Júnior, acerca da *Arte*, são o 1.º de 1941, o 2.º de 1946, o que atenua a atribuição a Vieira, na 1.ª edição da *MELHORAMENTOS*.

B) Segundo problema: o da classificação do livro

Indiscutivelmente, a «Arte de Furtar» é um livro de ensaios, na mais autêntica e específica definição do termo. A autonomia mental, que um constante auto-exercício ou uma constante atitude crítica do intelecto promoveram, dá a esse livro, de unidade estrutural, de desenvolvimento concreto do motivo, uma vida própria, um sabor inconfundível entre as produções do seiscentismo português, se se levar em conta o argumento de ele ter sido composto, em 1652. Livro que apostila erros, e se torna um tratado de ética; livro que estereotipa conceitos; que se realiza em pronun-

ciamentos críticos, e faz, por isso mesmo, num juízo valeryano, do seu autor um clássico, a «Arte de Furtar» é um ensaio de homogeneidade conceitual e judicativa, de vivência unitária, ensaio do qual se podem tirar uma ética, uma filosofia, uma estética para se positivar que não foi, apenas, o culto exclusivista da forma a única preocupação do intelectual seiscentista. Vêde bem que, no século XVII⁽²³⁾, as classes superiores de Portugal, as vulgarmente chamadas *elites* intelectuais, eram uma afirmação de caráter, de soberania de princípios eticamente individualizantes. Tanto a literatura monástica quanto a satírica e a épica, atiraram-se à experiência, à interpretação, à compreensão dos fatos e das coisas, constituindo um sentido para a cultura portuguesa, a «fides quarens intellectum», isto é, uma aliança entre a fé e a razão, dispostas ambas a *edificar* o homem seiscentista (como é o caso da literatura monástica de Vieira, Bernardes, Frei Luís de Sousa) ou a *elucidá-lo* (como é o caso da literatura laica de D. Francisco Manuel de Melo, Antônio de Sousa de Macedo etc.). Se, na Academia Conimbricense, Francisco Suárez, Pedro da Fonseca, Baltasar Álvares etc. comentavam o Estagirita, fora o peripato era mais ativo, porque aplicava uma ética num povo que julgara tê-la perdido em Alcácer-Quibir. Assim, a literatura, no século XVII, formada na *didática* da Universidade e no dinamismo da sátira, da épica, trabalhava para a formação de um comportamento social digno do povo português. Era, como se diz em termos psicanalíticos, a conjugação do *ich* com o *es*, isto é: a positivação de nós mesmos e o que se pode verificar ou realizar em nós. Transfiram-se os termos para o povo português, e ter-se-á o comportamento a que ele deveria aspirar. A filosofia do século XVII é isto: a teologia sobrepondo-se à laicização, nunca porém a repelindo quando a sorte de Portugal estivesse em jogo. Daí o seiscentismo ter sido uma direção da vida, e daí, também, não

(23) Para o estudo do seiscentismo europeu, duas fontes: Sêneca e o jesuíta Lourenço Gracian ("Agudezas de Ingenio").

concordarmos em que êle «secou a veia inovadora do ensaísmo», com fontes em Montaigne:

«Os Reys tambem são como Deos; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as cousas com suas Leys de sorte, que se não houver quem as quebrante, não haverá fome, que afflija os pobres, nem adversidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andarão satisfeitos, sem as pensoens de tributos, que se occasionão de disbarates, que os ambiciosos, e turbulentos movem; e para se reprimirem he necessario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey ás vezes não bastaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he esponia, que se céva na substancia da pobreza, e he hydropesia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gordos com abundancia, e entisicarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que são como as sanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o sangue; cuidaõ que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he servir-se de vós, e a pensão tomarvos a fazenda, como se a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao serviço, que lhes fizestes. Não se vio mayor sem-razaõ! E eu lha perdoara [porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a si, e que não ha em vos preço, com que lhe possais pagar este beneficio] senaõ accrescentaraõ a este delirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isso a vingança injusta, que conceberaõ contra vós, por não vos professardes escravos seus, até quando não a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que sonhaõ, vos fez livre. E para que não pareça isto discurso fantastico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido».

Propositadamente citado, êsse trecho transfunde as significações latentes de um espírito acostumado a meditar

sobre a natureza das coisas. A índole da «Arte de Furtar» é, por isso, substantiva, ávida, pelo seu teor dogmático, de proselitismo, o que é natural nas consciências católicas e aristotélicas, como o foi a do autor dêsse livro surpreendente. Assim, Antônio de Sousa de Macedo, o mais credenciado dos autores propostos, enquanto, escolásticamente, formulava seus problemas para lhes dar solução, numa seqüência admirável de «logoi» ou elementos logicizantes, transformava-se num ensaísta para o qual o sentido do *dever* era o que importava, ou para o qual a significação estava em que o homem fôsse o resultado de valores tornados *comportamento*, ou de atos que lhe pudessem trazer uma forma de redenção. Podíamos citar diversos capítulos da «Arte»: o VIII, o IX, o XVIII, o XXXIX — nos quais, a meu ver, há o sôpro vital de razão e de lógica, há elementos pessoais de reação, uma consciência do fugaz e do instável, uma vibração comunicativa que nos faz crer, como na frase algo deformada de Antero sobre Herculano, que em Antônio de Sousa de Macedo podia haver desdêns, porém nunca retratações.

Se o ensaio pode marcar as fronteiras da Crítica, não só pelo seu discernimento como por sua capacidade de daguerreotipar todos os aspectos que lhe interessarem, a «Arte de Furtar» é um ensaio que esclarece e intensifica, cheio de unidade conceptiva, despojado de qualquer pontilhismo impressionista; ensaio em cuja intimidade se comunga, para, numa visão simplificadora do mundo e da vida, se ter um modo exclusivo de *ver* a realidade.

C) Terceiro problema: o do estilo

Inegavelmente, cabe ao século XIX a sistematização da *textologia*, como um dos setores mais importantes da Ciência Literária. A investigação de fontes e da gênese das obras cede lugar ao *texto*, ao exame do texto em si, principalmente quando, por êste, se pode especificar uma autoria. Solidônio Leite, em 1919, e, mais tarde, Afonso Pena Júnior, em 1946, embora o tenham feito restritamente, não

se esqueceram de estampar nos seus trabalhos uma visão interpretativa dos textos, valendo-se ambos de argumentos estatísticos, nos quais se exararam exemplos para a fixação definitiva da autoria. Dêsse modo, entre os oito autores a quem a sátira é atribuída, um dêles, Antônio de Sousa de Macedo, recebe o beneplácito dêsses dois historiadores, citados há pouco, aos quais se pode conferir a glória de terem escrito os melhores trabalhos acêrca do intrincado problema. Para negar, por exemplo, a autoria de Tomé Píneiro da Veiga, Solidônio vale-se de recursos comparativos, da estatística das constantes expressivas, e o resultado está em que o que vê na «Fastigímia», como um *módulo* estilístico do seu autor, por exemplo: o emprêgo da partícula *que*, neutra, em lugar da especificação genérica *do qual, da qual*, não o vê na «Arte de Furtar». Mas o mesmo Solidônio, comparando esta sátira com as outras obras de Macedo, vê identidade de estilo e, no dizer de Afonso Pena Júnior, «em mais de um passo das quais há pensamentos e juízos, em embrião, desenvolvidos depois na *Arte*».

Eis, pois, que a exegese se torna completa quando se processa o inventário expressivo do texto! «Mestre do pensamento e da linguagem», como lhe chama Afonso Pena Júnior, o autor da *Arte*, por seu estilo, merece que o estudem mais demoradamente. De início, a afirmação: ninguém pode increpar de infidelidade quem versa, como o autor da *Arte*, o estudo das suas atribuições e interêsse com tanta segurança expressiva e idiomática! Aliás, há, correntiamente, uma limitação negativa de juízo, tôdas as vêzes em que vem à colação o estilo seiscentista⁽²⁴⁾. E, no entanto, em poucas épocas da língua, foram as dificuldades formais do idioma tão dominadas, como no século XVII! Lembremo-nos de que o Pe. Antônio Vieira, o Pe. Manuel Bernardes, Frei Luís de Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, Rodrigues Lôbo⁽²⁵⁾ são dêsse século: a obra que deixaram

(24) Para o estudo do seiscentismo português, um texto necessário: o cancioneiro "Fênix Renascida".

(25) *Idade de ouro da prosa portuguesa*. Wölfflin, Sitwell, Worringer consideram a *técnica barroca* (elementos ideológicos: movimento anti-ciceroniano, influências do Estoicismo e de Sêneca; elementos formais: valorização das antíteses,

realizou-se lingüisticamente, não só em matéria idiomática, mas também em matéria artística. Em poucas épocas, viu-se, como no século XVII, a metáfora apresentar um conteúdo ideológico e emocional tão amplo, e, ainda, a construção do período, um rigor lógico tão esmaltado de escrúpulos formais!

Pelo que lhe observamos, Antônio de Sousa de Macedo constitui-se representante dêsse grupo artístico de prosadores, em que se vêem, majestosamente articuladas, a defesa da pureza e a integridade do idioma. Se a *Arte* conserva, em muitos dos seus passos, um sabor clássico-latinizante, para usarmos uma expressão do nosso Mário Barreto, por isso mesmo faz fé em pontos de vernaculidade, requinta-se no apuro da arquitetura matemática da composição.

Não há arbítrios gramaticais em todo o transcurso do livro, dêsses em que as Escolas se comprazem para o torneio das suas estéticas. Esmerilhem-se senões de linguagem, e encontrar-se-ão cortes idiomáticos nascentes, já diversos dos do século XVI, quando se podem extrair frases e termos, os chamados *latinismos*, referendados em «Os Lusíadas» e nas «Décadas».

No século XVII, há quase uma formação unilíngüe, muito embora cada um dos seus valores representativos se diferenciasse por virtualidades de emoção, pela capacidade imaginífica e, acima de tudo, pelas constantes expressivas, rítmicas e sintáticas que pertencem a todo escritor, e lhe são a face inalienável ou irredutível.

dos hipérbatos, das perífrases, das alusões, das sinédoques), como a "expressão estilística de uma época e de uma estética".

Dirigimos o leitor, para o estudo do *barroquismo*, a autores como: Leo Spitzer, Emil Ermatinger, Helmut A. Hatzfeld ("El predominio del espíritu español en la literatura europea del siglo XVII" — Revista de Filología Hispánica, de Buenos Aires, 1941, III, pág. 10). Aqui, no Brasil, o trabalho mais importante: "Aspectos da Literatura Barroca", 1950, do ensaísta Afrânio Coutinho, trabalho em que são citadas as mais recentes obras de Ciência Literária, com método e conhecimentos. Outros trabalhos indispensáveis, não só pela originalidade dos prismas, como também pelo desenvolvimento ideativo: "História da Literatura Clássica (Continuação da II época (1580-1756) e III época (1756-1825)", do Prof. Fidelino de Figueiredo, também um dos dez maiores historiadores europeus contemporâneos; o ensaio de Antônio Sérgio, tomo V de "Ensaio": "A propósito de dois jesuítas"; a "Teoria da Literatura", do Prof. Soares Amora, excelente porque trata, com metodologia e precisão terminológica, do assunto.

Citemos, de Vieira, um trecho dos seus «Sermões», dos mais citados pelos florilégios:

«Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tósca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão; e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miúda; ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afia-lhe o nariz, abre-lhe a bôca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, ali arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se pode pôr no altar».

Em seguida, um excerto de Antônio de Sousa de Macedo, colhido no início do Cap. I («Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira»):

«Deu a natureza ao homem cabelo, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte não compuser tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabelo, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem tão perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçosos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais preciosos, que a natureza produzio em tosco, e aperfeiçoando tudo, lhe dão outro valor».

Citados paralelamente, êsses trechos têm a função de mostrar como se afinavam em conceitos, em cortes idiomáticos, em ritmos expressivos, numa quase formação unilíngüe, os grandes prosadores do século XVII. No seu excelente *Estudo Crítico* (Edição Garnier da «Arte de Furtar») João Ribeiro, em referência a esta, fala em «concisão», em «exigüidade do período» o que, a seu ver, é «a própria índole do estilo do escritor, a matéria verbal, o metro e a coordenação das idéias e palavras, a syntaxe enfim». Cotejados os dois, Vieira e Antônio de Sousa de Macedo, o paralelo apresenta os seguintes dados: no primeiro, o adjetivo plasticiza o ritmo, modula e cadencia a frase, forma o geometrismo virtuosista do período. No segundo, há um

glossário de vozes substantivas a tal ponto próprias no discorrer do ensaio, que o estilo, em que êste é vazado, se transforma numa autêntica morfologia do pensamento. E, no entanto, entre os dois autores, há uma ambivalência conceptiva, idiomática, rítmica; há afinidades formais ou intrínsecas, uma purificação das forças expressivas jamais encontrável em qualquer época da literatura portuguesa. Irreverência (por que não — desconhecimento) é dizer-se que o seiscentismo português sofreu total influência do seiscentismo espanhol, quando se sabe que homens como Vieira, Frei Luís de Sousa, Bernardes, Rodrigues Lôbo, Macedo, D. Francisco Manuel de Melo tinham fisionomia e gênio próprios, e não precisavam, nem em temas nem em estilo, de imitar os da Espanha. A D. Francisco Manuel de Melo, que Menéndez y Pelayo considera, excetuando a Quevedo, a grande expressão da Península, podem associar-se o mesmo Quevedo, Gracian, Frei Luís de León, em certos temas em que o didatismo esteja presente, como se vê na ligação temática entre «La perfecta casada», de Frei Luís de León, e a «Carta de Guia de Casados», de D. Francisco Manuel de Melo.

Afora isso, não podem ser tomados como argumentos decisivos o desaparecimento, até 1640, da Côrte de Lisboa, em virtude da ocupação espanhola; as atividades de escritores portugueses, em Espanha, os quais se expressam em espanhol, como o próprio D. Francisco Manuel de Melo; a leitura, em Portugal, de livros espanhóis que se editam em Lisboa e, acima de tudo, o bilingüismo que era uma atitude intelectual seiscentista.

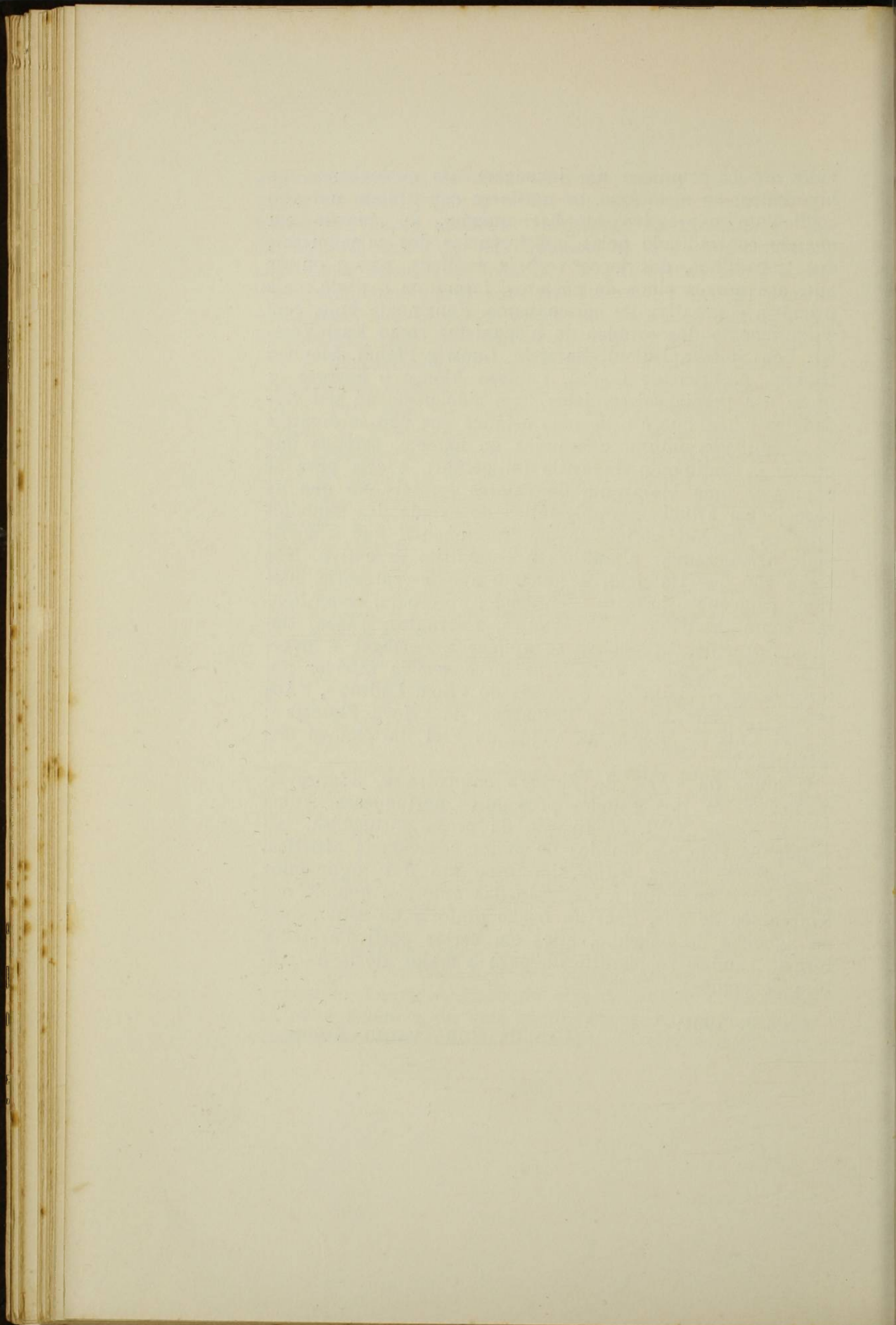
Aqui entra um novo problema: o da terminologia, com a qual o século XVII é denominado. Chamam-lhe «Século barroco», entendendo-se que o *barroquismo*, conjugação de duas faces, o cultismo e o conceptismo, foi uma estética em que a *forma* e o *conteúdo* nem sempre tiveram um comportamento de prismas artísticos afins, pois, muitas vezes, criaram uma descontinuidade entre si, como o exemplo Vieira, Antônio de Macedo, muito mais barrocos na substância do que na linguagem e, até mesmo às vezes, como é o caso de Bernardes, inteiramente despro-

vidos de barroquismo na linguagem. Os neologismos, os hipérbatos, as metáforas, as antíteses constituíam um alto coeficiente expressivo no barroquismo, de quando em quando contraditado pelas interferências dos calemburgos, dos trocadilhos, dos jogos verbais exóticos, uns e outros que, aos nossos olhos de pósteros, formaram a parte mais primária e negativa do seiscentismo. Felizmente hoje, com o incremento dos estudos de hispanistas como Karl Vossler, Leo Spitzer, Helmut Hatzfeld, Ludwig Pfandl, Stephen Gilman, Américo de Castro, Dâmaso Alonso o barroco (a prosa e a poesia seiscentistas) tem sido pôsto no seu verdadeiro lugar, que é o de uma estética que não se divorcia da identidade natural e anímica do homem, estética que possui o sentimento do estilo (*stilgefühl*), e cria para se expressar uma hierarquia de valores formais em que há consciência artística, problemática de estudo dos símbolos formais, criação, enfim, de um instrumental que sòmente pode aristocratizar a cultura e o espírito inventivo. Não é em vão que Hatzfeld, negando o apôdo «categoria inferior» com que o barroco é encarado, apresenta, como figuras representativas dessa estética, Cervantes, Tasso, Racine, Corneille, Milton. Se se aplicar a Portugal a invec-tiva, como podemos considerar de *categoria inferior* autores como o Vieira dos Sermões do «Bom Ladrão», «Aos peixes», «Bons Anos»; o Bernardes, da «Nova Floresta»; o Frei Luís de Sousa, da «Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires»?

O autor da «Arte de Furtar» enquadra-se, admiravelmente, no rol dos grandes prosadores portugueses. Numa época, século XVII, de fixação da prosa portuguesa, talvez tenha sido êle um dos de maior consciência artística. E, também, talvez tenha sido êsse um dos argumentos pelos quais se gerou a confusão das autorias, quando nos lembramos de que, quer na feição oratória do estilo, quer na agudeza do engenho, quer em certas particularidades formais, ambos se identificam para a maior glória da cultura portuguesa.

Maio de 1951.

CARLOS BURLAMAQUI KOPKE



Reprodução do frontispício original e, a seguir, do texto da edição publicada em 1744.

ARTE DE FURTAR,
ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS
GAZUA GERAL

Dos Reynos de Portugal.

OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOAÕ IV.

PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652.

PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA

ZELOSO DA PATRIA.

Correcta, e emendada de muitos erros; e assim
tambem a verá o curioso leytor com as pa-
lavras, e regras, que por inadvertencia
faltaraõ na passada impressaõ.

AMSTERDAM,

NA OFFICINA DE MARTINHO SCHAGEN

M.DCCXLIV.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

A. J. F. DE KATAR
ESPRESSO DE ENOANOS

THEATRO DE VERBADA
NOTAS DE MONTA ATRÁS

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

LA UNICA TERA
A. J. F. DE KATAR

J. A. G. G. G.
8/11/51

SENHOR.

HUm Sabio disse, que não havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para consigo são como os olhos, que vendo tudo, não se vem a si mesmos: e daqui vem não darem muita fé em si de suas perfeições, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade não se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acção de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque não ha trabalho, a que não resista, nem outrem, que possa medir valentia com V. Magestade: e nas do espirito; porque não ha fortuna, que o quebrante, nem adversidade, que o perturbe. He o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta pressa,

que não poem tanto huma pósta em levar a nova, quanta V. Magestade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem sua Real mão, que lhe não succeda a pedir por boca; e se alguma se malogra, he a que V. Magestade não approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazerse só o que V. Magestade ordena, ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo, que este mundo he hum covil de ladroens; porque se bem o considerarmos, não ha nelle couza viva, que não viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-se huns aos outros, se sustentão: e se alguns ha, que não se mantenhaõ de outros viventes, tomaõ seu pasto dos frutos alheos, que não cultivaraõ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos se comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outras falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro está, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas se conservem sem diminuição de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraíso, e do Apostolado os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou forca: e notese que a tomou o réo por sua mão, sem intervir nisso sentença de justiça, para nos advertir o castigo, que merecem ladroens, e como não devem ser admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos, que haja Reys no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono, em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigação

mayor; pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz Rey do mundo. E deve por cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos, que por serem muitos só com hum braço tão alentado, como o de V. Magestade, poderaõ ser reprimidos, e castigados. A mayor difficuldade está no conhecimento delles; porque como o officio he infame, e reprovado por Deos, e pela natureza, não querem ser tidos por taes, e porisso andaõ todos disfarçados; mas será facil darlhes alcance, se o dermos a suas mascaras, que são as artes de que usaõ: destas faço aqui praça, e lhas descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hum mostrador certissimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa destes piratas faz seu officio. Não ensina ladroens o meu discurso, ainda que se intitula Arte de furtar, ensina só a conhecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as descobrir por mais que escondaõ; e será tão suavemente, que ninguem se doa. Vay muito no modo, e no estylo: a pirola amargosa não causa fastio, se vay dourada; e para que este tratado o não cause, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirvase V. Magestade de o entender assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos apices desta Arte; porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservação total de seu Imperio, que Deos Nosso Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades, que seus venturozos principios nos promettem.&c.

AO SERENISSIMO SENHOR
D O M T H E O D O S I O
Principe de Portugal.

D E P R E C A Ç A M.

S E N H O R.

T Ambem a V. A. Real, e Serenissima pertence a emenda desta Arte por todos os titulos, que a El Rey nosso Senhor pertence, pois não assim como elle o limito em suas grandezas; porque de tal Arvore não podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo V. A. o que havia de ser: e hum Mathematico insigne mo disse olhando, por lho eu pedir, para os horoscopos do Ceo, que V. A. havia de ser Rey da terra, e Sua Magestade, que Deos guarde, guardou este juizo. E ainda que estas razoes não militassem, que são certissimas, bastava vermos, que ha em V. A. poder, e saber para tudo: e são duas couzas muito essenciaes para emendar latrocinios; o saber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A. poder: porque vemos, que assim como Atlante cansado de sustentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim El Rey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esféras delle nos hombros de V. A. não para descansar, que he infatigavel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaão

os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com hum Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas armas, e poder; com as redes, e cadeas, sua sabedoria: e com estas duas couzas vencia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á sua obediencia; como tambem, porque ninguem as menea com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este não basta, se não ha ciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa: porque não ha Arte liberal, em que não seja eminente; não ha Ciencia especulativa, em que não esteja consummado; não ha habito de virtude moral, que o não tenha adquirido, e feito natural com o uso. E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, se consummou com tanta facilidade, e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente, e não ser achado por arte; e assim se prova, que ha em V. A. saber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos: e em os pescando com a rede da sabedoria, segue-se emendallos com a Clava do poder.

Sujeito por tanto esta Arte de furtar ao poder, e sabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e á sabedoria, para que a emende: porque só da sabedoria de V. A. fio que dará alcance ás subtilezas dos professores desta arte. Em duas couzas peço a V. A. que ostente aqui seu poder: em castigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriscado com os descobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por seguro. E em outras duas couzas torno a pedir ostente V. A. sua sabedoria, em emendar esta Arte, em quanto pertence aos ladroens; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu.

Levarey mal, que me argua outrem, porque não haverá, quem me não seja suspeito, salvo V. A. visto não haver outrem, que escape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: isso he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar nisto muito chumbado, e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penoso, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoso com o estylo, seria vestir hum capuz a este tratado, para todos lhe darem o pezame de o não poderem ver ás escuras. Vestirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os casos, e materias de modo, que não fação mayor pendor para hum balanço, que para outra, para que alivie o curioso da Arte, e estylo, o molesto da materia sem tropas de sentenças Cabalisticas, nem infanteria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livretes vejo desses, que vãõ sahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, não sey o que me disseraõ; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E já disse o proverbio, que palavras, e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos, a quem lhos não pede; e bem apertados, vem a ser melanconias do Autor, que por arrufos déraõ em desvellos, ou por ambição em delirios; e poderamos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da sua pintura, sahindose da esféra do seu officio. Seja o que for, o que sey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e crescerá seu Imperio, que os bons desejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.

P R O T E S T A Ç A M

DO A U T O R

A quem ler este Tratado.

EM Ouguela, lugar de Além-Tejo, entre Elvas, e Campo Mayor, ha hum fonte, cuja agua não coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze hum grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detêm dentro, quanto tempo é necessario, sem padecer lesão alguma do fogo, que cozendo o pão não coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande Casa de Bragança, adverti hum cousa notavel, que haverá mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudão as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo não ha quem ache hum. Perguntey a razão ao Senhor D. Alexandre, irmão delRey nosso Senhor, grande perscrutador de couzas naturaes? E me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou, que haja animais, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem ferro, quaes são as hemas! Conforme a estes exemplos, tambem nos homens ha estamagos, que não cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admitem, por bons que sejaõ; e abraçaõ outros mais grosseiros, com que se fazem, como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razão destas desigualdades? Dirá, que são effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estamagos, que não admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que não vem o mal da

qualidade das couzas, que aqui offereço, senão do máo humor, com que as mastigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que se não digere, o estamago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que fação peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel suave, não he a culpa das flores, que todas são medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera, e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sãa que seja, fica cuberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete he de figuras boas, e perfectas, tais as imprime, até na cera mais tosca. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce, e formosa, porque he filha de Deos. Verdades puras professo dizer, não para vos offender com ellas, senão para vos mostrar onde, e como vos offendeis vós a vós mesmo, e á vossa Republica, para que vos melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E não me digais, que não convêm tirar a publico affrontas publicas de toda huma Nação; porque a isso se responde, que se são publicas, nenhum discredito move, quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho, para conhecerdes o engano, em que viveis. E assim protesto, que não he meu intento ensinar-vos os lanços, que nesta *Arte de furtar* ignoraveis, senão allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas couzas em particular: o meu zelo bate só no commum, e não pertende affrontar a nossa Nação; antes a honro muito por duas razoes.

Primeira; porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocínios, com que assolaõ o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou dezejo della, he a mayor perfeição, que os Santos achão nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparação de gente dissoluta. Donde não me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he, que não sey, se conseguirá seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo, he o que pertendemos.

Dirá o Critico, e tambem o Zoilo [que tudo abocanhaõ, e róem] que isto não he gazûa, com que se abrem portas para furtar; mas que he montante, que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonnar. A isso tenho respondido, que não tome ninguem por si o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos, que aqui referir, são ballas de batalha campal, que tiraõ a montão sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquisar autores, nem formalidades, mais que as que as couzas dão de si: e se em algumas discreparem as circumstancias da narração, e não se ajustarem em tudo muito com o succedido, pouco vay nisso; porque o nosso intento não he deslindar pleitos para os sentencear, senão mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E estejaõ certos todos, que não dizemos nada, que não passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E não allegamos Autores para confirmação do que escrevemos; porque os desta arte nunca imprimiraõ; e de sua ciencia só duas letras se achão impressas nas costas de alguns, que são L. F. e o que querem dizer, todos o sabem.

E se algum me impugnar a mim para defender, o que estas letras denotão, mostrará nisso, que he da mesma confraria, e negarselhe-ha o crédito por apaixonado, como parte, e darse-me-ha a mim, que o não sou; porque só pertendo mostrar neste *Espelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embustes de ladroens passados, e presentes. Aprestem-se todos para ouvir com paciencia; e porque trato de não molestar, quem isto lêr, irey tecendo tudo em fórma, que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina: e em tudo teraõ todos muito que aprender, para sempre serem virtuosos, se quizerem tomar as couzas, como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas, que andaõ pelas ruas, e de tres páos grossos, que vos esperaõ, se não tomardes meus avisos. Entretanto estuday o Credo, e espertay a fé para o que se segue.

I N D E X

D O S C A P I T U L O S

D E S T E T R A T A D O .

C A P . I .

Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira. p. 1.

C A P . II .

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 5.

C A P . III .

Da antiguidade, e professores desta arte. p. 8.

C A P . IV .

Como os mayores ladroens são, os que tem por officio livrar-nos dos mesmos ladroens. p. 12.

C A P . V .

Dos que são ladroens, sem deixarem que outros o sejaõ. p. 18.

C A P . VI .

Como não escapa de ladraõ, quem se paga por sua maõ. p. 21.

C A P . VII .

Como tomando pouco se rouba mais, que tomando muito. p. 25.

C A P . VIII .

Como se furta ás partes fazendolhes merces, e vendendolhes misericordias. p. 28.

C A P. IX.

Como se furta, a titulo de beneficio. p. 31.

C A P. X.

Como se pôdem furta a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir. p. 35.

C A P. XI.

Como se pôdem furta a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos. p. 39.

C A P. XII.

Dos ladroens, que furtando muito, nada ficaõ a dever na sua opiniaõ. p. 41.

C A P. XIII.

Dos que furtaõ muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ. p. 43.

C A P. XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 46.

C A P. XV.

Em que se mostra, como pôde hum Rey ter unhas. p. 50.

C A P. XVI.

Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella, e como nunca as houve em Portugal. p. 53.

Manifesto do Direito, que D. Filippe de Castella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 55.

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 58.

Reposta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe. p. 63.

*Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina
ao Reyno de Portugal contra D. Philippe
p. 75.*

*Razoens da Senhora Dona Catharina contra Philip-
pe. p. 77.*

*Reposta delRey D. Philippe contra as razoens da
Senhora Dona Catharina com seu desen-
gano. p. 85.*

C A P. XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella saõ
as mais farpantes por injustiças. p. 91.*

C A P. XVIII.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas p.
98.*

C A P. XIX.

*Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que
tal deve ser a paz, para que unhas pacifi-
cas nos não damnifiquem. p. 102.*

C A P. XX.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.
p. 106.*

C A P. XXI.

*Mostra-se, até onde chegaõ unhas Militares, e
quando se deve fazer a guerra. p. 110.*

C A P. XXII.

*Prosegue-se a mesma materia das unhas Militares,
e como se deve fazer a guerra. p. 117.*

C A P. XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas. p. 121.

C A P. XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tîmidas. p. 127.

C A P. XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas. p. 129.

C A P. XXVI.

Dos que furtaõ com unhas maliciosas. p. 131.

C A P. XXVII.

De outras unhas mais maliciosas. p. 134.

C A P. XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas descuidadas. p. 139.

C A P. XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 141.

C A P. XXX.

*Que tais devem ser os conselheiros, e conselhos,
para que unhas irremediaveis nos não
damnifiquem. p. 147.*

Que tais devem ser os Conselheiros. p. 148.

Tribunal, como, e que tal. p. 152.

Voto, e parecer de cada hum. p. 155.

Resolução do Conselho. p. 158.

C A P. XXXI.

Dos que furtaõ com unhas sabias. p. 160.

C A P. XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 163.

C A P. XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 167.

C A P. XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas singelas. p. 170.

C A P. XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 173.

C A P. XXXVI.

*Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.
p. 176.*

C A P. XXXVII.

*Dos ladroens, que furtaõ com a mão do gato. p.
179.*

C A P. XXXVIII.

*Dos que furtaõ com mãos, e unhas postiças, de
mais, e accrescentadas. p. 185.*

C A P. XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 189.

C A P. XL.

*Em que se responde, aos que ao Fisco chamaõ
Visco. p. 194.*

C A P. XLI.

Dos que furtaõ com unhas de fome. p. 198.

C A P. XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 201.

C A P. XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimosas. p. 203.

C A P. XLIV.

Dos que furtaõ com unhas desnecessarias. p. 205.

C A P. XLV.

Dos que furtaõ com unhas domesticas. p. 209.

C A P. XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentirosas. p. 212.

C A P. XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 216.

C A P. XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 219.

C A P. XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apressadas. p. 224.

C A P. L.

Mostra-se, que qual he a jurisdicão, que os Reys tem sobre os Sacerdotes. p. 228.

C A P. LI.

Dos que furtaõ com unhas insensiveis. p. 232.

C A P. LII.

Dos que furtaõ com unhas, que não se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe. p. 236.

C A P. LIII.

Dos que furtaõ com unhas visiveis. p. 239.

C A P. LIV.

Dos que furtaõ com unhas invisiveis. p. 242.

C A P. LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 246.

C A P. LVI.

Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 249.

C A P. LVII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 254.

C A P. LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorosas. p. 256.

C A P. LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 259.

C A P. LX.

Dos que furtaõ com unhas politicas. p. 262.

C A P. LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 265.

C A P. LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 267.

C A P. LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitosas. p. 272.

C A P. LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 275.

C A P. LXV.

*Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhes
chame. p. 280.*

C A P. LXVI.

Dos que furtaõ com unhas ridiculas. p. 286.

C A P. LXVII.

*Primeira tisoura para cortar unhas, chama-se Vi-
gia. p. 291.*

C A P. LXVIII.

Segunda tisoura, Milicia. p. 294.

C A P. LXIX.

Terceira tisoura, Degredo. p. 296.

C A P. LXX.

Desengano geral a todas as unhas. p. 299.

Primeiro desengano. p. 300.

Segundo desengano. p. 301.

Terceiro desengano. p. 304.

*Conclusão final, e remate do desengano verdadei-
ro. p. 307.*

(1)

TRATADO UNICO.

.....

CAPITULO I.

Como para furto ha arte, que he ciencia verdadeira.

AS Artes, dizem seus Autores, que são emulações da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra, que também lhe accrescentam perfeições. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte não compuzer tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem tão perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçosos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais preciosos, que a natureza produzio em tosco, e aperfeiçoando tudo, lhe dão outro valor. E não só sobre couzas boas tem as Artes jurisdição, para as melhorar mais que a natureza; mas também sobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accrescentar em damno de outrem: como se vê nas máquinas da guerra, partos da arte Militar, que todas vão dirigidas a assolações, e incendios, com que huns se defendem, e outros são destruidos. Não perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem, e a proposito esse mesmo mal, que professa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que seja

illicito. E tal he a arte de furtar, que toda se occupa em despir huns para vestir outros. E se he famosa a arte, que do centro da terra desentranha o ouro, que se defende com montes de difficuldades, não he menos admiravel a do ladraõ, que das entranhas de hum escritorio, que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios, desencova com outros mayores o thesouro, com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com cilladas segundo suas regras, que todas se fundão em estratagemas, enganos, como as da Milicia: e essa he a arte, e he o que dizia hum grande mestre desta profissão: *Con arte, y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño, y arte, vivo la otra parte.* E se os ladroens não tiverem arte, busquem outro officio; por mais que a este os leve, e ajude a natureza, se não alentarem esta com os documentos da arte, terãõ mais certas perdas, que ganhos; nem se poderãõ conservar contra as invasoens de infinitas contrariedades, que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, não posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja ciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que não tenha escola publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras ciencias.

Todos os Philosophos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quais são verdadeiras ciencias, porque não só ensinam o que professão, mas tambem provaõ por seus principios, e demonstraõ por consequencias evidentes, o que ensinão. E admittindo nós

esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das ciencias só aquellas artes, que páraõ na materia, em que se occupaõ; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeiçoão no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia, que não se detêm em especular, ou demonstrar, o que propoem seus textos: donde nasce não haver evidencia publica da razão de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obediencia, com que todos nos sugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam fundados em razão, que os Principes acharaõ, e cõmummente apontaõ em seus decretos, passaõ por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhe damos alcance. E hão-se nisto alguns Canonistas, e Legistas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razão, porque os punha; deixando-a ao discurso da ley natural, que nenhum homem deve ignorar; ainda que ha alguns taõ grosseiros, que não atinaõ com ella. E porisso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era ciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos não chegue ao que pertende. Mas se o ladraõ tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstração desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fidalga taõ rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento não pôdem assistir a trafegos de grandes fazendas, dezejava esta muito hum feitor fiel,

e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E não de-
zejava menos hum ladraõ cadimo ter entrada em casa
taõ caudalosa com algum honesto titulo, para se pro-
ver de huma vez de remedio para toda a vida. Lan-
çou suas linhas, e armou suas traças em fóрма, que
nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar com
grande credito, como para sahir com mayor proveito. Achou
por suas inculcas, que tinha a senhora hum Confessor Re-
ligioso, a quem dava credito, e obediencia por sua vir-
tude, e letras. Prégava este certa festa de concurso, ves-
tiose o ladraõ de trage humilde, e rosto penitente, e fez-
se encontradiço com elle indo para o pulpito: poz-lhe
na mão huma bolça de dobroens, que disse achara per-
dida, e pediolhe com muita submissaõ, e modestia, que
a publicasse ao auditorio, e a restituísse a quem mos-
trasse que era seu dono, dando os verdadeiros sinais
della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Pré-
gador attonito com tal caso, que houvesse homem no
mundo que restituísse em vida, e disse aos ouvintes mi-
lagres do sugeito; e que podendo melhorar de capa com
aquelle achado, o não fizera, estimando mais a paz de
sua alma, que o commodo de seu corpo: e que em
hum daquelles eraõ bem empregadas as esmolas. E as-
sim foy, que acabada a prégação, mandáraõ muitos Ca-
valheiros seus subsidios com mais de meya duzia de
vestidos muito bons ao Reverendo Padre, para que dés-
se tudo ao pobre santo, que lhe não pezou com elles:
e foy a primeira consequencia, que colheu do seu dis-
curso: e a segunda assegurar a bolça para si com sua
mãe, que era huma velha taõ artilosa como elle, que
já estava prevenida ao Padre do pulpito, e muito bem
adestrada pelo filho: e em decendo o Padre agarrou delle
gritando: a bolça he minha! Por sinal, que he de couro
pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro seis do-
broens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes.
Ouvindo o Prégador sinais taõ evidentes, e vendo que
tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos,

que nada se perdêra: e a mãy fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o Religioso, que o levou á sua sella, onde o regalou, e melhorou de vestido, e fortuna, informando-se delle mesmo de seus talentos: e achando que sabia ler, e escrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que sobre tudo mostrava bom juizo: seguio-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa de sua confessada com mero, e mixto imperio sobre toda sua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta essencia de fidelidade, e intelligencia; com que a seu salvo colheo a ultima consequencia, que pertendia das rendas de sua senhora, que ensacou em ouro para voar mais leve: e com dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de serviço lhe deparáraõ, se passou para outro emisferio, sem dizer a ninguem: ficai-vos embora: Digaõ agora os professores das ciencias, e artes mais liberaes, se formáraõ nunca syllogismos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o discurso, e subtileza, com que aqui lhe damos o nome de ciencia verdadeira.

.....

CAPITULO II.

Como a arte de furtar he muito nobre.

MAis facil achou hum prudente que seria acender dentro do mar huma fogueira, que espertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me estranhe chamar nobre á arte, cujos professores por leys Divinas, e humanas são tidos por infames. Essa he a valentia desta arte, como a dos Alchimistas, que se gabaõ que sabem fazer ouro de enxofre: de gente

vil faz fidalgos, porque aonde luz o ouro, não ha vileza. A'lem de que não he implicação acharem-se duas contrariedades em hum sugeito, quando respeitaõ differentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que não se enxerga; taõ rasteira, que vive enterrada; taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum sugeito, em huma formiga. Baixeza ha, que não andaõ em uso, porque são só de nome: e nomes ha, que não põem, nem tiraõ, ainda que se encontrem, porque se compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se chamava? Respondeo, chamome em casa Abrahaõsinho, e na rua Joanico. Assim são os ladroens: na Casa da Suplicação chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns são Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das ciencias colhe-se de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que se occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que consta. Terceiro: os Mestres, e sugeitos, que a professão. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philosophia; porque suas regras, e preceitos são delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professão Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a Arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso: as suas regras, e preceitos são subtilissimos, e infalliveis: e os sugeitos, e mestres, que a professão

ainda mal que as mais das vezes são, os que se prezaõ de mais nobres; para que não digamos que são Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiveraõ para si, que a nobresa das ciencias mais se colhe da subtileza das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupaõ: como vimos até na machina do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que porisso he mais louvado. Aquelle Artifice, que escreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma noz, assombou mais o mundo, que se a escrevesse com muitas laçarias em grandes laminas de ouro; aquella não enxarceada com todo genero de vélas, e cordoalhas, taõ pequena, que toda se cobria, e escondia com as azas de huma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculturas dos mayores Colossos. Na formação de hum mosquito mostra Deos mais seu grande entendimento, que na fabrica do Universo. Quero dizer, que não engrandece tanto as ciencias a materia, em que se exercitaõ, como o engenho da arte, com que obraõ. E como o engenho, e arte de furtar ande hoje taõ subtil, que transcendendo as aguias, bem podemos dizer que he ciencia nobre. E prouvera a Deos, que não tivera tanto de nobre, não só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senão também, pelo que lhe negaõ outros da materia, em que se occupa, e sugeitos, em que se acha; pois vemos, que a materia he a que mais se estima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os sugeitos, em que se acha, são por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que não engasgue algum escrupuloso nesta proposição com a maxima, de que não ha ladraõ, que seja nobre, pois o tal officio traz consigo extinção de todos os fóros da nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito segundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que

no cabo são ladroens, sem que o exercicio da arte os deslustre, nem abata hum ponto do timbre de sua grandeza. Não he assim, o que succedeo em Roma a hum Emperador? Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no mesmo Altar estava Esculapio seu filho; este com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque assim os distinguia a Gentilidade antiga. Advertio o Emperador, que as barbas de Esculapio eraõ de ouro, e postiças: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo que não era bem o filho tivesse barbas, quando o pay as não tinha: e nada perdeu de sua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao seu Deos, antes a accrescentou, pois ficou com mais ouro, do que dantes tinha: e assim a accrescentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calumnia nas barbas do mundo.

CAPITULO III.

Da antiguidade, e professores desta arte.

I Sto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que não tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada se estima. Cõmunidades ha, em que a antiguidade rende; porque lhes dão melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as empresas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta só os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, se fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, festejo ser o mais antigo, porque me guardaõ respeito: mas se ólho só para mim, tomaram-me mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que

do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: isto he na antiguidade; porque só á custa della lograõ alguns *bene esses*, como as trempens do Japaõ, que as mais velhas são de mayor estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o mesmo, que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e ciencias corre a mesma moeda, que andaõ mais apuradas as mais antigas; e são mais estimadas, as que tem mais antigos professores. Entre alfayates, e oleiros se moveo questão, quais eraõ mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza. Venceraõ os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foy formado Adaõ, e depois se lhe talharaõ, e cozeraõ os vestidos. Aqui entraõ os ladroens com a sua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaraõ espiritos mais nobres. Mas deixando pontos, que nos ficaõ álem do mundo antes de haver homens, de que só tratamos; fallemos das têlhas abaixo, que he o que pertence á nossa esfêra. E em dando nos primeiros professores, colheremos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade desta, faremos o computo, que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficultoso achar os mestres. Ora não será; porque não há, quem escape de discipulo: e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escóla não ha quem se não assente. Já o disse a ElRey nosso Senhor, que he este mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animais, aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Universidade, em cujos geraes cursaõ todos os viventes geralmente. Tem esta Universidade só duas classes, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que lêo de prima Jason aos primeiros Argonatas, quando passou á Ilha de Colchos, e

furtou o velo de ouro tão defendido, como celebrado: e destes aprenderão os infinitos piratas, que hoje em dia coalhaõ esses mares com a prôa sempre nas prezas, que buscaõ. Na terra dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e porisso o fizeraõ Deos das ladroïces. Bem se vê a sem-razaõ desta idolatría, pois não póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que tem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bemaventurança, porque della vivem. Enganaraõ-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adaõ primeiro ladraõ, e primeiro homem do mundo: e porisso pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima serem ladroens. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum, que o não seja? Responde-se que não: pelo menos na potencia, ou propensão; porque he legitima, que se repartio por todos. He bem verdade, que huns participaõ mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do testador: posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte, que se aprenda sem mestres, que vão succedendo huns a outros, tem esta alguns muitos sabios, e sempre os teve: e como não ha escola, onde se não achem discipulos bons, e máos, tambem nesta ha discipulos, que pódem ser mestres; e ha outros tão rudes, que nem para máos discipulos prestaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza, não para os ensinar, mas para advertir, a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quaõ arriscados andaõ.

Naõ me calumniem os que se tem por escoimados, queixando-se, que os ponho nesta reste sem prova, nem certeza de delitos, que cõmettessem nesta materia, sendo

certo que não ha regra sem excepção. Meta cada hum a mão em sua consciencia, e achará a prova do que digo, que este mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ interesses, credits, honras, vaidades, e estas couzas não as póde haver sem mais, e menos: e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que se lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede isto até em huma cortezia, que excede por ambição, ou que falta por soberba. Ajustar obrigaçoens de justiça, e caridade, depende de huma balança muito subtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na mão, tudo vay a esmo, e a cobiça pende para si, mais que para as partes. E daqui vem serem todos como o leão de Hisopete, que comia os outros animais com o achaque de ser mayor. E temos averiguado que os professores desta arte são todos os filhos de Adaõ, e que ella he tão antiga como seu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira serem nobres os professores desta arte, nem ser ella ciencia verdadeira: porque as ciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e esta arte só em destruir toda se emprega: contente-se com ser arte, assim como o he a Magia. E em seus artifices ninguem creya, que póde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem póde dar o que não tem. A verdadeira ciencia he a das Leys, e Canones, que lhes dá caça, mete a sacco todos os ladroens: e bastava tão heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas a pezar dos roins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditaõ, não valem testemunha, porque os açouta.

Contra resolução tão alentada me botaõ em rosto, o que disse agora ha nada nos dous capitulos antecedentes, que a arte de furtar era ciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opinião: e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusaõ, com

que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar, infames são seus mestres, e discipulos: e ainda que são mais que muitos, muitos mais são, os que andão saõs desta lepra, principalmente os que se lavaõ com o Santo Bautismo, que nos livrou de todos os males, que herdámos de Adaõ. Ouçaõ bons, e máos este discurso, lêaõ todos este tratado, e ver-se-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de taõ infame lepra: e os máos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impossivel naõ se detestar, tanto que fôr conhecido.

.....

CAPITULO IV.

Como os mayores ladroens são, os que tem por officio livrarnos de outros ladroens.

NAõ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de sofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quais para se livrarem de ladroens, que he a peor péste que os abraza, fizeraõ váras, que chamaõ de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeraõ guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceraõ a todos com Provisoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomaõ o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que mayor

estrago nos fazem nellas; de sorte, que não se distinguem dos ladroens, que lhes mandaõ vigiar, em mais senaõ que os ladroens furtaõ nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisaõ, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as cousas por seu justo preço. Anticipaõ-se todas as pessoas sobreditas, mandaõ a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficaõ logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigação os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobraõ, e pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivais, coutadas, que não as destruam os gados alheos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eisaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Não fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garchas, que esperaõ mayores póstos, e não querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offercimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum tri-

ennio. Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pôr nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos *propter sanitatem*; e assim he bem que lhes guardemos aqui respeito, ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho, não he mayor que huma cartilha, e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compor no Limbo: certo he que o não imprimio Galeno, que houvera de ser muito bom Christaõ, se não fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles: *Qui pro quo*: quer dizer, *huma couza por outra*: e o titulo basta, para se entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes só huma verdade contem, e he que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pôdem botar agua de cevada cozida; e se não tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: se não houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candêa. E assim vay baralhando tudo, de maneira que não pôde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi pôde ser que veyo o proverbio, com que declaramos a abundancia de huma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles não nos levarão tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem disse, que as mãos dos boticarios são como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque não ha arte chimica, que os vença em fazer de maravilhas metais preciosos: nem pôde haver mayor destreza, que a de hum destes mestres, ou discipulos de Esculapio, que mandando pelo seu mosso buscar um molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe dão no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de ma-

neira, que não lhes sahem das mãos, sem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, não valendo ellas em si hum ceutil: e o mesmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Physicos móres obrigação de vigiarem tudo isto; e assim o fazem correndo o Reyno, e visitando todas as boticas delle algumas vezes: chamaõ a isto dar varejo: e dizem bem; porque assim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejaõ as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia, com que os boticarios se acodem huns aos outros nestas occasioens, emprestando-se vidros, e medicamentos, para que os Visitadores os achem providos de tudo: e poderá succeder, por mais que tenhaõ tudo bem apurado, e a ponto, se não andarem mais diligentes em peitar, que em se prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Porisso outros fazem bem, que visitaõ, antes de serem visitados, e com isso escusaõ o trabalho de se proverem, e apurarem; e escapaõ os seus frascos, como vaso máo, que nunca quebra. Bem se ve, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; só huma cousa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á espingarda, ou ás estocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, sem vermos porisso nunca hum na forca: antes são tão privilegiados, que depois de vos darem com as cóstas no adro, e com vosso pay na cova, demandaõ vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apressarem a morte com sangrias peores, que estocadas, por serem sem necessidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Paloto desapareceo de Roma; e indo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, sobre que se fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e per-

guntou-lhe, quem o fizera Medico? Respondeo, que só mudara de fortuna, e não de officio; porque do mesmo modo, que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor; porque além de acertar nas curas tão bem, e melhor que os demais Medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava porisso, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeo no caso, não serve ao intento: mas do dito se colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ mister grandissima refórma; porque tendo por officio assegurar as vidas, não só no las tiraõ, mas sobre isso nos pedem as bolças. Não fazia outro tanto o Sol Posto aos Castelhanos nas charnecas; e no cabo foy esquartejado porisso. E estes senhores ficaõ-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença salario, em quanto alguma pessoa Real estiver doente; porque assim se apressem em tratar de sua saude: e os Portuguezes somos tais, que quando estamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos; sem advertirmos, que porisso mesmo nos dilatarão a saude, e faraõ grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum espinho certo Cavalheiro, e tinhalhe metido em cabeça que era postêma. Auzentou-se hum dia, e deixou hum seu filho instruído, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavaõ postêma. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaraõ logo as dores, e sárrou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçar, que sárara o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeolhe o pay: pois dahi comerás para besta. Não vias tu salvagem, que em quanto se queixava das dores, conti-

nuavaõ as visitas, e se accrescentavaõ ás pagas? Secaste o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem se acodiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver ley, que nenhuma cura se pagasse do doente, que morresse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os Reys mais esta Ciencia, que anda muito arrastada; porque não se applica a ella, senaõ quem não tem cabedal para cursar outros estudos. No Estado de Milaõ todos os Medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, são tidos, e havidos por fidalgos, e gozaõ seus privilegios. ElRey Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando á Universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os Geraes os estudantes mais habeis, e nobres; e que os applicassem á Medicina com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura; que sem controversia he a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levaõ comsigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa Ciencia para reparar a vida, que as porçolanas que logo quebraõ.

CAPITULO V.

Dos que são ladroens, sem deixarem, que outros o sejam.

DO Leaõ contaõ os naturais, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente as defende, que lhes não toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conservaõ viva a ultima ave, que empolgaõ nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largaõ; e observaõ para onde foge, e não vão caçar para aquella parte, para não acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e não reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animais, e são como elles os poderosos. Todos são como os Leoens, que não deixaõ, que outros animais se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Não admittir companhia no trato, de que se póde tirar proveito, he ambição, e he interesse, a que podemos dar nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos taõ graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vê-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cá no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscaõ para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço

a seu pádar, de sorte que o estrangeiro ha de bebellar, ou vertella a seu pezar. No pastel das Ilhas vemos isto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no pão do Brasil, na cannella de Ceilão, no anil, nos baasares, e outras veniagas: e neste Reyno o vemos cada dia no pão, na passa do Algarve, na amendoa, no atûm, e em quasi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas, &c. as quais os atraveçadores tomaõ por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem Reys; porque só os Reys pôdem fazer estanques, e porque só aos Reys pôde ser licito o engrossarem tanto. Isto de estanques he ponto, em que se deve hir muito attento, especialmente nas cousas necessarias para a vida, como são mantimentos, e roupas. Que haja estanque em solimaõ, cartas de jugar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay nisso; porque sem nada disso passaremos; mas que se permitta, que nos atravessem o pão, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que se deva atalhar com todo o rigor, mandando por Ley estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostoens: nem se seguirá daqui faltar o pão no Reyno, antes sobejará; porque os estrangeiros com esse preço se contentaõ; e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistirão de o trazer, nem de o semear: e desistindo os atraveçadores de sua cobiça, todos o teraõ. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vaõ todas sobindo muito sem razãõ, e queixaõ-se os póvos sem remedio. Hum chapéo, que valia hum cruzado, custa hoje dous e tres: hum covado de panno, que se dava por tres tostoens, não o largaõ por menos de sete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, sobiraõ já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos? Respondem, que pagaõ decimas: e he o mesmo que responderem, que o fazem sem razãõ; pois he quererem que lhes paguemos nós as decimas,

e não elles; além de que o excesso, em que se satisfazem, he ametade, ou mais, e não a decima parte. Fique isto advertido de passagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que não deixaõ, que outros o sejaõ; porque usurpando cada official no seu trato ganhos taõ excessivos, não deixa lugar, a quem com elles trata, para interessarem cousa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos estanques, ou atraveçadores, que levaõ o mayor preço deste capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça sobre a compra, e venda dos vinhos para o Brasil: mandaõ hum agente diante á Ilha da Madeira, que os compra em mosto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por outro tanto mais do que lhe custaraõ, como se o mandaraõ negociar só para si, e não para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegaõ ao Brasil, onde tem taxa, que não passem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o senhor, que as embebeo em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em salvo, e a fazenda alhea com os riscos, sem deixar que logrem taõ grandes lucros, os que puzeraõ o cabedal, e se expuzeraõ aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no solido? E advirtaõ todos os atraveçadores, como saõ peores que as fêras; porque os interesses, que reservaõ só para si, e védaõ aos outros da preza, que empolgaõ; nos Leoens he por generosidade, e nelles por villeza, para que lhe não chamemos aleivozia. Peores saõ que os Açores; pois estes largaõ a caça para outros, e elles tudo usurpaõ para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos se houvesse ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e seria justa pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

CAPITULO VI.

*Como não escapa de ladraão, quem se paga
por sua mão.*

A Hum cego, desses que pedem por portas, deraõ em certa parte hum cacho de uvas por esmola: e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pizar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço, que o guiava: e para isso concertou com elle, que o comessem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro idas, e venidas, o cego para experimentar, se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo, que seu amo falhava no contrato, calou-se, e deulhe os cábes a ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao terceiro invite descarregoulhe com o bordaõ na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dais? Respondeo o amo: porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago, e bago, tu comes a trez, e a quatro. Perguntoulhe entaõ o moço: e quem vos disse a vós, que fiz eu tal aleivozia? Isso está claro, respondeo o cego; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaste, sem me requereres tua justiça; e não eras tu taõ santo, que me levasses em conta nem em silencio a minha sem-razaõ, senaõ pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andaõ cegos no ponto mais essencial de seu governo, que he o de suas rendas, e thesouros, sem os quais não se pódem sustentar em seu ser, nem conservar suas Republicas, e familias. Tenhaõ todos por certo, que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos serviços, que lhes fazem, que se haõ de pagar por sua mão. E boa

prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque haõ medo do bastaõ da potencia, em que se firmaõ, com que lhes pôdem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexação, usaõ do direito natural, que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he possivel: e como a satisfação fica na sua révera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embaixadas, e emprezas, que Sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo naõ ha resultas, nem sobejos, que restituão. Nem ha razão que dár a este ponto mais, que a de dizermos, que tomaõ tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem, que vaõ estes satisfeitos sobre outras mercês, que receberaõ de antemaõ; e que pôdem faltar estas, córaõ com esse pretexto a sobeja diligencia, com que se pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agasalhaõ dos cabedais, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, naõ se póde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim saõ estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoaõ, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento que a pezar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto, e te atenuaste, irmaõ, como engorðaste? A segunda razão ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey nosso Senhor Religiosos a tais emprezas com menos cabedal, e nenhuma mercês, porque naõ lhes dá titulos, nem comendas, e com tudo no fim dellas restituem grandes sobejos. Dirá algúem que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração, que todos gastaõ da fazenda Real, aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: aquelles pagaõ-se por sua maõ, e estes naõ trataõ de paga, senaõ de restituição. Mas deixando esta materia,

que me póde fazer odioso com gente grande, e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como trato de os pôr em paz com suas consciencias; só nos Reys, e Principes grandes tomára persuadir bem esta verdade, que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzaõ mais suas rendas; porque he certo, que não ha, quem se não pague, se acha por onde: e quando não acha, busca outro do seu lote, que dava ao Rey alguma cousa e compoemse com elle: daime duzentos mil reis, e dezo-brigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo; e só o Rey fica defraudado na Real; porque com estas, e outras traças nada se lhe restitue: e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito grandes; porque succedem serem mais que muitos estes lanços, e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes, havemola de achar no descuido das pagas pequenas, que occasionaraõ licença nos acrédores, para se pagarem de sua mão, sem repararem na censura de ladroens, que incorrem pelo que levaõ de mais: e se algum pezar os acompanha, he de não acharem mais, se pagarem tambem de dous perigos, a que se puzeraõ; primeiro de perderem o seu, segundo de ganharem a forca.

Esta sarna, ou tinha, que pelas mãos se pega, he taõ vulgar, que não ha pessoa, por ignorante que seja, que não saiba pagar-se destrissimamente por sua mão, até em cousas muito leves; porque mais sabe o sandeu no seu, que o sabio no alheio: e o mesmo he, quando cuida que o alheio lhe pertence por algum serviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a si, sabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum emprestimo que seja, logo o julgaõ por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza vossa

na mão, de que possam cizar, com ambas as mãos empolgaõ nella, para se remunerarem álem das medidas: e não basta dizerem, e protestarem que vos servem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que professaõ, é julgarem todos, que muito mais merecem, sem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que não pódem alterar nas obras, o que assentaõ com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que se pagaõ por sua mão, se leváraõ sómente, o que se lhes póde dever a juizo de bom varaõ; mas pagaõ-se pela sua almotaceria, que sempre he mayor, e occasionaõ grandissimas perdas aos proprietarios; como se vê na pescaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os pescadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia, quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde ensopassem a mão em monto taõ grosso. Tiveraõ estes traças para encorporarem em si a administração das despezas, e recibos, tirando-a de pessoas Religiosas fidelissimas, a titulo de mais facil expediente: e seguio-se logo serem os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dobro, porque se pagavaõ estes por sua mão, e aquelles pela alhea: fugiraõ os pescadores; e os que acodem forçados, são taõ poucos em comparação do que eraõ, que não chegaõ a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e assim ficaõ os lucros taõ tenues, que não pódem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordaõ, porque se pagaõ por sua mão. Na compra do Salitre, e Pimenta, succede quasi o mesmo lá nessas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que são dezaseis arrobas; comprava-se todo para a Coroa de Portugal com grandissimo lucro: não achavaõ os ministros Reaes polpa em droga taõ barata, para empolgarem as unhas: trataraõ de a haver dos Naiques, que são os Reys daquelle Imperio, os quais sabendo

a estima, que faziamos do que elles arbitravaõ como se fosse arêa, fizeraõ logo estanque, de que não deixaõ sahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar: e o mesmo succedeo na Pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

.....

CAPITULO VII.

Como tomando pouco se rouba mais, que tomando muito.

PArece que se contradiz o assumpto deste capitulo, mas essa he a excellencia desta arte, que até de implicaçoens tira consequencias certas para os fins, que professa. E podera-se provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occasiaõ, que não póde comprar, nem haver outra; e porisso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que se seguem; com que perde os seus jornais, e salarios, que vem a fazer quantia grossa. E he ponto este, que tem dado muito que suar aos Doutores Moralistas sobre a restituiçaõ dos lucros cessantes, e damnos emergentes consideraveis do official, a que deu causa o ladraõ com tão leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo: e querem quasi todos, que seja furto de restituiçaõ os damnos graves recebidos por tão leve causa. Do mesmo modo discursão no que furtou a cabra, ou a galinha, de que seu dono esperava muitos frutos. E assim succede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas não he minha tençaõ occupar a máquina deste capitulo com ninharias. Võe a nossa penna a couzas mais altas. Todos sabem o dito cômum: *Que tanta pena merece o consentidor, como o ladraõ*: e nesta toada ha ladroens, que não furtando nada,

porque nada lhes fica, furtao quasi infinito; como se vê nas Justiças, em Guardas, Meirinhos, e outros officiaes, assim na paz, como na guerra; os quaes por dissimularem, ou não vigiarem, daõ causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroïces: já se vão forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabando; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os tais ministros sobre si cargas irremediaveis de restituiçaõ, cujos antecedentes não lograõ, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, se ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Mestre de Campo, que tem quatro Capitaens no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no mesmo dia, em que lhos entregaõ, ficando assim Soldados, e Capitaens sem bazaruco, e dissimulaõ com isso? Pois saiba o Senhor Mestre de Campo, quem quer que he, que fica sendo em consciencia taõ grande ladraõ, como os seus Capitaens. Respondeme negandome a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que não furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occasiaõ a mayores damnos, não só na fome, e desnudez dos Soldados, e nos roubos, que lhes occasionou fazerem para se remediarem; mas tambem na batalha, que se perdeu a seu Rey, por não hirem alentados, e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que desesperou da venda, e gasto de tal droga: foy-se a hum Conselheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na mão para luvas com sen borslado, que em mayores empenhos o

deseja servir, se lhe der passagem a huma partidazinha de bacalhão para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a Sua Magestade. Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey em conselho, e serão Sua Magestade, e v. m. servidos. Esperalhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos Soldados, propoem muito severo, e grave: Senhores meus, bacalhão he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-se de reserva, e he sadão: e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê huma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá esse homem de veludo raso, que ahi está fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dous mil quintais para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o serviço de Sua Magestade ha de hir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem hum real menos, fica perdido. Va-se v. m. para fóra, temos ouvido, consultaremos. Sahe-se elle para fóra promettendo candeïnas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa sahida á sua fazenda perdida. Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veráõ VV. SS. como sirvo a sua Magestade. Famoso lanço respondem todos, não se perca, embarque-se logo todo para Aldea Galega, e contem-selhe os vinte mil cruzados; e assim se effeetua. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa: e lá vaõ comendo todos do bacalhão por essas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que não falte no pezo; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados não o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguem não tiver isto por factivel: veja lá não lhe provem, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade: no Conselho o appellidaraõ

por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras são necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por estes algarismos vem a ser, o que tomando pouco furtou muito; porque deu occasiaõ a arderem vinte mil cruzados delRey sem nenhum fruto. Na alma lhe não quizera eu jazer á hora da morte.

CAPITULO VIII.

*Como se furta ás partes, fazendolhes mercês,
e vendendo-lhes misericórdias.*

O Fferece-se o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe mamava hum pintaõ pela calada, até que deu fé pela diminuição de sua familia, e casa, que a mercê, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. São os Ministros, com que se governaõ as Republicas, como Medicos, que acodem a seus trabalhos, que são as suas doenças; e accrescentarlhe estas a titulo de cura, e de misericordia, he aleivozia, e he ladroíce descarada, e acontece de mil maneiras; tomo algumas, que todas não póde ser. Manda ElRey nosso Senhor fazer infantaria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brasil, ou da India: vão os Cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá Sua Magestade para os pagamentos; levaõ seus officiais fórma com todos os requisitos, para que tudo se faça authenticocom razão, e justiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: são logo malsinados, os que tem inimigos, e chovem escusas sobre os que são aparentados: passa

o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e se os não acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que gustaõ mais do ninho, em que se criaraõ, e levalllos á guerra he arrancarlhe os dentes; poem-se em cobro, deixando seus pays nos piotes, que para remirem sua vexação, e a de seus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de intercessoens não montaõ, appellaõ para as do interesse: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que não tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito que hum veádo: e não são poucos, os que trincaõ a sedéla desta maneira em cada terra; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeraõ thesouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livraraõ seus filhos seis, e sete vezes deste modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a custar tanto, como se os resgatareaõ de Turquia.

O mesmo succede nos aprestos das armadas para a cósta, e frotas para o Brasil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto sus: vaõ os sargentos por essa Ribeira, revolvaaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que possa prestar para os tais ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro tostoens, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem, que sois sangrador. Ha que delRey, grita este, que não estou ainda examinado! Que não sou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eisaqui duas patacas para beberem: que não ha patacas, instaõ os agarradores, todas são falsas, viva Deos, e tudo é falso, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois porisso mesmo, acodem os salteados, haõ vossas mercês de usar de misericordia comnosco, pois nos conhecem e serem servidos de nos darem huma palavra aqui á parte

dé segredo, que importa ao serviço de Sua Magestade. E tanto que lhe untaõ as mãos com moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas, avisando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que não appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vela, e aos circunstantes, que acodiraõ a ver a morte da bezerra, daõ satisfação com deixem passar senhores estes fidalgos, que são familiares. E eis-aquí como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericordia, furtaõ a trecho: e vem a resultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que não tiveram substancia para seu resgate, de quatro mãos trapilhos inuteis, e miseraveis; e porisso depois em seus póstos ha as faltas, que choramos: nem se devem imputar a elles, que são huns coitados, senaõ a quem tais provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em sugeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Apresentaõ-se as náos para a India, não ha Pilotos, nem bombardeiros; porque são officios, cujas artes já se não professão, nem ensinaõ: offerecem-se os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os fação prover nestes officios, em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pensar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pódes tu ser Piloto de huma não, se nunca entraste nella, nem sabes que cousa he Balestilha, nem Astrolabio? Não repare V. S. nisso, respondeo elle, porque as náos da India não haõ mister Pilotos; sempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles saberaõ quais são, e nós tambem, provêm os officios das náos de maneira, que quando vem á praxe, e exercicio delles, nenhum sabe, qual he a sua mão direita: e porisso vão dar com as náos por essas costas, e se deixaõ render nas occasioens de peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis,

que pelo serem muito, as attribuímos aos peccados, que não vemos, e se poderiaõ muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos falsos testemunhos; como lá, não sey onde, se queixou hum diabo de certo noviço, que deu a seu Mestre por escusa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada não sabia, como se podia fazer daquella maneira. Não nego, que peccados nos pôdem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias são as que nos destroem, e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasiaõ a mayor crueldade: e fazendo esmolas, e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que não tem reparo.

.....

CAPITULO IX.

Como se furta a titulo de beneficio.

Beneficios ha sem pensão, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus desobrigados, para não desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio he tenue, e a pensão grossa, melhor me fora ser Cura, que Beneficiado. Isto he, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O interesse he moeda, que todos os homens cunhaõ, e só entre elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe deis prata. Deos Nosso Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensão, mais que de louvores em agradecimentos. He hum milagre continuo a disposição, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com suas influencias sahir partos dos Elementos, animais, e plantas, com que os Racionais se sustentaõ, e vestem; sem porisso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe demos;

tributo facil, porque depende de affectos, que são naturais, e porisso de nenhuma molestia ao agradecido. Os Reis tambem são como Deos; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as cousas com suas Leys de sorte, que se não houver quem as quebrante, não haverá fome, que afflija os pobres, nem adversidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andarão satisfeitos, sem as pensoens de tributos, que se occasionão de disbarates, que os ambiciosos, e turbulentos movem; e para se reprimirem he necessario que todos concorraão, porque as forças de hum Rey ás vezes não bastaão, para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he esponia, que se céva na substancia da pobreza, e he hydropesia, que nada a farta: e dahi vem arrebutarem huns de gordos com abundancia, e entisicarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidaão os grandes, que são como as sanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaão o sangue; cuidaão que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he servirse de vós, e a pensão tomarvos a fazenda, como se a ganharaão, quando vos admittiraão ao serviço, que lhes fizestes. Não se vio mayor sem-razaão! E eu lha perdoara [porque cuidaão que vos authorizaão, quando vos chegaão a si, e que não ha em vós preço, com que lhe possais pagar este beneficio] senaão accrescentaraão a este delirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isso a vingança injusta, que conceberaão contra vós, por não vos professardes escravos seus, até quando não só a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que sonhaão, vos fez livre. E para que não pareça isto discurso fantastico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provído como este nosso de Portugal; porque além do que dá de si

bastante para seu sustento, lustre, e agrado, tem de suas Conquistas, com que se enriquece, e provêm todas as Naçoens. E como o menêo de tantas cousas he grande, ha mister grandes homens, que lhe assistaõ com grande governo em todas as partes, aonde chegaõ seus commercios. Destes houve antigamente, e ainda ha alguns taõ fidalgos, que estimando mais a honra, que thesouros, tratarãõ só de dar o seu a seu dono; e assim tornaraõ para suas casas ricos só de bom nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos respeitos da nobreza, não só se fazem chatins, mas estendendo as redes até pelo alheo, se fazem ricos á custa dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de se servirem delles, e os despojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador destes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que se avaliava em cinco mil cruzados: creceolhe a agua na boca, e mandou-lho pedir só para o ver por curiosidade: e depois de visto, torna outro recado, que estimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe respondeo o dono. Seja assim, diz o senhor Governador; e eisahi tem v. m. a sua pessa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que se embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Magestade de certos cargos, e crimes *læsæ majestatis*, provados com mais de vinte testemunhas. Lança o bom Portuguez suas contas: eu não devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadêa nem por coima de figos, e se me deixo hir, hey de gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo não ficarey bem limado de tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedro o trancelim, que taõ caro me custa. Chama hum Religioso destro, e de segredo, entregalho com hum recado para sua Senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquella pessa, e de tudo o mais, que ha em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor Governador

o envoltorio, dando a entender, que cuida são reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoso: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. esse cavalheiro a mercê, que lhe faço de o absolver de culpa, e pena: e dê graças a Deos, que escapou de boa. Por esta arte fazendo beneficio da maldade que urdirão, chupaão em satisfação, quanto ha precioso em ricos, e pobres. Façam-me mercê, que lhes resistão, e veraão, onde vão parar suas vidas, e fazendas.

De outras tretas usaão ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheio a titulo de beneficios fantasticos, principalmente quando trataão de se voltarem para o Reyno: fingem-se valídos, e poderosos com os Ministros de todos os Conselhos, e até com as Altezas, e Magestades: offerecem-se aos que sentem de mais churume, que faraão na Corte suas partes: e como nenhuma ha, que não tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos, e offertas, que dizem com as pessoas; e elles vão agasalhando tudo, e pondo em listas [que nunca mais haão de ver] seus negocios: e para os apoiar mostraão cartas, que fingem dos Valídos, e Ministros, onde vão topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas esporas, e garavatos despenhaão os pertendentes, e os desbalizaão de quanto tem: e assim os roubaão a titulo de lhes fazerem beneficios sem chegarem nunca os acrédores a colher os frutos de suas esperanças; porque semearão em terra estéril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçoes fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, sem lhes pedirem nada por taão grandes beneficios: e os homens são taão interesseiros, que sem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma mercê fingida. Não ha entre elles beneficio sem pensão, e he ordinariamente taão pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno está sempre cheo para elles, e para mim só vazio; os Reys trataão de todos, e elles só de si, e nenhum de mim, senão quando me sentem com churume, que possaão sorver. Vê-

los-heis visitarem-se huns aos outros com alvitres de grandes ganancias, se entrarem ao escote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da sociedade, de que esperão frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o seu intento he pôr-vos de lado, despojando-vos da substancia, para a encorporarem em si; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixão *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achais, que o descanso se vos converteo em demandas, com que acabais de despenhar o ruço a traz das canastras; estas vão cheas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né credite Teucris. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

.....

CAPITULO X.

Como se pôdem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir.

A Era he tão desarrezoadá, que com summa *Habilidade*, digo humildade, ajunta soberba summa, tomando satisfação atroz de hum serviço inutil, como se o que dá, fora muito, sendo nada; e o que toma fora nada, sendo mais que muito. He por natureza tão humilde, e rasteira, que se não tiver, quem lhe dê a mão, nunca se levantará do pó da terra: e he por artificio tão soberba, que não pára, até não sobrepujar a quem lhe deu o alento; nem descansa, até não destruir a seus bemfeitores, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser em satisfação do leve serviço, que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por beneficio das mais altas arvores, a que se encosta; dilata-se com o favor dos mais fortes muros, a que se arrima; paga-lhes com sua frescura, e paga-se desta ruina, e destruição total de todos seus

Mecenas. Até aqui ingrátidaõ! E tais são homens humildes por natureza, soberbos por artificio, que recebendo de seus senhores o ser, e beneficios sem conta, escassamente lhe fazem hum leve serviço mais de folhagem, que de substancia, e logo se pagaõ delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes sacco ao mais essencial, sem repararem ruinas, que a grandes dispendios necessariamente se seguem. Não tolho que se paguem serviços: mas estranho satisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambiciosos, até onde não ha merecimento. Córando estes com a mesma acção perniciosa, estão roubando a seu Rey, e a seu Senhor, e querem que porisso vá chea de merecimentos a mão, que enchem de rapinas; e que tudo seja pouco para premio de sua aleivozia disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houvera serviços dignos de premio, são os pagamentos, com que se satisfazem, taõ grossos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo? Pois disse pouco, quando sey casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasiões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum serviço heroico de grandissimo interesse. Succedeo o caso, não direy onde, porque não trato de syndicar invasoens de inconfidentes, senaõ de advertir Ministros fieis, para que saibaõ, por onde se nos vay a agua: basta saber-se, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores; porque os Papas os largaraõ aos Méstrados, para levarem avante a conversão da Gentilidade, e sustentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e augmento da Christandade. Em huma praça pois dessas mais opulentas se põem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orsadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum poderoso os lanços de maneira, que não sobiraõ de sessenta mil cruzados; e nelles, se rematou o ramo a hum Prióste seu confidente, com quem hia forro, e a partir:

e para isso intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impossibilitar naquelle tempo, por lhe constar queriaõ lançar no tal ramo, cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no seguinte lançaraõ, porque se lhes removeo o impedimento. Donde se colhe, que não defraudaraõ a Sua Magestade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande serviço, para que se não perdesse de todo a arrendação dos dizimos, visto não haver quem dêsse por elles mais. E destas ninherias ha por lá muitas guizadas com tais escabeches, que he necessario muito ardil para lhes dar na têmpera: e ainda que ha quem a entenda, assim como ha quem a goste, não ha quem a declare, por se não encarregar de desgostos, arriscando a vida, e a honra á ventura de haver, quem faça prevalecer suas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriscado que este, com que se furtaõ a Sua Magestade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem abrir ponto, por onde se possa emendar a rotura. E he assim, que os Reys de Portugal são Senhores de todos os mattos do Brasil, e consequentemente de todas as madeiras, que se talhaõ nelles: e he certo que todos os annos se fabricaõ mais de cincoenta mil caxas para vir o assucar, tabaco, gengivre, malagueta, &c. e que não se paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os interessados, que assás o servem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como se os não deveraõ por outra cabeça: e por esta arte, a titulo de o servir, lhe defrodaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caxas, que bem baratas hiriaõ por este preço: e ainda que lhas não dêsse mais que a dous tostoens [que seria dallas de graça] faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Estado de nosso commercio, e passaõ de cento e cincoenta, fazem somma de dous mi-

lhões e meyo: e em tanto está defraudada esta Coroa a titulo de bem servida: e no cabo os seus Ministros, que se prèzaõ de belizes, e que pescaõ atomos com lince, não tem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes, não tem preço, com tanto, que não despontem agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum sorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que não cuidem que só porhi álem se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a Sua Magestade, e ajudaraõ-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliõas com outras tantas trochadas pelas costas com huma bengalla? Confórme ellas forem, responde-raõ elles, não se desavindo no contrato, seraõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem*. Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada como bofetada em peão. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma não em huma baraça [se era para a Alfandega, ou Casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece] e vindo com huma carga de drogas tais, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, paráraõ em parte certa de pensado, como quem tratava de dár conta de si, e descarregar sua consciencia: sahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas despachadas para fóra; e perguntando, e resolvendo á vista de Deos, e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse; que fazeis aqui villoens muito ruins? Deveis de estar bebedos! Pois trazeis cá o barco, que sahio daqui registado: levayo a seu dono, e desempachay o caminho: e porque não menearaõ os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accrescentou: estes madraços só ás pancadas se governaõ; e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e pas-

sando das palavras ás obras, lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confessando elles, que tinha sua mercê muita razão, e assim ficaraõ todos justificados, e os circunstantes persuadidos, que tudo hia bem governado conforme os regimentos da cartilha, e o barco sem ruim presumpção foy dár comsigo, onde Sua Magestade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, em que lhe pez, porque não havia outra luz, que manifestasse a verdade.

.....

CAPITULO XI.

Como se pôdem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

TErrivel ponto he, o que neste capitulo se offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de restituir; que pertenda o ladraõ se lhe pague com outro tanto o trabalho, que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caso, que só na escóla de Caco se pratica, e acha resolutos: e poderia acontecer [se não he que já succedeo] de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis la vay hum Coronel mandado por Sua Magestade, não sey a que comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: escolhe elle os officiais, todos seus criados, creados á mão como estorninhos, que só palraõ, e descantaõ o que lhe metem no bico. Daõ comsigo de assuada em huma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella suas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, galinhas, capoens, perús, e leitoens, á custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de soldados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays,

que tais filhos não geraraõ; tudo por capitulo com sinais, e firmas differentes, pondo muitos com diversas cruces por sinais, denotando que não sabiaõ escrever, como acontece. Feito assim o livro da matricula, e authentico com todos seus requesitos, sem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeram, e fingiraõ vindas das fronteiras cheas de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que estavaõ muito arriscadas: mas que já ficaõ seguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva sua Senhoria para fazer semelhantes serviços a ElRey, e á patria, que lhos saberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com estas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ comsigo na Corte allegando a sua Magestade o grandissimo trabalho, que tiveraõ, levando mãos dias, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, e escuzas, e murmuracoens de pays velhos, mãys viuvass, irmans donzellas. Boto a tal, que se não póde fazer este officio por quanto ha no mundo: e que não nos paga Sua Magestade com as melhores comendas de Christo o serviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres deztatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastámos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Magestade, claro está que não bastavaõ, nem para as despezas dos caminhos, serras, e charnécas, que andámos com mãos gasalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey nosso Senhor com entrannhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês, e despachos confiado a outras emprezas. E accrescentaõ elles depois de satisfeitos, e contentes: Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum só mostrou má vontade de hir servir a V. Magestade; tanto monta o bom modo, com que fizemos isto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos

.....

CAPITULO XII.

*Dos ladroens, que furtaõ muito, nada ficaõ
a dever na sua opiniaõ.*

HA huma figura na Rhetorica, que se chama *Gradatio*, porque vay como por degrãos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos isto com um exemplo, que servirá para a prova deste

capitulo. Todo o soldado Portuguez he briozo, todo o briozo he polido, todo o polido calça justo, todo, o que calça justo, não admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Assentistas mandaõ ás fronteiras para os soldados, são todos de fancaria, e carregaço: logo bem diz, quem affirma, que he fazenda perdida, a que se gasta em tais çapatos. E que sejaõ de fancaria, prova-se com a mesma figura; porque os tais são de carregaço, e toda a mercadoria de carregaço he pouco polida, toda a cousa pouco polida he desalinhada, toda a cousa desalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu que he fazenda perdida; porque soldados briozos, quaes são os Portuguezes, não usaõ couzas de fyanca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia; porque sabemos de poucos, que calçassem nunca tais çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razão de tres e quatro tostoens o par, porque lhes não daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou seis vintens: e tornando-os os Assentistas a recolher por este segundo preço, os tornaõ a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis, e sete vezes. O mesmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que Sua Magestade lhes permite levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha sisco; para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças he, que os authores destas empresas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos soldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-se saboreando da destreza, com que fizeraõ seu officio: e se a consciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpam o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás escondidas; e o que se faz na bochecha do Sol com aceitação das partes, vay livre de coimas, e de escrupulos. Parece que ainda não lêraõ, nem ouviraõ, que ha vontades coactas, e forçadas sem punhais

nos peitos. Se vós lhes não dais outra couza, nem ordem, para que a busquem por sua via, claro está que se haõ de comprar com vossa ladroíce, para remirem em parte sua vexação. Mas isto não vos livra, de que ficais obrigado a ElRey, porque o enganastes; e aos soldados, porque os defraudastes; e ao Reyno, porque o saqueastes, ensacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzestes de antemaõ, como se assim os arriscasseis todos; e como se nós não vissemos, que quando chegais ao segundo, já estais pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças seguras para o terceiro, e quarto, havendovos em todos, como se os traginareis com vossa fazenda; e sendo a negociação ao todo com fazenda alhea, vos pagais nos interesses, como se fora vossa. E lançadas vossas contas, achais na vossa opiniaõ que nada ficais a dever, e que se vos deve muito, pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo 20. §. *Seria immenso*, das unhas militares.

.....

CAPITULO XIII.

Dos que furtaõ muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ.

EM Braga houve hum Primáz Arcebispo, que o foy tambem no Oriente: este costumava dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava sem nada aos que tinhaõ muitos intercessores. E a razaõ, em que se fundava, para se justificar com sua consciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, senaõ por interesse: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e

que os buscava, por se ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia sem padrinhos, hia pelo caminho da justiça, e fiava-se na verdade, e em seus talentos: e assim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por suspeitas. Mas teve hum Provisor, que lhe deu na trilha; e furtavalhe a agua com outra treta, abonandolhe, os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provído. Valente desengano he este para Principes, que não cuidem, que poderão ter roteiro, que se lhes não contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o Italiano; que não ha ley, nem traça de governo tão considerada, a que a consideração da malicia, e especulação do discurso interessado não dê alcance para a perverter, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Creceraõ queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes ságuates seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e não incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opinião vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogios, e prégar encomios delle a Sua Magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que não havia de evitar a empreza sem os requisitos para ella; e para seu credito, e honra navegar direito, accrescentaraõ que não convinha darlhe Béca, nem Habito de Christo antes de hir: porque se lhe déssem logo o premio, não lhe ficava cá que esperar, e não serviria tão diligente, nem tornaria tão cedo, deixando-se

engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razão, por hir vestida de zelo de bem commum: e vendo o sindicante, que o mandavaõ desmastreado de authoridade, e dos requisitos, para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accrescentou de cabedal, e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias, que teve a historia, porque estas bastaõ para mostra que ha ladroens, que furtaõ accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. Por este rumo navegaõ, os que, para entabolarem seus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ser pequena, e que he bem lhes dêem couzas mayores; que aquillo he bastante para fulano; e assim o plantaõ no posto, e se esquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendovos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Cresso, e Midas, para vos porem ás costas as perdas que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasiaõ de huma alçada, cujos gastos não achou o Dezembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eraõ poderosos, e aparentados. Fez o sindicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déssem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus frutos nos annos, que bastassem, descontando tambem a razão de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco a que se expunhaõ; porque em virando o Dezembargador as costas, haviaõ de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os frutos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas, deraõ

na traça deste capitulo de accrescentarem os bens, a quem tratavaõ de os diminuir: disseraõ de hum certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com taõ grande pezo, e era poderoso a ter as pélas contra tudo, o que succedesse: e seguio-se daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das décimas succede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre, para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento he justo, porque se me depélla a substancia do que póde a freguezia, e que consta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, baralhaõ as cartas, os que estão senhores do jogo, e fazem sahir triumpho de ouros, a quem não tem cobre com que pague; e páos, e espadas, a quem tem prata, para que a defenda; e não faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardia he que com zelo do serviço delRey nosso Senhor tapa a boca a todos, para que não grunhaõ. He terrivel maõ, a que se arma com azeiros Reaes; porque ainda que não sejaõ mais, que apparentes, temem suas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na frase dos azeiros, ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

CAPITULO XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes.

QUando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeo hum Cossario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios: e respondeo-lhe discreto: Eu quando muito dou alcance, e sacco a hum, ou dous navios, se os acho desgarrados por

esses mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que não he sua: eu furto, o que me he necessario, V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor essa reprehensão? Quiz dizer nisto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he necessario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o superfluo: estes são ladroens por natureza, e aquelles o são por desgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emenda; os que furtaõ por desgraça, mais soffríveis são, porque não são tão continuos. Se ha Reys ladroens, he questaõ muito arriscada. Certo he que os ha; e que não furtaõ ninherias: quando empolgaõ, são como as Aguias Reaes, que só em couzas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentaõ com sevan-dijas; mas a Rainha das aves com couzas mayores tem sua ralé. Quando ElRey Philippe, que chamaõ Prudente, morreo; dizem que só no Reyno de Navarra engasgou, se pertencia ao Francez; como se não tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem se examinára, póde ser que lhes achára mais de rapina transversal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ sempre esta prerogativa, e benção de Deos, que tudo quanto possuïraõ, e possuem de Reynos, foy herdado com legitima successaõ, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim não topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ este nome, com que se acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quais são tantas, e de tal qualidade, que não he possivel referillas todas: toco algumas.

Sahe de Lisboa hum enxame de officiais dos Assentistas, quando não tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe substituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos provisoens Reaes, para tomarem o que for necessario, e lhe amainarem o preço; correm no novo as eiras, e os celeiros de todos

os lavradores, e tambem dos Religiosos; e sendo necessarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrandolhe o preço, e tambem quadruplicandolho conforme a carestia, que elles causaraõ. Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum destes Doutores fazer huma peça digna de conto. Atraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e disse-lhe muito serio: Este trigo he muito sujo; não o hey de levar senaõ joeirado; porque não quero comprar má fazenda para os soldados de Sua Magestade, que he bem andem mimosos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o mesmo ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Não se vio mais pouca vergonha, nem mayor subtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza estas aguias. São necessarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalheriças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O mesmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: não sey se será para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe custou hum tostaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como estas são as unhas de alguns Ministros, que retardaõ consultas de officios, para que occupem serventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que Sua Magestade não he sabedor; que se o fora, mandára restituir lucros cessantes, e damnos emergentes, e pagar às partes, quem lhes foy causa contra justiça de se andarem consumindo, e lutando com enganos fóra de suas casas tanto tempo. Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho dito neste capitulo, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a couzas notorias.

Passando eu ha poucos annos por Monte-mór o Novo, vi hum tropa de pádeiras irem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos sacos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella? Responderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos de marca, que mandava Sua Magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em hum meya onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que não queriaõ dár paõ fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e assim as ensinavaõ a serem cortezes. Mais humano se portou hum meirinho nesta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe servio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy necessario para o sustento de sua casa. Hia o criado por essa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o sável, o linguado, e a lagosta; comprava até a couve, o nabo, a alface, o queijo, o figo, e a passa, e todo o genero de fruta, e nunca se desavinha no preço, e sempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por não o aggravarem, faziaõ da necessidade cortezia, e diziaõ, que não tinhaõ troco, que outro dia fariaõ contas, como o tivessem; e este dia nunca chegava, porque não era do Kalendario. Mas tomava a bulla da composiçaõ na Quaresma, que he de temer lhe não valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia não só pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este hum Vereador quatorze mil reis emprestados: temeo o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que não tinha dinheiro. Baxou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fisco Real, que não vendesse couzas de comer, porque era suspeito ao povo em

todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes que estas: o contrato das Almadras do Algarve paga de dez atuns sete para a Coroa, que se obriga porisso a defender a costa aos armadores com galés, e armada; e todos os annos desbarataõ os Mouros, levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagaõ. E porisso não ha escrupulo no muito, que se furta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor he não dizer nada. Inventou-as ElRey Dom Manoel de gloriosa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Consulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os estropeados de Africa, para viuvras de Portuguezes, que serviraõ, para occasioens de misericordia fortuitas: e cargaõ sobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que não pertencem á instituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que se lhes consigna nellas, achaõ-se em branco, e quem anda mais diligente, se cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Esmoler mór se queixa, que se lhe remettem petiçoens aos milhares, não tendo cabedal, que se conte por centos. O certo he que muitas couzas não se emendaõ, porque se não sabem, e não se sabem, porque ha unhas, que as escondem, porque vivem dellas sobcapa de servirem a Sua Magestade, e assim se fazem Reaes.

.....

CAPITULO XV.

Em que se mostra, como póde hum Rey ter unhas.

NAõ cuidem os Reys, que pelo serem saõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz que os daõ a quem querem,

deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê, que he barbaria: ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os teraõ descontentes; e porisso sabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que só o possue, quem mais póde. O Rey, que se governa com verdadeiras leys, mas que não sejaõ mais que a da natureza, ha de presumir, que até o que possue, não he seu, e que lhe he dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá cõmetter nisso crime, a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ser ladraõ. Primeira furtando a si mesmo. Segunda a seus vassallos. Terceira aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributos demasiados, e que não são necessarios: e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está taõ fóra de se aproveitar com estas execuçoens, que executa nellas sua perda, e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarchia de Castella, cujo Rey porque gastou quinze, ou vinte milhoens, se não foram mais, nas superfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ necessarios para os apertos, em que se vê: e porque véxou os póvos com tais tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Cecilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Estados, que lhe não pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarchia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio, conservaraõ-se invenciveis; e tanto que os gastaraõ em superfluidades, e ambiçoens, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demasiadamente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima desesperaçã as Naçoens, que

mancommunadas resistirão até desençaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur*. A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conservão-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e não lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebrandando de farto, não previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desaparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso; que não contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebrandou como a rãa de Hisopete. Convêm que o Rey ande sempre com o prumo na mão sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e para quanto prestaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor saõ. E considere, que Rey sem fazenda he pobre, sem vassallos he só, e com inimigos he perseguido: e hum Rey pobre, só, e perseguido, facilmente he vencido, e vay perto de não ser Rey. Mas se tiver fazenda, e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e não os offender, achalos-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvaõ, não tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florecerá prospero, reynará poderoso: e a hum Rey prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de não ser ladraõ: e não o será, se não faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha Reys ladroens, convem que não passemos avante, sem resolvermos huma questaõ, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso Reyno de Portugal, a quem pertence, se a ElRey Filippe IV. de Castella, se

a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injustamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha usurpado ElRey D. Filippe: e neste conflicto de opinioens não escapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheo he furtar: e quem furta, he ladraõ; qual o seja, dirá o capitulo seguinte.

.....

CAPITULO XVI.

Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella; e como nunca as houve em Portugal.

ENtramos em hum pégo sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se affogou por ignorancia, covardia, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórté: outros por covardia meteraõ tanto panno, que quebraraõ os mastros: outros por paixaõ fizeraõ-se tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miseraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os sorvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares, como Dedalo os ventos, se perderaõ: pelo meyo irás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em seu vôo por falta de azas, ou de Estrella, que os guiasse. Não estou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a mesma frecha. He impossivel tomar huma náó no mesmo tempo dous pórtos: o de Castella estava entaõ aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer, quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-se os mares, alteraraõ-se as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e só ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou azas melhores que

Icaro para se acolher. O que mais admira he, que durasse o tempo turvo sessenta annos sem haver Piloto, que governasse a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos se governaraõ por ellas, e porisso todos vacilaraõ na esteira, que haviaõ de seguir; até que os mares se socegaraõ, e o tempo serenou, e se viraõ no Ceo Estrellas, que abriraõ caminho, com que se tomou terra. Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, se bem menos escura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que espalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o mesmo, e cada hum se recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para escapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razãõ para dominar, o que vay logrando, isso direy eu, porque o sey de certo. E não usarey de embuços, como alguns, que fallaõ por escrito sem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-se nisto como Advogados, que só huma parte abonaõ. Não vi em Portugal correr publico nenhum Manifesto, que por si fizesse Castella: nem sey, quem visse em Castella Manifesto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoes do outro mascabem as suas? Não lhe acho razãõ: porque a verdade he como as quintas substancias, que nádaõ sobre todos os licores; e com as mentiras mais se apura a guiza dos contrarios, que juntos mais se espertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; não deixarey alto, nem baixo, que não descubra; porque assim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibaõ fugir, e que lancem ancora, onde se possaõ salvar mais descansados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que se melhorou no partido; e ainda lutaõ sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attençaõ,

o que aqui escrevo sem diminuir nas forças de cada hum, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas, com que empolgou neste Reyno, direy primeiro as razoes, que allega para a preza ser sua.

.....

*Manifesto do direito, que D. Filippe Rey de
Castella allega contra os pertendentes
de Portugal.*

HE notorio, que por morte do nosso Rey Cardeal ficou este Reyno como morgado de Clerigo, que não tem successor, exposto a herdeiros transversais, que sendo muitos, baralhão as razoens de todos, e armaõ pleitos, e discordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos presuppor, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Isabel, filha primogenita dos Reys Catholicos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos mesmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morrerãõ sem successãõ: do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ, que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Castella: destes morrerãõ oito sem successãõ: e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastiaõ, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos naceo ElRey D. Filippe II. e deste Filippe III. e deste Filippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos Duque de Saboya; e de ambos naceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppo-

sitor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que não cazou, e teve de hum Christãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguiose esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso Cardeal Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successão. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. João Duque de Bragança; terceiro D. Duarte Condestável, e Duque de Guimaraens: da Senhora Dona Maria naceo o Senhor Raynuncio Principe de Parma tambem oppositor: da Senhora Dona Catharina naceo o Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. João, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe a seu filho o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinalllos o Ceo para darem a Portugal tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, não deixaraõ successão, porque logo morrerãõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas: e pela ordem da antiguidade dellas saõ o primeiro ElRey D. Filippe; o segundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando, que descen-

dia por linha direita delRey de Portugal D. Affonso III. Conde de Bolonha, de Dona Metilde sua primeira mulher: mas foy escusa sua pertença por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha[que não consta os tivesse] nunca fallaraõ nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade he, que á Condessa Metilde não ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmãa Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Metilde, e de D. Affonso III. irmão de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente opposição só de descendentes delRey D. Manoel se tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, não tinhaõ lugar outros pertendentes; e porisso tambem se não fez caso da pertença da Sé Apostolica, pois não estava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppositores descendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no sangue, outro no nascimento; são notorios, não os explico; e nunca houve suplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Estrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertença por tres razoens; primeira, por ser morta sua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer a opposição. Segunda, por falta da representação, que só se admitte nos descendentes immediatos do primeiro gráo, e elle era já bisneto delRey D. Manoel, em comparação da Senhora Dona Catharina, que era neta pela mesma linha do Infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do Reyno; como se mostra das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonso I. com todos os Estados ordenou, que as femeas, ainda que podessem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e porisso

nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do nosso Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Castella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe succedeo, confirmou esta ley em seu testamento no anno de 1436.

Excluídos assim todos os sobreditos, ficaraõ no campo sós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Philippe: de-
raõ-se duas batalhas, a primeira como Anjos, a segunda
como homens: a primeira com forças de entendimento,
a segunda com violencia de braço: na primeira venceo a
Senhora Dona Catharina, porque lhe sobejavaõ razoens:
na segunda venceo Philippe, por ter mais armas: desta
naõ se trata aqui, porque as armas entre Christaõs naõ
daõ Reynos, nem os tiraõ justamente, quando ha razoens,
que resolvem o direito delles: e porisso pertende ElRey
Philippe vencer tambem nesta parte com as razoens seguin-
tes.

*Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra
a Senhora Dona Catharina.*

I. **R** Azon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla com Doña Beatrîs, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho del dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era le unica heredera legitima. II Razon; porque no pertenecia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando murió el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Señor Don Antonio por legitimo, a la Señora Doña Cata-

lina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo poseedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrís madre del Saboyano. V. Porque siendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, no se deve regular la sucesion dellos por el Derecho Civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los Emperadores; y que si bien los Reyes supremos lo avian introducido en los Reynos por el buen gobierno de los vasallos, no avian por esso alterado las simples reglas naturales de la sucesion Real, las quales afirmaban averse de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la Representacion; a que no obsta aver algunos Doctores querido temerariamente sugetar la sucesion de los Reynos a la Civil Instituicion: y assi siguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable. VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nõ se admite, sinò quando el nieto del Rey litiga con su tio hermano del tal Rey; nõ entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmasse con exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que nõ tuvo hijos legitimos, pretendieron su Corona la Infanta Doña Violante su sobrina, hija del Rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando de Castilla su sobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los Estados, y sus Juezes por el Infante Don Hernando, por ser varon, nõ haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera vivo, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley: porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nõ valga la representacion, sinò concurriendo sobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que se observa en Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el padre, que se pretende representar, úviera tenido el primer lugar en la sucesion, de que se trata. Donde supuesto que el Infante Don Duarte en su vida nó tuvo tal lugar, nó podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se radicò en su persona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Juan II. le sucediò su primo Don Manuel excluyendo al Duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manoel. IX. El beneficio de la representacion nó se admite en la sucesion de los Mayoralazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Mayoralazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos se heredan por concesion de los pueblos, que transmitieron el poder Real, que era suyo, a los primeros Reyes, y a su generacion: y consta que la representacion nó tiene lugar en la sucesion de las cosas que vienen *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X. La Ordenacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poseedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la representacion. Y confirmasse con exemplo de heredamiento de Reyno; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nó entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la representacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una ficcion de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo está en el lugar de su padre, y es con èl la misma persona; y por ser privilegio, y fingimiento, nó puede aver lugar, sinò quando se hallare expressamente

introducido por Derecho: y es cierto que nõ està introducido expressamente, sinò en la sucesion de los heredamientos, y feudos, aunque nõ sean hereditarios. Donde no siendo los Reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento propio, y ordinario, por se cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mencion, nõ puede aver lugar en èl la dicha representacion. XII. Para nõ parecer que huye Phelipo del Derecho, prueba, que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna otra cosa, se sucede por el derecho, que llaman de la Sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion, como si fuesen hijos del ultimo posseedor; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre, nõ podia representar el sexo: y era duro de admitir, que la hembra igual solamente en el grado, y inferior en lo demas, fuesse preferida al varon para gobernar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas daño que a Phelipo el de su madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nõ pueden ser admitidas a oficios publicos, ni tener jurisdiccion, ni administracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, constancia, prudencia, liberalidad, y otros dotes necesarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Castilla Doña Beatrís, que siendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal não fue admitida, y se diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde se colige, que son las hembras incapazes de representar en Portugal, pues son incapazes de heredar. XV. Visto nõ declarar Henrico su cessor, era devida à Phelipo la sucesion sin sentencia, por ser su persona suprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y solamente obligado a justificar su derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudiesse pertenecer la judicatura deste caso, por nõ tocar al Papa, por ser materia puramente temporal sin

circunstancias, que le pudiesse dar derecho: menos pertenecia al Emperador, por nõ le ser reconociente del Reyno de Portugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, sobre que se litigava, como Portuguezes: demas de que nõ avia Portuguez alguno, que nõ fuesse sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Castellana: ni avia lugar de se comprometer en Juezes loados, por la impossibilidad de hallar personas, de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer nõ caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado qué fuesse necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos Juezes, que nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le juzgaron la Corona. XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resuelven todo; y que com ella tomò la posesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Tomar por Rey; con que se quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precediam al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla, para fortificar un braço em su Iglesia, para resistir a los insultos de los infielis, y de los hereges; y mejorar desta manera el mismo Reyno haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enemigos, y en sus conquistas. XIX. Finalmente allega por si la posesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal posesion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a su dueño sin causa, razon, ni justicia.

Estas saõ as razoens, que por si allega o Rey de Castella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como

sal na agua: mas primeiro quero responder ao candido Leitor, que me pergunta, que razão tive para mudar de estylo neste Manifesto, e fallar por outra linguagem diferente da em que himos tirando á luz este tratado. A isso pudéra responder, que o Manifesto he de Castella, e porisso o puz na sua lingua: mas para explicar melhor a razão mais principal, que me moveo, contarey huma historia, que aconteceu em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neste Reyno. Prenderão hum bruxo, por ter trato com o diabo, e consultalo em muitas duvidas: Reprehenderão-no os Inquisidores, porque sendo Christão baptisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, respondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, não deixava algumas vezes de fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Castelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e só quando me fallava em Castelhana, era certissimo que mentia. Não sey, se me declaro? Quero dizer, que a lingoa Castelhana he estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem he pay, e mestre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e porisso puz em Castelhana o Manifesto de Castella, e porey em Portuguez a reposta da Senhora Dona Catharina.

oo

Reposta da Senhora Dona Catharina contra as razoes delRey D. Filippe.

I. **R**Eposta contra a primeira razão he, que não vem a proposito a herança da Senhora Dona Brites: porque a nossa questão procede sobre descendentes delRey D. Manoel, e não sobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas se averiguaraõ nos campos de Algibarrota: além de que a

Senhora Dona Brites não deixou filhos, e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito. II Resposta contra a segunda razão he, que deveraõ advertir, como na successaõ taõ prolongada de D. Joaõ I. de Castella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal, havia o mesmo defeito de illigitimidade em seu pay D. Henrique, além de outros avós: e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. Joaõ I. e do ultimo possuidor no primeiro grão de irmão, que o seu no oitavo; e o nosso houve dispensação da illigitimidade, e não sabemos que o pay, e avós do seu a houvessem. III. Contra a terceira he que diz bem, se todos os Oppositores foraõ filhos do mesmo pay, assim como eraõ netos do mesmo avô; porque entaõ o mais velho seria o Morgado, Principe, e legitimo herdeiro: mas sendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-se o direito só áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a successaõ, eraõ de huma parte varaõ, e de outra femea, claro está, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e este era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por se achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Isabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro cousas se consideraõ aqui, linha, sexo, idade, e grão: e no primeiro lugar se busca a melhor linha, e só quem nella prevalece, prevalecerá na causa, ainda que seja inferior ao outro pertendente no sexo, idade, e grão: e sempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV. Reposta contra a quarta razão. Admittimos o argumento contra os outros Oppositores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razão da melhor linha, em que se achava, com que vencia a Filippe, como fica explicado na reposta proxima contra a terceira razão. V. Contra a quinta. Quer ElRey Filippe hum Santo para si, e outro para a outra gente, admittindo a representação para os vassallos, e negando-a para os Reys: se admitte, que se governaõ melhor aquelles com ella, deve admittir,

que se governarão mal os Reys, se a não admittirem em suas successoens: e assim he, que por fugirem esta calumnia, a admittem quasi todos os Reys, e Estados de Europa, e até os mesmos Reys: e bastava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonso I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. João I. no seu testamento anno de 1436. e Affonso V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Estados, todos sem paixaõ, nem occasiaõ de controversia, que lhes pudesse perturbar a razaõ; e sendo assim ley praticada neste Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque este ponto da representaçaõ he o Achilles desta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representaçaõ de hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que se differem *ab intestado*, que os filhos entrem no lugar de seus pays defuntos, e representem suas pessoas, succedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, se vivos foraõ. Esta representaçaõ na linha direita de ascendentes não tem limite: e nas transversais sómente se concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãs do defunto, de cuja successaõ se trata: e assim ficam exclusos os mais parentes collaterais, que se acharem fóra deste segundo grão, porque não se estende a elles a representaçaõ. E confórme a isto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque representa varaõ, que houvera de ser Rey, se fora vivo; e elle representa femea, que não havia de entrar na Coroa, com ser mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Isabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que sua tia, por representar a seu pay, que a vencia no sexo, e havia de entrar na herança diante de sua irmãa: e he a razaõ: porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a sua neta de seu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do Duque de Bre-

tanha, filha de seu irmão mais velho, excluindo os varoens mais moços irmãos do mesmo Duque. E não temos necessidade de exemplos forasteiros, quando temos em casa o nosso Rey D. Manoel, com que se oppoz o Emperador Maximiliano, estando ambos em igual grão, e este mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que representava; e julgou-se, que porisso prevalecia ao Emperador.

VI. Os Doutores Castelhanos defendem o contrario admittindo a representação entre primos: e a razaõ o mostra; porque o sobrinho, que excluía a seu tio, ou tia, por representação de melhor grão, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos filhos do tal tio, pois são já mais remotos, e não pôdem representar couza, que a outro não tenha já vencido. Ao exemplo se diz, que não deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por não se admittir á representação no caso, senão por ser inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro seu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo sómente nas terras sujeitas ao Imperio, ao qual não he sujeito Portugal; e ainda que em outras partes se pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por costume antigo não admite representação nos collaterais em caso algum; não em Portugal, onde seguimos o contrario com o direito cõmun, e opinioens de Acursio, e Bartholo: donde se vem a concluir, que o beneficio da representação ha lugar na successaõ destes Reynos, quando os sobrinhos pertendem succeder a ElRey seu tio irmão de seus pays, sem haver outro irmão do mesmo Rey, que concorra com elles.

VII. Não he necessario que o pay possuisse, o que se pertende herdar por via da representação; porque aqui não se leva a herança por transmissaõ, em que não pôde o pay fazer bom ao filho, o que não possuio: e que no nosso caso não entre a herança do Reyno por transmissaõ, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual não ha duvida, que

lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representação, que o poem em lugar do pay ao tempo da successão.

VIII. O exemplo de D. Affonso não vem a proposito; porque além de ser illigitimo, se lhe negou a representação, não porque ella se não use em Portugal, senão porque estava fóra do grão, a que se concede; pois não era irmão, nem filho de irmão delRey D. João, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro grão, em que se não admitte representação nas linhas transversais; e assim lhe foy preferido D. Manoel, por se achar hum grão mais chegado. IX. Concedemos, que não ha representação na herança dos Mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geração; porque não procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á sua geração, para que os possuíssem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na successão dos Reynos feudais não ha lugar á representação, he commummente reprovado; além de que o Reyno de Portugal não he feudal, nem pódem militar nelle as razoes das *Concessoens dominicas*; como em seu lugar mostrarey logo na resposta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, não se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenação, que aponta, procede nos bens da Coroa, que são havidos por *Concessão dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da Coroa, não se differem *Jure hæreditario*. Donde ElRey D. João I. que foy o Autor da Ley Mental, porisso lhe negou a representação. E tratando depois em seu testamento da successão destes Reynos, declarou, que havia lugar á representação; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e não *ex concessione dominica*. Ao exemplo do Rey de Castella D. Affonso o Sabio se diz, que foy julgada aquella acção até em Espanha por injusta; tanto, que permittio Deos lhe tirasse a Coroa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys

de Castella dispoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a estes a herança, e não ao tio irmão de seu pay, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenação prova sómente não haver representação nos prazos de nomeação, em que o foreiro *ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *ab intestado*, e não prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exorbitante, e calificada: pois com isso esta, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensaõ alguma nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representação. XII. Não admittimos o direito do sangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e suas possessoens procedeo do antigo Direito das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Espanha pelos Reis de Castella D. Fernando, Don Alonso o VI. e D. Alonso VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos entre seus filhos, D. Alonso o Sabio, e D. Henrique III. de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pondolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundação, assentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e testamento del Rey D. Affonso V. onde tudo se leva por herança verdadeira, que admite representação, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representação está concedido na linha collateral da mesma maneira, que na dos descendentes: na dos descendentes he certo nestes Reynos, que succedem as femeas a seus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que se o pay, por ser varaõ, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos, &c. Prova-se esta representação dos descendentes em Portugal pela Carta patente del Rey D. Affonso V. em que ordena lhe succeda o filho, ou filha

do Principe seu primogenito, e não seus segundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por assim o declarar o mesmo Rey: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficam apontados no fim da reposta da terceira razão. E que nos collaterais seja o mesmo, consta do texto *in Auth de hæred. §. Si autem*. E da razão da equidade, em que as leys se fundam, para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiveram para o concederem aos collaterais: e ha exemplos, como o em que o Rey Filipe de Inglaterra, por conselho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á sobrinha filha do irmão mais velho do Duque defunto, contra outro irmão do mesmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Espanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes legitimos por su ordem representem las personas de sus padres: & Molina lib. 3. c. 7.* resolve que a dita ley procede na successão dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impossivel, que a femea represente sexo de varão; porque mais difficiloso he fazer que hum filho tenha a idade de seu pay, que huma filha alcançar o sexo masculino; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e não póde fazer, que o filho iguale a seu pay na idade, e com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea represente varão.

XIV. O que diz o Direito que femeas não entrem em officios nem jurisdiçoens, entende-se, onde se não succede *Jure hæreditario*. Tambem os Ecclesiasticos não podem haver dignidades seculares, e com tudo possuem as herdades, como se vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas são tão destituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conselheiros supprem seus defeitos. E os Doutores da Universidade de Coimbra resolveram, que a Senhora Dona Catharina devia ser preferida a Filipe conforme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitam as femeas

para a successão destes Estados, e excluem aquellas, que cazaõ fóra do Reyno; e porisso foy excluida a Senhora Dona Brites, e não por ser femea, e tambem illigitima, e schismatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de seu cazamento foraõ feitos: schismatica aqui quer dizer de humor Castelhana. XV. Se Philippe por ser Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deste Reyno, não o mandára notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado, que não affrontasse o nome Catholico com se fazer Juiz, e parte, por parecer dos seus, que com ambição do favor, e temor do desagrado o enganavaõ; e se não queria Juizes Portuguezes, por considerar nelles alguma paixaõ, que elle lhe daria Juizes desinteressados, e incorruptos: e bastava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a questaõ, que elle só pudera resolver, para o Rey de Castella ser obrigado a estar pela sentença; e não a declarou o Cardeal Rey, não porque tivesse alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra, que já o Castelhana ameaçava: e não tinha duvida; porque quando ElRey D. Sebastião foi a Africa, deixou feito testamento, em que nomeava o Cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro lugar, e no segundo a Senhora Dona Catharina; e não manifestou isto, por divertir a furia de Castella, que estava muito poderosa com vitorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peste. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na justiça da Senhora Dona Catharina, por evitar discordias nomeou Juizes, e requereo ao Catholico: o qual tergiversandolhe a razão o constrangeo, e intimidou a que ou lhe julgasse a causa, ou a não decidisse: não conseguiu o primeiro, alcançou o segundo, porque estava muito poderoso com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina só; e o Castelhana para se córar com o mundo, pôz a causa em juizo, assegurando a bolada por todas as vias; porque escolheu os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Castella, com evidente nullidade deraõ a sentença de manera, que sendo cinco, só tres se renderaõ

á corrupção: e para desassombrar a conciencia a todos, sumirão o testamento delRey D. Sebastião; e boa prova he que nunca appareceo; e tambem he certo que dizem, e se escreve, que levarão para Castella o livro do *Porco espim*, que se guardava no Cartorio da Camera de Lisboa, em que estava o direito da successão deste Reyno com as Cortes de Lamego, em que se decretava, que não entrassem nesta Coroa Reys estranhos. Feitas estas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a posse como inimigo. Do dito se colhe, que não repugnou a ser julgado, nem lhe eraõ suspeitos os Juizes, pois os escolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falso, porque se a não tivera, não mandara visitar a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Ossuna com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe dêsse o parabem; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o Cardeal Rey; e a requeresse para ser julgada a causa da pertençaõ do Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos que escrevesse sobre o direito que por varaõ tinha a esta successão; o qual lhe respondeo que não tinha razoes na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e porisso escreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se d'elle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente para que cá não o declarassem por Principe, vendo que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pediraõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos, que cõmetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do infantado, e franqueza para mandar todos os annos humão á India por sua conta. E finalmente porque vio, que não tinha bom partido, se puzera a questaõ nos Juizes,

que convinha, sem se lembrar que ninguém he bom Juiz em causa propria, se fez Juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que sempre fugio.

XVI. He verdade que tres Juizes deraõ sentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem dessas outra muito essencial, que não acha escrita; e devia de escapar a todos os Autores, que trataraõ esta materia com serem muito diligentes: e não me admiro; porque com mayor diligencia sumio Castella todos os papeis, que podiaõ encontrar sua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha mão ha poucos dias por hum caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o Principe nosso Senhor noticia, como estavaõ na minha mão, mos mandou pedir pelo Conde Regedor e me consta, que os estimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Estados, mandou se fizesse a Junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ser onze Juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos Estados. Outro papel contém outro Regimento delRey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, Confessores; e porque contém violencias notaveis, farey menção dellas adiante no seu lugar no fim da decima razão do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de fóra por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle não sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na Junta se confessassem, e cõungassem na Sé; e na Capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se

fez: bem se vê logo que a sentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subreticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que estava pela Senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a duvida, que se não podia tirar com armas, quando as couzas se tinhaõ posto por consentimento das partes em Juizo contraditorio com Juizes escolhidos, e louvados, e estavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Castelhanos, como Vasques, Molina, Sanches, Suares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que se não póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod si unus* [conclue Suares disp. 13. de Bello, sect. 6. n. 4.] *tentaret rem totam occupare, aliunque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste repetere, & eo titulo justii belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Castelhana foy irritado; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e seus descendentes: e porque faltou o consentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obsta o não reclamar; porque nunca houve lugar disso até o dia da Acclamação, que foy antes dos cem annos, que se requeriaõ para a prescripção de boa fé sem contradicção, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retratação se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno desobrigado de o guardar, tanto que os Reis de Castella não guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, que queriaõ perder o Reyno, se assim o não cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço, que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja, respondemos, que se for o braço, qual o de seu pay, que deu sacco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos

que o dominou, são sabemos que lhe levantasse huma, nem que lhe dêsse se quer um Calix. E se alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, não foy assim; e a experiencia mostrou o contrario; porque Portugal conservava-se com a paz, que tinha com todos os Principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os cõmercios, que nos enriqueciaõ, e ganhâmos guerras com todas as Naçoens, que nos destruíaõ: e para que nem desta destruição nos podessemos livrar, tiravamos Castella as forças, levandonos nossas armas, thesouros, e soldados, para se servir de tudo em suas guerras, e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente ao que diz da prescripção, e posse, respondemos, que a não pode haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que não se póde dár em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Não foy boa fé a de Filippe; pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou a posse: nem houve consentimento da Real Casa de Bragança, pois consta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodosio, e seu filho ao juramento, em que não foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados sem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde dado, e não concedido, que Filippe tivesse algum direito, todo o perdeo pela violencia. E não merece o nome de tyranno, quem toma o que he seu: *Et habet jus in re*: antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendose-lhe muitas occasioens de se restituir, dissimulou, esperando conjunção de o fazer com socego, e sem damno de seus póvos: os quais hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filippe; porque nasceo, e vive entre seus vassallos, falla a sua lingua, conhece-os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, castiga-os como pay, augmenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

MANIFESTO DO DIREITO

DA SENHORA DONA CATHARINA

Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe

AS repostas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens delRey Filippe, bastavaõ por Manifesto de sua justiça: mas he taõ manifesto o seu direito, que por mais razoens, que démos, sempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentais, que aqui se seguem, devemos presuppor, que a successaõ delRey D. Juan III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebastiaõ seu neto; e tornando aos filhos do mesmo Rey D. Manoel, não achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem successaõ, e sem irmão, ou irmãa, a quem deixasse o Reyno, necessariamente havia de hir a hum de muitos sobrinhos seus, e netos de seu pay. Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta D. Isabel, Philisberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte; mas não se fez caso da sua opposiçaõ, por ser defunta sua mãy, que a devera fazer, e por não constituir linha differente da em que se achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varaõ, e filho de Infante; mas foy excuso por illigítimo, e indispensado; porque a dispensaçaõ só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a Senhora Dona Maria por ser filha de

varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina sua irmã: mas excluiraõ-na, por defunta, e a seu filho, que era o Senhor Raynuncio Principe de Parma, por estrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que se admitte representaçaõ; e principalmente por não constituir linha em opposiçaõ com a Senhora Dona Catharina, que ficava com a Senhora Dona Maria na mesma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguiase logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhõa do direito com violencia notoria, e não a deixou tomar posse ElRey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual gráo com ella: e accrescenta estas palavras, que tenho escritas da sua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar em estos Reynos nó tenia necesidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo sucessor en el Reyno, y nó reconociente superior en lo temporal; que saneada, y satisfecha su conciencia de su justicia, pudo ocupar la posesion por su sola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es cosa esta, de que nó se sufre disputar, sinó tenerlo por ley, y verdad manifiesta, despues que los tres Estados del Reyno le tienen jurado em Cortes Generales por su Rey, y Señor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, se colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ sofisticas são estas razoes de Filippe, que na verdade se seguia logo depois da Senhora Dona Catharina excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ser filho da Senhora Dona Isabel, mais velha que a Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoes tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a Filippe com muita justiça: e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas: e entaõ huma até duas bastaõ, e tres sobejaõ. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que são Linha, Patria, Representação, Acclamaçaõ: e porque destas nascem outras, direy todas por sua ordem, e são as seguintes.

R A Z O E N S

DA SENHORA DONA CATHARINA

Contra Filippe.

I **R**Azão. Porque este Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que se achasse em melhor linha: e entãõ só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Filippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ. Porque as leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos [como já dissemos ou provámos das Cortes de Lamego] e entãõ só a Senhora Dona Catharina era natural deste Reyno. E que esta ley seja justa, prova-se da ley natural; porque não ha couza mais natural, que governarem-se as cõmunidades por seus naturais, que lhes sabem os costumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao seu povo, que não admitisse Rey estranho: *Constitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que não estavaõ obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, senãõ quando assistia entre elles. Sandoval na Historia dos Reys de Castella diz de Affonso VI. que elle não cazaria suas filhas com estrangeiros, se soubera, que não havia de ter filhos: e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso, por ser filho de estrangeiro: e não levava em paciencia, que faltasse em Castella a succesaõ Real. O nosso Rey D. Affonso Henriques assentou, com os Estados, e póvos, que na Coroa de Portugal não succedesse estrangeiro, nem se admitisse a ella filho de filha, que cazasse fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonso V. não quizeraõ os tres Estados, que fosse sua tutora a Rainha Dona Leonor sua

mãe, por ser Aragoneza: e elRey D. João III. teve feita ley para estes Reynos, em que não só excluía os estrangeiros, mas também as femeas filhas dos Reys destes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey estrangeiro, ou outro cazado no Reyno, succeder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a estorvou pelo amor que tinha a Castella, estando para se promulgar. A este ponto tiraõ as leys deste Reyno, que prohibem terem officios publicos estrangeiros; e porisso ElRey Filippe jurou que os não daria senão a Portuguezes: e podiaõ os Reys Portuguezes fazer estas leys neste Reyno, não só por serem confórmes á ley natural, e divina, em semelhante caso, senão também, porque as punhaõ em couza propria, que podiaõ dispôr com as condiçoens, que quizessem; porque ganharaõ á força do seu braço, e custa de seu sangue Portugal aos Mouros, que injustamente o possuíaõ, e assim como em bens proprios lhe puzeraõ as condiçoens, que se lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley, que prohibia estranhos, podia ser admittido ElRey Filippe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no Reyno com dispensação, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ser dispensado; porque além de ser natural deste Reyno, era filho de Infante varaõ, e só necessitava de dispensação na illigitimidade, que já em ElRey D. João o I. se tinha dado; e a razão de ter por sua mãe sangue Hebreu, não estava prohibida, nem isso nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina só devia entrar na successão desta Coroa, por não ter necessidade de dispensações por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da representação ha lugar na successão destes Reynos, assim como por Direito commum está concedido nas heranças, que se differem *ab intestado*: e prova-se; porque está geralmente induzido por Direito em todas as successoens hereditarias, porque o filho he huma mesma couza com seu pay: e estes Reynos são herança do ultimo Rey possuidor:

logo bem se segue, que ha nelles lugar á representaçãõ, assim como nas heranças, que se differem *ab intestado*. Confirma-se; porque tambem se admitte representaçãõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure sanguinis*; logo tambem nos Reynos, posto que fossem *jure sanguinis*; porque foraõ instituidos pelos póvos, em quem se não póde considerar, que tivessem mais amor ao filho, ou irmão do Rey por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde *Molina lib. 3. cap. 7 q. 1. n. 28.* tendo, que a successãõ por Reynos se differe *jure sanguinis*, admitte o beneficio da representaçãõ. E a ley dispoem em Espanha, que o neto será preferido ao filho segundo do Rey; e ha exemplos disto em Inglaterra, França, Ungria, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por seu successor a D. Pedro seu neto, filho do Principe D. Affonso, sendo vivo o Infante D. Pedro seu filho segundo; e neste Reyno D. João o I. ordenou em seu testamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte seu primogenito precedessem ao Infante D. Pedro seu filho segundo; e ElRey D. Affonso V. ordenou o mesmo por sua carta patente, escrita aos Estados, accrescentando, que o filho, ou filha do Principe D. João seu primogenito, sendo legitimos, herdassem o Reyno, e não filho segundo seu. Posto isto, bem se infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deste Reyno, por representar a seu pay, que se vivêra, havia de ser Rey diante da Senhora Dona Isabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V. Dado, que em Portugal não houvesse ley, nem Ordenaçãõ expressa, que admitta representaçãõ na successãõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caso, que não estiver nas Ordenaçõens d'elle decidido, seja julgado pelas leys Imperiais; e se nestas não estiver, pelas Glosas de Acursio; e se nestas não, por Bartholo, ou pela cõmun opiniaõ dos Doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que não está na Ordenaçãõ deste Reyno, colhe-se do Direito Civil, e está determinado por Acursio, Bartholo, e os Doutores, e admittido, e praticado

em Portugal e muitos outros Reynos, como mostrámos. VI. Porque as femeas pôdem ser admittidas á successão dos Reynos de Portugal; e se prova, de que a successão destes Reynos se differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo possuidor: e consta confôrme a Direito, que as femeas por testamento, e *ab intestado*, são admittidas ás heranças hereditarias, assim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que se hoje guarda: e pois neste Reyno não ha ley, que as prohiba, claro está, que pôdem ser admittidas, assim como o são em todos os Reynos, e Estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom. 1. q. 10. á n. 4.* e assim está declarado em Portugal, e se colhe da doação feita ao Conde D. Henrique, e sua mulher Dona Theresa, que dizia: *Para elle, e seus successores.* E confôrme a Direito esta palavra (*successores*) admite tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admite a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno: e no Reyno do Algarve se prova particularmente da doação de ElRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bolonha seu genro, para seus filhos, e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonso V. escreveo aos Estados do Reyno, pela qual, quando entrou em Castella, determinou o modo, que se havia de guardar na successão destes Reynos, dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deus não mande, que o Principe, meu sobre todos muito amado, e prezado filho, faleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e não outro algum meu filho, ou filha.* De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal são habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina não a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue; em Castella querem muitos que preva-

leça o direito do sangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Castelhanos pegaraõ do direito do sangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por esta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que possuía Filippe, Navarra, Leaõ, e Castella com direito só hereditario, e não ficava consoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que possuía os outros. Donde se deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que possuíaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do sangue he aquelle, que vem por instituição antiga, que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em sangue ao instituidor, como se vê nos Mórgados. Direito hereditario he aquelle, que sem attentar para as tais instituições, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do sangue succede ao primeiro instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor; e se bem attentarmos em ambos estes direitos, estava a Senhora Dona Catharina diante delRey Filippe: no do sangue, por vir por linha masculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a instituição do nosso Reyno era, que se desse ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e não a estrangeiro, como era Filippe. E prova-se da causa; porque elegeo Portugal o seu primeiro Rey natural, que foi, por se eximir do governo de Leaõ. E que este discurso, e opiniaõ esteja conforme a Direito, e razãõ, confirma Castella com semelhante caso, que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de sua Coroa, que lhe vinha por sua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiaõ em Castella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro Rey

de Portugal D. Affonso Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluída a femea a favor do varaõ, não tem isto lugar, quando ella he cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e só podia haver duvida entre o Duque D. João, e a Senhora Dona Catharina sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e sem agnados, e precedello ella em ser mais chegada ao ultimo possuidor, e elle a ella, em ser varaõ: mas toda a duvida se solta no filho, que de ambos nasceo, o Senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se comunicaraõ a seu neto ElRey D. João IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha directamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito, a quem a faz: e esta se prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traydores, com privação de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defensão de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta, ou tyrannica esta violencia, mostrou-o o Ceo negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se, que estava o mar excômungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy assim, que mandando o Arcebispo absolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldição, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar não só os corpos, senaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Ecclesiasticos deste Reyno, que revogassem logo todas as licenças a todos, quantos houvesse approvados para confessar, e prégar; e que as não concedessem de novo, senaõ aos

que fossem conhecidos por de humor Castelhana; e que puzessem censuras reservadas, de que com nenhuma Bulla se pudessem absolver, os que de palavra, ou por escrito significassem opinião contraria á de Philippe. E disto tenho na minha mão hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de se imprimir pelas muitas couzas desproporcionadas, que contém, e por ser da mão, e lettra delRey Philippe o Prudente, que nestes pontos mostrou, que o não era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogassem os poderes das Bullas, e as licenças, que só os Summos Pontifices pôdem tirar: mas como a pertença principal era nulla, não ha que espantar, de que os meyoys para ella fossem tudo nullidades.

XI. E porque de hum absurdo se seguem muitos, como diz o Filosofo; deste da força, e violencia, se seguirão tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavaõ para lhe tirar o direito, dado, e não concedido, que algum tivesse, e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que fosse fraco. Vinte e quatro Capitulos cheos de promessas, que Philippe jurou a este Reyno, quasi todos se quebraraõ, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deos não permittisse, nem se esperava, que o Serenissimo Rey D. Philippe, ou seus Successores, não guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxação do juramento, os tres Estados destes Reynos não seriaõ obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a sugeição, e vassallagem, e que lhe não obedecessem, sem porisso incorrerem em perjurio, crime de *lesæ Majestatis*, nem outro máo caso algum. XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum, que logo mostraremos em particular; e dado, e não concedido, que a Real Casa de Bragança não tivesse a este Reyno o direito, que temos mostrado, estava o Serenissimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deste Reyno, por ser natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica pôde tratar qualquer do povo, procurando seu augmento, e segurança: he ley certa deste Reyno, por ser opinião de

Bartholo, que não tem nisto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno está affogado, e opprimido com injustiças, tyrannias, e insolencias do Rey, que o possue, e de seus Ministros; que o Rey mais visinho he o seu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razão os Senhores Duques de Bragança Condestaveis deste Reyno, descendentes dos nossos Reys, podiaõ tomar á sua conta a liberdade da Patria, de seus parentes, e criados. Esta doutrina admittem até os Castelhanos, e he de todos.

XIII. Está hoje ElRey D. João o IV. em posse de boa fé; porque dado, que houvesse duvida no direito, ou violencia interposta de huma das partes, a resolução pertencia ao povo, que póde eleger por Acclamação, como elegio o neto da Senhora Dona Catharina, usando de um quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; assim Portugal decidio a sentença, que o Cardeal Rey não deo, e que o Castelhana nullamente fulminou. XIV. Sobre este fundamento da Acclamação voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes não menos forçozo, para renderem obediencia aos Descendentes da Senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella; e foy o das injustiças, com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda a Europa; em Castella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluído do governo por sua froxidão, e teve a seu irmão o Conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraraõ os Hollandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Secilia; e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para governar, como natural sem tyrannias.

REPOSTA DELREY FILIPPE

Contra as razoes

DA SENHORA DONA CATHARINA

Com seu desengano.

I. **R** Eposta contra a primeira razão. *Terrible caso [diz Filippe] que quiten los Portuguezes um Rey Catholico, y tan buen Christiano como ellos, de su silla, y que se jacten, lo hazen con rason, colgandola de una linea, y que arrastrem con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado con mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella! Mas esta resposta se desfaz, como nevoa á vista do Sol, com a ley, e razão da representaçã, que já discutimos. II. Contra a segunda. Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeiros nõ le heredassen: mas niego, que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Castilla Doña Beatrìs, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Señora suya; y confirmase con el Rey D. Manuel, quando heredò los Reynos, y Estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosos para defenderse, lo recibieron amorosamente, nõ obstante ser extranjero; y quando despues los heredò el Archiduque de Austria, aunque era Aleman, hizieron los mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla. Mas estas respostas, e instancias tem facil resoluçã; porque a certeza da ley consta muito bem a Castella, que a sumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós bastanos a tradiçã por certeza, que se prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites porisso a jurou Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez Castelhana: e se*

Castella admittia estrangeiros, era, porque não tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambem, porque os fazia naturais com a assistencia continua; e com esta faltou a Portugal, não pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravandolhe o jugo como estranho, e porisso com muita razão o sacudiu.

III. *Que nò tenia necesidad de dispensacion en esta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portuguesa, y se hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en sus Provisiones, y despachos, conservando las costumbres, y leys de los Portuguezes; con Palacio Real en su Reyno, y Tribunales, prometiendo asistir em él el tiempo necessario para ser tenido, y avido por natural, y nò por extraño.* Mas isto se bem o disse, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios Castelhanos em todas as forças do Reyno, e Ministros Castelhanos nos Tribunais, armando a que todos fossemos Castelhanos; porque só assim tratava de ser natural nosso: e para um homem ser natural requer a ley deste Reyno, que seja nascido nelle, e que seu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Filippe. IV. *Al punto de la representacion negamos ficciones, y chimeras de Legistas, y tomámos posesion por la realidad.* Mas já fica desenganado na resposta, que démos á razão quinta do seu Manifesto; além dos exemplos, que na quarta razão da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostraõ, quam praticada foy sempre a representação em todos os Reynos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Señores Soberanos, nò son sujetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren em daño de la Corona; que es la primera cosa, que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quais não ha ley, mais que a de sua vontade, conforme aquelle texto, que só elles guardaõ: *Sic volo, sic Jubeo; sic pro ratione voluntas.* Mas devera advertir, que na

opposiçaõ presente não fazia figura de Rey, ainda que o era, senão de filho da Senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pertendia este Reyno, e não como filho do Emperador; por onde, ainda que era Rey, não lhe pertencia esta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones, que se oponen en igual grado, y se prueba en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. João Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que segundo costume, e ley de Espanha, dos filhos a fóra não pôdem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que não vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sôa, tambem a filha do ultimo possuidor não poderia herdar o Reyno, contra o que temos provado, e Filippe admitte. Donde só se entende dos parentes collaterais, que não descem do Sangue Real dos nossos Reys, como não descia D. João Henriques Rey de Castella, e porisso não devia succeder a ElRey D. Fernando, posto que fosse seu primo com irmão; porque este parentesco era por parte das mãys, que não desciaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hum direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razão do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nõ podia heredar Castilla, por que tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nõ avia impedimiento de ley, que se lo estorvasse.* Mas a isto já dissemos, que temos leys, que não passe este Reyno a

estranhos, e atraz na segunda razão do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França; e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias; yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado es, de quien lo heredó, compró, y conquistó: de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nõ de la Señora Catalina, que nõ lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo.* Diz bem que o herdou por dito de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas não rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da resposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo Jurisconsulto referindose-lhe huma visã, que tivera huma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deos a alma de Filippe passando do Purgatorio para o Ceo, respondeo perguntando: Restituio elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho não restituir, não creyo, que está no Ceo. E este he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquista que allega. Herdou, o que lhe não pertencia; comprou, a quem não era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças, por onde jacta, que se fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça se dize, que vim vi repellere licet. Que una fuerça grande nõ se deshace sinò con otra mayor.* E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca não a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razão, que Filippe não quiz admittir, nem ouvir; e porisso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramento de guardar capitulos y perder el Reyno, si nõ los guardasse, responde, que nunca lo*

hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las Cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen gobierno de las cosas, que nõ pueden siempre mirar a un solo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor gobierno, y mayor provecho de sus Estados. E falla verdade em dizer, que não está authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o não deixou imprimir na Carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he que não he mayor o poder nos Reys, para condemnarem por traydores os vassallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que nos mesmos póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluïrem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos póvos a eleição, e creação de seus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de administrar em sua conservação, e utilidade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pôdem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Philippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Ridicula he a resposta, que Castella dá á XII. razaõ da Senhora Dona Catharina; porque consta de opprobios: *Llamandonos rebellados, prejueros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar y puncto &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promete: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho:* quanto mais, que onde as daõ: e não ha pé, que não ache forma de seu capato.

XIII. *Niega Phelipo estar el pueblo en posesion de elegir Reyes; porque nõ tenian mejor privilegio de elegir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Hespanha,*

los quales son de sucesion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia Real; y en esta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Castilla, y de conquista de los Reyes de Portugal: como el pueblo nò diò el Reyno nò puede aver caso, em que sea posible elegir. Bem está: assim he. Mas nas duvidas não ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando não ha, quem as resolva limpamente, e se sente offendido: porque se haõ no tal caso os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituiçaõ, antes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem: e bem se prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Philippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até seus Chronistas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. João o IV. foi sublimado ao Throno, para desengano do mundo todo, que sabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; porque assim se instituiraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente responde Philippe: *Que nò se pueden presumir tiranias de un Rey Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necessita, para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys se ha de presumir bem: mas quando as couzas são evidentes, não ha escusa, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve sugeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de vista será, e bem cego de paixaõ, quem com a luz destas verdades não vir, que

Portugal não tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

.....

CAPITULO XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella
são as mais farpantes por injustiça.*

DO que temos dito fica assás claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque póde haver, quem não alcance tantas razoes; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas, que não vêm luz, poremos aqui huma demonstração tão clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que estejaõ dormindo. Cesteiro, que faz hum cesto fará cento, diz o proverbio. E se isto he verdade, como o he; mais o será, se dissermos: Cesteiro, que faz hum cento de cestos, quero dizer de furtos he mais que certo; e não he necessario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que se intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Castella, e Leaõ, sobre que reclamaõ hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Secilia, que tem Senhor, que a não logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no seu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que se com estes se forem para seus donos, ficará Filippe como a gralha de Hisopete. Não nos he necessario discorrermos por Reynos alheos, dentro no nosso daremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastaõ, para provar, que as tem muito grandes; e que não repararia em levar este Reyno de hum golpe, sem ser seu; pois não reparou em o desbalijar

por partes, depois de o possuir com unhas tyrannicas. Das injustiças nasce a tyrannia, não para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a definem. A primeira se dá, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda, quando o Rey o governa contra as mesmas leys. A primeira manifesta fica nos dous Manifestos, e em suas repostas. A segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, hia aperfeiçoando suas Conquistas com novos modos de tratos, que se descobriaõ; hia-se ampliando, e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo, e com o tempo foy tornando para traz. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Pôz-nos mal Castella com todas as Naçoens; com que se diminuio o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os estrangeiros não podendo vir a nossos pórtos buscar nossas drogas, hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque não tinhamos forças, para lhe resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavamos a direcção do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórtte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se não dohia dellas. Deu licença a estrangeiros para hirem commerciar a nossas Conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Estados de Flandes obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaesquer pórtos nossos: e mandou, que as nossas bandeiras variassem de côr, para se differençarem das suas. Diminuiraõ-se as náos da India; despachavaõ-se taõ tarde, que arribavaõ; proviaõ-se taõ mal, que pereciaõ, e as que vinhaõ, governavaõ-se de modo que davaõ á costa: até as armadas não logravaõ effeitos, por má direcção; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a nossas Conquistas,

feitas, as tomavaõ para as de Castella, e lá pereciaõ. A gente, que cá se alistava, mandavaõ, que cá se buscasse o dinheiro para a pagarem; e o mesmo para as armadas, com que os hiamos servir. As nossas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como se vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz &c. Tomaraõ-nos mais de sete mil pessas de artilharia: e humas vezes se viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas pessas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas, de que resultou ficarem nossos mares saqueados, e não escapar embarcação nossa; até os pescadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negôcio davaõ para fabrica de armadas, que os defendessem, incorporaraõ em si; e comiaõ-nos os ordenados das galés sem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Castella. Dizem que nos acodiaõ com suas armadas, como se vio na restauração da Bahia. Respondemos que o fizeraõ para assegurarem as suas Indias, e que se pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foy á nossa custa, como se vio na nossa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa Coroa feitos á de Castella, pagavaõ-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa Coroa nunca tinhaõ premio. Com isto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as empresas de Castella, ficavaõ as nossas desamparadas, e se perdiaõ. Mandavaõ obedecer nossas armadas ás suas Capitanias, e Almeirantas contra nossos fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por não perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe não poria tributo, senaõ admittido em Cortes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalía sem Cortes o real dágua, accrescentou a quarta parte das cizas, no sal novos, e intoleraveis tributos em Castelhana, e sobre as caixas de açúcar. Incorporou-se na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos, que os póvos

concederaõ para fortificar muros, e Castellos. Faziaõ estanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Reyno a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos taõ desaforado, que se atreviaõ os Ministros a lançalos sem ordens Reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir registrar ás torres, para pagarem novas imposiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neste Reyno a moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhana, o papel sellado, e nos conselhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar senaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Castella o procedido delle; naõ se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgasse por tyrannico, além de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que se pagavaõ até de titulos vaõs, e fantasticos, e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno couza nunca vista entre Portuguezes, venderam-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davaõ de graça, sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas saõ, as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a Republica mal servida, e perturbada: o sobir sem meritos, e o naõ cahir por erros igualmente se vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davam por elles, nem os que pertendiaõ por interposta pessoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a tais provimentos, e se alguem dava mais pelo officio ja comprado, lho largavaõ sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziaõ com que apon-tasse, e pedisse outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos; e dos que possuiaõ bens da Coroa a quarta parte: negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidade, e Prelados, que déssem soldados vestidos,

armados, e pagos á sua custa, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar assim exaustão, desarmado, e sugeito ao que quizessem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinouse Evora, resistiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que cessaraõ outros muitos tributos, de que estavaõ já provisoens pelas Comarcas. Cresciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destruía-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desapareceo, sem os póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo, tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remedarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenceavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portuguezes; comettiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e se alguém resistia a isto, era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commettido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, se sahiaõ culpados, e os Castelhanos eraõ remettidos a seus Juizes, que sempre os absolviam livres de culpa, e pena. Inventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde se matriculavaõ com quantos delles descendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, se não extinguisse o nome Castelhana, antes se augmentasse entre nós, e fosse mais estimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Castelhanos nas nossas Alfandegas, não os havendo Portuguezes nas de Castella em nosso favor, sendo hum Mi-

nistro Castelhana tido por menos limpo de mãos, que cem Portuguezes: e applicava-se a hum só delles mais ordenado, que a todos os Ministros nossos do Tribunal, em que se punhaõ, e se lhes pagava desta Coroa. Faltaraõ-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos Pórtos secos; e com outras mil de huns, e outros, que não conto. Leváraõ para Castella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o prometido, e jurado. Faltou-se á Real Casa de Bragança com algumas preeminencias, e cortezas devidas á sua grandeza, e concedidas por Reys passados. Entregaraõ o menêo deste Reyno, e seu total governo a dous Ministros, cunhado, e genro que correspondendo-se hum em Madrid, e outro em Lisboa, com intelligencias diabolicas, nos tyrânizavaõ. Puzeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que não era parenta do Rey no gráo, que se requeria para tal governo: puzeram-lhe Colatterais, e Conselheiros Castelhanos, que se não doessem de nós dependentes, para que sugeitassem seus votos. Fizeraõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se pudesse attribuir aos tais votos tudo, o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeraõ os dous sobreditos, cunhado e genro, como o válido, senhores absolutos. Disse o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a solas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O válido, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo: *Dexe V. Magestad esto a mi cuenta, que yo se le dará buena dellos.* Manifestou isto um Grande, de quem entãõ se não acautelaraõ pela desestimação da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espirital, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os Colleitores, se davamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixavamos estar excõmun-

gados, e com interditos, sem remediar nada, para que não só os corpos, senão também nossas almas padecessem. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com esperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar os Bispos com cartas, que ao que mais dêsse, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Não se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comsigo algum lucro: e daqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que as comprava. Os depositos das Ordens militares, que resultavam das comendas vagas consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos. Promettiaõ-se as comendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Missas das Almas se tomavaõ a titulo de emprestimo; e a restituição eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accusava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio sem suffragios penando. E porque o colleitor Castra Cani resistio a isto, como Ministro fiel da Igreja, foi prezo, arrastado, e desterrado com grande affronta de todo o Estado Ecclesiastico, e escandalo da gente Catholica. Da residencia dos Prelados nenhum caso se fazia, gastando-os em ministerios temporais com grande damno espiritual de suas ovelhas. A Bulla da Cruzada se applicava a outros usos fóra da defesaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ subsidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, sendo assim, que reclamaraõ sempre. Multiplicavaõ as provisoens das Mitras, com que hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças, e roubos, que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que não faria? Quem teve unhas tão farpantes para destruir um Reyno, que appellidava seu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse, que era alheio. E em conclusão: Castella se tem

havido em tudo com Portugal tão desarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba disse um Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes dêsse ouro: cathequizava-o hum Religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o bautismo, para hir ao Ceo: perguntou, se hiaõ lá Castelhanos? E respondeo-lhe o Religioso, que sim: disse, que não queria receber o bautismo, nem hir ao Ceo, por não ver lá tão má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas Autor Castelhana, e da Ordem dos Prégadores, refere este exemplo com outros muitos das crueldades, que usaraõ em Indias: e nós dizemos, não tanto como este Regulo, mas pelo menos, que não queremos neste mundo trato, nem commercio com tal gente; e assim me despidio della, e de suas unhas, para continuar na emenda dos que nos tocaõ.

.....

CAPITULO XVIII.

*Dos ladroens, que furtaõ com as unhas
pacificas.*

N As Republicas, que lograõ muitos annos paz, não ha duvida, que com a ociosidade se fomentaõ, e criaõ vicios; porque saõ como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo saõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comsigo, que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem não haver no tempo da guerra tantos ladroens formigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinação a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde não temem castigo, e deixaõ a sua Republica illesa. Mas como não ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas,

que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que não estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espingardas no rosto, desparando pistolas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos são, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldêa Galega pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que podessem: e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz: e tais eraõ, os que em tempo de Castella pediaõ donativos pelas portas a titulo de soccorros, e empréstimos, sem nos porem os punhais nos peitos: mas quem não dava até a camiza, quando outra couza não tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, he pedir soccorro nas estradas publicas com carapuça de rebuçõ; e armas á destra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, isso lhes restituia, com nunca Deos queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em uma feira de maõ cõmum outras tantas pessas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se hum com esta, por ser o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum sua: acharaõ-se defraudados nas seis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que não guardava igualdade, nem justiça, com taõ fieis companheiros. Respondeo que tinhaõ razaõ, e que não era elle homem, que se levantasse ás mayores com o alheo; e partindo as seis varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos a cada qual com o que he seu *pro rata*. Taõ pacificas como isto tinha este la-

draõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemos-os comparar com as rameiras, que cheirando a almiscar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, estafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey, se pertencem a este capitulo as piratagens, que se usaõ por esses Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juro, tenças, e mercês, que sobre as rendas Reaes se carregaõ. Vaõ os acrédores pedir os quarteis a seu tempo, e a reposta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com este cábe poem de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despachaõ passando-lhes vós provimento, ou escrito, de como recebeste tudo; e assim o carregaõ na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas Reaes sempre mais que os outros, e porisso sempre as levava: mas punha no contrato huma clausula, de que naõ se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar del-Rey, que viessem ter com elle, e que á vista lhas pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em casa os acrédores; que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que lhes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidados de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por esta arte taõ quieta, e pacifica, sem se abalar de sua casa, veyo a medrar mais, que os que

levaõ grossos cabedais ao Brasil, e navegaõ com grandes riscos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Espanha por muitos annos, livrando todos os seus Estados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ do Rey todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa: tinha em todas as Cortes da sua maõ hum Conselheiro, que lhe correspondia com os avisos de tudo, o que se tratava; e a cada um dava porisso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ estes kannos muito occultos; e tanto que tinha asso-pro, que se maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro proposito taõ bem armadas, que desarmavaõ tudo, apagando temõres, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza, e ardil de hum bom Ministro, sagaz, e prudente! E assim dizia este ao seu Principe: Senhor as couzas levadas por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, são, e illeso: e com hum milhaõ, que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem taõ grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhoens, e das inquietaçoens que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso Leitor: aonde estaõ aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem! mas responderey melhor: que estaõ nos Senhores Conselheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o segredo dos seus Principes, que he huma joya, que não tem preço; porque depende delle o augmento dos seus Estados, que muitas vezes se apoya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhes dar escuza nas consequencias da paz, que sem-

pre he mais proveitosa para os póvos; cujo bem, e conservação deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo, se não trouxer comsigo mayor perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si, que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz, com que nos conservava sua potencia dentro do Reyno. He verdade, que não entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietassem o somno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima surda nos hia gastando, e consumindo sem darmos fé do damno, senaõ quando já quasi que não tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e esta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o cõmercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e porisso he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que se grangea.

.....

CAPITULO XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem.

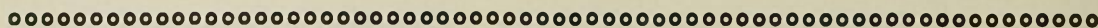
O Officio do Principe he procurar, que seus vassallos vivaõ em paz: e porisso quando o juraõ, leva na mão direita o Cetro, com que hade governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na mão esquerda, que he a do escudo, para denotar, que as Republicas tem mais necessidade de se defenderem, para conservarem a paz, que de offenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a

paz; e tratem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tello-haõ, se lhe pedirem, que lhes dê juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganar. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouvesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a não puder concluir, faça pelo menos treguas; porque por meyo das treguas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, he gente de sua palavra: e quem está vitorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condiçoens da paz são de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condição que lhes entregassem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malicia, e a ambição com pretexto de paz se valem de enganar, e cautelas, peores que a guerra: e porisso o Principe prudente no tempo da paz não deve deixar os ensayos da guerra, e exercicios militares; nem que os seus vassallos se dêem ao ocio, e regalos; porque, como diz Tito Livio, não fazem tanto damno á Republica os inimigos, quanto fazem os regalos, e deleites. Na mayor paz ter as armas, e armadas prestes enfrêa os inimigos. Paz desarmada he mais arriscada, que a mesma guerra. Não estaõ ociosos os galeoens no estaleiro, nem as armas com bolor nos armazens; dalli sem se moverem, estaõ reprimindo os impetos do inimigo, que se acanha só com cheirar, que ha de achar resistencia. O Emperador Justiniano tem, que

os Principes haõ de estar ornados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os póvos, que tem a seu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o desprezo das leys, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia, não matou, nem cativou, os que lhes resistiraõ: mas só mandou para se vingar delles, que não exercitassem mais as armas, e que se occupassem em tanger, cantar, e dançar, e em serem jograis, e taverneiros: e com isto conseguiu, que a gente daquella Cidade taõ insigne no mundo fosse vil, e fraca. Tal foy a paz, que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral, que deu a todos os que lhe resistiraõ: e houve Estadistas taõ sabios, que tiveraõ isto por felicidade.

Da maneira que os corpos, e substancias terrestres nascem, crescem, e morrem; e quando não tem de fóra, quem os gaste, dentro em si criaõ, quem os consome: assim as Republicas quando não tem inimigos de fóra, dentro em si criaõ, quem as destroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro nasce a ferrugem que o gasta, se o não usaõ, e no pão o gorgulho, que o come, se o não movem, e até o mar se corrompe em si mesmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; assim nas Republicas nascem bandos, e dissençoens, que as inquietaaõ, e consomem, se com a paz deixaõ entrar nellas a ociosidade. O Principe dos Filosofos no cap. 7. lib. 5. da sua Politica adverte tres cousas partos da ociosidade, que assolaõ as Republicas. Primeira: admittirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda: excluïrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira: levantar-se hum valído com o menêo de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se izentaõ, com ambiçaõ roubam, e com soberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-se odiosos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoes, que não socega, até que não arrebenta com trovoens e rayos, assolaçoens, e ruinas. Plataõ diz que a Republica ociosa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e

sacrilegos, mestres de maldades. Convêm que assim como as abelhas não consentem zangaões na sua Republica: assim os que governaõ a nossa, não devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietaçoens. Aristoteles, que sempre contradiz o seu Mestre Plataõ, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estão prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformação dos costumes, relaxam a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os não vigiar para os trazer a todos em regra com temor, e amor, darlhe-aõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tolerados assolaõ as Republicas como fogo: não são os dois Reys, os que fazem o mayor damno, senaõ o descuido, com que toleraõ as demazias dos póvos, que Deos castiga com Pharaões, Caligulas, e Neroens, que lhe servem de algozes: e quando o Principe he bom, permite, que tenha Ministros tais, como estes Emperadores, e que os não possa atalhar, porque o enganaõ com a hypocresia mascarada com cõr de virtude, e zelo. Livrar-se-ha destes enganõs, farse-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey [disse hum Sabio] que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que não consinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e será tido por justo. Segunda, que não dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado: e farse-ha temido. Terceira, que não deixe passar nenhum serviço sem premio: e será bem servido. Quarta, que ninguem de sua presença se aparte desconsolado: e será de todos muito amado. E um Rey justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu Imperio inexpugnavel, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge logrará prospero seu Cetro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.



CAPITULO XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.

Santo Agostinho lib. I. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que assim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, sangrias, e fogo; assim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que são as dietas; com pestes, que são as evacuaçoens, e com guerras, que são as sangrias, e o fogo. E vem a ser os tres açoutes, que Deos mostrou a David, com os quaes costuma castigar os homens: e por mayor se póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, sagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os pescadores; assim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que se empolgar suas unhas, que chamamos Militares. Na restauraçã da Bahia entregou o Monarca dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgostos entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fadrique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meio milhaõ apertou com elle, que o pagasse ou dêsse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe dêsse a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E pudera dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a sorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pêz e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

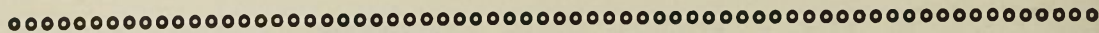
Seraõ estas por ventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quais se se mancomunaõ, ou

descuidão huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixão em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se não são estas, póde ser que ajudem; porque escrevendo despezas, onde não houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, não se enxergão no fim das contas, que capêão sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta tão defraudada no cabedal, e porisso nos soldados, vale-se tambem das unhas, que mais propriamente são Militares para que não falte aos soldados o necessario, e tambem o superfluo; e daqui vem, que o mesmo he ser soldado, que não vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, não lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheo sem titulo, que cohoneste a pilhagem; e não póde haver este, onde se não falta com o necessario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a sustentação dos soldados, que he bastante, e de sobejo; e porisso os soldados são obrigados a defender os póvos que não padeção injurias, damnos, nem perdas. E sobre esta obrigação, sahirem da mesma milicia unhas, que destruaão os póvos, he grande injustiça, a qual vem a cahir, sobre os que occasionaão nos soldados com defeito das pagas tais necessidades, que os obrigaão a buscar remedio para não perecerem; e o que se lhes offerece logo mais á mão, he meter a mão até o cotovello pelo alheo, quando se lhes falta com o proprio. Metaão todos os Ministros, Cabos, e Officiaes as mãos em suas consciencias, e acharaão, que tanta pena como o ladraão merece, quem lhe dá occasiaão semelhante para o ser. E se achar que fallo escuro, não mo tache; porque o tempo anda carregado; acenda huma candêa no entendimento, e verá logo, que he obrigado a restituir, não só o que embolçou, mas tambem o que o soldado furtou, por elle lhe não pagar.

Naõ são os pagadores, nem os soldados sós, os que jogaão unhas militares; tambem os senhores Capitaens, e Cabos mayores tem suas unhas, tanto mayores, quanto o

saõ os cargos. Offerece-se hum destes a sua Magestade, que lhe dê huma gineta, e que elle levantará a Bandeira de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no Concelho, porque fôrra de gastos a fazenda Real: sobe a consulta; desce a provisaõ: parte o supplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos solteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderosos: chovem intercessoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por esse titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, saõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta assim quatro, ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ se puderaõ livrar da violencia por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia ao menos com que vay luzindo na marcha, e poem em pés de verdade, que tudo he a sua custa: e deste serviço, e outros semelhantes faz outra unha, com que alcança uma comenda. E como estas pilhagens tem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meyo della dá caça a officios, e beneficios, com que enche, e ennobrece toda a sua geraçaõ: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros achaõ a forza, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de maiores accrescentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna prosperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem sua vexaçã, morriaõ no Castello com ruim nomeada; e os que traziaõ milhoens furtados, de tudo se escoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Emfim o que reza este paragrapho já naõ corre. Seria immenso, se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares, assim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he seu, ajudando-se para isso da jurisdiçaõ das armas. Acabo este capitulo com huma habilidade dos Assentistas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio.

He certo em todas as economias humanas, [e tambem nas divinas] que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e porisso ninguem repara nos grandissimos lucros, que os Assentistas colhem da obrigação que tomaõ de prover as fronteiras; porque se suppoem que empregão nisso ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro está que deve corresponder hum grandioso lucro; e tal lho deixaõ recolher, sem se advertir, que he maior o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, bastaõ, e sobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he assim, que Sua Magestade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no mesmo anno; de sorte, que quando os acabaõ de gastar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma cousa; e para darem principio às primeiras pagas da milicia, bastaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando não cheguem ao fiado, e ao puxado, remedeiaõ o primeiro quartel; e quando vem o segundo, já tem cobrado das consignaçoens delRey, o que basta para navegar por diante, e supprir atrasados; e assim fazem os gastos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a sua, e que são porisso merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora lá os Estadistas, se he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, se a que nos fazem estes amigos com o dinheiro.



CAPITULO XXI.

*Mostra-se, até onde chegaõ unhas militares,
e como se deve fazer a guerra.*

HE a guerra um de tres açoutes, com que Deos castiga peccados neste mundo, já o disse: e porisso traz comsigo grandes trabalhos, assim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre si as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que se toma é furto, e na guerra muito menos, declararey tudo, o que permittem as leis da guerra, e logo ficará claro, até onde podem chegar as unhas militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que nasceo com a espada na mão; armas lhe deraõ o primeiro berço, com as armas cresceo, dellas vive, e vestido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he que saiba tudo, o que permittem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra que ordinariamente tiraõ a conservar o proprio, e destruir o alheio, para que com a potencia não destrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre os Christaõs; e he heresia dizer que he intrinsecamente máo, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que se sigaõ della muitos males, são menores, que o mal, que com ella se pertende evitar. A guerra, ou he aggressiva, ou defensiva. A defensiva não só he licita, mas he obrigação fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet*. E he obrigação fazella, quem tem a seu cargo defender a Republica. A aggressiva não he máo fazer-se, antes póde ser bom, e necessario; não he máo, porque temos muitas na Sagrada Escripura mandadas fazer por Deos; e he necessario fazer-se, porque a ra-

zão a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, são necessarias tres circumstancias. Primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderação devida. Só o Rey, o Principe, que não tem Superior, e seus Ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, podem fazer guerra; porque lhes pertence a defensão.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem poder supremo no temporal; porque militão nelles as mesmas razoes, e não ha direito, que lho prohiba: e como podem pôr Juizes nos Tribunais, que sentenciem causas criminaes, podem pôr exercitos em campo, que conservem illesa a sua Republica; porque não intentão com isso directamente homicidios, senão actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, se podem os Ecclesiasticos tomar armas, e pelejar? Na guerra defensiva não ha duvida, que podem; porque o direito Natural permite, e o Positivo não prohibe aos Ecclesiasticos defenderem suas vidas, e fazendas. A guerra aggressiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras, por ser indecente ao estado: mas dado, que quebrem este preceito, não serão obrigados a restituir o que pilharem se a guerra for justa; porque ainda que peccão contra religião não peccão contra justiça: e pela mesma razão não ficam irregulares se não matarem pessoalmente; como nem os que exhortão á peleja, ou aconselhaõ aos seculares, que vão á guerra. Se a guerra for injusta, todos ficam irregulares, até os seculares, e os que não cometerem homicidio, porque basta, que o corpo do exercito o cõmettesse. O Papa póde dar licença aos Ecclesiasticos para militarem, porque póde dispensar nos preceitos da Igreja: e em tal caso não incorrem irregularidade, porque dispensados no principal, ficam livres no accessorio.

O Papa ainda que não tem jurisdição temporal fóra do seu dominio, tem direito para avocar a si as causas da guerra dos Principes Christãos, e julgalas, e são obrigados a estar pela sua sentença, se não for injusta:

e daqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre Principes Christaõs, porque tem o Papa, que pôde determinar suas causas: mas muitas vezes não convêm interpor o Summo Pontifice sua authoridade, para que não se sigão outros inconvenientes mayores, qual seria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caso não são obrigados os Principes e esperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pôdem levar a couza por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o Principe, que não deu occasião ao Papa, para se abster no juizo de tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdição não he valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se não recompensou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra a justiça o Principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos; porque no tal caso já não tem titulo para levar a couza por força, pois está dada sentença.

A Gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas isto bem se vê, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheo sem causa, que o possuidor dêsse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira: se hum Principe toma a outro, o que não he seu. Segunda: se causou lesão grave na fama, ou na honra. Terceira: se nega o direito das gentes, como são passagens, e cômercios; porque o Principe tem obrigação de conservar os seus illesos nestas couzas. Da mesma maneira pôde soccorrer o Principe ao que se meteo debaixo de sua tutela, se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas, pecca contra justiça, fica obrigado a restituir os damnos: e tendo causa justa, se se seguirem da guerra mayores damnos á sua Republica, que lucros á sua vitoria, não pôde fazer em consciencia

a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da sua Republica: e não se segue daqui ser necessaria certeza da vitoria, porque esta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Christãos pôdem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás suas Republicas receber a ley de Christo; porque nesta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os Reynos, e Estados, que tem Ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e não aos vassallos: os Conselheiros são obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que se trata, for duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgaõ as demais causas civeis em todos os Tribunais; e se nenhuma das partes estiver de posse, partirse-ha a contenda, se for de couza partivel; e se o não for, lançar-se-haõ sortes, ou pagará a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razão natural, e o direito cõmun.

Os soldados, e vassallos não são obrigados a examinar as causas da guerra: e pôdem hir a ella, se lhes não constar, que he injusta; porque os subditos são obrigados a obedecer a seu Superior; e devem presuppor, que elle terá averiguado tudo em razão, e direito, como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios, que não são subditos, que se pôdem deixar hir, por onde vão os outros; além de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo, que se deve guardar na execução da guerra, depende de tres grãos de gente, que são: o Principe, os Capitaens, e os Soldados, em tres tempos distintos, que são: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da vitoria. E em tudo isto se devem considerar tres couzas: o que se póde fazer ao inimigo, o como

se deve haver o Principe com os Soldados, e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados, e estes apelejar por elle sem fugir, nem largar os seus póstos: e daqui se segue, que não pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe, e que seraõ obrigados a restituilas: mas depois da vitoria pódem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propor as causas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfação, que pertende: e se lha der, he obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos: e se não der, procede a guerra justamente, e com direyto á mayor satisfação pela nova injuria de não aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a vitoria, he licito, e justo fazer ao inimigo todos os damnos que se julgarem necesarios para a satisfação, ou para a vitoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que bastem, para vingança, e satisfação dos damnos que deraõ: e não se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas: mas deve ser permittindo-lho o Principe, que pode ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito; e cativa-llos, e tomar-lhes seu bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devemse-lhes restituir. Se os damnos feitos aos inimigos bastarem para a satisfação, não se pódem estender aos innocentes. Innocentes são os meninos, e as mulheres, e os que não pódem tomar armas, e todas as pessoas Religiosas, e Ecclesiasticas. Os peregrinos, e hospedes, não se contam por membros da Republica; mas

se os tais damnos não bastarem, bem se podem estender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque são partes da Republica. Entre Christãos já o uso tem, que os cativos não sejam escravos; mas podem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduzio em favor dos fieis, podem ser escravos, os que apostatarão para o paganismo, não para a heresia; porque de alguma maneira ainda retêm o nome Christão. Não só as pessoas Ecclesiasticas, mas tambem os bens das Igrejas são izentos da jurisdição da guerra pela reverencia, que se lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica espiritual distinta, e izenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens, e pessoas seculares, que se recolhem nas Igrejas, ficam livres pela immuniidade: mas se fizerem da Igreja fortaleza, para se defenderem, podem ser arrazados, despojados, e mortos; porque não usarão bem do favor.

Será justa a guerra, em que se guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate se perguntaõ quatro couzas: Primeira, se he licito usar de cilladas na guerra? Responde-se que he licito occultar os concelhos, e esconder as traças, mas não mentir. Segunda, se he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Não he licito, salvo faltando elle em algum concerto. Terceira, se se póde dar batalha em dia Santo? Sim, se for necessario, e a obrigação da Missa segue a mesma regra. Quarta, se póde o Principe Christão chamar infieis, ou dar-lhes soccorro para guerra justa? Bem póde ambas as couzas, se não houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem póde ajudar-se de feras, também poderá de animais racionais.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva; e muito menos contra o Principe, se não for tyranno: porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdição; e daqui se segue, que póde o Principe fazer guerra contra a sua Republica com as condiçoens requesitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca são licitos; assim porque são prohi-

bidos, como porque ninguem he senhor da vida alhea, nem da sua, para a pôr em tão evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para não ser tido por covarde, se não sahir ao desafio; porque isso são leys do vulgo imperito, que não devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar um valente tido por Christão entre prudentes, que por desalmado deferindo a ignorantes. Será licito o desafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos se poem em dous soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa e o poder legitimo: e sendo licito pelejar todo o exercito, tambem o será a parte d'elle; com tanto, que não seja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offensiva para matar foy Caim contra seu irmão Abel. Os Assirios foram os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens estranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Bacho, inventou as alas nos exercitos, e ensinou o uso dos estratagemas, e o vigiar com sentinelas. Sinon foy o primeiro, que usou fachos. Lycaon introduzio as treguas; Theseo os concertos; Minos deo principio ás batalhas navaes; e os Thessalos ao uso da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenses as espadas: e esgremir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campeáraõ Constantino Anclitzen Friburgense, e Bartholo Suarz Monacho, que descobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para destruição do genero humano. E todos quantos na guerra empregavaõ suas forças, e industrias, bem examinados, nenhuma outra couza pretenderaõ mais, que accrescentar-se a si á custa alhea: e vem a ser as unhas militares, a que dediquey este capitulo, para que se saiba até onde se pôdem extender, e aonde he bem, que se encolhaõ.

CAPITULO XXII.

Prosegue-se a mesma materia do capitulo antecedente.

E Sponja de dinheiro chamou um prudente á guerra, e isso he o menos, que ella sorve; vidas, fazendas; e honras são o seu pasto, em que como fogo se céva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pretende, e alcança, quando não a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e porisso he mal necessario o da guerra. Como se póde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direy agora, para que as unhas militares não desbaratem, e malogrem milhoens de ouro q̃ nella se empregaõ.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e porisso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz são mais prejudiciais a seu Estado, e reputaçãõ. Sendo necessario fazer-se, se considerar os damnos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e não se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim convêm, que resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo: e conhecellas-ha em sabendo, qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe são muito necessarias para a vitoria, e sem ellas não trate da batalha, porque será vencido: a primeira he dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro; com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobejo: e quem as tem melhores, assegura a vitoria. Com a terceira terá mantimentos; e

exercito bem provido, tarde e nunca é vencido. Veja logo que Capitaens tem, porque se não forem esforçados, prudentes, e venturosos, perderá tudo: e não basta isto; porque é necessario tambem que os soldados sejam alentados, escolhidos, e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha a Petreyo em Espanha, disse que pelejava com hum exercito sem Capitaão: e quando pelejou com Pompêo, disse que dava batalha a hum Capitaão sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e não introduzido a caso, e de tumulto! Faça rezenha das armas, que tem, e saiba as do inimigo, porque a vitoria segue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados, e vestidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he conselho de hum grande Capitaão Portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado, sempre certas para pelejar com esforço, e ser leal a seu Principe: primeira do soldo ordinario. Segunda da renumeração extraordinaria. Terceira da liberdade, quando lhe for necessaria. A primeira alenta; porque pela boca se aqueenta o forno: e não devemos querer, que sejam os soldados como os fornos da Arruda, que só huma vez na semana os aquentaõ, e isto lhes basta para cozerem o pão de domingo a domingo: tem-se isto por prodigio grande e por mayor se deve ter, que aturem os soldados mezes, e mezes, sem receberem hum real de soldo, para se vestirem, e manterem. A segunda os faz constantes; porque o desejo de montar, e crescer he natural; e com a certeza, de que haõ de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem pelos merecer, e não temem arriscar as vidas; porque o estimulo da honra he o melhor alicate que ha para avançar a grandes empresas; e tambem o do interesse. A terceira os faz leais; porque se se imaginaõ cativos, e que nunca poderãõ renunciar o trabalho da milicia, vestem-se da condição de escravos, e he o mesmo que de odio a seus Senhores, e ham-se como forçados da galé. E não só he conveniente esta razão, mas tambem he justo que os soldados sejam voluntarios, e que tenhaõ

caminho para se libertarem, quando lhes for necessario, porque não são escravos comprados: nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade, em que nasceraõ, e de que estão de posse: nem a obrigação de servirem á patria prepondéra, quando de serem livres resulta acodirem mais, e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes: isto he, que o Principe pague, como o soldado serve, e acodiraõ logo innumeraveis a servilo, sem ser necessario buscallos: porque nisto são como as pombas, que acodem todas ao pom-bal, onde acham bom provimento, e fogem da casa, onde as depennaõ.

Se examinarmos as causas, porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas, e tambem para o inimigo, acharemos, que pela mayor parte são duas desesperaçoes; huma da liberdade, e outra do provimento, e que para ambas as couzas tem justiça: para o provimento, porque quem serve, o merece; e para a liberdade, porque nenhuma Nação do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em se acabando a facção, mas que não seja mais que de tres mezes, logo os desobriga, e liberta, por mais soldo, e pagas, que tenham recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armadas, que em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e não ha mayor razão para não se praticar o mesmo estylo, com os que servem na campanha pondo-lhes seus limites. Castella não faz exemplo; porque se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios aquipolentes: e se os leva amarrados com cordas, e algemas, não são esses os que melhor pelejaõ; e de tais extorsoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que se lá trataõ os vas-sallos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se achará Doutor Theologo, que approve o uso de Castella, e que não diga que he injustiça, indigna até de Turcos, não dar liberdade aos soldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que se-

jaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o Principe amigos, e espias na terra do inimigo e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito necessario. Faça muito por sustentar a reputação, e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sugeitaraõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ser respeitado e obedecido; justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifestos, porque dá animo aos soldados, que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral ordinariamente são quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambição. A primeira, e a segunda são justas: a terceira he injusta: a quarta é tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foy por falta dos Capitaens, se dos Soldados, para emendar o erro: e se o não houve, nem no inimigo mayor poder, deve aplacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra si com as causas da guerra. E se com tudo foy por estar o inimigo mais poderoso, deve dissimular até se melhorar de forças: porque melhor he sofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que se perde tudo. Conservarse-ha em pé nestas demoras conservando o amor dos soldados, e a benevolencia dos póvos; esta ganha-se administrando justiça, e aquelle usando liberalidade.

Questaõ há, qual será melhor, se fazer a guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro della. Scipião dizia, que mais util era fazer-se a guerra fóra de Italia. As conjunções das empresas, e urgencias dos tempos ensinão, o que será mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Castella favorecia sempre ao que menos podia, para não deixar

crescer o contrario: nem entrava em ligas, de que não esperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que não quizerão aceitar por vassallos muitos povos, porque eram pobres, e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, terão menos em que empolgar unhas militares: isto é, que não haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comsigo.

oo

CAPITULO XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas.

EXcellencia he de todas as unhas o serem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menêa. Quem ha, que não tema as unhas de hum tigre assanhado, e as garras de hum leão rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem de bem, por valente que seja, quanto mais as de hum ladrão, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas são todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offensivas nas mãos de hum Pigmeu não as temo: e ha soldados Pigmeus, que não passam de formigueiros: livrenos Deos das que movem Gigantes: destes fallo: Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e assim são as unhas suas tão agigantadas, que nada lhes pára diante; e porisso com razão todos as temem, e tremem. Estes são os poderosos por nobreza, por officio, por titulo, e outras calidades, que os fazem affoutos, intrepididos, e izentos: e quando dão em furtar, não ha outro remedio, que o de pôr em cobro com temor, e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria

as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmão leitor? Vê-se falto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazei-me tudo á moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha comenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando não entendey, que o sentirey muito, já me entendeis. Vay-se o official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo com um polvo, se descrepar hum ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia assinalado; vestem-se todos como palmitos; e só o alfayate fica despido e empenhado até á morte, e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Outros milhafres destes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vôo, e para que os não tenham por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as pessas que querem de téllas, sedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quartéis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para sua casa, corta largo á custa da barba longa, e rasga bizzarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoso já rompeo, para corresponder a Milaõ, Flandes, e Inglaterra: respondelhe, que não seja importuno, se não quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a compra; e assim se vay deixando esquecer com a fazenda alhea; e se o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaca, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachão.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cortezia, e mais pela mansa. Já sabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma visita a titulo de amizade,

com que os deixaõ desvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar galego? E segundaõ logo com outra, a titulo de necessidade, que representaõ, e para a remediar pedem emprestado, e tambem a razão de juro, que para elles tanto monta cinco, ou seis mil cruzados, de que lhe passaõ escrito, porque se obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ á fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá tem huns figueirais no Algarve, &c. E como no tempo dos figos não ha amigos, assim no tempo da paga; porque além de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citação, que lhe ha de cruzar a cara se fallar na divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem, porque lhe não paguem com cruces os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sans, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e são estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos, e riscos, recopilaõ os lanços; esperaõ em paragens escusas, ou a deshoras as pessoas, que sabem tem moeda copiosa, poemlhe duas pistolas, ou dous estoques nos peitos, e que faça alli logo hum escrito: e eisaqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, se he de noite; com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caxeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dous mil cruzados em ouro: e assim se estão a pé quedo, até que volta hum delles com a reposta em effeito. E andaõ taõ affoutos, que em suas proprias casas envestem aos que sentem capazes destes assaltos. Testemunha seja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levarãõ por esta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pôr em leilaõ por mil tranquilhas? Ha neste Reyno Ley, que prohibe aos Ministros da Justiça, que não lancem nas fazendas, que se executaõ [e guardase exactissimamente nos officiais da Santa Inquisição] porque com o respeito, que se lhes

deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente lesas: mas como as leys são téas de aranha, que caçaõ moscas, e não pescaõ tritoens: logo estes buscaõ traças: *De pensatu la lege, pensata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoso, com que todos se acanhaõ: e assim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as cousas por menos da ametade do justo preço: defraudaõ, e roubaõ as partes, não só no substancial dos bens moveis, e de raiz, que se vendem, senaõ tambem os direitos Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: tais são, as que se levantaõ com as décimas, porque não ha justiça, que se atreva a executalas; e porque são mais que muitas, fundem as décimas muito pouco: são muitos os que as cobraõ, e poucos os que executãõ a si mesmos: são muitos os poderosos, que se eximem, e pouco o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre pessoa Real nesta empreza, a quem todos respeitem, e temaõ, e logo cresceraõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporse-lhe quem ellas temaõ. Escrito está este remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa têmpera, que não se acanhava a medos, nem ameaças; deu comsigo na Corte, lançou-se aos pés delRey, contoulhe o caso: mandou-o ElRey agasalhar com hum tostaõ por dia, e hum cruzado para sua mulher, e filhos á custa do fidalgo, que mandou logo chamar á Beira: veyo muito contente esperando grandes mercês, que todos cuidaõ as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer para ante si com o lavrador: e perguntando-lhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os custos; e que não lhe dava mayor castigo por

outros respeitos; mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida, e saude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia; e que rogasse a Deos, que nem adoecesse; porque tudo havia de resultar em mayor desgraça sua. E resultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tîmidas; e este he o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse hum prudente, que se devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ mostraõ-se os dentes, e não o coração. E bem se vê, que quanto mais buscamos estas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais insolentes, e desarrazoadas se mostraõ, pagando com descortezias, e ladroïces nossos primores; porque lhes cheiraõ estes a covardia, e consideraõ-se temidos, e blasonaõ. Se elles não nos mandaõ a nós Embaixadores, sendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que somos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Esta razão não tem reposta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes bisonhos, que ainda não sabem, que caens só ás pancadas se amansaõ. Mas diraõ que não temos páos para espancar tantos caens. A isso se responde que antigamente hum só galeaõ nosso bastava para investir huma armada grossa, e botando fogo, e despedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes nossos em huma bateira bastavaõ para investir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e solas de çapatos sustentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que vencião: e sempre foy nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páos, com que espancar a todos. Ainda que instaõ que estaõ mudadas as couzas, porque ainda que somos os mesmos, são os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e estes são leoens, e mais déstro que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ esses mares, pejaõ nossas barras, e tudo nos tomaõ sem

termos cabedal, com que resistamos. Respondo, que porisso o não temos, porque lho deixamos tomar: o certo he que com nossa substancia engrossaõ: haja entre nós piratas para elles, assim como elles o são todos para nós: dê-se licença aos Portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Viana, que em quatro dias alimparaõ os mares. A mesma Viana arma hoje como entaõ, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanîas: e eisahi huma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se huma bolça só para isto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas dirão ainda os zelosos Criticos, que isto de bolças he pernicioso invento, que hereges introduziraõ, e que na do Brasil ha muito que emendar. Negolhe todas as consequencias. A do Brasil he muito boa, e só poderia ter de mal, se entrasse nella alguma gente, que tratasse só de seu interesse, ou nos pudesse ser suspeita: mas seriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me não pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que está em Roma, e poderá supprir, e tirar os escrupulos. Quanto mais que o que aponto de novo, nada leva desses escabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvêra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes estomago, para fazerem outra bolça só para a India, pois he empreza sua: e serlhes-ha facil, se puzeraõ nella só, o que gastaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e consomem na cura de males, com que estas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o nosso Reyno sem tantas perdas temido, e venerado. Deos sobre tudo.

CAPITULO XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tímidas.

TEnho por mais crueis, e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os tímidos, e covardes, para se assegurarem fazem mayor estrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de seguro em seu braço. Hum leaõ contenta-se com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as possa empregar. A rapoza, quando dá em hum galinheiro, tudo degola, e espedaça até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoso, e valente. Taes saõ as unhas tímidas, mayores danos causam com seu temor, que as temidas com sua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que esfoliaõ ladroens formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes dêem na trilha, e para se assegurarem, nada deixaõ com vida: a mesma arte, que os ensina a furtar, para sustentarem a vida, lhes deu esta regra, para a assegurarem, que arredem testemunhas com as mesmas garras. Nem páraõ aqui os danos, que adiante passaõ; porque nas mesmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relógio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela mesma causa a enterraraõ amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dá hum ladraõ destes tímidos em huma Alfandega, tira o miolo a duas caxas de açúcar, e não repara em

derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que se cuide, que o mesmo caminho levarão as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar, e do sitio obrarão aquelle máo recado. Tira hum marinheiro dous almudes de vinho de huma pipa, e para que não se sinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua salgada, e faz isto mesmo a vinte, ou a trinta, porque assim se foy brindando, e a seus companheiros toda a viagem; e não repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes, de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce não reparar um ladraão destes tímidos, em fazer rachas hum escritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando não póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a huma casa, para que se cuide, que se foy no incendio a pessa rica, com que elle se foy para sua casa, &c.

O remedio singular, que ha para todos estes, he a forca, porque como são tímidos, só o medo della os póde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andarão compósitos, como lá disse hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pænæ*. E huma Rainha de Portugal dizia, que tão bem parecia o ladraão na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu não sou de opiniaão, que se enforcem homens valentes, quando ha outros castigos tão rigorosos como a forca, quaes são os degredos para as conquistas, onde podem ser de prestimo: e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratarmos das tesouras, com que se cortão todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforçar alguns, sejam õs tímidos, covardes, gente inutil, que bastaráo para documento, e freyo, que sustente em regra os mais.

CAPITULO XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.

OS Padres da Companhia de Jesus crearaõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ déstro no seu officio de caçar, que até as aves do ar sugeitava á jurisdição das suas unhas. Este como se tivera o discurso, que os Filosofos negaõ a animais, que carecem de entendimento, revolvía-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do paõ, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo, que lhes offerencia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que se fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui; hum da lama, com que se vendia pelo que não era; outro da dissimulação de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerencia ás aves, para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores, e pescadores, que disfarçaõ o anzol, e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de tímidas: e até as mais temidas, e affoutas buscaõ disfarces, para evitarem pejos, e escandalos. E vimos a concluir, que não ha ladraõ, que se não disfarce para furtar; porque até os mais descarados, que salteaõ nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos salteaõ, se não cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarçaõ com mil máscaras, de que usaõ, cores, e capas, que tomaõ para encobrirem sua maldade, e fazerem a sua boa.

Chega o pertendente ao Ministro, por cujas mãos sabe, que correm os despachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre si, que perderá o Ministro duzentos mil réis, se não lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, se lho alcançar: asseguraõ-se com escritos, que se passaõ de parte á parte, cuja letra, ou solfa, nem eu a sey descantar, nem o diabo lhe entende o compasso: e com este disfarce acreditaõ seus primores, e encobrem os barrancos, que se seguem; e o que he simonía, usura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que se arriscaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito serenos na consciencia, pela regra dos contratos onerosos; como se no seu houvera algum risco, quando elles tem todo o jogo na sua mão, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *a dextris, e a sinistris*.

Senhor, diz o outro, eu darey a v.m. huma Quinta, que tenho muito bôa, e dizima a Deos, ou a Vossa Senhoria [que tambem entraõ Senhorias nisto] já que he omnipotente na Corte, se me livrar de huma tormenta de accusaçõens, que actualmente chovem sobre mim, em que me arrisco a sahir confiscado, ou com a cabeça menos. Sou contente, responde o Ministro; mas ha me Vossa Mercê de fazer huma escritura de venda, em que confesse, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a escritura, toma com ella posse da propriedade; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e não descança, até o pôr em gemeas escoimado, e limpo, como huma prata. E porque não ha couza occulta, que tarde, ou cedo, se não revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-se a descobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accusaçõens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a escritura nas barbas: fizeraõ mentirosos os zeladores, e ficaraõ-se rindo; se não he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quão caro lhe custou o disfarce da escritura, com que o seu válido capeou o

conluyo. Outros com hum ságuate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem dobroens emprestados, que os pagaõ com mil figas. Do zelo, e serviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos grosissimos dos bens da Coroa. Estou-me rindo, quando os vejo fervorosos, e diligentes no manêo da fazenda Real: não dormem, nem comem, antes se comem com o cuidado, e diligencia, que mostraõ em tudo, não perdoando a trabalho; e eu estou cá comigo dizendo: assim tu barbes, como tu tens maior amor ao proveito delRey, que a ti mesmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com esses merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para palear usuras, quando passaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoes com peitas nas pertençoens de beneficios, capehe, com que se disfarçaõ simonîas. Mudaõ os nomes ás couzas, para enganarem remorços. Desmentem humas maquinas com outras: architectaõ castellos de vento, para renderem á força da consciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

CAPITULO XXVI.

Dos que furtaõ com unhas maliciosas.

AS unhas disfarçadas muito cheiraõ a maliciosas, mas tem estas demais, que aquellas hum grande palmo, se não he covado: e porisso lhe damos particular capitulo. Não ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia; donde se colhe, que se o furto é peccaminoso, tambem ha de ser malicioso: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que escondem, e reprezaõ o paõ, para que não se veja abun-

dancia, e appareça a carestia, e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas, e pannos: mostraõ-vos só huma pessa da côr, ou lote, que buscais, e juraõ-vos por esta alma, ponde a mão na dos botoens da roupeta, que não ha em toda a rua Nova mais que este retalho, e assim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como o ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renascia cada vez mais formoso. Mas que muito que fação isto na rua Nova, quando até os que não professão a ley velha, fazem o mesmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque se o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que subaõ, e enchaõ bem as bolças com assolação do povo, ajudaõ-se da malicia, que está descoberta, e será remediada, se se der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com semelhantes estanques.

Arrendastes huma vinha por hum anno, puxastes por ella na póda, e fizestes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno seguinte, e furtastes com unhas maliciosas ao proprietario a substancia de hum anno, e póde ser que de muitos. Em Béja vi huma estalajadeira comprar por dez reis duas côves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e sem se erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteceu hospedes, e almocreves, que se ãderaõ por bem servidos: mas mais bem servida ficou a malicia da hospêda, que com hum vintem, que dispendeo, interessou seis toens, que embolçou. Não sey se diga, que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *læsæ majestatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e provisoens falsas, com firmas, e sellos Reaes? Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo; e sabida a couza, tratava

de livrar-se appellando para outro foro: dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, e só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado, para semear: sou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo este anno, e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo, que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte: mas o Cidadão mandou pôr na praça meyo moyo seu escolhido com ordem á vendedeira, que o não dêsse por menos de cinco tostoens: e para que não estivesse ás moscas, mandou logo seus confidentes com dinheiro, que para isso lhes deu, que comprassem todo aquelle trigo, como para si pelo preço, que a medideira pedisse: e assim recolheo outra vez para sua casa o seu paõ, e o seu dinheiro, e tomou testemunhas de como se vendera toda aquella semana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razão de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: sahio-lhe o seu acrédor de soslayo com a tramoya; convenceo-o em Juizo com as testemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe pêz. E ainda fez mais, que não tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que entãõ valia a dous tostoens: e tudo bem somado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa satisfação do moyo, que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi semelhante a este he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve: Vem os lavradores da Serra ás Cidades prover-se do que lhes he necessario dos mercadores, que lhès daõ tudo fiado até ás colheitas do figo, e paça, mas com tres encargos muito onerosos. Primeiro, que lhes encaxaõ, o que levaõ da loge, pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paça, e figo avaliando-o pelo mais baixo

[illegible]

CAPITULO XXVII.

De outras unhas mais maliciosas.

GRande malicia he a das unhas, que agora tocámos; mas ainda ha outras mais maliciosas. Se houvesse contratador, que tivesse pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela Camera,

naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que maliciosas; e para que naõ se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hum grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar nesta parte, e nisto de medir, e pezar, saõ alguns taõ déstros, que arremeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum solavanco na medida, ou apertando mais, e menos a razoura, e estirando a pessa com o covado, e vara, defraudão as partes em boa quantidade, com bem má consciencia.

Peço licença ao nosso Reyno de Portugal para escrever aqui a mais detestavel malicia, que ha, nem póde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ser publica, e notoria, a ninguem fará escandalo referilla. Nem eu a crêra, se me naõ constara já por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagrosamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, assim de Mayo, como de Setembro, e sexta feira de Endoenças. A ver esta maravilha veyo tambem de Viana João Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ que enfadado da fortuna, que o perseguia com grandes perdas, se embarcava para o Brasil com sua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que sempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com seus adjuntos, Mestre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas das partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deraõ á vela, e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com naõ sey que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, até que os passageiros entraraõ em suspeitas, que buscavaõ piratas para se entregarem; e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cósta á meya noite, que he o segundo remedio, que tem para se escoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem.

O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmão Leitor, e assim passa na verdade; e assim costumão fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na India, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Nação, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandalo atroz de estrangeiros; que com serem ladroens por natureza, profissão, e arte, não sabemos, que usem de tão horrenda, e detestavel malicia, e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da Madeira, chegou á vista huma Urcaça de S. Thomé, a qual se deixou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, sem tomar o porto, até que o Governador, que então era o Bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pez; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado onde lhe serviaõ mais que na Urca; e porisso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar, e ter descarga, que dar aos correspondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaz hum destes a todos com dizer, e mostrar que foy roubado: o seu ganho mayor consiste na mayor perda; roubaõ mais, quando são roubados: e quando daõ á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me assombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, he ver que não repara hum destes lobizomes em dar com huma não da India a través, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo interesse de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvorosa.

He a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conserva, e sustenta a todos. Não sey se o sonhey, ou se me contou pessoa fidedigna: caso he que me assombra!

Valha o que valer: se não succedeo, servirá de documento, para que não aconteça. Poderia ser assim: Que hum Ministro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foi sonegando muito a titulo de não haver dinheiro; e em poucos annos com esta, e outras industrias taõ maliciosas, como esta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a ElRey Nosso Senhor, gabando-se que os poupava aos poucos, e que eraõ frutos [melhor dissera furtos] da pontualidade e primor, que guardava em seu Real serviço. Estimou Sua Magestade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmena de cem mil reis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tratando de sua salvação, se foy á Mesa da Fazenda, e disse que devia mais á sua alma, que a seu corpo; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda, quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade. Tinha este hum filho, que já servia o mesmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, pôem em pés de verdade, que seu pay estava doudo: prendeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era bastante, para lhe dar volta o miolo; e com esta arte evitou a restituição, que o pay queria fazer a ElRey, e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos sabios, que isto tiveraõ por doudice, precindindo della: quaes foram mais maliciosas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a restituição do pay? Venha o démo á escolha, taes me parecem humas, como as outras; e por taes tivera as de quem sabendo isto, se o dissimulasse por respeitos, que não cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, assim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e

hum Ministro sabios, e venturosos, he grande couza, para conseguirem bom effeito suas empresas: mas se com isso forem maliciosos, desdouraõ tudo; e dos que são tocados desta sarna, se devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peste; porque nunca se vio peste, que levasse de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e huma traição forjada com malicia degola de hum golpe todo um Reyno, ou Imperio: e por serem tão arriscadas unhas maliciosas, se devem vigiar mais, que nenhuma outras: porque torcem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e se algum bem resulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil casos pudera tocar, que deixo, por não ferir a quem se poderá vingar rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e seja o somenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neste Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que são muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar posse: veyo Evora com força esbulhalo della: interpoz seu braço Elrey, como Graõ-Mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia: acodio o zelo por parte de Evora: Senhor, veja Vossa Magestade o que faz; porque á manhãa quererá Vossa Magestade prover hum Infante neste Arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a seus criados. E melhor dissera: Senhor ficando estes beneficios em Aviz são todos de Vossa Magestade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Mestre; e ficando em Evora, são as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro são de Evora; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada: e assim sempre lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os beneficios de Aviz. E esta he a verdade; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe

arma para seu intento, palliando tudo com razoens affectadas e sophisticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

.....

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas descuidadas.

A Té agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas; porque não ha furtar sem malicia, nem malicia sem cautela. Donde se segue, que o ladraõ descuidado, ou não he ladraõ fino, ou anda arriscado a pagar a cada passo o capital, e as custas: com tudo torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que são peores, que as maliciosas, e muito vigilantes, nos damnos que causaõ. Tem obrigação, os que aprêstaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles descuidando-se das quantidades necessarias, cizaõ de tudo hum terço, se não for a ametade: dizem elles, que para ElRey; mas Deos sabe para quem, e nós tambem. Descuidaõ-se na eleição da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, se descuidaõ. E resulta de tudo faltar o biscouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occasiaõ da melhor peleja; não se acharem as couzas, quando são necessarias, e serem ás vezes tais, que melhor fora não as haver, porque são corruptas, e de tal sorte, que causaõ mayores males, e doenças com seu uso. O mesmo succede nos medicamentos, de que não ha provimento por descuido, que mal se póde livrar de malicia crassa, e maldade supina: porque não ha Ministro taõ ignorante, que não saiba, que no mar se adoece; e que se morre, onde não ha remedio conveniente para atalhar o mal.

Outros descuidos, e esquecimentos ha muito geraes, e damnhos, que comem nas posses das fazendas, Mórgados, e Capellas, as quais se tomaõ muitas vezes sem titulo legitimo, por estarem auzentes as partes, a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a consciencia no principio, se deixaõ hir ao descuido, até que esquece o escrupulo; e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ desta maneira sonogados; tanto, que se se fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes; salvo se se acolherem á posse immemorable, a qual não val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas não usaõ della ás vezes, por não inquietar seus Estados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza seria; mas não se acabaria em cem annos a empreza: investillos todos juntos he perigoso; porque muitos unidos faraõ guerra a este mundo, e mais ao outro: e para se defenderem, naturalmente se ajuntaõ, ainda que sejaõ entre si contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte; acõmette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e se amigaõ em hum corpo, para resistirem ao mayor contrario; e tanto se esforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Castella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos seus Reynos todos os titulos, escrituras, e provisoens do que possuíaõ, porque por descuido dos tempos andavaõ muitas couzas destraidas, e desanexadas da Coroa. Fizeraõ seu conselho, e louvaraõ-se todos no Duque do Infantado, que estavaõ pelo que elle respondesse: e respondeo, que mostrasse ElRey os titulos, com que possuía, quanto tinha de seu nos Reynos, e Estados, que governava: e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhores do que possuíaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto do Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver. Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou, que era possuïrem alguns, o que se lhes tole-

rava por descuido, ainda que não fosse seu, que dar occasião a todos se perderem, e não ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens que possuem os Reys, ninguem ha taõ ariscado a possuir o alheo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor superioridade. Perigoso foy sempre bolir com o caõ que dorme: e porisso muitas vezes as couzas passaõ por alto até as sepultar o esquecimento: mas isso não tira ser furto, o que por esta via se arrasta. E estas são as unhas, que chamamos descuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em estado de descuidadas, e esquecidas: e assim fica tudo sem remedio.

.....

CAPITULO XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.

Digo que ha unhas irremediaveis, não porque admitta neste mundo demazia, que não tenha remedio para se emendar; mas porque muitas vezes não ha quem lho applique: e quando as unhas crescem em mãos poderosas, são muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita substancia, para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conselho, e fez huma junta, sobre que remedio teriaõ para se verem livres das unhas do gato?

Presidio hum arganáz de bom talento: assentaraõ-se por suas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de estancia; vamo-nos para os armazens del-Rey, onde não ha gatos, e sobejaõ bastimento, biscouto arrodo, queijos a fatar, chacinas de toda a sorte: e onde muitos homens de bem achaõ seu remedio, sem lhes cus-

tar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganai-vos, disse o Presidente, comer a custa delRey nunca he barato, nem seguro; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga; e nos seus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou o outro; devia de ser alentado: Sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Presidente: Calay-vos lá murganho: cortarilhas-heis vós? Não dizeis nada; porque logo lhes haõ de nascer outras mayores, e mais peçonhentas. Isto de unhas saõ como enxertos de mato bravo; saõ como ortigas, e tojos, que nascem sem que os semeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre 'de unhas. Vote outro. Levantou-se entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e disse: o meu voto he, que lancemos hum cascavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos, quando vem, e por-nos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizeis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu não, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer, o que diz, para que me votaes aqui couzas impossiveis? Não vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos couzas, que não pôdem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vêm a ser, que a mayor e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte; e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em maquinas para se destruir: e não cahe no erro, senaõ quando vê os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas saõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando saõ incontrastaveis os Juizes, que menêaõ as perdas com applauso de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Concelho de Estado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer hum concelho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quantos são por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se dão tantas cabeçadas, por serem muitas cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Não havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vão-se os mais para as suas Quintas, onde não lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste concelho? Isto está claro: ha de presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavelo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babylonia: e com ser este, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Não queremos, que nos presida a ley de tão máo homem, que tem assolado, quantas Republicas o admittiraõ. A nossa ley, e Ordenação do Reyno he a melhor, que se sabe no mundo; ella he a que hade presidir, e assim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificação desta Cidade de Lisboa. Segunda, o presidio das Fronteiras. Terceira, o comércio de além-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conselheiro, que não havemos mister fortificação, onde estão nossos peitos. Se o senhor Conselheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos tais bastavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que não tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occasiaõ se retire, ou vá calçar as esporas para atar as cardas. Diga o segundo, como nos ha-

vemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com cestas. Tende mão, não vades por diante: cestos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os soldados que comer. Só hum bem acho nesses vossos cestos, que não deixaraõ cursar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Esperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Não vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada; e eu digo que boca, que sahe com nada que a houveraõ de condemnar a que nunca entrasse por ella nada; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem preside, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me diz a ley, a fortificação se faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impossivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ser á custa do publico, e não do particular, para ser possivel; e todos os mais votos são juizos occultos, que vão dar em roubos manifestos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conselho, de donde só podia sahir o remedio. E não obstante esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he não se tratar dellas; porque posta essa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos á segunda couza. Que presidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, não vês que se fizemos isso duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno despovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando isto, que has de

comer, que has de vestir, e calçar? Que Nação viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturais? Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estranhos, que sempre são mais comparados connosco; porque lá não ha Frades nem Freiras, e porisso são tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, não pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-se aqui da conservação dos naturais; e porisso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis, que façaõ os gastos, e dem os filhos para ficarem sem fazendas, e sem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conservarmos, e defendermos, he impossivel. Muitas Republicas depois de seus Capitaens, e Soldados serem vencidos, venceraõ com estrangeiros; como os Chalcidonenses com Brasidas, os Sicilianos com Gelippo, os Asianos com Lisandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E se alguns Capitaens estrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da casa Othomana, foy, porque não tiveraõ forças, os que os chamavaõ, para se defenderem delles: para evitar este inconveniente, não consentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, fossem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-se de devorar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que se padece.

Vamos á terceira couza. Que me dizeis do comércio de além-mar? O primeiro Conselheiro diz, que não podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Presidente a razão, que hia dando: e perguntou-lhe muito sério: Almoçastes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conselho? Assim parece, e mais que não bebestes agua de neve. Hum conselho vos déra eu mais saudavel para vós, do que esse vosso he para nós: que vos guardeis dos rapazes, não vos apedregem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos

ganharaõ com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o Conselheiro. Calay-vos, não me insteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ nessa lingua: bem sey o que quereis dizer: não tendes que me vir aqui com conveniencias, de cortar hum braço, para não perdermos a cabeça: são isso discursos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he de ter maõ cada hum no que he seu até morrer, e não largar a maõs lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel: não me sejais *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. Oh de fóra! Está ahi algum porteiro? Chamai-me cá quatro archeiros, que me dêem com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se trate do que haõ de trazer aos náos, e frotas do Brasil, e India. Porque aqui não se trata [acodio o Presidente] do que haõ de levar, senão do que haõ de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda não disse-mos tudo, acodio o quarto. Levem muitos soldados, farinhas, traparias, e munições, e isto basta. Aqui acodio a ley Presidente, dando hum grito: Justiça de Deos sobre tais Conselheiros! Porque não dizeis todos, que leve Prégadores Evangelicos, que conquistem o Gentio para Deos, e Deos vos dará logo todos os bens temporais dessas conquistas, que venhaõ para vós: *Quærite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis*. Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que estabeleçamos primeiro o Reyno de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso Reyno, e todos nos sobejará. He Portugal patrimonio de Christo, que fundou este Reyno, para lhe propagar sua fé. E cança-se debalde, quem trata de suas conquistas por outro caminho: furta a Deos, e ao Reyno o cabedal, que emprega em outros intentos; que nunca haõ de ser bem succedidos, porque vão fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. To-

dos os remedios, que applicar, para indereitar as rodas da fortuna, haõ de servir de mayor despenhadeiro; e acabemos de cahir nisto, pois somos Christaõs Catholicos: naõ desmintamos nessa propria profissãõ; e acabemos de entender, que de nós nasce o mal e porisso naõ tem remedio: porque o estorva, quem lho houvera de dar. E já que as perdas saõ irremediaveis; porque nascem de Conselheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem estes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

oo

CAPITULO XXX.

*Que taes devem ser os Conselheiros, e conselhos,
para que unhas irremediaveis nos
naõ damnifiquem.*

H Um Alvitrista, ou Estadista, foy a Madrid, haverá vinte annos, e disse, que tinha achado hum remedio singular, para se dar fim brevemente ás guerras de Flandes com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, como merecia: fez-se huma junta de todos os Grandes, e Conselheiros para ouvirem o discurso do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e disse a todos sem nenhum empacho: Senhores, todos vemos muito bem, que naõ prevalece Espanha contra Hollanda huma hora, mais que a outra, ha tantos annos; e sabemos, que o nosso poder he mayor, que o seu: donde se colhe que todas as vantagens, que nos fazem, procedem, de que se sabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Magestade delRey Filippe mande seu Conselheiros para Flandes e que venhaõ os Conselheiros de Flandes para Espanha; e logo tudo nos hirá vento em popa, e Hollanda de

cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos assolaõ; porque as obraõ os Conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as Republicas sem remedio, saõ os conselhos quando erraõ.

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos, hum material, outro formal: no sentido material significa os Conselheiros juntos, e o Tribunal, em que se assentaõ: no formal he o voto de cada hum, e a resolução, que de todos se colhe: e vem a ser quatro couzas distinctas. Primeira, Conselheiros; segunda, Tribunal; terceira, o parecer de cada hum; quarta, a resolução de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que taes devem ser os Conselheiros.

Questaõ he, se ha de ter o Principe muitos Conselheiros, se hum só? Hum só he arriscado a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valído, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes*, e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia; como hum para a paz, outro para a guerra; hum para a fazenda, outro para o trato de sua pessoa, &c. E não seja hum só para tudo, porque não póde assistir a tantas couzas, nem comprehendel-as: e sendo varios, estimulaõ-se com a emulação a fazer cada qual sua obrigação por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e supprem' o a que não chegam os outros; mas não sejam tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas; isto he, de capa, e espada? Huns dizem, que os letrados, com o muito, que sabem, duvidaõ em tudo, e nada resolvem; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convêm. Outros tem para si, que as letras

daõ luz a tudo, e que a ignorancia está sujeita a erros: e eu digo, que naõ seja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juristas, para que naõ se cõ-mettaõ erros: e haja idiotas, que com sua astucia, sagacidade, e experiencia descubraõ as couzas, e dêem expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta, e juizo para obrar, o que na consulta se determina: muitos saõ de fraco juizo consultados, mas para executar, o que se resolve, saõ destrissimos. Muitos exceedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles saõ taõ ineficazes, que os perdem. E porisso digo, que he melhor terem todos lugar no Conselho, para se ajudarem, e supprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra questaõ se segue a esta [dado que naõ póde neste mundo tudo ser perfeito, e cabal, porque naõ ha, quem naõ tenha seu pé de pavaõ] se he melhor para a Republica ser o Principe bom, o os Conselheiros máos; ou os Conselheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe se governa por seus Conselheiros, diz Elio Lampri-dio, que pouco vay em que o Principe seja máo, se os Conselheiros forem bons; porque mais depressa se faz bom hum máo com o exemplo de muitos bons, que muitos máos bons com o exemplo, e conselho de hum bom: e como a resoluçaõ, que se segue, he dos bons, tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros, melhor he ser o Principe bom, ainda que os Conselheiros sejam máos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir á sua imitaçaõ, os que o servem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes saõ os Principes, tais saõ os vassallos: se o Principe he virtuoso, todos trabalham por serem virtuosos; e se he vicioso, todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monstro se tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe naõ goste. E dado que os Conselheiros naõ se refórmem com o exemplo do Principe,

nem sejaõ quaes pede a razaõ, para isso tem o Principe o poder na escolha dos sugeitos, naõ se limitando aos que o cercaõ, senaõ estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar, que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus póvos. Se o Principe errar na escolha dos Conselheiros, perde a sua reputaçãõ, e podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputaçãõ com os estrangeiros; dos quaes será venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Autores, e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente, e secreto, sabio, e velho, amigo, e sem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçãõ, segunda, Paixaõ, terceira, Obstinaçãõ, quarta, Vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo; Bacho, Venus, e o Interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a Republica. A sabedoria, e velhice se ajudaõ muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto, que a velhice naõ seja caduca, e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratará do bem cõmun, e naõ do particular, em que consiste a maxima da mayor virtude, que deve professar hum Conselheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os Principes acautelar-se de pessoas, que tenham aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os póstos, em que pódem ter occasiaõ de se vingarem: Plataõ diz, que os Conselheiros haõ de estar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Salustio escreve, que devem

estar apartados de amizade, ira, e misericordia; porque aonde a vontade se inclina, alli se applica o engenho, e a razão nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conselho. Carlos V. queria, que deixassem á porta do Conselho a dissimulação, e o respeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que não se deixem corromper com peitas, e que saibaõ propor os negocios com graça e destreza. Innocencio III. quer que saibaõ tres couzas. Primeira, se o que se consulta, he licito segundo justiça. Segunda, se he decente segundo honestidade. Terceira, se cumpre segundo Direito. E assim votarão sem temor de respeitos, que os possaõ encontrar: porque, como diz Santo Agostinho, melhor he padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisongear: e he conselho de Christo, que tenhamos a perda da alma, e não a do corpo.

Devem ter os Conselheiros todos seus bens nas terras do Principe, a quem servem, e todas suas esperanças póstas nelle; e o Principe não deve manifestar sua opinião, para votarem livres. E póstos nesta liberdade, não sejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-se por razão: porque não muda, nem varia, o conselho, diz Tullio, quem o varia, e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que não lhes chamemos traydores, que capeaõ sua má tenção no conselho com astucias, que nunca lhes faltaõ, encobrando sua natural fraqueza, que nelles póde sempre mais, que a razão, e que a experiencia; que muitas vezes lhes mostra, que não tiveraõ causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e porisso variaõ. Livrar-se ha destes o Principe, se os vigiar, não lhes admittindo o conselho para effeituvar couzas illicitas; nem meynos illicitos, para conseguir couzas licitas: e assim he, que nesta pedra de toque vão sempre esbarrar seus quilates. Alguns Autores querem que os Conselheiros saibam muitas linguas, ou pelo menos as dos póvos, que o seu Principe governa, ou tem por alliados, e amigos; porque corre perigo desco-

brirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as Embaixadas. Pedro Galatino diz que eraõ obrigados os Juizes de Israel a saberem setenta linguas, para não falarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter lição das historias, e corrido muitas terras, e Naçoens; saber as forças do seu Principe, de seus visinhos, amigos e inimigos. Sejaõ liberaes; porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama, e a adora: o avarento sempre he aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, sem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvîr a todos, sem scandalizar com palavras, nem dar occasiaõ de desesperarem as partes. E finalmente seja o Conselheiro bom Christaõ, e terá todos os requisitos; porque a pureza da Religiaõ Christãa Catholica não permite vicio, que não emende.

Tribunal como, e que tal.

A Ristoteles no lib. I. da sua Rhetorica diz, que toda a Republica para ser bem governada deve ter cinco Tribunais. Primeiro da Fazenda publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porq̃ temos doze Tribunais, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relação, para onde se appella, e aggrava. Para o segundo da Paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e são o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Conciencia; e dous para o profano, que são a Mesa do Paço, e a Casa da Supplicação. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outro Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos Es-

tados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que já ficam tocados, e são a Mesa do Paço, e a Relação. E para melhor dizer, todos os Tribunais tirão a hum ponto de se administrar justiça ás partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinham hum Templo dedicado á Deidade do Conselho, e era escuro, para denotar, que os conselhos devem ser secretos, e que ninguém deve ver, nem entender de fóra, o que se trata nelles. Licurgo não permittia em Lacedemonia, que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas, em que se fazião os conselhos e punhão os Tribunais, para que não se divertissem, nem ensoberbecessem os Conselheiros. E até nesta parte se acõmoda Portugal muito aos antigos: e por credito seu não digo, o que me parecem os aposentos, em que arma os seus Tribunais. Em outras couzas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico, e grandioso de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliscos, e outras maquinas, com que se ennobrecem as terras, e se affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa, Promontorio mayor, e melhor do mundo, não haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha mão estivera, já tivera levantadas columnas mais magestosas que as de Trajano, e Agulhas mais grandiosas, que a de Xisto; humas de marmores, e outras de jaspes, que nos sobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e se vejaõ até dos mares; e sobre ellas as Estatuas delRey nosso Senhor D. João o IV. e da Senhora Rainha, e do Serenissimo Principe seu filho, que enchessem, e authorizassem com suas Reaes Magestades os terreiros, Rocios, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ este Reyno, e nos livraraõ do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acção violenta, como rayos, que obraõ seu effeito, antes que se ouça o trovaõ. Nem seriaõ isto gastos superfluos, quando o credito, e admiração, que delles resulta, causaõ nas Naçoens estranhas assombro, e respeito, com que se enfreaõ; considerando, que quem tem posses, e

magnanimidade para couzas tão grandiosas na paz, também as terá, para os que são mais necessarias na guerra. Mas elles vêm, que não temos hum Cais, que preste; que não ha hum Mole em nossos pórtos, nem fortificação acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que não ha quem cure do publico: e porisso já não me espanto do pouco apparatus, e lustre dos nossos Tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo; com que ficaõ menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e passadas na busca dos ministros; que tambem fora bom viverem aruados todos, e não tão espalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, se der caça a dous, ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos Tribunaes, se devera ajuntar outro de serem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de sorte, que pudesse El-Rey nosso Senhor sem ser visto, nem sentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem huma gelosia coberta com hum sendal verde, por onde vê, e ouve tudo quanto os Baxás fazem, e dizem, quando se ajuntaõ em conselho; os quaes só com cuidarem, que os estará espreitando o seu Rey, administraõ justiça, e não gastaõ o tempo em praticas, que não pertencem ao serviço de seu Senhor, ou ao bem publico.

Em conclusaõ: as Republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus Tribunaes com casas amplas de frontispicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e sumptuozas; porque a excellencia dos apparatus exteriores esperta no interior dos animos espiritos grandiozos, e resoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os discursos, e até nos intentos generosos lançaõ grilhoens, e algêmas. Tamara

lib. I. cap. 7. dos costumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum costume, que eu não posso crer, que o Conselheiro, que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arroídos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar isto dos Grous, que quando se ajuntaõ na Asia, para se mudarem de huma região para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conselheiros no Tribunal, a primeira acção, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oração ao Espirito Santo, offerecendolhe hum Padre nosso, ou huma Ave Maria pedindolhe, que os allumie a todos illustrando-lhes o entendimento, para que saibaõ escolher, o que for mais conveniente ao Divino serviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de seu Principe. Dar principio a couzas grandes sem implorar auxilio do Ceo, he acção de Satyros, ou de A'theos.

Voto, e parecer de cada um.

O Conselho, voto, e parecer dos Conselheiros he hum bom aviso, que se toma sobre couzas duvidosas, para não errar nellas: toma-se sobre couzas, que não estão na nossa mão; não se toma sobre couzas infalliveis, porque estas pedem execução, e não conselho; deve ser de couzas possiveis, e futuras; porque as impossiveis presentes, e passadas já não tem remedio. Não deixa o conselho de ser bom, por sahir o successo máo; nem o máo conselho deixa de o ser, por ter bom successo; porque os successos são da fortuna, e dependem das execuções; que muitas vezes por serem más, damnaõ a bondade dos conselhos; e tambem por serem boas, emendaõ ás vezes o erro do conselho. Os Carthaginenses enforcavaõ os Capitaens que venciaõ sem conselho, e não castigavaõ aos vencidos, se consultavaõ primeiro, o que depois obravaõ. Na Guerra, que

os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conselhos de Nestor, e Ulysses, que as forças de Achilles, e Ayas. Henrique III. de Castella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes; porque mais illustres couzas se obraõ com o entendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitavaõ a Athenas os conselhos de Solon, que as vitorias de Themistocles. He muito prejudicial saberem os Conselheiros, o que o Principe quer; porque logo buscaõ razoens, com que o justifiquem. O Conselheiro não ha de approvar tudo, o que o Principe disser; porque isso será ser lisongeiro, e não Conselheiro. Muitos não tem nos conselhos respeito ao que se diz, senão a quem o diz; se he amigo, vaõ-se com elle: senão he do seu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio não se sentem, são mais perigosos, que os grandes, que se vêm; porque o perigo, que se entende, obriga a buscar o remedio; mas os erros, que se não sentem, ou dissimulaõ, crescem tanto pouco a pouco, que quando se advertem, já não tem remedio; como a febre thisica, que no principio não se conhece, e quando se descobre, não tem cura.

Conselhos bons são muito bons de dar, mas muito máos de tomar: muitos os daõ, e poucos os tomaõ. Conselhos máos tem duas raizes: ou nascem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia: e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou seja no termo á *quo*, quando se dá conselho, pois todos o lançaõ de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que sejaõ dados com odio, não he tão commum: mas he grande mal; porque nunca póde ser boa a planta, que nasce de má raiz, ou se enxerta em

roim arvore. E com ser máo o conselho deslindado nesta fórma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos, que muitos o dão, e poucos o tomaõ. Em huma couza se parece muito o conselho com o dinheiro, e he, que ambos são muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro; não ha quem os não experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbogallicos, e empéstados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos, que lhes pegasse, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que não he bom o dinheiro para paõ; que se fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e seda, o guardaõ no seyo, e até na boca o metem, sem terem asco delle, nem se lembrarem, que tem andado em mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle sahir da mais immunda cloaca, respira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he máo, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal, ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecemlhe perfumes aromaticos do Paraíso: e entaõ mais, quando vem deslumbrando com tais nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom, e máo: se he bom, recebe-se com aborrecimento, se he máo, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja: quando se dá por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento,

tanto que se aceita. Deos nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dá por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum destes dous pólos, ou não temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdiçoens. Para se livrar o Principe de todas estas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de seus Conselheiros: e faça porisso, porque nisso está a perda, ou ganho total de seu Imperio.

Resolução do Conselho.

A Resolução he consequencia dos votos, e della nasce a execução, e desta o bom effeito, que he o fim, que se pertende nos Conselhos. Nas empresas devem-se executar as resoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impossivel não os haver: e quem se não aventurou, nem perdeu, nem ganhou: e hum perigo com outro se vence; e atraz do perigo vem o proveito. Não devem os que consultão deixar de executar, o que se determina, porque haja perigo na execução; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de não executar se, encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada*, diz o Proverbio, *e a execução na estrada*; e porisso se dizia dos Romanos, que assentados vencião. Principes ha, que para que não lhes vão á mão no que determinão, não admittem a Conselho, os que sabem lho não haõ de approvar, para que não lhes debilitem os animos, dos que esperão os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, não se devem lembrar do conselho, que deixaraõ de seguir; para que não lhes esfrie o gosto, que dá alma á execução: e esta não se deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa, dá a travéz com toda a empresa por modos

illegítimos, que seu capricho lhe inculca, e capêa já com a pressa, já com o vagar, que prova sofisticamente serem meyos necesarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograão, ou concluem tarde; e dissimulados se esfriaão mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mézinhas, e não o Medico com ellas: muitos negocios se perdem; porque não se executaão em seus lugares, e conjunçoens: deve estar a empreza sazoada para se effectuar, como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descahir, porque são mais os que resolvem mal, que os que resolvem bem, pouco impedimento basta, para que não se execute, o que na consulta se examina; e ainda que alguns aconselhem bem, não bastaão a ordenar, o que os mais desordenaão: nem serve de mais o estar no Conselho, que participar da culpa, que tem os que governaão mal: e só lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de desobediencia nos Ministros para as execuçoens, que mais importaão. O Principe consulte, e cuide bem o que decreta; porque não parece bem retratado, salvo for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, não fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he sustentallo, se não se seguir delle grande damno, ou alguma offensa de Deos; porque prepondéra mais o credito do Principe: e se for de qualidade, que peça emenda, haja algum Ministro fiel, que o tome sobre si, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoará a titulo de descuido; e assim se dará satisfação a todas as partes, ficando illesa a authoridade mayor. Se houvesse Principe, que facilmente se retratasse, allegando que não he rio, que não haja de tornar a traz? Respondera-lhe que ha tres R.R.R. que não tor-naão atraz, por mais montes de difficuldades, que se lhe ponhaão diante: e são: Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque se dér em dobrar-se, em dous dias perderá

o credito, que consiste em sustentar sua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ser inviolavel: e se o não for, faltarlhe-hão os subditos com a inteireza da obediencia, em que se apoya a Magestade, e não o conhecerão por Rey, nem por Roque. E seguirse-hão damnos irremediaveis, os quaes pretendemos atalhar em todo o discurso deste Capitulo; que bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as Republicas illesas; e do máo resultaão assolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de máo governo.

CAPITULO XXXI.

Dos que furtaõ com unhas sabias.

HA no Brasil, e Cabo Verde, tantos bugiões, que são praga; e porque os estimam em Portugal, e em muitas partes por seus tregeitos, usam lá hum modo de os caçar sem os ferir muito facil, e recreativo. Lançam-lhes cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens, onde andam mais frequentes; mas abertos com tal proporção, que caiba a mão do bugio aberta, e não fechada; e com este animal ser tão ardiloso, que cuidam os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem sabe abrir a mão para a tirar fóra. Dão sobre elle os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no sevo; e porque tem seu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltando-lhes as mãos para treparem, deitam-se apanhar, por não largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas são as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as perseguem, fazem minas, em que se guarecem, largas no principio, e estreitas

tas no cabo com sua sahida apertada, por onde escapaõ, deixando entalado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a seu salvo, e lograõ o despojo do cadaver. Fazer uma facção de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-se render com a preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he desgraça, e he ignorancia de bogião. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada, e estratagemas, he prudencia de serpente: e estas são as unhas de que trato, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cacem.

Ha outras unhas que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro, com que se ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavaõ com estocadas suas proprias tripas [se não eraõ as de algum carneiro] e untando a ferida se davaõ logo por saõs: e a gente immensa, que isto via, comprava sem reparo as unturas, que vinhaõ a ser azeite com cera, e alecrim pizado; e os vendedores passavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que não prestavaõ para nada. Melhor succedeo a hum, que vi em Evora [Castelhano era] fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos do unguento milagroso, que servia para todos os males: bailou sua mulher, e huma filha, que volteava por cima de uma mesa; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: disse elle no cabo tais gabos da mézinha, que não ficou pessoa, que a não comprasse a tostaõ cada canudo, até vasar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comsigo em Castella, levando de caminho outros lugares: e sey que cegou huma pessoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha tão sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta Corte andou hum brixote vestido de vermelho na era de 642. promettendo huma receita, se lhe déssem tantos, e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conseguisse effeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conservar os vinhos, e melhoralos: e hum curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, para não perder duas pipas de vinho, que se lhe danou com a buxinifrada de arêa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais sabichaõ que todos veyo vendendo, que sabia fazer bombardas de parafuzos, que pudessem levar cincoenta soldados cada huma em roscas, e armalla, e disparar aonde quizessem: poem-se a especulação em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro tão sabio em pilhar dinheiro como este prometteo fazer pessas de artelharia tão leves, que pudesse levar duas huma azémola, como costaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e cosidos, tão fortes, que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem: poz-se a maquina em effeito; e eu a vî em Eloas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro gabando-se de engenheiro consumado, prometteo humas barcaças, que sahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos esses mares, e quantas armadas inimigas nelles houvessem: encheo os de palha, e chamiços, que estavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. João, e day cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foy outro em Campo mayor, que se gabou sabia fazer huma arca de foguetes em fórmula de gîrandola; e que haviaõ de sahir della de soslayo todos juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de settas. Por

mais louco tive outro, que trouxe a este Reyno hum segredo de armas de papel, que disse sabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de mosquete, e tão leves como a camisa. Que haja no mundo embusteiros, não he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; sem acabarem de cahir, que tudo são sonhos de Scipião, enredos de Pameirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e nisto he que poem toda a sua sabedoria, que trazem escrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós tão sabias, que despontaõ agudas: e podemos dizer dellas, o que disse Festo a S. Paulo: *Multæ te literæ ad insaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem doudos as muitas letras que alrotaõ. Estes são os Estadistas, Alvitristas, Criticos, e Zoiolos, que tem por ley seu capricho, e por idolo sua opiniaõ; e para a sustentarem, não reparaõ em darem a travéz com huma Monarquia: e ha gente tão cega, que levada só do sequito, que os tais por outra via ganharaõ, até a seus erros chamaõ sabedoria, sem advertirem nos grandes damnos, que de seus conselhos nos resultaõ.

oo

CAPITULO XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes.

DItosas unhas são estas, porque depois de fazerem immensos damnos no que desfazem, e desbarataõ com seus assaltos, ficaõ sem obrigação de restituir, se a ignorancia é invencivel; que se he crassa ou supina, corre parrelhas com a dos ladroens mais cadimos. Ha humas ignorancias, que somos obrigados a vencellas pelas regras de nosso officio, que nos estaõ advertindo tudo: e quem he

ignorante na arte, ou officio, que professa, todos os damnos, que dahi resultaõ ás partes, a elle se imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como póde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como póde ser Piloto, quem não entende o Astrolabio? Como póde ser advogado, quem nunca leo a Orde-nação; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se não sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum sarralheiro, se não sabe dar a têmpera ao ferro, ou aço, damna-vos a pessa, que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vem a refundir innumeraveis, e insofriveis perdas, que causaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que são as couzas, que mais se estimaõ. Bem provído está tudo com Examinadores para todas as Artes, se não hou-vera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados Rodamantos. E se isto não basta, logo achaõ hum sabio na sua ciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinação, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolére, e permita provarem cursos em Coimbra mais de hum cento de Estudantes todos os annos, sem pôrem pé na Universidade? Andaõ na sua terra matando caens, e escrevem a seu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, representando suas figuras, e nomes: e daqui vem as sentenças lastimosas, que cada dia vemos dar a julgadores, que não sabem, qual he a sua mão direita, mais que para embolçarem com ella esportulas, e ordenados, como se foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-se, como se foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor desgraça he, que nem o diabo, que lhes ensinou estes enredos lhes saberá dar remedios, salvo for levando-os a todos, que he o que pertende.

No serviço delRey não se devem tolerar tais ignorâncias, porque se seguem dellas damnos gravissimos.

Quem perdeu as náos, que vinhão da India carregadas até ás gaviões de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: não as perdeu, senão a ignorancia dos Pilotos, que forão dar com ellas em baixos, e cachópos Quem desbaratou a frota, que hia para o Brasil? Dizem que os piratas: e he engano: não a desbaratou senão a ignorancia dos marinheiros, que não souberão velejar a proposito. Quem perdeu a vitoria na campanha? Dizem que a remissão da cavallaria: e he engano: não a perdeu, senão a ignorancia dos Coroneis, que não souberão dispôr as couzas, como convinha. Gente bisonha, e mal disciplinada occasionarão com ignorancias intoleraveis perdas; e o que se deve saber, e advertir, nunca tem boa escuza: mas não ha morte sem achaque, todos sabem dar sahida a seus erros, fazendo homicida á fortuna, que está innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem á face vem, logo se deixa ver a fonte da culpa: e he grande lastima, que arre-bente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens tão ignorantes, que sempre deixão rasto como lêsmas, e a mesma preza os descobre; como o que furtou o trigo, sem advertir, que era o saco roto, e pelo rasto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque se carregão tanto, que não podem fogir, são alcançados. Outros porque se vestem do que furtaraõ, são conhecidos; e todos só por ignorantes são descobertos. Antes he propriedade da ignorancia que por mais, que se esconda, não pode muito tempo estar occulta. Como succedeo na Alfandega do Porto por descuido do Provedor, e incuria de seus Ministros, que a balança, em que se pézaõ os açucars e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, se falsificou de maneira, que a em que se punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que se punhaõ as caxas, e fardos, sem se dar fé deste delirio, senão depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado, e não excluo daqui a casa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de

furtar nellas e deixo, porque não pertencem a este capitulo, seu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigação, se não enxirir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e corrente neste Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injustiça, o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ desmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, não assegure os gástos della por todas as vias; de tal sorte, que se o primeiro intento não succeder, se recupére no segundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e se esta lhes escapa das unhas, por ventura de huns, ou desgraça de outros, já levaõ destinada outra facção, e outra em outras paragens, sejaõ quaes forem, para onde viraõ as prôas, e não se recolhem para seus pórtos, sem trazerem, com que refacção ao menos os gastos, quando não enchaõ as bolças. Só Portugal he nisto taõ pródigo, que tem por timbre [chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia] entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fructo, que o de dar hum passeio com bizzarria por Val das eguas, e tornar-se para casa com as mãos vazias, e as frisqueiras despejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que se não acharem piratas, que os busquem até dentro em seus pórtos; que vaõ a Marrocos, que vaõ as barras de nossos inimigos, que esperem, que sahyaõ, e que não se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos, pelos menos, os que vaõ fazendo; e a estes sem fructo chamo tambem unhas ignorantes.

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas.

TOda a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, são agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas não fallo dessa agudeza, senão da subtileza com que alguns furtaõ sem deixarem rasto, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil, e o agudo desta arte. O estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do campo, não andou subtil; porque ainda que fez o contrato no páteo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos finais, que deu o villaõ e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e chegando-se a elle, lhe pedio por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladraõ de se acolher com o furto; mas não advertio, que o podia conhecer o Confessor, como conheceo, de que resultou sahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma cidade de Coimbra hum forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para seu intento; porque o esperou no local de hum poço,

que está na estrada, por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira naquelle instante huma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ, a quem lha tirasse. Moveo-se a compaixaõ o passageiro, que devia de ser homem de bem, se não he que o picou o interesse, e porisso não presumio malicia: gabou-se que sabia nadar como um golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despio-se sem se despedir do vestido, que logo se despedio delle; porque o matalote da cadêa tanto que o vio debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a seu dono como sua mãy o pario, sem lhe deixar rasto, nem pégada, por onde o seguisse: nem podia, ainda que quizesse, pelo deixar prezo sem cadêa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e não menos ardilosa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e semelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou na rua; e escondendo esta na manga, se foy com a outra a hum mercador, rico que lhe desse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas: celebraraõ o contracto, sem reparar ella na quantidade dos redditos, porque não determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joyas. Virou-se contra hum escriptorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a senhora harpã trocou as bocetas, pondo na mesa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas, e levando a chave comsigo, para que lhe não enxovalhassem as joyas, ou atirassem com as pedras, se foy com os dous mil cruzados, onde nunca mais appareceo, nem apparecerá, senão no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Corte, para se vestir de córtes os mais preciosos, que achou na calhe Mayor, á custa do mercador, que lhos cortou por sua boca sua medida. Alugaõ-se em Madrid amas, assim como em Lisboa escudeiros, para acompanhar:

tomou huma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, se foy com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, sedas, télas, e guarniçoens, que passá-raõ de quinhentos cruzados, sem reparar em medidas, nem em preços: e quando foy á paga disse: *Que nõ trahia caudal bastante, porque nõ pensava, que hallaria cosas tan lindas, que alli quedava su madre, y que luego bolvia con todo el diñero: quede-se aqui madre mia, que yo voy con esta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego en hora buena,* responderaõ ambos mercador, e velha, ignorantes da treta; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando, que era de Alquiler, e mouca, e servia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as custas sobre o capital, que lhe acolheo, e não alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que sua, porque era forra, e grande conserveira, trato, com que vivia, e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho; e se algum tinha, era com os Confessores, quando se desobrigava nas Quaresmas. Tratou por huma vez dar de mão ao trato, e para isso fallou com hum Sevilhano, Capitaõ de hum navio, se lhe queria comprar huma mulata de grandes partes? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della seria, o que sua mercê julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia, e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar, a que o tinha convidado: meteo a innocente velas, e remos, e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete, que se pudéra dar a hum Emperador, e servio á mesa, como criada, dando-se por autora de todos os guisados, e acipipes. Ficou o Castelhana satisfeito, tanto que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao picaõ: e ficaram de acordo, que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo; e assim o fez enganado-a segunda vez; porque o Sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro, como se fora a bodas; e ficou nos piozes, voltando-se o

amigo para terra dizendo comsigo: veremos agora se me negaõ a absolviçaõ os Padres Curas. O Navio deu á vela: gritava a triste, que era forra! Consolava-a o Castelhana: *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iba para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble y rica, &c.*

Estas são as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas: e destas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes estragos com alvitres, e conselhos que despontão de agudos, e levaão a mira em encherem as bolças; como se vio nos das maçarocas, e bagaços, de que não resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns tão destros, que provêm todos os officios em seus criados para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheos: e são os peores; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que por não encontrarem fazenda Real, em que empolguem, aproveitão-se da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que a arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no cap. 4. em que mostrámos, como os mayores ladroens são os que tem por officio livrarnos de ladroens.

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas singelas.

MElhor dissera rombas, ou grosseiras, para as contrapor com as agudas, de que atégora fallámos: mas tudo vem a ser o mesmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos estas com as dobradas, que se seguiraõ. E para intelligencia de hum, e outro capitulo, devemos presuppor, que assim como ha unhas dobradas, tambem

as ha singelas. Dobradas são, as que se aprestaão de varios modos, e invençoens com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. E daqui se infere, que as singelas eraão as que não tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaão; não armaão mais que a hum lanço, e se erraão o tiro ficaão sem nada. E accrescentando mais, porque singelo quer dizer simples; que furtar ninherias, e de modo, que vos apanhem, tambem he ser ladraão de unhas singelas. Furtar cinco ou seis mil cruzados abrindo portas com gasúas, ou arrimando escadas, e destelhando as cazas para decer por cordas, e dar no thesouro, modos são de furtar, que sabe qualquer ladraão, antes de ser graduado, ou marcado, que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasúas, sem escadas, sem cordas, nem sobresaltos, aqui está o subtil da arte, e o não ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forza, porque o apanharaão com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso he furtar de ladroenszinhos novatos, que são sabem, qual he a sua mão direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaão, e outro em cima, e ficar taão enxuto como hum inhame; e taão escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroíce; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinação, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaão, que cursaão as Cathedras, e es-cólas de Mercurio, e Caco. E quem são estes? Perguntastes bem; porque como não trazem insignas de seus grãos, nem signal manifesto de sua profissão, são máos de conhecer: e entaão melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, são insignes.

Seraão estes, os que nos sayem nas estradas com carapuças de rebuço, e espingardas no rosto? Tiray lá, que ainda que lhes chamais salteadores por antonomasia, são formigueiros por profissão; e taão singelos, que nunca levantaão casa de sobrado, nem tem bens de raiz, nem ajun-

taõ moveis, que naõ caibaõ de baixo do braço; saõ como o caracol, que traz a casa comsigo, e como o Philosopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto*. Tudo, quanto tenho de meu, trago commigo. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheio. Seraõ os alfayates, que lançando o giz além das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a limpo, sujando a consciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calção de veludo para si, e huma anagoa para sua mulher? E tambem saõ ladroens singelos; porque saõ caseiros, criados á mão, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e porisso juraõ quando lhes perguntais pelos retalhos, que sobejaõ, ainda que sejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficais sem escandalo do que vos levaõ. Seraõ os Tabelliaens, e Escrivaens, que ha sem numero nesta Corte, e em todo o Reyno, que com huma pennada tiraõ, e daõ cem mil cruzados a quem querem? Esses grandes ladroens saõ, mas singelos, principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ, porque logo se lhes enxerga; como aquelle que fez humas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamaõ da Pennada; porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ, disse: Boa pennada deu alli o Tabelliaõ! De mais de que, como poem por escrito tudo, saõ faceis de apanhar seus erros de officio: e se dobraõ o partido com outro, para se justificarem, ficaõ á revelia de quem fará, que percaõ o feito, e o por fazer: e lá irá quanto Martha fiou, por se fiarem, de quem naõ lhes deu fiança a lhes guardar segredo no conluyo.

Seraõ os soldados de cavallo, que quando se vêm montados em ginetes, que naõ saõ de seu gosto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem saõ ladroens singelos; porque dando com isso grande damno a Sua Magestade, ficaõ com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por naõ serem homicidas da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artêlhos dos pés,

ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provêm de outros. E o furto está no damno, que se dá a ElRey, e á milicia; porque se vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nora, tendo custado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvos-hei este rocim saõ em duas horas? Concertaõ-se em dez, ou doze tostoens; aplicalhe hum emplastro de herva moura, para dissimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a cedella, que lhe pescou os tostoenszilhos, e fica o cavallinho saõ como hum pero no mesmo instante; e quem o mancou, e desmancou, taõ quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos especulativos, que sejaõ de unhas dobradas, porque saõ multiplicados os seus furtos: mas não tem razaõ, que assás singelos andaõ; e se agasalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que seja hum cabrito, ou hum carneiro, ou huma vacca, quando vaõ de marcha por esses campos de Jesu Christo, he, porque os achaõ desgarrados, para que os não coma o lobo; e assás ténue vay tudo, e assás singelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obrigação, que a todos corre já o disse no capitulo 21. das unhas Militares.

oo

CAPITULO XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas.

JÁ dissemos, que unhas dobradas saõ, as que se armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas proposiçoens, como com páo de dous bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Tais saõ os

ladroens, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçaõ de sorte, que por humã via ou por outra lhes haveis de cahir nellas; com um exemplo ficará isto claro, e corrente. Quando Sua Magestade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo, que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que não pôde escapar o furto: Quando levantaõ o ponto, no escudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os Ministros delRey serem sabedores das redes, como verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem poderão advertir na desproporçaõ dos preços: furta-se a El-Rey, que manda comprar os cavallos, ou furta-se aos vendedores: e a restituiçaõ de ambos os furtos, se bem o averiguarmos, vem a ficar às costas dos avaliadores; que ordinariamente são os alveitares das terras, onde se fazem as resenhas, e escolhas dos potros, cavallos, e dragoens mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor he poderoso, intimida os ferradores, ou os peita, para que ponhaõ em quarenta, o que não vale vinte; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e se o vendedor não tem ardil, nem poder, para agencear, e seguir esta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem cõmun, a que se encostaõ para engolir o escrupulo: e assim por humã via, ou por outra ordinariamente se afastaõ, e poucas vezes se ajustaõ com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E he certo, que Sua Magestade, que Deos guarde, não quer nada disto: não quer o primeiro; porque defrauda seus thesouros: não quer o sêgundo; porque offende seus vassallos; que tambem não são contentes de serem enganados em mais de ametade do justo preço: com que fica certissimo, que he furto manifesto por humã via e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ às vezes os executores tambem com

os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos: e talvez succede tomarem hum, e dous, e tambem tres por dez mil reis, e por oito cada hum, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras, e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil reis, por ser de boa raça, e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus Confessores, e verão o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser, que mais proveitoso: e he, quando dous vão forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as págas; e tambem acontece o mesmo na infantaria. Tem hum Capitão oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitão seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem estimadas por mezes, fazem somma de mil e duzentos cruzados cada mez; e se durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e se usarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas adentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Castella saltar os boys, e ovelhas. Mas o General das armas [peço a sua Excellencia para o nomear aqui] o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas tão correntes com notas, e contra divisas, que não póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que se gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ser peor que praças mortas; porque tais doentes, e tais soldados não os havia no mundo: e mandando os ver á cama, e não os achando, descobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama soldados saõs com nomes mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar: mas o zelo, e destreza do Conde General excede, e vence todas as artes no serviço delRey nosso Senhor.

Em Viana de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com as unhas dobradas com mais destreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e porvos-hei tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes passagem segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: dava-lhe ponto, e avizo infallivel das paragens, onde acharia tais, e tais fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

.....

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.

M Elhor dissera nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que a lingua; e tambem porque tudo, quanto se furta, vem a parar, ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer, que a havia, e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada; e peor, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal, de que he tão velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vêllos-heis an-

dar no Paço fazendo mizuras a cada passo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já se não usão gorras: não lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intensaõ, e palavrinhas, com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, são unhas de aço, que não só arranhaõ creditos alheos, mas empolgaõ para si, que he o principal intento, em tudo o precioso, que cuidaõ se poderá dar a outros. E para isso não ha provimento, que não desdenhem, nem despacho, que não menoscabem; até o que he nos outros paga de Justiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao seu moínho, e fazerem canno das minguas alheas para as enchentes proprias, de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhaimo para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer assinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia, allegaõ a seu Rey, o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunerem com os despachos, que merecem: hum péde a Comenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em tais baralhas, temendo que lhe võe por aquella via o passaro, a que tem armado a costella, e que se lhe vá da rede a preza, que pertende pescar puxa da espada da lingua; porque nunca arrancou para cortar o direito, que vê vaõ adquirindo, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cá o tortéles Polifemo! Por hum olhinho que perdeu, Deos sabe aonde, póde ser que bebendo em alguma taverna, quer que lhe dêem mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, bastandolhe huma mão para empinar, quanto tem furtado

com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaraõ, quer que lhe talhem huma Comenda, que não sonharaõ seus avós: e o outro que por huma perninha lhe dêm hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem estas manqueiras, de que vem fazer gadanho para estafarem mercês, que só nós merecemos a ElRey, como se vê ao perto. E por esta solfa se deixa este, e outros tais como elle, hir descansando semelhantes letras, até, que sayem com a sua por escrito, estorvando, e tirando os despachos a quem os merece, para os incorporarem em si. E ainda mal, que lhes succede. Testemunha seja hum Capitaõ, que eu vî despedirse de hum amigo nesta Corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de semelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como se hia sem espeiar o seu despacho? Respondeo palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repostas dos Ministros, e Aulicos de Sua Magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, não descansão, até que não enxotaõ toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pertençoens, que por esta arte alcançaõ; e assim furtaõ, e pescaõ com os anzóes, e unhas da lingua o que não merecem, e de justiça se deve dar, a quem arriscou a vida, e não a quem a traz empapelada: e estes são os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que não he seu, nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra não se applicuem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis Comendas, que he sangue de Christo para os Cavalleiros, que á custa de seu sangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como se pode permittir, que logre estes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem

[illegible]

Ladroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos, que o gigante Briareu, porque não lhes escapa conjunção, lugar, nem tempo; e como se tiverão mil mãos, *á dextris, e a sinistris*, não errão lanço: e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que não he muito; mas furtar até com as alheas, he destreza propria desta arte, que vence na malicia e subtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar corpos fantasticos para commetter abominações: porque não póde haver mayor malicia, que despirse huma criatura de seu proprio ser, e vestirse da natureza alhea, saindose de sua esféra, para poder mais offender a Deos. Tais são os homens ladroens, que se ajudaão de mãos alheas: sayem-se de sua esféra, e vão mendigar nas alheas modos, e instrumentos, com que mais furtem. Não se contentar hum ladraão com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muito formosas unhas, e hir buscar mãos alheas, e emprestadas, para mais furtar, e poupar as suas para outros lanços, he o summo da ladroíce. No como se verifica isto, está ainda a mayor difficuldade, que será facil de entender, a quem olhar para a mão de Judas, quando no officio das trevas apaga as candêas. Obrigação he que corre por

conta dos Sacristaens: mas porque não chegaõ ás velas, ou por se não queimarem, valem-se da mão alhea: e assim vem a ser mãos de Judas todas, as que ajudaõ ladroens em seus artificios.

Ainda se não deixa ver, em que cabeça vay dar a pdrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem, que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias [e não estranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cá os Berlanguches, que logo entrarão tambem nesta reste] se ElRey nosso Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baste para o provimento das fronteiras, o que pôdem fazer por si, e seus criados, para que empenhaõ nisso os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno? E porque estes são escoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhes licenças de Sua Magestade para isso? Que he isto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de sua ganancia? Interesse he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com saguates lhes aguçaõ as unhas, para as prezas serem mais copiosas passando dos limites, de cujas crecenças fazem negoceaçaõ, e venda a seu tempo com excesso, levando de codilho a substancia aos póvos famintos, obrando tudo com as mãos da justiça, que he, o de que me queixo, que a justiça chegue a ser entre nós mão do gato, para que não lhe chamemos mão de Judas, que atixa este incendio, em quanto os sobreditos tem as suas de reserva em luvas de ambar para agasalharem os lucros, que com tantas mãos negocearaõ.

Dêmos hum de mão aos Berlanguches, já que lha promettemos, e elles não querem, que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da nossa barra de Lisboa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque passaõ por elles todos os estrangeiros, que vem do Nórtte, chamamos a todos Berlanguches. Estes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que só elles sabem fazer baluartes, attacar petardos, disparar bombas, artificiar maquinas de fogo,

e engenhos de guerra. Sendo assim, que de tudo, quanto obraõ, não vimos até agora fruto, mais que de immensas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar á sua terra: até agora não vimos bomba, que matasse gigante, nem petardo, que arrasasse Cidade, nem maquina de fogo, que abrazasse armada, nem queimasse se quer hum navio. Porisso disse muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga [que em tudo he discreto] respondendo á petição de hum destes engenheiros, que demandaria hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que architétou contra os Parlamentarios, que nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650. que o queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes nesta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello: porque no fim das contas só o nosso braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as empresas. Aqui me pergunta hum curioso pelas unhas do gato? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros delRey, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que mão de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com seus gati-manhos, o que fora melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ despídos, e os Berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta hum tostaõ, para qualquer homem de bem passar hum dia: hora demos-lhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhes setenta e quatro mil réis cada mez de ordenado? Desordenada couza chamára eu a isto; pois lhes vem a sahir a mais de hum tostaõ para cada hora, e mais de dous mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece isto conto de velhas, e discurso de gigantes encantados: Gigantes de ouro são isto, que se nos vão do Reyno, conquistados por Pigmeus de palha, de que fazem a mão do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ser o fogo, com que abrazaõ mais a nós, que a nossos

inimigos: e elles o são mais verdadeiros, que os Castelhanos; porque estes nunca nos deraõ tal sacco, nem entraraõ cá por tais esfolagatos.

E para que não pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa d'elle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhosas, de que usaõ Portuguezes. Já toquey esta treta succintamente no §. ultimo do capitulo IX. a outro proposito; mas agora a contarey mais diffusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para sua casa rico sem escandalos, nem revoltas: mete se de gorra com os mais opulentos do seu destrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: mostra cartas suppostas, com avizos de despachos, habitos, cõmendas, e officios, que fez dar a seus afillhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençaens nella, cresce-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto; e vão-se para suas casas discursando o caminho, que teraõ para terem entrada com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conselheiros, e logo lhes occorre a estrada coimbrãa das peitas; porque dadivas quebraõ penedos; e armaõ logo hum presente para adoçar o senhor Capitaõ, ou Governador, e o hir dispondo ao favor, que pertendem: e já se imaginaõ dando alcance á garça, que taõ alto lhes voou sempre: crescem as visitas, chovem os donativos de huns, e de outros; e quando chega a monção de navios para o Reyno, chegaõ os memoriaes, e achaõ os sobreditos senhores fazendo listas para a Corte, escrevendo cartas, arrumando negocios de mil pertendentes, e de tudo fazem rede para pescar os donativos, com que naturalmente se despenhaõ. Chega hum, e diz: Senhor, bem sabe Vossa Senhoria que ha vinte annos sirvo a Sua Magestade á minha custa, e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercê porisso: e para que eu deva esta tambem a Vossa Senhoria, espero que me favoreça por meyo de seus validos, a quem protesto ser agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria, para que veja como trago a v. m. na casa

dianteira, e suas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario, lêa v. m. lá as cartas, que escrevi hontem para Sua Magestade, e para o Conselho da Fazenda, e Ultramarino. E o Secretario, que está de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escritas; e com a destreza, que costumaõ, relata logo de cada huma seu capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençaens do supplicante, em que a descreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario, que as annexe áquelle ponto: e ao sobredito diz, que durma descansado, que em boa mãõ jaz o pandeiro: e elle mais solícito, que nunca, vay-se para casa e manda logo o melhor que acha nella, para não ser ingrato; e por esta maneira de mil modos com estas abuises caçaõ os mais gordos tralhoens da terra, e mêtem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiscar em Macáo, bocetas de basares em Maláca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angóla, caxas de açúcar no Brasil; e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar á costa: *Male parta, male dilabuntur*. A agua o deu, a agua o leva. E ficaõ desfeitas como sal na agua todas as maquinas das pertençaens dos innocentes, e elles no limbo da suspensaõ, e no Purgatorio do arrependimento, porque deraõ ao gato, o que não comeo o rato.

Tambem para ElRey nosso Senhor ha mãos de gato, que lhe arranhaõ a fazenda, e arrastaõ a grandeza de suas datas, e mercês; e são os exemplos tantos, que me não atrevo a contalos, assim por muitos, como por arriscados. Direy hum imaginado, que poderia acontecer, e servirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira: vem consultada com tres oppositores. O primeiro he o melhor, o ultimo o sumenos: tem este por si mais amigos na Corte: temem fallar a Sua Magestade, porque são conhecidos, e sabem, que especúla muito bem os que são

apaixonados, para não admittir suas informações: buscaõ huma mão de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: espreitaõ a occasiaõ, em que Sua Magestade vê as consultas: fallaõ-lhe, como a caso: Senhor, para que se cança Vossa Magestade em apurar gente, que não conhece; consultas da Universidade são muito apaixonadas pelos bandos das opposiçoens, que muitas vezes poem no primeiro lugar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os sugeitos, e he desinteressado nestas materias: informe-se Vossa Magestade delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui está na Sala, responde o mesmo: Deos o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de proposito o trouxeram, e deixaraõ no posto bem instruïdo. Sayem-se todos para fóra, e entra o louvado: cõmunica-lhe Sua Magestade a duvida: resolve-a elle fazendo-se de novas no ponto, que traz estudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a seu Rey huma couza por outra, que nem por seu pay mudará huma cifra contra o que entende: e com estes ensalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como não presume malicia, quem não trata enganos, persuade-se ElRey, que aquella he a verdade; e tomando a penna despacha a consulta e dá a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e estes são os modos, suave leitor, com que cada dia se tiraõ sardinhas com a mão do gato.

CAPITULO XXXVIII.

*Dos que furtaõ com mãos, e unhas postiças
de mais, e accrescentadas.*

DE hum ladraão se conta, que tinha huma mão de páo tão bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurso junto aos que lhe parecia, que poderiam trazer bem providas as algibeiras; e com a outra mão, que lhe ficava livre, lhes dava sacco subtilmente; e ainda que os roubados sentiaão alguma couza, olhando para o vizinho, de quem se podiaão temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos, persuadiaão-se que seriaão apertoens da gente, o que sentiaão. Assim me declaro nisto, que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declararey, com os que occupaão muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monstros, a substancia do Reyno: como se lhes não bastava a mão, que tomaão em huma occupação, metem pés, e mãos no meyo alqueire com seu Senhor, e ajuntaão moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraão a mão; e já lhes eu perdoára, se só huma mão metteraa na massa; isto he, se só com hum officio se contentaraão: mas manejar tres, e quatro com mãos postiças, he quererem agarrar este mundo e mais o outro.

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da assistencia, que não sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na mesma tempestade em dous navios, he impossivel têlla em duas partes; e não

quer, que coma, e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o sangue dos pobres, e a fazenda delRey, e substancia da Republica, hum homem secular occupando dous póstos, e dous officios incompativeis; e porque são mais que muitos, chamo tambem a isto ladroens, que furtaão, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se daão, e toléraão em Republicas mal governadas: mas que na nossa taão bem regída, e disposta se sofraão estas, he para dar os bens entendidos com as cabeças por essas paredes. Ver que faça dous officios, e tres, e quatro, e sete occupaçoens hum só homem, que escassamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista he necessaria para ver, que não póde estar isto sem grandes ladroïces: e a primeira he, que come os ordenados, com que se pudéraão sustentar, satisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e mayor de todas, que como he impossivel assistir hum só sugeito a tantas couzas differentes, passaão-lhe pela malha mil obrigaçoens de justiça, não dando satisfação ás partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos fóra de suas patrias: e no cabo despachaão mil disbarates por escrito, para serem mais notorios; porque não tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehendem as certezas, que se lhe praticaão: e quando vão a alinhar as resoluçoens, escapaão-lhe os pontos, e embaraçaão-se as linhas, que tinhaão lançado huns, e outros; e perde-se o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ser mais difficultoso encaminhar hum desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petiçoens, comem-se provisoens, faltaão os Oraculos, respondem sésta por balhésta, fazem-vos do Ceo cebola, metem-se no escuro dos segredos, com mysterios, que não ha: e Deos nos dê boas noites. Baldaraão-se as peitas, frustraraão-se as intercessoens, perderaão-se os gastos, e a paciencia; e

appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque se o buscardes na fonte limpa, que re-
prende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscais-vos
a huma enxurrada de Ministros, que vos tiraõ o Oleo, e
mais a Crisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadei-
ras, que encontraõ verdades catholicas; assim ha heresias
politicadas, que encontraõ as verdades, que escrevo: e assim
como seria heresia de Calvino, e Lutéro dizer que he mal
feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous be-
neficios curados; assim he heresia na politica do mundo
admittir que hum homemsinho de nonnada occupe dous
officios, que requerem duas assistencias. He nota de al-
guns Escriurarios, que nunca Deos provêo dous officios
juntos em hum só sugeito: e para significar a importancia
disto mandava, que ninguem semeasse dous legumes na
mesma terra: e quando occupava algum servo seu em
huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos neces-
sarios, e forças convenientes: e isto não pôdem fazer os
Principes da terra, que se bem são Senhores dos cargos,
para os darem a quem quizerem, não o são dos talentos,
nem os pôdem dar, a quem os não tem, como póde Deos;
e porisso deve ir attento nos provimentos, que fazem,
porque até hum só, e singular requer homem capaz, para
ser bem servido. E para que se veja, como as couzas
vão muitas vezes nesta parte, contarey o que succedeo ha
poucos annos em huma praça, onde foy provido por Capi-
taõ mór certo Cavalheiro, que presumia de grande sol-
dado: e no primeiro dia, em que tomou posse do seu
feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas da-
quella noite. Estava elle em boa conversação de amigos,
e senhores, que o visitaraõ com o parabem de sua boa
vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava?
Que me dê Vossa Senhoria o nome para esta noite, he o
que peço, respondeo elle: e o senhor Capitaõ instou mui-
to admirado: ainda me não sabem o nome nesta terra? E
mais o ficaraõ os circunstantes do seu enleyo. Acodio o

Sargento: bem sabemos o nome de Vossa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou mais o Capitão. E para não se arriscar a responder outro desproposito, disse-o peor, porque o mandou embora sem resolução, e que no dia seguinte tratariaõ o ponto com mais desafogo. E eisaqui que tais succedem ser os senhores, que occupaõ grandes póstos: e sendo tais, que faraõ, se os puzerem em muitos.

He engano manifesto dizer-se, e cuidar-se, que não ha homens para os cargos e porisso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as ciencias, e artes, que em Portugal acharaõ seus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e christandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnosco á soldada nesta parte: mas não apparecem os talentos por tres razoes. Primeira, porque não ha, quem os busque. Segunda, porque ha, quem os desvie. Terceira, porque não são entremetidos; e isso tem de bons. Não ha quem os busque, porque não ha quem os estime. Ha quem os desvie, por se introduzir inutil. Não se offerecem, por não padecerem repulsas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Tersistes cobardes pelos thronos cevando vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastados á roda dos mouros da patria, que defenderaõ, e Sinões traidores embolçando vivas, e triumphando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobriraõ as minas, onde está o ouro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro, que conservaõ melhores vinhos, que jarras de ouro.

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas.

UNhas bentas, parecerá couza impossivel; porque todas são malditas, e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discursámos. Mas como não ha regra sem excepção, desta se tiraõ algumas: tais são as da graõ besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo isso tambem affirmaõ os mesmos, que até essas virtudes são furtadas ás conjunçoens da Lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou da Estrella, que os Astrologos chamaõ Mercurio ladraõ famoso. E entre tantas unhas não ha duvida, que ha algumas bentas; não porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençaõs, e apoyando virtudes, e clamando misericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças, que encontraõ, melhor que pirolas de escamonéa. A mais de quatro Criticos se me vay o pensamento neste passo, não de passagem, mas de proposito, e reixa velha, a certos servos de Deos, a quem murmuradores chamaõ por desdem da Apanhia, levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Céu, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas isto he praga, que só se acha, em quem não val testemunha confórme a sentença de Luiz Rey de França, que só hereges, e amancebados fallaõ mal dos tais sугeitos: estes, porq̃ os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo he, que esses mesmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu dinheiro bem guardado, que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas, que usurpaõ a titulo de bentas, são aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latroci-

nios. Explico isto com alguns exemplos, que darão noticias para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos [desgraça ordinaria em todos] acordarão valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ ás mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaxalhaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da cõr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraram batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre si seus antepassados. Não he necessario declarar os extremos, que de parte á parte passaraõ: Resultou por fim de contas, que levarãõ a bom partido a pessa toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Não sey se he isto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e misericordia, para pobres, para Missas, e Irmandades, as quaes vãõ arder na mesa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous tostoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora, ajuntava, o que lhe bastava, para passár alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos braços, com causticos, e hervas: mostraõ suas dores com brados, que moverãõ as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor, que me dêm huma esmola! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro, qe tinha huma perna muito chagada: boto a tal, que tem

aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E assim he, que muitos mil ajuntaõ estes piratas: e lá se conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-se nella cinco, ou seis mil cruzados em ouro. Hum Fidalgo piedoso lançou pregaõ na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem cosida, e escondida por entre os remendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos: Estes tais não ha duvida, que são ladroens, que com unhas bentas esfolão a Republica, tomando mais do que lhes he necessario, e fora melhor distribuillo por outros, que por não pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis são, as que professão benzedadeiras, e tem mais de siganas, que de beatas. Entra em vossa casa huma destas com nome de santinha; porque dizem della, que adivinha, faz vir á mão as couzas perdidas, e depára cazamentos a orfãos, e despachos aos mais desesperados pertendentes. Pedis-lhe remedio para vossos dezechos: pedevos huma cadêa de ouro empretada para seus ensalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas; mete tudo em huma panéla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, vespóra de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que não lhe deis quebranto: e a hum virar de pensamentos, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia, a ôlha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, sobpenna de se converter tudo em carvoens, até passarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles se passa para Castella, ou França, com a preza

nas unhas, que chamo bentas, pois por tais as tivestes, quando a poder de benções vos roubaraõ. Vedes vós isto piedoso leitor, pois sabey de certo, que succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a não se deixar enganar tão parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste Reyno as décimas para a defesa delle, e a todos contentou muito esta contribuição; porque não ha couza mais racional, que assegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os Ecclesiasticos neste passo, que são izentos de gabellas por Diplomas Pontificios; e eu não lho nego; mas quizera-lhes perguntar, se gostãõ elles de lograr os lucros, que das décimas resultaõ, que são terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasoens dos inimigos, que os nossos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Não pôdem deixar de responder todos, que sim. Pois se assim he, como na verdade he, lembrem-se do ditado, e do Direito que diz: *Qui sentit commodum, debet sentire, & onus*. E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que se depenne, quem gosta de viver sem penas; e estando isto tão posto em boa razãõ, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devaõ dar seu consentimento na contribuição das décimas: e vindo elles nisto, como são obrigados pela razãõ sobredita: *Et scienti, & consentienti non fit injuria*; digaõ-me onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para surripiar do cõmun, o que affectaõ para seus cõmodos particulares? E não se vio mayor sem-razãõ, que quererem conservar suas queixadas sans á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima, ou interesse, que assim lhe chamo, e não escrupulo; respondeã-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as conservarem, e defenderem em extrema necessidade: porque não lhes será licito recolherem décimas dos Ecclesiasticos, para os defenderem no

mesmo aperto? Lícito he, não ha duvida; porque esta consequencia não tem repostas: e della se colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza, o que elles querem, que seja escrupulo, e excõmunhaõ: e vem a ser a rapina verdadeira, a com que se levantaõ ás mayores fazendo unha da Religiaõ, para agarrarem o capital, e os redditos, sem entrarem nos riscos, que sempre grandes lucros trazem comsigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que sabemos tambem o respeito, que se lhes deve, e que não ha diplomas, que encontrem esta doutrina, direy claramente, o que ensinaõ os Theologos nesta parte, e he, que são obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros: porque todos igualmente se servem, e aproveitaõ destas couzas: e ha de ser em tres circunstancias. Primeira, quando a contribuiçaõ dos leigos não basta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, sem força na execuçaõ. Mas logo se accrescenta, que os Prelados são obrigados a executalos: e isso he, o que queremos na contribuiçaõ das décimas: e melhor fora não se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Não posso deixar aqui de acodir a huma queixa, que ainda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta, e topa no Fisco Real, quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscação. Poderiaõ alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no Tribunal, que o arrecada, e que he tanto, o que se confisca, que excede seus gastos: e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade, que com grande piedade remette tudo nas conciencias de taõ fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada: e por credito da inteireza, que taõ Santo Tribunal professa, convêm que lhe demos satisfacção adequada em capitulo particular, que será o seguinte.

CAPITULO XL.

Responde-se aos que chamaõ Visco ao Fisco.

POr fabula tenho, o que se conta do Sayvedra, que dizem meteo neste Reyno, por enganos de breves falsos, o Tribunal, e Fisco da Santa Inquisição; porque não ha memoria disso nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis se lançaõ: nem ha outro testemunho, mais que dizello o mesmo Sayvedra, por córar com isso outros crimes, que o lançaõ nas galés. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Castella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Espanha, por preceito do Concilio Toledano, de não consentirem Hereges em seus Reynos. Muitos destes, ou quasi todos, deraõ comsigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que se iriaõ deste Reyno, sobpena de ficarem seus escravos, os que se não fossem. Muitos se foraõ: e os que se deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de escravos, e como tais eraõ vendidos: até que ElRey D. Manoel os tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassem todos o Reyno: alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautismo, e com isso aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal instruïdos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que não só professavaõ a Ley de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apostolicos na conformidade, em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os seculos; porque a este Santo Tribunal se deve a inteireza da Fé, e reformação de costumes, com que este Reyno floresce em tempos taõ calamitosos, que abrazaõ todo o Orbe Christaõ com corrupçoens, e heresias.

A mayor pena, que tem os Hereges além da de morte, he a que lhes executa o Fisco da confiscação, e perda de todos seus bens: e he muito justa; porque as heresias nascem, e cévaõ-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os Hereges mais insolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e só o Summo Pontifice póde applicar os bens confiscados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque he causa meramente Ecclesiastica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-se por Direito á Igreja, os dos Religiosos á sua Religiaõ, os dos leigos a seus Principes, onde os tais bens existem, e não onde se condemnaõ. Em Espanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular concessaõ; e os dos Clerigos, mas que tenham beneficio, por costume geral em toda a parte, pertencem ao Fisco secular. De tudo isto se colhem tres conclusoens certas.

Primeira conclusaõ: que os Principes seculares não pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do costume Ecclesiastico; nem ainda das leys, que os mesmos Principes puzeraõ, se foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Ecclesiasticas. Segunda: que não pódem os Inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao seu Fisco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada sentença, de tal maneira ficaõ os bens confiscados sendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que póde delles dispôr, e dallos a quem quizer, mas que seja aos mesmos Hereges, a quem se tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos; não pódem pelas tres razoens, que ficaõ tocadas, que com as riquezas se cévaõ, e crescem as heresias, e os Hereges se fazem insolentes, e pervertem outros: e tambem, porque he causa Ecclesiastica, e não tem direito aos bens, que lhes não estão ainda sentenceados. Destas tres conclusoens se colhe huma consequencia certa, que a confiscação he pena Ecclesiastica, e que como tal não póde o Principe secular impedir a execuçaõ della sem licença do

Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto sobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo á queixa, que nos obrigou a fazer este capitulo. Os Reys em Portugal são Senhores dos bens confiscados, depois de sentenceados, de tal maneira, que os pódem dar aos mesmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderão dar a administração, e dominio dos tais bens absolutamente aos Senhores Inquisidores, para que os gastem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenham dado este poder, he notorio, e se prova do facto, e da permissão continua sem repugnancia, nem contradicção. E ainda que a massa do Fisco he muito grande, não são menores os gastos da sustentação dos penitentes, das agencias de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Ministros, das maquinas dos cadafalsos, e mil outras couzas, que empresas tão grandes trazem consigo, que he facil conhecellas, e difficuloso julgallas; porque o menos, que aqui se pondéra, he o que vemos, e o mais, o que se nos occulta com o eterno segredo, alma immortal do Santo Officio. Nem se póde presumir que haja desperdiços, onde ha tanta exacção, e pureza de conciencias, que ápuram o mais delicado de nossa Santa Fé: antes se póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que só com a confiscação dos Réos se sustente maquina tão grande, tão illustre, e tão poderosa! E dado, que passe alguns annos a receita além da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e a providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que se póde metafisicar de sobejos, he pequena remuneração para tão grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse, com que se possa gratificar, o que este Santo Tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, he huma observancia de modestia, e inteireza, que assombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque o mesmo he entrar hum homem Ecclesiastico, ou secular no serviço

do Tribunal da Santa Inquisição, que vestir-se logo de huma composição de acçoens, palavras, e costumes, que fazemos pouco, os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem se deixa ver na reformação dos vicios, na extinção das heresias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades, seria huma sentina de vicios, seria huma Babylonia de erros, se o Santo Officio não vigiara as maldades, não castigara os vicios, e não extinguiu os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e sayem continuamente todos os heresges do mundo, sem que os vicios das Naçoens nos dam-nem, sem que os erros das heresias se nos peguem. Não ha Reyno, nem Provincia na Christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve taõ gloriosa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, castigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Serenissimos de Portugal a importancia de taõ grande serviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Ministros, não fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fisco á sua disposição.

E se ainda não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, ouçaõ, o que respondeo ElRey Philippe o Prudente em Madrid a outra semelhante, que envolvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexadlos, que mas estimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos con treinta Clerigos, que todos esses interesses, y respetos.* Fal-lou como Prudente que era; porque interesses, e respetos temporaes, não tem comparação com lucros sobrenaturaes. Este mesmo Rey passando pela Praça de Valhadolid com todo seu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquisidores, e em os vendo, se sahio do coche, e com o chapéo na mão os levou nos braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vós!* Sabia conhecer, o que nós ignoramos: e porisso affoutamente concluo, que cada hum diz

da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantaõ a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do Fisco não achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

.....

CAPITULO XLI.

Dos que furtaõ com unhas de fome.

NAs gazetas de Picardia se escreve, que houve hum moço tão inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com hum Fidalgo que tinha fama de rico: mas ao segundo dia achou, que assentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda se usava naquella casa; e porisso o senhor della era rico, porque adqueria com unhas de fome o que enthesourava. Succedeo hum dia, que indo o novo pagem comprar huma moeda de rabaões para a cêa de todos, encontrou huma grande procissão de Religiosos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto, e de traz da tumba se hia carpindo a mulher, e lamentando sua desgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas, e suspiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? À casa, onde se não come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo: Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas, que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa não tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e porisso entrey em suspeitas, se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á casa, onde se não come,

nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois assás bastão os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que couza são unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a huns, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saya á luz o que reservaõ: e quando vos daõ alguma couza, he sempre o peor, e o que não presta, ou de modo, que melhor fora não vos darem nada. São estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteu a cegonha com papas estendidas sobre humalagem, para que as não pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o não ha em guardar cada hum o que he seu, e em poupar até o alheio? Respondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tóa isto a desproposito: mas eu não vî couza mais certa, se a entenderdes, como a entendo; e já me não haveis de entender, se me não declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey nosso Senhor ao Brasil, Angóla, e outras partes: provêm-se de chacinas podres, bacalháo corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo isto assim mais barato na compra; e saye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque foraõ provîdos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizeraõ com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda a Sua Magestade provêr para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres semanas:

eisque na segunda semana já falta a agua, e na terceira já não ha pão. Tornaõ-se a recolher sem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eisaqui que couza saõ unhas de fome, que por matarem a sua pôem em desesperaçã a alhea. Os provimentos Reaes, como os de toda a casa bem governada, devem ser como os de Deos, que sempre nos dá remedios superabundantes. Não devem hir as couzas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada sobeje: o que sobeja no prato, he o que satisfaz mais, que o que se come. Tres açoutes tem Deos, com que castiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer nossa Monarquia, quem mete em suas forças fome. Nada poupa, quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que não quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria, e interesse nos cõmercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occasiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gastos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Ministros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na não capaz de sua pessoa, e fato, quatro fardos de canéla livres, e sem taxa, para que engodados com estes interesses, e liberdades, abracem o trabalho, que he desmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real: e segue-se dahi não haver, quem queira arriscar sua vida por taõ pouco, e irem forçados, e porisso negligentes em tudo. Nem ha, para que buscar outra causa de se perderem tantas náos de poucos annos a esta parte. As náos no mar saõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: se tem quem os guie, e governe com cuidado, e ciencia, escapaõ de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixam meter nelles. Como não haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guiaõ, e governaõ,

vão descontentes, e ignorantes? Vão descontentes, porque vão forçados, e vão forçados, porque não vão bem remunerados: e daqui vem serem ignorantes; porque ninguém estuda, nem toma bem a arte, de que não espera mayor proveito: e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar, qual he a razão, porque nenhuma náó, nem galeaõ nosso, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creyo que seja; porque não ha, quem não saiba, que se adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por não gastarem dous, ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo: perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundaçoens do mar, e violencias dos inimigos. Muita vantagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e aprestos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma estopada.

oo

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas.

A Rapoza, quando saltêa hum galinheiro faminta, céva-se bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como se vê farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos

que furtaõ com unhas fartas, que não páraõ nos roubos, por se verem cheos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no sangue alheo: saõ como as sanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andaõ sempre doentes de hidropesia as unhas destes: entaõ tem mayor sede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á custa alhea; que não contentes, da mesma fortuna fazem razaõ de estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfando-se mais para isso pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçaõ achaõ gosto, e honra: chamara-lhe eu descredito, e amargura de consciencia, se elles a tiveraõ.

Olhem para mim todos os ministros delRey, que hontem andavaõ a pé, e hoje a cavallo: estejaõ-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondeã-me a ellas, se souberem; e se não souberem, eu responderey por elles: Se os officios de vossas mercês daõ de si até poderem andar em hum macho, ou em huma saca, quando muito, e suas mulheres em huma cadeira: como andaõ vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua mesa se servia muito bem com pratos, saleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prata, salvas de bastioens, confeiteiras de relevo? Não me diraõ, de donde lhe vieraõ tantas colgaduras de damasco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, escritorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Deraõ de fartos em fome canina? Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me diraõ, onde acharaõ estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveraõ, para medrarem tanto em taõ pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a visinhança? Já o sey, sem que mo digaõ: houveraõ-se como a rapoza no galinheiro, em que entraraõ: cevaraõ-se não só no necessario, senaõ tambem no superfluo. Não se contentaõ com se verem fartos, e cheos, como esponjas, querem engordar com acipipes: e porisso lançaõ o pé além da mão, e estendem a mão até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a saco, quando o ensacaõ: e saõ como

o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, lêão com attenção o capítulo, que se segue.

CAPITULO XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimosas.

Assim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que são suas filhas, e porisso peores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtaõ mais do necessario. Furtar o necessario, quando a necessidade he extrema, dizem os Theologos, que não he peccado; porque entãõ tudo he commum, e não ha meu, nem teu, quando se trata da conservaçaõ das vidas, que perecem por falta do que haõ mister, para se sustentarem: mas furtar o superfluo para amimar o corpo, e regalar a alma, he caso digno de reprehensãõ: e ainda mal, que succede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos; porque exemplos declaraõ muito. He certo, que a qualquer Ministro delRey basta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente confôrme a seu estado. Pois se lhe basta hum vestido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe sobeja hum gibaõ de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que rasga hollanda, onde basta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, se pôde passar com vaca, e carneiro? Para que dispende em doces, e conservas, o que bastava para cazar muitas orfans? Bastando paças, e queijo para assentar o estomago, sem lhe causar as azías que padece pelos muitos guizados, que não pôde digerir. Para que são tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e não era Flamengo; e outro

que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaría, não lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos são estes, e que não pódem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela mão, e porisso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nó tiene, y cabritos viende, donde le vienen?* Meu irmão Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubís, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras são estas, que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu não sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome sem lançar peneira affirmar, que vossas unhas vos grangearão todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se haõ de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os não lavrastes, nem os roçastes, nem vos nasceraõ em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encardos. Logo bem se segue, que os furtastes: e vós sabeis o como, e eu tambem: e para que outros o saibaõ, volo direy; porque estou certo o não haveis de confessar, mas que vos dêm tratos.

Entregaraõ-vos o livro das despesas, e receitas Reaes, enxiristes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-se a lenda; levantastes ás folhas com quanto nellas se continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficastes livre das contas, e encarregado nos furtos, que só no dia do Juizo restituireis; porque ainda que vos vendais em vida, não ha em vós substancia, porque a esperdiçastes; nem vontade, porque a não tendes, para vos descarregar de taõ grande pezo. Por esta, e outras artes de não menor porte, que deixo, fazem seu negocio as unhas mimosas; e tudo lhes he necessario, para manterem jogo a seus appetites: e não houvera me-

lhor Flandes, se o bicho da consciencia as não roera. Hum licenceado destes picado do escrupulo correo, quantos Mosteiros ha em Lisboa antigamente buscando hum Confessor que o absolvesse: e a razão que dava para ser absolto era, que não tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa; e que não havia de ser contente El-Rey, que a sua familia perecesse. Respondiaõ-lhe todos [porque todos estudavaõ pelos mesmos livros] he verdade que não quer Sua Magestade que seus criados morraõ de fome; mas tambem he verdade, que não quer, que o roubem: e se esse officio não vos abrange, moderay os gastos, ou largay-o, que não faltará, quem o sirva com o que elle dá de si sem esses furtos: sois obrigado a restituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando, que era muito o que estava comido, e bebido, e que não havia posses para tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras, daqui por diante accrescentarey tudo, e sahirá das partes cabedal, com que satisfaça, já que não ha outro remedio: e como as partes são muitas, e de mim desconhecidas, tomarey a bulla da Composição daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas não faltou quem o advertisse, que não vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaría tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que dissipava tudo.

oo

CAPITULO XLIV.

Dos que furtaõ com unhas desnecessarias.

EXcusadas são no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroïces, e porisso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo não as comprehende todas;

porque só trata das superfluidades, que destroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que dão caça. E bem pudemos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e costumes de vestidos, que se vão introduzindo cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens estranhas, que como á bugios nos enganaõ com as suas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e teceduras de lã, e seda, que na sua terra custaõ pouco mais de nada, e cá no las vendem a pezo de ouro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa, não agrada; desprezamos os nossos pannos, e sedas, que sempre se fizeraõ no Reyno com melhoria. Insania marcada, e politica errada foi sempre, antepor o alheo ao proprio com dispendio da cõmodidade. Haverá quarenta annos, que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda, se nao fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se não attenta, que não gastassem superfluamente os vassallos furtanto á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos desnecessarios. Queixaõ-se hoje, que não tem para pagar as décimas, com que ElRey lhes defende as vidas; e nós vemos, que lhes sobeja para gastarem, no que lhes não he necessario para a vida. Apodaõ este tempo com o antigo: chamaõ ao passado idade de ouro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem entaõ tinha hum anel de ouro com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que possuía muito. Entaõ mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando se murava, dizendo: não párem as obras por falta de dinheiro, empenhem-se essas arrecadas, que custaraõ cinco mil reis, ou vendaõ-se, e vão os muros por diante, que logo irá mais soccorro. Estes eraõ os thesouros antigos! E hoje não ha mecanico, que não tenha cadêas de ouro, transelins de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas superfluas, e particulares, o

que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defensa da patria.

Esta he a opiniaõ de muitos politicos Estadistas, que não sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he, que todos luzão, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e causa veneraçãõ nos Estrangeiros, e terror nos adversarios: pelos trajes se regula a nobreza de cada hum, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado: e quasi que he isto de fé: pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezaõ os pobres; porque ás vezes: *Sub sordido pallio latet sapientia*. O luzimento com moderaçãõ he digno de louvor; o superfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que não valha nada esta invectiva: façamos outra, que porventura valerá menos na opiniaõ dos poderosos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que se gasta neste Reyno todos os annos das rendas Reaes quasi hum milhaõ, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes, e ministros, que assistem ao governo da justiça, e menêo das couzas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos tais Ministros, e póde bem ser que com a terça parte delles, se daria melhor expediente a tudo; porque nem sempre muitos alentaõ mais a empresa, e se ella se póde effeituvar com poucos, a multidaõ só serve de enleyo. Se basta hum Provedor em cada Provincia, para que são cinco ou seis? Se basta hum Corregedor para vinte leguas de destrito, para que são tantos, quantos vemos? Tantos escriptaens, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que servem; se basta hum para escrevinhar, e meirinhar este mundo, e mais o outro? Este alvitre se deu ao Rey de Castella não ha muitos annos, e não pegou; póde bem ser, que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as discutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios, e pitaças. En-

tremos nas sete Casas desta Corte, mas que seja na Alfandega, e casa da India, acharemos tantos officiaes, e ministros, que não ha quem se possa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos são tão necessários, que menos póde ser fizessem melhor tudo. A hum Mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha sete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accrescentava: para que são na mesa do Paço oito, ou dez Dezebargadores, se bastaõ quatro, ou cinco? Na casa da Supplicação, para que são vinte, ou trinta, bastando meya duzia? E em todos esses Tribunaes, para que são tantos Conselheiros, que se estorvaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com salarios, e emmagrecem as rendas Reaes no commum, e não ha porisso melhores expedientes: muita couza fantastica se sustenta mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato: *Ne sutor ultra crepidam*. Quem te mete João topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que não entendemos. E em Tribunaes mayores, que constaõ de anciedade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha mister ajudada, e alentada, e porisso se permittem mais Ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nos livre de Ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandes estiveraõ muitos annos de que-
do, sustentando exercitos grosissimos com immensos gastos, e soldados de Cabos, que os comiaõ com huma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que não existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas; e ninguem repara nisto; porque se reparaõ com esses lucros, os que houveraõ de zelar estas perdas. Chegaraõ os motins de Flandes hum dia a estado, que se haviaõ de

concluir com huma batalha, em que meteraõ os levantados o resto. Entraraõ em conselhos os Castelhanos, e sahio por voto de todos, que pelejassem, porque estavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Presidente, que ficavaõ todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavaõ: e retrataraõ-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasioens, que se offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occasião, deixão-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os sustenta.

CAPITULO XLV.

Dos que furtaõ com unhas domesticas.

Joaõ Eusebio Escritor insigne, e Autor eruditissimo da Companhia de Jesus, refere na sua Philosophia natural, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderão ser como cá melões, cujos fructos são viventes, e imitaõ a especie de borregos, ou cabritos: estes em quanto verdes estaõ amortecidos, e vaõ crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantaõ-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide, em que nasceraõ: e se os não vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que sayem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirarvos-ha o olho*. Tais são as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo quanto encontraõ na casa em que as admittistes, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade. Criados, e escravos a seus senhores, filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não são, não ha duvida que

furtao muito, e por mil maneiras; e que saõ estas verdadeiramente unhas domesticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados sobindo o preço no que seus amos lhes mandaõ comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays; e as mulheres escorchando os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escaceza naõ resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas naõ saõ estas as unhas domesticas, que a mim me cançaõ; porque o que estas pescaõ, pela mayor parte na mesma casa fica, e em couzas usuais se gasta. As que me tocaõ no vivo, declararey com hum repostã, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe respondesse, que era hum pay da Patria, que se expunha a todos para os amparar, e remediar como a filhos: e fazerme desta resposta alguma invectiva para seu interesse: mas eu furteylhe a agua ao intento, e respondilhe. Hum Rey dando audiencia a seus vassallos debaixo do seu docel he o Martir S. Vicente nosso Padroeiro posto no Eculeo, cercado de algozes, que o estaõ desfazendo com pêntens de ferro, e unhas de aço; porque todas, quantas peticoens lhe appresentaõ, saõ garavatos, e ganchos, que armaõ a lhe derriçar a substancia da Coroa: e he couza certa, que nenhum vay levar couza de seu proveito, e que todos lhe vaõ pedir o que haõ mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos: sem attentarem, que padece o Rey, e o Reyno mayores necessidades que elles, e que se deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençoens furtos domesticos neste tempo, em que deveramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus Discipulos, e naõ despir

ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno, e assim tem poucas datas: e he muito fertil de sugeitos, e talentos; e porisso não ha nelle para todos: mas tem as Conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venhão ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores póstos da patria: e pertendellos por outra via será furto domestico notorio, e digno de castigo.

Senhores pertendentes, levem daqui este desengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia, com que nos trata; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má reposta, nem nos seus olhos máo semblante: exercita naturalmente o conselho, que Trajano guardou por arte, com que se conservou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vassallo se apartou d'elle desconsolado, nem descontente. He de ferro para si; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel que o aço; e para sustentar o impeto adversario necessita, que o ajudemos com nossas forças: e será muito estolido, quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra, e onde este falta, arrisca-se a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem se trate primeiro que do particular; que totalmente se perde, quando se não assegura o commum: e para que a nós, e a nada se não falte, he bem que nós não faltemos da nossa parte, contentandonos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que he infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excessos, o que malogra na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito pôr aqui tambem hum advertencia, que não sejam tanto de cera, que se deixem imprimir; nem tanto de ferro, que não se possam dobrar: não se deixem imprimir de conselhos peregrinos: não se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensão-se com furtos domesticos, lima surda dos

bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cōmuns. O dictame, e accordo de hum Rey vale mais que mil alheos: não reprovo conselhos: antepondo o do Rey a todos, porque he menos arriscado a erros: esta resolução para mim he evidente, não só pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos assegura o commum dos Santos, e Theologos, que os guarda, outro que os ensina; e porisso são mais illustrados, que todos seus Conselheiros. Donde quando as opinioens se baralhão, o mais seguro he seguir o discurso do Rey, se não for intimado por outrem, que Rey não seja. E assim pedirão os Reys, o que lhes he necessario, e não tomarão, o que lhes he superfluo: darão a seus vassallos o que merecerem, e não o que lhes não he devido: e em nenhum haverá occasião de se recompensar com furtos domesticos.

.....

CAPITULO XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentirosas.

PEssoas ha, que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamaõ mentiras; mas não são estas as unhas mentirosas, que mais tem de pretas, que de candidas; e furtaõ de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejaõ, os que com certidoens falsas pedem mercês a Sua Magestade allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunhas, que tal não viraõ: e porque ha nisto muitos enganos, não me espanto da exacção, com que semelhantes papeis se examinaõ, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levaõ as mercês com serviços equivocos, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Castella. Jogaõ com páo de dous bicos: contemporizaõ com ElRey D. Joaõ, e fazem obras, que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá

outro; cá o corpo, e lá o coração. E por vida delRey meu Senhor, que se fora possível ao Doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos escritorios, e algibeiras ha neste Reyno, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que se baralhem as couzas; isto he, que sayaõ as náos tarde, que não haja galés, que se malogrem armadas, e frotas, que se desfaça a bolça, que não se fação cavallos, nem infantes que não se paguem estes, nem dêem cevada a aquelles, que não se criem potros, que não se peleje nas occasioens de urgencia, que não se fortifiquem as praças, que se altérem as décimas, que se gaste o dinheiro em couzas superfluas, e fantasticas; e em conclusão, que não se paguem serviços. E quando praticaõ, ou votaõ estas couzas, o fazem com tais tintas, e destreza, que fazem crer sésta por bahlésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo não me enganaõ, se no fim não quizeraõ, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos causaõ.

Outros há, que com serem muito leais, furtaõ a trecheo com unhas mentirosas; porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercê, o que pudéramos reprehender de grande calaçaria: sem sahirem da Corte, nem de suas casas, e Quintas, empolgaõ nos premios de campanha; levaõ ás barretadas, o que se designou para as lançadas: e não se correm de tomarem com mãos lavadas, o que só parece bem em mãos, que se ençoparaõ no sangue inimigo: cheos como colmêas ao perto, se estaõ rindo dos que por servirem longe estaõ vazios. Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Serenissimo Duque D. Theodosio, dignissimo Progenitor do nosso invictissimo Rey D. João o IV. de gloriosa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Castella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pedisse mercês, respondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Vossos, e nossos avós encheraõ nossa casa de tan-

tas mercês, que não me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos só de merecimentos, em quem V. Magestade póde empregar sua Real magnificencia. Este grande Heróe apurando assim verdades notorias ensinou harpiãs domesticas, que acabem já de ser sanguixugas de ouro, esponjas de honra, cameleoens fingidos, e Protêos falsos.

Outros ha, que seguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurpaõ a seu Rey, e á sua patria: por tais tenho, os que vencem praças mortas sem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantasticas, que tem na lista, e nunca existiraõ no terço: os que embolçaõ os salarios de soldados, e officiaes defuntos, e ausentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que ostentem authoridade em seu serviço, e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros, e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que não levaõ: os que introduzem officios com ordenados sem ordem delRey; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para couzas, que não se obraõ. Todos estes, e muitos outros, que não relato, são milhafres de unhas mentirosas. Mas os mayores de todos a meu ver, são os que trataõ em escravos.

Este ponto de escravaria he o mais arriscado, que ha em todas nossas Conquistas: e para que todos o entendaõ, havemos de presuppor, que o natural dos homens he, que todos sejam livres, e só podem ser escravos por dous principios. Primeiro de delicto. Segundo de nascimento. Por delicto são verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christaõs, que tomaõ. E os negros tem entre si ley justas, com que se governaõ, por virtudes das quaes cõmutaõ em cativo o castigo dos crimes, que mereciaõ

morte; e tambem os que tomaõ em suas guerras, aos quaes pôdem ser cativos, pela regra: *Partus sequitur ventrem*. Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamaõ *tangomaos*; estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nûs, e amarrados, sem mais prova de seu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhar o mesmo, que o vendeo, e levalllo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para os irem comendo: e estes, para se livrarem da morte injusta, rogaõ aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes não fogem os negros pela experiencia, que tem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de Religiaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em conclusaõ todo o trato, e compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos, de que usaõ, assim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que não os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens escravos. Tambem para os Brasis ha a mesma ley, e sabemos, que não se repara em os cativar. E não sey que diga a estes cativeiros tolerados sem exame? Direy, o que ouvi prégar muitas vezes a Varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia, que

a razão, porque Portugal esteve cativo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorsoens, e tyrannias, peores, que as que se usam com escravos, foy, porque injustamente Portuguezes cativão Naçoens innocentes. Justo juizo de Deos, que sejam saqueados com unhas mentirosas, os que com as mesmas roubaão tanto.

•••••

CAPITULO XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras.

SE ellas são unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha, que não seja unha verdadeira, e todas pertencerão a este capítulo. Nego-vos essa consequencia: porque huma couza he ser verdadeira unha, e outra couza he ser unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he só a que trata verdades, e destas só trata este capítulo: e parece muito, que haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade não permite: mas essa he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de summa importancia; porque quer que lhe dêem huma comenda por serviços de seus avós; e pelos de seu pay quer lhe dêem huma tença grossa para sua mãy, que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isso, que lhe dê Sua Magestade para duas irmãs dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias, por onde ha de requerer; informa-se das valias dos Ministros, corre-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz sua mercê requerimentos para tres annos: e falla verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os Ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se não vem armado de paciencia, e provído de dinheiro para

gastar, que se póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effectuar: e falla verdade; mas que elle sabe hum canno occulto, por onde se alcançaõ as couzas: e falla verdade: e se v. m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, isto de memoriaes he tempo perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: trate v. m. de couzas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os sinos de Santo Antaõ por dar daõ, e assim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano póde muito com seu marido, e este com tal Ministro, e este com tal Prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas, e sahidas: e assim tece hum cadêa, que nem com vinte de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moutas, de casa em casa, sem lhe bastar, quanto dinheiro se bate na casa da Moeda. Contarey hum caso, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo isto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, se não era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe bastavaõ para seus gastos: dispendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como bisonho, e achou-se em branco, e sem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occasiaõ. Para achar esta com bom successo, tornou á patria, fallou com duas irmãas, que tinha, desta maneira: Irmãas, e senhoras minhas, haveis de saber, que venho da Corte taõ cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma couza: se vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que se me foraõ por entre os dedos. Aqui não ha senaõ fechar os olhos, e lançar o resto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vieraõ as irmãas em tudo: deu consigo em Lisboa com os mil cruzados á déstra, e lançou-os em hum canno de agua ciara,

que lhe tirou a limpo sua pertenção com este presuposto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, sem que haja outra couza de permeyo. Ajustaraõ suas promessas de parte á parte com as cautélas costumadas de assinados de dividas, e empréstimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas delRey, e o outro nas do pretendente, que foy brindar o jantar de suas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque não se póde presumir, que minta gente douta, e que professa justiça, e razão. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; este pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem justiça. Como póde ser, se se contrariaõ, e hum diz que sim, e outro que não? Necessariamente hum delles ha de mentir, porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o Filosofo. Com tudo isso ambos fallaõ verdade; porque cada hum diz á sua parte, que tem justiça; isto he, que terá sentença por si, se quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se, que lhe roubaraõ a justiça: melhor dissera, que lhe roubarao as peitas, pois de nada lhes serviraõ. Respondem os Juizes, que deraõ a sentença, assim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade se encheraõ de alviças, donativos, e esportulas: e estas são as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e são as dos que agenceaõ, e defendem causas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a mesma parte, cinco mil a Sua Magestade; citaõ-se, e demandaõ-se por seus procuradores em Juizo com-

petente: e saye logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Magestade. Replica, que se paguem os cinco mil dos quinze, que lhe deve a Coroa, que lhe dêem os dez, que restaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a sentenciar, que pague os cinco, como está mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve, e se não que o executem até lhe venderem a camisa, se não tiver por onde pague; e que ElRey ha mister o que se lhe deve: e assim he na verdade. E tambem he verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de outros semelhantes, que não conto, abrirem-se humas, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompensando-se, para remirem sua vexação. E quando não encontraõ cabedal da Coroa, em que se empreguem, descarregaõ-se no foro da conciença com outros acrédores, a quem devem; e dizem-se huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle não sabe parte, e porisso nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Magestade, e assim ficareis desobrigado a lhe restituir, o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, de que succede isto cada dia com grandissimo detrimento da fazenda Real, onde seus Ministros negando sahidas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

oo

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagarosas.

A Maxima desta arte he, que todo ladraõ seja diligente, e apressado, para que o não apanhem com o furto na mão. Com tudo isso ha unhas, que em serem vagarosas tem a maxima de seu proveito: são como o fogo

lento, que porisso menos se sente, e melhor se atêa. Qual he a razão, porque arribaõ náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razão, porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto se aprestaõ, tem unhas vagarosas, em que empolgar. Mas deixando o mar onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque não são bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que couzas são as demoras de hum Ministro, que não despacha? São despertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se pêja de aceitar á escancara donativos, remette-vos ao seu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arrastado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque são muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Alluminou-vos Santo Antonio com a candeinha, que lhe oferecestes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos, que vos roubou com seus vagares, foy o diamante; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com taõ dilatada ausencia. Em Italia ha costume, e ley, que sustente a Justiça os presos, em quanto estiverem na cadêa: e he bom remedio, para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça não abrio os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertaõ de ser miseraveis, como ordinariamente são quasi todos, na prizaõ perecem sem cama, e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obri-

gaçoens da justiça, que as pódem temperar todas só com lhe apressar as causas. Se houvera ley, que pagassem os Ministros as demoras culpaveis, póde ser, que elles, e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigação nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com hum caso notavel. Importava a huma parte, que se detivesse o seu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conselho de hum Rabula esperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fora hum só, em casa do Julgador; o qual em vendo a maquina esmoreceo, e mandou-a pôr de reserva para as ferias, com hum letreiro em cima, que assim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que não tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o podia despachar: agastava-se o Dezembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de hum mez de estudo, e que porisso o tinha guardado para as ferias: chegaraõ estas dahi a hum anno, vio o feito, descobrio-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, se desatara o envoltorio. O que neste passo estranho mais que tudo, he soffrerem-se neste Reyno Letrados procuradores, os quaes se gabaõ, que faraõ dilatar huma demanda vinte annos, se lhe pagarem. O premio, que tais letras mereciaõ, era o de duas letras: L. e F. impressas nas costas, e não lhe espararem mais, para o que ellas significaõ.

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte: aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo, que havia de seguir, e cõmunicou-lhe tudo: Perguntou-lhe o servo de Deos, que cabedal trazia para os gastos? Respondeo, que hum cavallo, e dous

homens de serviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe disse o Religioso, visto trazer tantas bocas comsigo: e só para entabolar suas pertençaes ha mister mais de trezentos dias: e se o não sabe, dirrho-hey: Ha v. m. de fazer huma petição, que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com Letrados: segue-se logo esperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e nisto ha de gastar outros oito, se não forem quinze. Sua Magestade no mesmo dia, em que lhe dão as petições, logo lhes manda dar expediente; mas não sayem na lista senão dalli a seis, ou sete dias, que v. m. ha de gastar espreitando na fala dos Tudescos, para ver aonde o remetem. Acha que ao Conselho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e seus officiaes, e gasta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos seus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Busca valias para os Conselheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo dão-lhe por despacho, que requeira no Conselho de Guerra, e he o mesmo que gastar outra quarentena, até haver o primeiro despacho, que he: *Justifique*: e em justificar suas certidoens gasta muitos dias, e não poucos reales. Torna o justificado, e tornaõ a rebatello com *Vista ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente responde contra os pertendentes, porque esse he o seu officio: e com este despacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Mesa dahi a muitos dias: e gastaõ-se logo mais que muitos na fabrica da Consulta, porque se passaõ ás vezes semanas, sem haver Conselho de Guerra. Feita a Consulta, *a Dios que te la depare buena*, sóbe a Sua Magestade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detêm lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e se passa de seis, he necessario reformar outra vez tudo; e he o mesmo, que tornar a começar do principio: e isto succede sem culpa muitas vezes; porque estaõ lá outros papeis diante, que por hirem primeiro, tem direito para o tempo, e por serem muitos, o gastaõ todo. De-

ceo por fim de contas a Consulta despachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados, e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Mesa da fazenda, onde se movem novas duvidas; e a bem livrar, quando o Alvará saye feito dahi a hum mez, para hir a affirmar por Sua Magestade, negoceou v. m. muito bem. Torna assinado dahi a dous mezes, lança-se nos Registos, e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias, Mercês, direitos novos, e velhos, ou meyas natas, &c. E tenho dito a v. m. o que passa, ou ha de passar, e ainda lhe não disse tudo: mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas, que ha nesta Corte de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe dirão o como isto fica. A reposta, que o Fidalgo deu ao Religioso, foy, que se ficasse embora, que se tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha taõ pouco considerados, que attribuem estes vagares á pessoa do Rey, como se os Reys tiveraõ corpo reproduzido, e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de suéto cada semana, e suas horas de descanso entre dia, para que se não rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor: e delRey nosso Senhor sabemos, que não dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em couzas superfluas; e se algum entretenimento tem, he muito licito, e só lhe dá as horas, que furta do descanso, que lhe era devido; e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compôr as tormentas de negocios innumeraveis, sem admittir regalos, nem ostentaçoens de festas, que o divirtaõ. Cada hum quer, que se lhe assista ao seu negocio, como se outro não houvera; e daqui nascem as queixas, que porisso são muito desarrazoadas. Da Villa de Goes veyo a esta Corte certo homem de bem com huma appellação em caso crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, fallando pelo terceiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-se a

elles, e perguntou-lhes, se estavaõ fallando sobre o seu pleito? Responderaõ-lhes, que o não conheciaõ, nem sabiaõ que pleito era o seu. Pois em Goes [acodio elle] não se falla em outra couza. Assim passa, que cada hum cuida que só nelle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado este ponto, para saberem, de quem se haõ de queixar: que os negocios são muitos, e que na mão de Sua Magestade não fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande; e com isso serão apresadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se serão diligentes; porque póde acontecer, o que Deos não queira, ou não permita, que haja Secretario, ou Official, ou Conselheiro, que não despache cada dia mais que sete, ou oito papeis, accrescendo-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for, já não me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e não dêem com o seu descanso trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seis centos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para si, e porisso não se dava expediente a nada.

.....

CAPITULO XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apressadas.

PAra intelligencia deste capitulo contarey a historia, que aconteeo a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus despachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou

hum anno requerendo sem effeituvar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, lá hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que não me ajudaõ unhas vagarosas. Informou-se, que Dama havia no Paço mais bem vista das Magestades; e como as de Castella são de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e disse-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de seu, e que daria dois a sua Senhoria, se lhe fizesse despachar logo humã cõmenda por grandes serviços, que offerecia. *Dé acá sus papeles Señor mio*, lhe disse a Dama, *y buelvase a ver conmigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando estoy triste*. Contou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente com os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o despacho nas mãos, sem lhe faltar humã cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que não houvera de alcançar por outra via. E estas são as unhas apressadas, de que fallo, e destas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na mesma Corte gastou annos allegando innumeraveis serviços, para o despacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que se lhe goravaõ suas pertençaens pelas vias ordinarias, tratou de se ajudar de unhas apressadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primeiro, em quem trata de remir sua vexação; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço delRey, que passavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas, com que os inimigos o feriraõ, que por serem diversas, faziaõ com o sangue hum espectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha humã alabarda, no rosto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atravessavaõ; sobre

a mão esquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum mosquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiaõ o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e espadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com esta pintura, e seus papeis se appresentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: Senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escrita em meu corpo, que Vossa Magestade póde mandar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmarão os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pretendente com huma cõmenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez cõmutar em outra pequena; porque não era Fidalgo, ou porque não encheo as unhas apressadas, que tudo alcançaõ, ou tudo estorvaõ.

Acabo este capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicação está huma argóla, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apressar certa causa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em pessoa á Relação para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e não se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensaõ: não approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ, que não devem ser enforcados homens Portuguezes: e porque não tenha alguem esta conclusaõ por inutil, seja-me licito provalla aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano fosse açoutado; porque se tinhaõ todos por muito nobres; ou por-

que a infamia acanha os espiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos. Portuguezes saõ a gente mais nobre do mundo por seu valor, e por seus illustres feitos, e heroicas empresas; e quando mereçaõ morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoso, que o de forca; porque esta acaba-se em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peores de sofrer, que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe fossem descobrir terras: e se morriaõ na empresa, empregavaõ bem a vida, e se escapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que fora melhor mandallos á India, ou a Africa. Custa muito hum homem a criar, e he muito facil emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo, quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que daõ sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoariaõ o Reyno. Vi hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relação; e allegava-lhe, que o réo não peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua mercê naquella razão, de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo [disse o Dezembargador já picado] e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico mataõ vinte homens, e não peccaõ: logo bem digo eu, que póde

hum homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opiniaõ, sem querer amainar da sua teima. Eis aqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutelo destes sabios, porque não tem, quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes modificar a pena, que he a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zelosos, que convêm castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o seu zelo, quando mais se refina, he como o do outro, de quem disse o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que se cumpre ao pé da letra, o que disse o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi*. E vem a ser o que nós chamamos, Justiça de Guimaraens. Não nego, que ha crimes, que se devem castigar com morte a fogo, e ferro, quaes são os de *Læsæ Majestatis Divinæ, & humanæ*. E em taes casos he bem, que mostrem os Reys com o ultimo supplicio o poder, que Deos lhe deu até sobre os Sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceo em algum tempo escandalosa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lêa o capitulo que se segue.

CAPITULO L.

Mostra-se, qual he a jurisdicção, que os Reys tem sobre os Sacerdotes.

HE o Sacerdocio izento da jurisdição dos leigos, por direito Divino, e humano. E com isto está, que ha muitos casos, em que os Ecclesiasticos ficam sujeitos ás Leys Civís, como os Seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppôr, que este mundo he como o corpo humano, que não se pôde gover-

nar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4. *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt; grues unum sequuntur ordine literato.* Os Grous seguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animais reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que he ley muito forçosa, para não serem mais estolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e escolheraõ Magistrados, a quem se submeteraõ, para serem regidos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio sobre outro: e até Adaõ cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em cõmunidades deu poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ sugeitar a hum só, que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela cõmunidade dá Deos o poder, porque o deu á cõmunidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar, que só de Deos, e não do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul escolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamação do povo o recebeo, e Deos não fez mais, que escolhello, e appresentar-lho como digno da Coroa. E advirtaõ tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da verdadeira justiça ensina, que os pactos legitimos se devem guardar, e que as doações absolutas valiosas não se pódem revogar.

Desta potestade livre, e ligítima dos póvos, para fa-

zerem Rey, nasce poderem ser muitos os Reys, assim como as Naçoens o são; e não ser necessario, que seja hum só para toda a Christandade, ainda que seja huma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe, que o Papa não he Senhor temporal de tudo; porque Christo só o poder espiritual lhe deu, e o temporal só os povos lho podiaõ dar, e consta que não lho deraõ. Postas assim estas duas potestades secular, e Ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito: para chegarmos ao nosso ponto, de qual he o poder, que os Reys tem sobre os Sacerdotes, he necessario averiguarmos as potestades, que ha no Sacerdocio, para assim conhecermos, por onde póde o Rey entrar na jurisdição Ecclesiastica.

Ha no Sacerdocio duas potestades, huma, que se chama das Ordens, e outra da Jurisdição. A das Ordens de Christo a recebem, e só para o culto Divino, e administração dos Sacramentos, e esta claro está, que não tem lugar nella os Reys. A da Jurisdição se distingue em duas, huma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que não póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma he espiritual, e outra temporal, e são distinctas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celestial. A espiritual de Christo procede, que a cõunicou só aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; se de Christo, se dos homens? E ainda se divide em duas; huma, que domina os bens dos Ecclesiasticos, e outra, que se estende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas he a nossa questão, se as tem os Reys de alguma maneira sobre os Sacerdotes, e Ecclesiasticos.

Que fossem os Ecclesiasticos exemptos do foro secular por Christo immediatamente, he questão controversa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximaõ, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Christo os exime, porque os Papas os eximem com o po-

der, que receberão de Christo. E daqui se colhe conclusão certissima, que não poderão nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittirão. E desta mesma exempção se colhe, que pôdem ser sujeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontices, que os eximirão: porque a exempção não lhes vem das Ordens, como se vê nos Clerigos cazados, que não gozão o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tirarão. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoes, e occasioens, que habilitão os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principais são, Costume, Concordia, Privilegio, Justa defensão. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos sujeitos ás leys Civís, que olhão pelo bem cômum; como os que taxaõ os preços das couzas, as que irritaõ contratos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma couza, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razão, porque em França são julgados os Ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno podem ser Autores, ainda que não possam Réos. Privilegio: porque se o Papa o conceder nos casos, que pôde, he valioso; como se vê nos feudos, cujas causas se demandaõ sempre no Juizo secular, e nos bens da Coroa, quando se daõ a Clerigo com tal obrigação; moeda falsa, e crime *Læsæ Majestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defensão: porque *Vi vim repellere licet*. E para defender hum Rey sua pessoa, e a seus vassallos innocentes, pôde proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razão, porque vimos neste Reyno muitos Ecclesiasticos, assim Clerigos, como Religiosos, e tambem Bispos prezos, e confiscados, por conspirarem contra a pessoa Real, e bem cômum de todo o Reyno:

e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio, e justa defensão, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio não constasse, mais que do da justa defensão: e assás moderado, e modésto andou ElRey nosso Senhor em não fazer mais, que retellos prezos, para assim reprimir sua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neste capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha nestas materias: e se algum admitir outra contraria a esta, arriscar-se-ha a cahir nos precipicios, em que se despenháraõ muitos Hereges. E baste isto para desenganarmos a piedade supersticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as couzas á carga serrada, appellidaõ em suas consciencias zelos fantasticos, com que se inquietaõ sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

CAPITULO LI.

Dos que furtaõ com unhas insensiveis.

DO aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que não se sente: e porisso Cleopatra escolheo esta morte enfadada da vida pelo reputaõ a vida aos Reynos mais robustos, e esgotaõ a alma dio de Marco Antonio. Tais são as unhas insensiveis: ti-aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que não se sente o damno, senaõ quando está tudo morto. Estas são as unhas dos Estadistas, Alvitristas, aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peçaõ donativos aos póvos sem mais necessidade, que a de sua cobiça. Digo que são suaves as razoens que dão, porque não ha couza mais suave, que recolher dinheiro; e digo que são sofisticas, porque as vestem de apparencias

do zelo do bem cômum, e na realidade são cutelos, que degolaõ as Republicas. Declaro isto com hum discurso, ou consequencia, que vî fazer ao diabo: caso he, que me passou pela mão haverá vinte annos: Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes não bastavaõ ao ter mão, até que acodio hum Sacerdote Religioso, que com os Exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ? A todas deu repostas taõ ladino, que bem mostravaõ sahirem de entendimento mayor que á rusticidade de hum marinheiro. E que fosse espirito máo, mostrou-o bem nas faltas occultas, que descobrio a hum soldado meyo Castelhana, que com demasiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes affrontosos, que até o diabo os não sofre; e porisso lhe revidou, pondo-lhe em publico couzas não menos affrontosas, que elle tinha obrado em secreto, de q̃ corrido, por não ouvir mais, se retirou. Hum dos circunstantes [devia de ser Sebastianista] dezejoso de saber se era vivo ElRey D. Sebastião, tudo era apertar com o Padre Exorcista, que lho perguntasse. Mas o Padre lhe respondeo humilde, que seu officio era apertar seriamente com o espirito maligno, que deixasse aquelle homem, e não fazer perguntas escuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo, e póde ser o faria por divertir os Exorcismos: e disse estas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he senhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz mercês, corrobora seus vassallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita seus Estados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he isto? He como as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno; e erraõ o meyo da melhor defensão, que seria espalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que servir. Mais arengas

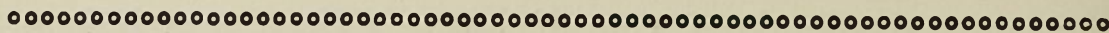
infiou a esta: tudo deixo, porque o dito basta para o intento.

Bem sey que o diabo he pay da mentira: e tambem sey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que não merecem melhores mensageiros, como se vio na Pitonsia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a experiencia nos tem mostrado a certeza, com que fallou este espirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava então, viaraõ a ser a unica causa de sua total ruina. Suave, e insensivelmente foy desfrutando tudo o pingue de seus Reynos; e porisso os acha agora taõ debilitados, que não se pôdem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte, ou trinta milhoens, que gastou nas superfluidades do Galinheiro; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantara, e não os achara todos galinhas, quando lhe servia serem Leoens; titulo, e nomeada, de que se prézaõ.

Confórme a isto, não foy pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa, com que ElRey D. João o IV. nosso Senhor, que Deos guarde, e prospere, mandou levantar todos os tributos, que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condemnaõ com isto as décimas, que poz para a defensão de sua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conservação, e augmento da Igreja Catholica: tais são os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha, e deve reprehender, e castigar em exacção taõ justa, he o rigor, e desaforo, com que alguns Ministros vexaõ as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhaõ seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que se cobrem, porque não achaõ outra couza. E destas violencias fazem serviço, para serem despachados com mayores officios devendo ser castigados severamente; porque no mes-

mo tempo dissimularão com décimas de ricos, e poderosos, tais, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que esfolaraõ: e porque se não dá fé disto, chamo tambem a isto unhas insensíveis: assim porque o não adverte, quem o devera emendar, como porque o não sente, quem se deixa ficar com a contribuição, que por abranger a todos, o não desobriga na consciencia; porque logra o bem, que da contribuição dos outros resulta, sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas insensíveis nas armadas, que se apréstaõ, e sayem por essa barra fóra: todo o tempo que se detêm no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo canno, por onde desagua, e desova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos são os soldados, officiaes, e passageiros, que continuamente estão a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os visitaõ todos os dias os lenços, e sacos de biscoutos, que ao pé do Paço delRey se está vendendo; as chacinas, e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lanço destes, respondem rindo: Rica he a ordem: isto não he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biscouto, e quasi nada hum saco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fora porem-se guardas, quando sayem, assim como se poem, quando vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Magestade em assegurar sua fazenda, que a alhea, e não sejaõ como hum, que vendeo por seis mil reis huma amarra delRey, que tinha custado setenta mil; que assim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.



CAPITULO LII.

*Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem
ao perto, e arranhaõ muito ao longe.*

Quem bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaraõ Bom retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia; achará nelle hum espelho claro deste capitulo; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ sentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veyo o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharaõ menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e se os tiveraõ de reserva, naõ lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He couza muito ordinaria naõ se sentirem damnos ordinarios, que parecem leves, senaõ quando de pancada chega depois delles a ruina, como na casa, que se vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum Juiz de fóra bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual estou certo naõ achou em Bartholo, nem Acursio. De toda a carne, que se comia em sua casa, apartava os óssos; e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como Juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando, que naõ comprava óssos, nem era caõ para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia allegando a perda, que lhe dera na sua fazenda, ainda que a naõ sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser

muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razão, e fez-lhe justiça, mandando que o Juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óssos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante, e outro no credito que perdeo, em fóрма que nunca mais entrou no serviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz, e marchante, se arranharaõ no fim das contas asperamente, ainda que o não sentiraõ no principio: mas foy com differença, que o marchante achou cura para as suas arranhaduras, e o Juiz não achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas desta Coroa succedem casos notaveis de grandissimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que não vay nada em prover de vasilhas, para os soldados tomarem suas raçoens de agua, e mantimentos; e segue-se dahi, que por não terem, em que guardem a agua, quando se reparte, haõ de bebellar, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficaõ estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles são tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e sente-se no fim da jornada o mal grande, que se urdio no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e sorve o mar, o que com huma bochecha de agua se pudéra salvar.

Nos exercitos, e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, se perdem vitorias; e por não meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhem sem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa vitoria, e foy assim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta desta mancou o ca-

vallo, e faltou o Capitão, que hia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeu-se tudo. Em huma viagem, que fiz por esses mares, foy tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas fizeraõ aguada em humas, que tinhaõ servido de chacinas, e salmouras: e a graça he que allegaõ ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal a destas, que fora melhor beber a do mar. Seguiu-se desta bolada taõ judiciosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deos nos não levara em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que não se sentindo ao perto, arranhaõ muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar este avizo de summa importancia, que façaõ muito caso do que parece pouco, quando he repetido; porque de muitos graõs se faz hum grande monte. Parece que não he nada hum desabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma mercê a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de desconsolados, que se achaõ menos na occasiaõ de prestimo: e o peor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnaõ com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Protêo, e Achelôo, que se transfôrme em leão, e em cordeiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamaõ sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderaõ ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca despresada póde cau-

sar grandes incendios; e assim succede, que o que não se sente ao perto, damna muito ao longe.

.....

CAPITULO LIII.

Dos que furtaõ com unhas visiveis.

RAra he a unha, ou nenhuma, que não procure fazer-se invisivel, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais invisiveis, que se fação, sempre se manifestaõ em seus effeitos; tanto, que por mais luvas de sahidas, e escuzas, que lhes calceis, não póde o juizo aquietar-se, e está sempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba*. Aqui ha harpias. Entrey hoje em casa de hum homem, que conheci hontem pagem çafado de hum Ministro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, escritorios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, espelhos de cristal na sala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as não tem tais o Rey da China: e fico pasmado sem saber, quem me diga a isto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?* Este homem não foy á India, nem achou thesouro; porque se o achara, ElRey havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado: e se quereis, que volo descante, direy o que dizem todos; que este homem he hum grandissimo ladraõ: perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado, e manifesto nestes effeitos: nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem não se tranca no dia de hoje, não vive seguro: e estou tirando devaças, que tais as soubera tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois não dá fé do que olhos fechados, e trancados vêm. Vejo que anda a cavallo

com dous lacayos aquelle Ministro, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles não trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhaõ ovos de ouro! Pois que he isto? São unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros, que calo de tafularias, amisades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem enfardelados com seus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, traziaõ varios godrins muito bons, que os estofavaõ, e eraõ de preço. Ha hum regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos, que se abrem, para os officiaes, que assistem a estas véstorias: abriraõ os escritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançaõ mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles se ficaraõ, que bem valiaõ vinte mil reis. Levantando mil falsos testemunhos ao regimento, que na verdade só as capas de couro, e lona lhes concede, e não o mais, que vem registado, como fazenda.

Em Villa Viçosa conheci hum criado da grande, e Real Casa de Bragança, que gastava os dias, e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o Serenissimo Senhor Duque D. Theodosio seus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que se foy valer do Confessor, para que puzesse a Sua Excellencia em escrupulo aquelle ponto com todas as razoes de sua justiça. Assim o fez o Reverendo Padre Confessor: e o Duque prudentissimo com o animo Real, e grandioso, de que Deos o dotou, lhe respondeo: Não sey se sabeis vós, que esse fidalgo entrou no serviço desta Casa, sem trazer de seu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher, e filhos vestem galas, e comem taõ bem, como

os que se sustentão da nossa mesa. Perguntay-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que assás mercê lhe fazemos, em não mandar ao nosso Dezebargo, que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu trato; porque se puxarmos porisso, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eisaqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondaõ.

Mais claramente se fizeraõ em Evora as unhas inviveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para não fazerem estrondo: tambem levarãõ farellos, para mear a moeda sem chocalhada. Deraõ nos caixoens da pecunia, encheraõ alcofas e sacos, sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas: onde começaraõ a lograr os frutos de sua diligencia, mas taõ incautos, que sendo trabalhadores de enxada, já não hiaõ puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavaõ. Nem fora isto bastante para os descobrir a grande diligencia, com que a justiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma sexta feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum destes comprava solho para jantar a tostaõ o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos foroens descobrio a caça, e achou a mina, de donde sahiaõ os gastos, que o fizeraõ manifesto, com prova bastante para o pôr no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da Cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

CAPITULO LIV.

Dos que furtaõ com unhas invisiveis.

T*Ela prævisa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para escapar delle: mas o rayo, que não se vê, a bala, que não se enxerga, senão quando vos sentís ferido, são males irremediaveis: e tais são as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não damos fé dellas, senão quando sentimos seus damnos. Raro he o ladraõ, se não he de estradas, que não trate de esconder as unhas, e fazer-se invisivel, quando furta: e por esta via pôdem pertencer a este capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda mais invisivel, pondo-vos á vista o harpéo, com que vos esfolaõ, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e como tal lhe talha o preço, que vós desembolçais muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: dahi a dous dias arrebentaõ as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou singelo, devendo ser saõ, e dobrado: vistes as entresolas, que eraõ de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ser de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez invisivel e destreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em sua consciencia. Vende-vos hum alfayate o vestido feito, ou faz-vos o que lhe mandastes talhar: mete lãa por algodãõ nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos pespontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas costuras: e paga-se, como se tudo fora direito como huma linha; e tem para si, que nada fica a dever, porque de nada déstes fé, senão quando se foy gastando a obra, e appareceraõ estes furtos

no vosso negro, a quem déstes o vestido, porque não dizia com vossa pessoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neste Reyno, mandou fazer humas calças altas no tempo, que se usavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o senhor mestre, que as talhou, e pesponteou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu lugar hum sambenito, por se forrar dos custos, que lhe tinha feito; feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aquestavão mais que muito: mandou-as abrir para ver se tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: não conto o mais que succedeo, porque isto basta para se ver, que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmaõ cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pôr tesoura na pessa de vinte-dozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplasto, que pede oleo de minhocas na receita: O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchou: O sombreireiro, que trabalhou lãa grossa, e podre, debaixo de huma pasta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor: O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova: O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na pessa. E todos, quantos elles saõ, [que seria muito correllos todos] tem estas trêtas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubaõ.

Mas dirá alguem, que tudo isto saõ ninherias, que

naõ tiraõ honra, nem desmandaõ casamentos. Seja assim. Vamos ávante: *Paulo maiora canamus*. Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais granada, e os que provêm as armadas, e frotas delRey nosso Senhor, sejaõ os primeiros. Naõ tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladraõ a desculpa na maõ, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o salto, que foy invisivel em Lisboa, manifesto álem da Linha; como Santelmo, que se faz invisivel em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladroens nocturnos saõ ainda mais invisiveis, como aquelle, que mudou hum transelim da cabeça de seu dono para outra, a que naõ pertencia; era elle de diamantes, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caso, que quando ElRey Philippe III. de Castella veyo a este Reyno, lançou o Duque de Aveiro esta gala, com que brilhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que se fez nocturna, para lhe dar caça mais segura: esperou que o Duque se recolhesse do Paço Real alta noite; investio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa sahida o chapéo, e pessa, que voou pelos ares com seu segundo dono; que ainda naõ se sabe, se o engolio a terra, ou se o levarãõ os ventos; porque se fez logo taõ invisivel, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenhaõ muitos, a que chamaõ neste Reyno capeadores: esperaõ que anoiteça: fazem-se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem: espada, e broquel com pistóla saõ os seus fiadores: e em passando couza, que lhes arme, desarmaõ de repente com huma tempestade de espaldeiradas, e ameaças de morte: e se lhes resistem, aplaca logo tudo a pistóla pósta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime

sua vexação o passageiro, sem conhecer o autor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando tão caro lhe custa o tornalla para sua casa illesa. Nas Chronicas de Portugal se conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente tão solícito de atalhar furtos, que até aos invisiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os seus espias, que se furtava muito na casa da India, e na Alfandega, e que de noite se abriaõ as portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-se o bom Rey á guiza destes, e entre elles passou hum noite, e outra, até que chegou a infausta para todos: deixou-se hir ao chamado os officiaes, que os levarão todos á Alfandega; e o seu mayor cuidado foy dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo, como os pilotos da facção mandaraõ, pagaraõ seu trabalho aos mariolas, e recolheo-se o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante si todas as Justiças, Ministros, e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos, com que tinhaõ rondado aquella noite: e al não façais, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros são leys inviolaveis, assim vieraõ todos: foy-lhe vendo as capas, e poz de reserva todas, as que achou feridas, para pôr a seus donos de pendura. E assim passou o negocio, que com tesouradas invisiveis assegurou thezouros, que unhas invisiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos, para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por invisiveis. Tais foraõ, os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos Reaes com hum Ministro, que tirava folhas dos livros do recibo tão subtilmente, que ficava invisivel a falta; mas viraõ-se logo as sobras dos restos das contas no largo, que invidava o resto na casa do jogo: e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos, como fez invisivel o salto, com que os roubava, ainda estariaõ invisiveis as unhas, que o levarão á forca: por sinal que endoudeceo sua mulher: e ainda não se sabe, se foy

de prazer por perder o marido, se de pezar por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria.

CAPITULO LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas.

PArecerá a alguém este capítulo semelhante ao passado das unhas invisíveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o são também muito entre si, como logo mostrarão os exemplos; e a razão também o mostra; porque as invisíveis são, as que de nenhuma maneira se podem conhecer no fragante, e as occultas bem se podem alcançar logo, se fizermos diligencia. Succedeo o caso, e eu vi em huma feira de tres que se fazem todos os annos em Villa Viçosa, haverá desasete annos. Vinha alli muito açafraão de Castella, e não tão caro como hoje val: no primeiro dia não havia achallo por menos de dous mil reis, e isto em muitas tendas: no segundo dia só hum vendedor se achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu isto que cuidar, porque não havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razão pedia que lhe levantasse o preço, mas a semrazão, que elle usava, o ensinou ao abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Assim passa: mas ahi val a unha occulta, que misturou com o açafraão puro outro tanto pezo de flor de cardo tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a droga outro tanto, ou mais; e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessado no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em tão grande quantia. E ainda que as

partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, não foy com tanta pressa, que a não puzessem mayor as unhas occultas, em se porem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos Confessores se dá parte, e porisso os Senhores ficaõ defraudados nesta parte. Logo me declarey: Ninguem cuide que taxo os Confessores de descuidados em mandarem restituir: póde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem seco, e istitico do mayor Sol, que nellas padece: e outrosim he certissimo, que os celleiros pela mayor parte são humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por essas Lysirias mil moyos de paõ a seus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais certo, que fazem a restituição dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela rega infallivel das crescenças, que temos dito. O Almoxarife, que he bom Christaõ, acha-se enleado: por huma parte o pica a consciencia, vendo em sua casa bens, que não herdou; e por outra parte tambem se lhe socega, porque ninguem o demanda por elles, e vê que ElRey está satisfeito. Vay á confissão da Quaresma, e diz: Accuso-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que não semeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os não furtoey; porque me nasceraõ em casa dentro em huma tulha, assim como me podia nascer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinchado o caso, fica a couza occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor, que já toquey, que eu não professo aqui ensinar casos de consciencia: ainda que sey, que a praxe deste está resoluta nos celleiros do Estado de Bragança, onde se pedem as crescenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardisosa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compasso, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempéra; e nesta parte he como o caõ damnado, que irritado se azeda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-se com o resto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o escrupulo com lhe chamar fruto de sua industria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogão com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com tais disfarces se manifestaõ, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto não ha opiniaõ, que os escuse de furto mais aleivosos, que a do ladraõ, que saltêa nas estradas. Tambem he occulta a trêta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de além-mar muito rico, para que não lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que solicito busca caminho, para se congraçar com seu Senhor: e como o de boas informações he o melhor, trata de buscar quem lhe desfaça as más, e apoye seu credito: e não falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor sahida á vossa pertençaõ; e póde ser, que vem este mandado pelo mesmo, que o poz em desgraça, para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados, que ás vezes passam de vinte caixas de açúcar, porque em mais se estima a graça de hum Principe. E tanto que se alcança este intento das caixas, pessos, ou bisalhos, segue-se o segundo de desfazer a maranha, e abonallo, até o pôr em pés de verdade restituído a seu primeiro ser, e valimento.

CAPITULO LVI.

Dos que furtaõ com unhas toleradas.

TErrivel ponto, e arriscado he, o que se nos offerece para deslindar neste capitulo, porque parece, que offende a justiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e se toléraõ. Males ha necessarios, como diz o proverbio, e que se toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volantins, que se soffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtaõ sempre he tão máo, que não se póde tolerar para desmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona*. Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e consentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o consentidor, como o ladraõ. Nem se póde dizer, que a justiça os consente, nem que os Reys os dissimulaõ; porque a razão não os permite. Pois que unhas toleradas são estas, que aqui se nos entremetem, para serem descuidadas? Para serem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralas-hey com hum par de exemplos, tão notorios, e correntes, que por serem tais, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, Cabeça do mundo, que pelo ser, nos deve dar documentos de justiça, e santidade; e porisso não estranhará taxarmos, o que se desviar desta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e estes tem por todo o mundo, onde se acha obediencia Romana, seus correspondentes, que intitulaõ do mesmo nome: e assim huns, como outros, agenceaõ dispensações, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, quem vem por Breves, e letras Apostolicas dos Summos

Pontifices, para partes, que não pódem lá hir negoceal-las; e por tal arte meneão as couzas, que não lhas trazem senão a pezo de dinheiro; e vem a ser neste Reyno hum rio de prata, para que não lhe chamemos de ouro, que está correndo continuamente para a Curia Sacra, por letras de Bispados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por tão excessivos preços, que vem a fazer mais de hum milhão todos os annos; sendo assim, que nas Bullas de tudo se diz, que dão tudo de graça: *Gratia sub annulo Piscatoris*. E assim he na verdade, que São Pedro pescador; e nada logra de tão copiosa pesca. Os pescadores, que engordaõ com estes lanços, bem se sabe quaes são: e porque são, os que não convêm, se livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito, ou pouco, que se concede, porque isso todas as Bullas dizem, que vem de graça. Castella se suspeita, que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a mão para seus intentos; ou porque a tinha entãõ mais chea, que hoje com as enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo Novo; e como Portugal lhe era sugeito, e sempre foy liberal, e grandioso, foy seguindo suas pizadas; e vendo-se picado, e opprimido com tal carga, e com o pé Italiano sobre o pescoço, tudo toléra a titulo de piedade; como se não fora impiedade defraudar-se a si, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé não assegura a verdade das letras, que apraza a Deos não sejam falsas. Doutos houve já, que considerando o muito ouro, que dispensaçoes só dos matrimonios levavaõ deste Reyno, resolveraõ, que podia ElRey nosso Senhor fazer Ley, que annullasse todo o contrato de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiscação de todos os bens, que ninguem passe lá dinheiro para tais graças, pois concedem que vem de graça; e atalharse-hia assim de pancada tudo; pois não ha razãõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Christianissima.

Que venha hum Colleitor a este Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada, para si, e seus officiaes, he couza, que não entendo, e porisso não lhe sey dar remedio: e se o entendo, não me atrevo a receitalhe a mézinha, porque não me levantem, que sinto mal do Ecclesiastico. E a verdade he, que sinto n'alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as nossas. Chamo-lhe incuraveis, não porque não tenham remedio, mas porque são toleradas de tanto tempo, que de velhas não tem cura, e porisso ninguem se cura já dellas. Aqui se me poem huma instancia: tal qual he, eu a destroçarey: dizem os que de nada se doem: como póde hum só Colleitor com tres Monsenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia, se elles só trataõ do espirito? Respondo, que ha neste Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embarços de consciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o Frade quer comer na mesa travessa; a Freira quer janela sem grade, e grade sem escuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça, em que lhas ponhaõ, e descasarse de duas, ou tres, que o demandaõ; & sic de reliquis: e todos para sahirem com a sua entraõ com Monsieur Auditor, e com Monsieur Albornós, e com Monsieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, q̃ não achaõ na rua; porque de frasqueiras, capoeiras, canastras, costaes, &c. já se não faz caso, por serem drogas de mais volume que lume: e com estas pedradas daõ a batalha, alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma não se move por peitas, e assim he, porque tudo são graças. Não sey, se me tenho declarado! Mas sey que tudo se toléra, porque corre tudo por cannos inexcructaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que annullasse tudo, o que por tais minas se agenciasse.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato esta teima com hum caso, que me passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma dispensaçã, ou absolviçã importante: hum pedio duzentos mil reis, outro cem mil, o terceiro foy mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrar-se. Não havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-se a pessoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e proposto o negocio, respondeo, que era de qualidade, que se expedia na Curia sem gastos de hum ceitil, e se offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e assim foy, que de graça veyo: contey por graça isto ao matalote dos duzentos mil reis, respondeo murchando os beiços: são lanços, que não tiraõ seus direitos aos homens de negocio; e melhor dissera lançadas de Mouro esquerdo, que merece gente, que sua infernal cobiça infama a sinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira sofre simonias; como actualmente o tem mostrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neste Reyno, no qual tambem ha outras suas proprias, que toléra, e todas tomara cortadas. Arma hum fronteiro huma facção por seu capricho; entra por Castella com dous, ou tres mil Portuguezes, gasta na carruagem, muniçoens, e bastimentos da cavallaria, e infantaria, oito, ou dez mil cruzados: succedelhe mal a empreza; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallo, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo: bella maré levavamos, se não se virára o barco. E dado que nada perca, e que traga huma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a sorte, que não bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetes, e outras tantas pistólas, que desapareceraõ; piques, que se quebraraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que não se

contaõ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido, e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o não aggravaraõ, deixando-os sem boys, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, não se recuperaõ os lavradores; tudo he dos soldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o dissipãõ. E assim se vaõ encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vaõ causando sem remedio; porque não se deu ainda no segredo desta esponja. Olhaõ para o applauso da valentia, e as medras, dos que se empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizzarria a todos, e outro de lizonja sobre a ruina da fazenda Real, que paga as custas; e os lavradores choraõ, o de que se ficaõ rindo os pilhantes, que nesta agua envolta saõ os que mais pescaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que se toléraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonha-la-hemos com Cidades muito mayores, que ha na China, nas quaes ha taõ grande vigilancia nisto de unhas de gente vadia, que de nenhuma maneira escapa pessoa viva, de que se não saiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras desordens, de q̃ saõ autores os ociosos, e vagamundos em grandes Republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheas, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer, nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianos: nelles achareis testemunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma escritura falsa, huma provisãõ, que até ElRey, que a não assinou, a tenha por verdadeira: tudo se toléra, porque não ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha Meirinho mór para resguardo do Paço Real, haja segundo Meirinho mór, para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadios, e gente ociosa; e

que prenda todo o homem, que não conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que he homem de bem, será solto; e se for da vida airada, vá para as Conquistas, onde terá campo largo para esprayar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se toléra.

CAPITULO LVII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas.

Toleradas são também estas unhas, pois se alugaõ; mas são peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para si, que não ha mayor maldade, que a que se ajuda de forças alheas, quando as proprias não lhe bastaõ, para executar sua paixão. E está em boa razão, porque saye da esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma pessoa mais do que póde para o mal, he grandissima maldade; assim como obrar mais do que póde para o bem, he grandissima virtude. Não póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite, que remedio para lhe pescar hum par de pessas sem estrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle, como com lima surda, faz hum buraco, quanto caiba huma mão; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baste para chegar ás pessas, que esmou de olho ao meyo dia; fiscalhe huma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escôa todas pela talisca. Mas não são estas as unhas alugadas, que fazem os mayores danos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas: estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; correlos todos he impossivel: direy sómente de varas, e escrivatinhas, o que vemos, e choramos, e não reme-

diamos, porque não ferem seus damnos, a quem pudéra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho, ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Aristoteles fora vivo com todo o seu saber não a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara era; mas fóra da sua mão era serpente. Tal he qualquer vara destas, de que fallamos: na mão de seu dono vara he, se he bom Ministro; mas fóra da sua mão he serpente infernal, e se anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo não tem poder, para se transformar em tantos monstros, como huma vara de serventia alugada se transforma: e elles mesmos o confessão, que não póde al ser, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os sustente a todos á custa das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil daminho, parecevos vaqueta de arcabúz; e ella he espingarda de dous kannos; porque vay por esses campos de Jesu Christo, a melhor marrãa, que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loge, sem gastar polvora, nem dar estouros. Tambem he canna de pescar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor pescada, e no melhor congro, ou savel, e sem cedella, que puxe, dá com elles no seu prato. Tambem he bésta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdiszenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que seja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como he outra em casa do mercador, e mede como quer panno, e seda. Tambem he garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canastras cheas. E vedes aqui irmão leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e

esta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer, quem a alugou.

O mesmo, e muito mais pudera aqui dizer das escri-
vaninhas alquiladas; mas não quero nada com pennas
mal aparadas, não acerte de lhes vir a pello este nosso
tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma
sentença grega, ou desalmada. Só direy, que são alguns,
ou quasi todos, tão fracos officiaes, que he grande valen-
tia saber-lhes ler, o que escrevem. Eu sey hum, que o
fizeraõ vir de Evora a esta Corte, para que lesse o que
tinha escrito em hum feito, que não era pequeno, e não
se achava em toda Lisboa, quem em tal escritura atti-
nasse com boya, como se fora a de ElRey Balthasar.
E com estes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e sujaõ
quantas demandas ha no Reyno, escrevendo sésta por
balhésta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara,
senaõ succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sen-
tenças por tal estylo, que não se daõ á execuçaõ, porque
não ha entendellas. Muito ha que reformar nas officinas,
e cartorios destes senhores, como em todos, quantos offi-
cios andaõ no Reyno arrendados.

CAPITULO LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorozas.

Quem dizia no capitulo 39. que não ha unhas bentas, porque todas são malditas, e sujeitas a mil excõmunhoens, quando furtaõ; tambem dirá agora, que não ha unhas amorosas, porque todas arranhaõ; mas ser-nos-ha facil desenganalo com quantas unhas ha de damas, que estafaõ a seus amantes. E tais são tambem as unhas de todos os valîdos, mimozos, e paniaguados dos grandes daõ-lhes francas entradas em seu seyo, sem verem que abrem com isso sahidas enormes a seus thesouros. Ou-

çame o mundo todo huma Filosofia certa: he certo, que animaes de differentes especies não se amañão: caens com gatos, aguias com perdizes, espadartes com balêas nunca sustentáraõ bem cõmercio: e se algum dia houve bruto, que se sugeitasse a outro de differente especie, foy, não porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservação da vida. Ha entre os homens estados tão diversos, que se distinguem entre si mais, que as especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que se distingue de hum escudeiro, mais que hum leaõ de hum bugio: e hum escudeiro presume, que se differença de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que será hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer desses? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere, que quando ha uniaõ de amor entre tais sugeitos, não he, porque a natureza os incline a isso, he a conveniencia do interesse; e como esta vay diante sempre, sempre vay fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circumstancia, que dá grande apoio a este discurso; e he, o que o mayor ama ao menor, como couza sua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domîna: e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e porisso vicia o amor, que não sofre disparidades. Donde se colhe evidente, e infallivelmente, que pôde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que não he certo havello do inferior para o superior; porque leva sempre a mîra no que dahi lhe ha de vir; e essa he a pedra de toque, em que aguça as unhas, que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que seu amo lhe mostra; mete a mão no que a privança lhe franquêa com tanta segurança, como se tudo fora seu pela regra, que diz: *Amicorum omnia sunt cõmunia*. O grande nunca sofre igual, quanto mais superior, e porisso não se humana senaõ com o inferior; e este porque tem iguaes, com quem faça sociedade, não necessita do bafo dos grandes, mais que para engordar;

e he quanto lhe permite o careyo, que lhe dão, e usão delle os validos com insolencia; porque o acicate, que os move, estriva mais em medras proprias, que em serviços, que pertendaõ fazer aos seus Mecenas. Reciprocaõ-se o amor do grande, e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor he cego, não enxerga a damno; e se acerta dar fé delle, porque ás vezes he taõ grande, que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula; e assim se vem a refundir na affeição todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amorosas as unhas, que lhos causaõ.

Naõ se condemna com isto terem seus validos os grandes; porque nem os Summos Pontifices se pôdem governar bem sem Nepótes, a quem de todo se entregaõ, para descansarem nelle o pezo de seus negocios, e segredos: e os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio, porque as couzas profanas não se domesticaõ tanto como as sagradas. O que se taxa he a demazia, e desaforo de alguns validos: dos máos ha duas castas, huns que escondem as medras, e outros, que as assoalhaõ: estes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna, e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duraõ, e he em quanto se sustêm em seus limites; mas por mais, que se dissimulem com trajos humildes, e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestaõ; porque são como o fogo, que se descobre pelo fumo, e abraza mais, quando mais se occulta. Se nós virmos hum destes comprar Quintas como Conde, receber dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principe; e soubermos, que entrou na privança sem humas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Cresceraõ-lhe sem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os Ministros, que assistem a ElRey nosso Senhor, porque vemos, que tudo o que possuem,

com não ser muito, he mais para o servirem, que para o lograrem. Nem se póde dizer de Sua Magestade, que Deos guarde, que tem validos mais que dous, que se chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter validos para se servirem, e ajudarem de suas industrias, e talentos, já o dissemos no capitulo 30. ao titulo dos Conselheiros §. I.

oo

CAPITULO LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes.

NAõ sey, se he certa huma murmuraçaõ, ou praga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais se ganha no Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que se faz á razaõ, e justiça, que está pedindo, e mandando, que se dêm as couzas, e fação as mercês, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem seu pão com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que sendo muito cortez, não pertende, nem espera premio por sua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada se merece, nem desmerece. E daqui vem, que o que se leva por esta via, vem a ser furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar estafadores. Andaõ no terreiro do Paço, no Rocão, e por essas ruas de Lisboa; e como são ladinos, e versados, conhecem já de face a todos; e tanto que vêm algum de novo, ou que parece estrangeiro, chegaõ-se a elle rasgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. parece hum Principe, a cuja sombra se prostra hoje minha pobreza: sou hum homem nobre, e forasteiro, sustento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar sua limpeza: semanas

se passaçõ, em que não entra paõ em nossa casa, e pondo a maõ na cruz da espada, jura que não traz camisa: e por esta toada diz mil couzas, que traz estudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas suas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quasi no chaõ. O pobre novato, que he ás vezes mais pobre, que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das corteziã, abre a bolça, e pedindo perdoens dá-lhe a pataca, ou ao menos o tostaõ, que o supplicante vay brindar logo na primeira taverna: e sabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e sempre foy estafador cortezaõ, que he o mesmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou escrivãinha no seu regimento dous, ou tres vintens, que se lhe taxaõ por esta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de sua cobiça, que he pouco: teme pedir mais com medo do castigo, que não falta, quando Sua Magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça dezejara servir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta, que lhe diga ao certo o que deve, porque não traz ordem para dar mais, nem he bem que dê menos? Torna a responder, que em mayores couzas o dezeja servir, que se não quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ seu cativo ficará assim como de antes. Bem se vê, que isto he estafa, pois nunca o vio em sua vida, senaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle se rabiscou, &c. Pasma o supplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde só devia dous vintens; recolhe-as o senhor escriba, de prata Fariseo, e despacha-o com aqui me tem v. m. a seu serviço taõ certo, como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como são obrigados, saberaõ as partes o que devem, e não haverá enganos; mas quando

o salario he pouco, não o escrevem, para ter lugar a trêta; e se he muito, galhardamente o explicaõ. Seja suspenso todo o que o callar: e eisahi o remedio.

Isto são ninherias em comparação de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças semelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na sahida com esta arte, que o desobriga para o futuro, e não dá molestia ao presente. Haverá em Cóchim, e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores entre Christaõs, e Banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregosinho para a China, e que por não ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, não quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque haõ mister ao senhor Capitaõ para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito me succeda isto na India, acolá taõ longe; quando vemos cá mais ao perto dentro em Portugal casos semelhantes! Hum Prelado grave, ou para melhor dizer gravissimo, conheci neste Reyno, que com achaque de hum jornada á Corte de Madrid pedio emprestado por boa cortezia a cada Paroco da sua Diocesi dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veyo á paga, com a mesma cortezia nehum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por esta arte anda a Politica do mundo chea de mil trêtas de sorte, que por mal, ou por bem, não ha escapar de roubos.

Dos que furtaõ com unhas Politicas.

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem sabe de que cõr he. E atrevo-me a affirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento della, sey que he huma má pessa, e que a estimaõ, e applaudem, como se fora boa: o que não fariaõ bons entendimentos, se a conheceraõ de pays, e avós, tais, que quem lhos souber, mal poderá ter por bom o fruto, que nasceo de taõ más plantas: e para que não nos detenhamos em couza trilhada, he de saber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum

catarro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou hum monstro, assim como nascem raros *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Estado: e esta Senhora sahio tão presumida, que tratou de cazar; e seu pay a despozou com hum mancebo robusto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de sagacidade hereditaria, e modestia postiça. Criou-se nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Lutéro, e outros Doutores desta qualidade, com cuja doutrina se fez tão viciosa, que della nasceraõ todas as Seitas, e heresias, que hoje abrazaõ o mundo. E eisaqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, basta vermos a variedade, com que fallaõ della seus proprios Chronistas; que se bem advertimos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo, que leva toda a agua a seu moinho. Se he Letrado, todas as regras da Politica vaõ dar, em que se favoreçaõ as letras, que tudo o mais he aire: Se professa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Fidalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que se não deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos seus preceitos se encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E pósta neste primeiro principio, entra logo sua mãy Razaõ de Estado, ensinado-lhe, que por tudo córte, sagrado, e profano, para alcançar este fim; e que não repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejaõ do outro mundo, porque só do cômodo deste deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alhea; porque não ha grandeza, que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros são meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e não estou seguro, tendo junto de

mim, quem me faça sombra: e para livrarmos deste çoçobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pé, que não escale, e meta a sacco. Este Reyno he meu, e esta Provincia he o menos, de que se trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, saõ pequeno prato para estas unhas; e o direito, com que os agarraõ, escreve o outro com poucas letras, sem ser Bartholo, na boca de huma bombardarda; e vem a ser: *Viva, quem vence*. E vence quem mais póde, e quem mais póde, tenha tudo por seu; porque tudo se lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e sua mãy Razaõ de Estado rindo-se de tudo, como grande Senhora, e seu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e seu avô o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Céu cebola, e deste mundo Paraíso de deleites, sendo na verdade labyrintho de desasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo, o que nelle ha, porque tudo he corruptivel.

Este he o ponto, em que a Politica errou o nórté totalmente, porque tratou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vay por outra esteira, que tem por roteiro dar o seu a seu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra ley muito differente, da que ensina a Politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da substancia alhea.

Testemunhas sejaõ o famoso Belisario, terror de Vandalos, assolação de Persas, estragador de milhoens, que dos mais altos córnos da Lua o poz sua fortuna sem olhos em huma estrada á sombra de huma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Date obolum Belisario*. E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; taõ poderoso, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da sua mesa roendo ossos; o qual

à hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com hum pregaõ, e desengano, que de tanto, que adquirio, só aquelle lançol levava para o outro mundo.

CAPITULO LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes.

Que tenha a minha mão confiança comigo, para me servir, e coçar, lisonja he, que bem se permite; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me esfolem a pelle, não se sofre. Pois tais são, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a seu Real serviço, e elles esquecidos da confiança, que a Magestade Real faz delles, estendem as unhas, para applicarem a si, o que lhes mandaõ ter em reserva para o bem cõ-mum, e de muitos particulares, que esfolaõ. Ha neste Reyno Thesoureiros, Depositarios, e Almoxarifes sem conto; todos arrecadaõ em seus depositos, que chamaõ arcas, grandes copias de dinheiro, hum delRey, outro de orfaõs, e muito de outras muitas partes: e sendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-se da confiança, que se faz delles, metem o dito dinheiro em seus tratos de compras, e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riscos de se hir o ruço a traz das canastras, fingem ausencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi a quinze dias virá da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi está o dinheiro cheo de bolor na arca: e passaõ quinze mezes, e não ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia, e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes são os confidentes da nossa Republica, que fazendo-se proprietarios do alheo, alienaõ o que não he seu, e daõ atravéz com os thesouros alheos.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Está hum destes [pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.] Está hum destes a la mira espreitando, quando voltaõ as nossas facçoens de Castella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os soldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que não pôdem guardar, nem sustentar; e o sobre-dito se vê senhor dos depositos dos pagamentos, que foy atrazando, para não lhe faltar moeda nesta occasiaõ, atravessa tudo, resgatando-o por pouco mais de nada, sem haver quem lhe vá á mão, porque todos dependem delle, e o affagaõ, para o terem da sua mão: e dahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze tostoens quando muito, e o mesmo computo se faz no mais. E vem a ser o mais rico homem do Reyno, sem meter no trato vintem, que ganhasse, nem herdasse de seus avós. Melhor fora venderem-se os tais gados aos nossos lavradores pelos preços dos soldados, para se refazerem de semelhantes prezas, que os inimigos nos levarão, e não ficarem exhaustos de criaçoens, os que sustentaõ a Republica, e cheos, os que a destroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas; e se não houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; virem-lhe o cabedal, e ponha-se, onde haja vergonha, e honra, que se pêje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a sua arte, se deu a sangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos escriptorios: e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foy-se metendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para tais, e tais empregos, que se lhe offereciaõ rendosos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias:

e com a pontualidade foy ganhando terra para accrescentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Já se não curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo assim o campo seguro, deu de repente em todos abonando hum lanço, que fingio se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais Paulinas, que se tira-raõ. E estas são as verdadeiras unhas confidentes. E não são menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

oo

CAPITULO LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas.

PAra que não pareça este capitulo o mesmo, que o passado, contarey huma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, lampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por emprestimo a outras Igrejas, Mosteiros, e Irmandades: e como o thesouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buscar, e levar as suas pessas. Entre os que vierãõ, acabada a festa, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canastras mais grandes, que pequenas: e

entrando muito confiado, como se fora mordomo mór de toda a festa, pôz a capa, e o chapéo sobre hum caixaõ, assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiaõ pôr embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os castiçaes, que bastaraõ para encher as canastras, pôz tudo ás costas dos mariolas, e sacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e escapou por sua arte dando com a prata, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que estavaõ na Igreja, persuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifestava a confiança, com que fez o salto, que não foy em vaõ. E isto he, o que chamo unhas confiadas, sem serem confidentes: e destas ha muitas a cada passo, e no serviço delRey não faltaõ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui, o que recolhem, como se fora seu, com tanta confiança, como se o cavação, e o roçaraõ, ou o herdaraõ dos senhores seus avós. E assim digo, que não me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade posso sahir desmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em segredo [chamolhe assim, por não especificar cargos, de donde se possaõ colligir pessoas, com quem não quero pleitos] perguntemos a estes, com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da milicia, que Sua Magestade despacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada respondem: metem-se no escuro das razoens de Estado, e he couza clara, que accrescentaõ seu estado: e ainda mal que vemos accrescentados, os que para bem houveraõ de ser diminuidos. Estes saõ, os que com grande affouteza, e confiança, metem a sacco a Republica, cujos sacos vasaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e isso he o menos, o mais he o volume immenso de outras drogas, de que enchem sobrados, que haõ mister espeques para sustentar o pezo, sem temor da forca, que fora melhor fabricarse desses pontuens. Aponto só o damno, não trato, de quem leva o

proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ suas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, passemos a outra couza.

Ahi não póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de seus soldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vay-se á casa da tafularia, poem o dinheiro na taboa do jogo, como se fora seu, ou lhe viera de casa de seu avô torto; e sem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos; e o perde com ambas, sem lhe ficar nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheo de paixaõ, com que satisfaz às partes; de sorte que nenhum soldado ouza apparecer diante delle: e he estremada traça para não lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes são outros, que ha na casa da India, e nas Alfandegas, que não sey como se chamaõ seus officiaes, nem o quero saber, por não ser obrigado a nomealos por seu nome: estes tem por obrigação ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao justo os direitos, que se haõ de pagar a Sua Magestade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ superficialmente, que deixaõ passar por estimação de anil o pacote, que vem cheo de basares; e contaõ por cascaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e brocados de tres altos corraõ praça de bocachim, e calhamaço, não o crerá, senaõ quem o vio. Ballas de meyas de seda fazem figura de resmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem está encomendada a vigia disto, com hum par de pessas resplandecentes de vidros de Veneza, e crystaes de Genova. E para que não se diga, que não viraõ tudo, mandaõ abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito: os quaes trazem na primeira superficie, o que val menos; mas o amego he do mais precioso. Já se vio caixaõ, e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo pessas de ouro, e prata. E se algum

Ministro fiel requer, que se examine tudo, respondem, que não seja desconfiado: e com duas gracetas passam desgrças, que não conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda não corre, como em tempo de Castella; porque está seu Dono em casa, que a vigia, e faz a todos, que não sejam tão confiados, como o Carvalho.

Naõ sey, se ponha aqui humã confiança admiravel, que não podia crer até que a vi. Bem he que saiba Sua Magestade tudo, para que o emende com seu Real zelo, e para isso digo. E he que todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda pagar, ou esmolas, que manda fazer por via da fazenda, achão todos os despachos correntes até o thesouro, onde topão com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro, e consta por outras vias, que o tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas, e esmolas, não ha tirar-lhe hum real das unhas: e occasionão com isto a se cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o presumirá de Sua Magestade; mas he confiança de Ministros, que devem de presumir, que o não virá a saber Sua Magestade, que deve sentir muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras q̃ não. Doutrina he, que Christo reprehendeo muitas vezes severamente aos Fariseos: e assim se deve estranhar entre Christãos. E eu não acabo de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando tira aos pobres, o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que não querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta reposta; que não deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu Senhor; além de que seria estolida confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituições, de que o Senhor fica livre, só com mandar que se paguem. E em conclusão levem todos daqui esta verdade, que não empobrece, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por divida. Vejaõ lá não enriqueçaõ estas demoras a outrem; e este he o tópe,

em que vem esbarrar todo o discurso, que se póde formar nesta materia: e nem isto he bem que se creya de gente honrada.

Neste capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima dito de despir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foraõ suas amas, levaõ-nos nos braços, recolhem-se na primeira loge, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se acerta alguem ãe as ver, daõ tudo por bem feito, julgando-as por domesticas, como mostra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra; e tiray lá carta de excõmunhaõ, para vo la restituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada nesta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pēdraria, que estava por ornato de huma festa no altar de certa Igreja, esperou que seus donos se ausentassem, e pósta no meyo da Igreja, porque não podia chegar perto com o concurso, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de mão em mão, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que seria sua, pois com tanta confiança a demandava; e de mão em mão veyo, até chegar ás da harpã, que deu ao pé com ella sem ajuda de Simaõ Cyri-neo, porque lhe custou menos a achar que a Santa Helê-na. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados, em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agostinho os desenganou a todos, que nao se perdoa o peccado, sem se restituir o mal levado. E neste mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.



CAPITULO LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitosas.

GRaças a Deos, que foy servido de nos deparar humas unhas boas entre tantas roins. Mas dirá alguem, que nenhuma ha, que não sejaõ proveitosas para seu dono, no que agarraõ. Não fallo dessas, que assás damnosas são até a seu senhor, pois muitas vezes daõ com elle na forca. Trato das que são proveitosas para ambas as partes sem risco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neste Reyno pelo seu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo não ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de sahirem tórtos com a ferradura, serviaõ de anzóes a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póstos em qualquer dedo da mão, eraõ remedio presentissimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim não será couza nova acharem-se unhas proveitosas para ambas as partes: tiravaõ de si dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediar a outrem, e remediavaõ-se todos.

Tais seraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de suas fabricas, e empresas, tirarem de huma parte para remediar outra, e será o mesmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal será acodirlhe o Brasil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo: nem correrá nisso o ditado, que não he bom descobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo respeita, e serve o mesmo corpo debaixo de huma Coroa. Padece o Brasil falta de mantimentos, não

vejo razão, que tolha acodirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquistas, supprindo-lhe os gastos, e soccorros, até que se melhore. O mesmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom se pararia o corpo humano, se a mão esquerda não ajudasse a direita, e a direita a esquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo mystico, e as suas Colonias, e Conquistas membros della; e assim se devem ajudar reservando, e reparando suas fortunas, e conveniencias. Superstição he, e não axioma politico de Estado, negaram-se auxilios, os que vivem juntos na mesma communidade: e aqui corre certissimo o Proverbio, que huma mão lava a outra. Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros, com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus vassallos, que são partes integrantes da sua Coroa. A contribuição das décimas neste Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os povos para as fronteiras, e he o mesmo, que para se defenderem dos inimigos, que nos infestão por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os montes. E o outro lado, que fica descoberto por outro tanto districto de mar, parece que o não consideraraõ, e que ha mister muito mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil soccorros de álem-mar, de donde estão outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que não he bem lhos neguemos. Não vêm olhos cegos, o que gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens; que ainda que não nos ajudem, he bem que os compo-nhamos, para que não nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, não divertissem o Castelhanao no tempo, em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias não se alcançaõ sem gastos; estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das décimas

com unhas tão proveitosas, quando vemos, que os outros cabedaes não bastão para seus menêos próprios.

Naõ posso deixar de picar aqui em hum escrupulo de alguns zelotes, que tem para si, que se faz thesouro, e que he já tão grande, que ha mister espeques: e a graça he, que grunhem sobre isso. Prouvéra a Deos, que assim fora, e que arruinassem já com o pezo as casas, que o recolhem, que devem ser encantadas, pois as não vemos: mas para me consolar quero crer, que assim he, e assim o fio da grandissima providencia de ElRey nosso Senhor, que sabe muito bem, que foy costume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós não estamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occasião de honra costumaõ os prudentes reservar cabedal, que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que intesouraõ. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviaõ a mim, os que tem pensoens de juros, e tenças na Alfandega, na Casa da India, ou nas sete Casas, Almoxarifados, &c. e me fazem o mesmo argumento dizendo: se he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que não se nos paguem da casa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando nesta faltaõ os rendimentos, para satisfazer a todos? Aos mesmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos sem nenhuma pensão, e outra carregada de fóros, ou juros; se esta ficou estéril hum anno sem os poder pagar, porque os não satisfazem da outra, que deu muitos frutos? Respondem, que a outra he livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra istancia, que Donas costumaõ pôr, e he: que do mesmo modo, que a herdade, que este anno não pagou fóros, nem juros, porque não deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em do-

bro; assim a Alfandega fica desobrigada para sempre do anno, que não teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deste anno para acudir a alguma necessidade urgente [chamão a isto tomar os quarteis] se será obrigado a refazer esta tomada no anno seguinte, quando a Alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas são muito privilegiadas, quando empregão no bem cômum as prezas que fazem em bens propios, ainda que obrigados a outras partes da mesma cômunidade: e nisto se distingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vassallos; que estes são obrigados a refazer, o que gastarão de partes em usos propios, e os Reys não, no caso, que o gastão em bem de todos: assim o ensinaõ os Doutores Theologos: e isto basta.

.....

CAPITULO LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata.

EM Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio máximo de todos os cômercios de Hespanha, entrou o diabo no corpo de hum Castelhana, e devia de ser muito licenciado, ou pelos menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razão: e entre as couzas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas: que já elle teria posto de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deos lhe não prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Escritura: segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria nossa Santa Fé perversando, e mudando nas impressoens, e em todos seus vo-

lumes os sentidos da Escritura Sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle sabe muito bem aonde está. E não ha duvida, que discursou a proposito, e que fallou verdade, com ser pay da mentira; porque se Deos com sua admiravel justiça o não aferrolhara de maneira, que nenhuma destas tres couzas póde executar, já teria concluído com o genero humano, e com o mundo universo, que Deos por sua infinita misericordia assim conserva. E só a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demonio senhor do mundo: porque isto que aqui chamamos unhas de prata, são as mais poderosas garras, que ha para arrastar, e levar tudo a traz de si. Não podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inaccessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou sobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que esta bateo á porta, logo se lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com tais unhas empolgou nella.

Famoso invento foy o do dinheiro, pois com elle se alcança tudo, e não ha couza, que se lhe não renda: do mais incorrupto Juiz alcança sentença: da mais arisca dama tira favores, no mais invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroso exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor, que petardos; arraza torres, quebra omenagens, tudo se lhe sugeita, nada lhe resiste! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da sepultura, e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar tais nomeadas, a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura, e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeraõ moeda de ouro: Jano foy o primeiro, que formou moedas de cobre; e por-

que foy o inventor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpirão tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas Rey dos Phrigios, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e estas são as unhas de prata, que propoem este capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes: até os que pescaõ com redes, usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, não tem melhor engodo, que o do dinheiro, se souberem usar bem d'elle, pescaráõ quanto quizerem, e enredaráõ o mundo todo.

Bem usou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a não por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por justiça; mas não achou quem lha fizesse, porque he droga, que não se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve mercê, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passeio ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a mercê, dado o passeio, e pagos os tres mil cruzados, tudo foy o mesmo: mas muito differente o que se seguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado, e valído do seu Rey: todos o visitaraõ logo por tal; mandavaõ-lhe presentes, e donativos de grande póрте, imaginando, que por aquella via abriaõ para a suas pertencens: e elles abriraõ-na para a restauraçãõ do mercador, que assim se hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a não, lha absolveraõ:

e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por esta arte pescaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que não he seu, com grande destreza.

Aportou á Ilha da Madeira huma não de carga, saltáraõ em terra os passageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî [grande pirata devia de ser pelo tear, que armou para fazer seu negocio melhor, que todos.] Visitou o Bispo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no páteo, fez esmola de tostaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Bispo, sahiraõ estas campainhas pela Cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que bastava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro; em tanto, que cresceo a cobiça nos mercadores da terra, e se picaraõ a fazerem negocio com elle. Este servo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a mão ao Bispo, lhe pedio fosse servido de lhe mandar dizer duas mil Missas, e que daria avantajada esmola por ellas, para que Deos lhe dêsse bom successo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A segunda visita, que fez depois do Bispo, foy aos prezos da cadêa, dando a cada hum seu tostaõ de esmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo, quanto sua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria satisfação a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de emprestimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma pessa boa para a Sacristia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e sem duvida sahira com a preza da grossa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que dispendeo á custa alhea, se o Bispo não presentira a tramoya por indicios, que teve; e se não se picára o tempo em fórma, que obrigou á não a dilatar a jornada.

Naõ conto o que daqui por diante se seguiu, porque o dito basta, em fórmula, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com dispendios pequenos avançam grandes lucros: o ponto está na tẽmpera, e na disposiçaõ dos meyos, para assegurar os lanços. E vem a ser isto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogam com cartas, e dados falsos, que no principio se deixam perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma mão, com que lhe varram todo o cabedal.

Vejo alguns mandar presentes, e donativos, a quem lhes não pertence; e sey, que são de condiçaõ, que nem a sua mãy darão huma vez de vinho, quanto mais frisqueiras, com que cantaram os Anjos, a quem nunca tratarão! Dão cargas de fruta, tabuleiros de doces, joyas de preço, sacos de dinheiro: e fico atordado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar galego? Irmaõ, se tu nunca entraste em barco, nem meteste o pé em meyo alqueire com este homem, como te dispendes com elle? Isto tem mysterio: e buscada a raiz, he ganancia grande, que solicita com dispendios leves: adoça a passagem, para haver o que pertende, despachos de officios, cõmendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria conciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebram penedos, acha que por este caminho torcerá a justiça, e vem a ser hum genero de latrocinio de má casta; porque ás vezes cheira a simonia, e he hydropesia da ambição. Acabo este capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na Corte de Madrid se achou hum tratante de Indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem sahida, para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas presente á Rainha Dona Margarida, que as estimou muito; porque tudo o dado de graça leva comsigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas são o espelho de todas as Senhoras, de seu Reyno, em estas vendo a estima,

que a Magestade fazia das esmeraldas, cresceo nellas a estimação, e logo o dezejo, que o mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhão dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmão gêmeo deste successo outro semelhante, que outro mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte pessas de panno fino, que não tinha gasto por razão da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazelo se quer oito dias: e não eraõ bem quatro andados, quando já o mercador não tinha na loge de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil pessas tivera, tantas gastara. E estas são as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

.....

CAPITULO LXV.

Dos que furtaõ de naõ sei como lhe ehamaõ.

OS Rhetoricos dão nomes ás couzas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens: e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e indo já no fim della, se me offerecem algumas tais, que não sey, que nome lhes ponha; porque se lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; se para a derivação, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazel-las eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora emfim a Deos, e á ventura, chamo-lhe tolas, e saya o que sahir. E passa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem

utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem nenhuma utilidade para si, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alhea, ou poem fogo a seára de seu visinho, só por se vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: e se o tal he Christaõ, cresce nelle a tolice, pela obrigação, que sabe lhe accresce de refazer o damno, que deu: donde se segue, que a si fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte taõ cegos, que por darem hum desgosto a seu inimigo, naõ reparaõ no que porisso sobre si tomaõ. Houve hum Rey antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eraõ grandes inimigos entre si, mandou chamar ao mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes com advertencia, que a hey de fazer dobrada a fulano, de quem sey, sois grande inimigo. Beijou a mão ao Rey pelo favor, e pediu logo por mercê, que lhe mandassem arrancar hum olho; porque assim seria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava damno alheio sem proveito proprio.

Quanto á segunda: furtar o que haõ de restituir. Melhor dissera: o que naõ haõ de restituir, porque raro he o ladraõ, que restitua; mas fallamos da obrigação, que lhes corre, se he que saõ Christaõs, e trataõ de se salvar. E bem devem de saber, o que dizem os Doutores, que naõ se perdoa o peccado, a quem podendo naõ restitue o mal levado. Todos dizem, quando se confessão, que haõ de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmaõ, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderáõ, que o amargor da restituiçaõ

he mayor, que a doçura do furto; e porisso dissemos, que he grande tolice furtar, o que se ha de restituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Magestade: repartiraõ-nos entre si, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Brasil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por sua parte de se pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valha-couto dos peccadores; e chegando ao setimo Mandamento, picavaõ a çonciencia de cada hum os tres mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigação, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-se todos com cabedades, que tinhaõ adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o Confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove mil cruzados por inteiro, visto não lhe constar, se seus companheiros tinhaõ dado satisfação á sua parte. O Confessor de Angóla, e do Brasil diziaõ o mesmo aos seus moribundos, que se achavaõ novos na nova obrigação, que se lhes impunha, e argumentavaõ: se eu não logrey mais que tres mil, como hey de restituir nove mil? Mas a resposta estava á mão, e clara; porque fostes causa do damno por inteiro com a ajuda, que déstes a vossos companheiros, consta-vos do furto, e não vos consta da restituiçaõ; e assim sois obrigado a vos descarregar do que he certo, e não vos póde valer a descarga, que he incerta. Eisaqui outra tolice mayor, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, confórme o numero dos companheiros, que entraraõ ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por não remar: dizem que não tem posses para restituir, e que não são obrigados, senão quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro está a obrigação de se sustentarem a si, e a sua casa, para que não pereçaõ: e nós vemos, que poderãõ aguarentar mil superfluidades, e estreitar os gastos, e pouparem para dar o

seu a seu dono. Lá se avenhaõ: só lhes lembro, que haõ de viver mais no outro mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testemunhando ser justa sua condemnação.

Quanto á terceira tollice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e segunda; porque não ha duvida, que he insania muito grande empenhar-se hum homem, pelo que não ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os serve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, passaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que se descarregaõ: vaõ com estes papeis os acrédores aos Veadores, e Thesoureiros, para que entreguem, o que nelles se contêm; e fechaõ-se á banda como ouriços cacheiros, em que não ha mais, que espinhos de repostas picantes, e bem devem saber, que a retenção do que se deve he verdadeiro furto: e tomara perguntar-lhes, para quem furtaõ isto, que não pagaõ? Não faltará, quem cuide, que para si; e se não for para si, será para o Rey, que já se desobrigou com mandar, que se pague; e assim vem a ser ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tollice: e a graça he, que se ficaõ rindo com estas retençoens, como se foraõ chistes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por si: e eu sey, q̃ as marcaõ os mesmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que se fingisse filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caso, que este homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que não sabia delle: appareceo neste tempo naquella Villa hum pobretaõ, que representava a mesma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o ensayaraõ, como havia de dizer, que era seu filho, e lhe ensinaraõ historias, e circunstancias, para se dar a conhecer, e que os alle-gasse por testemunhas: o pay supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que não se lhe alvorocara o sangue, quando o vio. O mancebo demandava-o

diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o não herdava por morte: as historias, que contava, e testemunhas, que dava, contestarão de maneira, que deu o Juiz sentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado! Que no mesmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: este sim, que se me alvoroçou o sangue, quando o vi. O outro desapareceo logo, e eu perguntava aos embaidores, se advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com seu testemunho, a quem os não merecia? E que negoceavaõ para outrem, e não para si o furto da demanda, que iniquamente vencião? Não deviaõ de ignorallo, ainda que se mostravaõ nisso grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem desculpa, quando furtaõ para darem remedio a seus filhos; mas crêaõ, que não escapãõ da mesma nota, porque seus filhos não os haõ de tirar do Inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e sujamente adquiriraõ. Em certo lugar deste Reyno tinha hum alfayate tres filhas sem dote para lhes dar estado: acordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo, e com elles no Algarve: fingindo-se Conde vomitado das ondas, que escapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha presença, e labia, para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da sua cozinha eraõ do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas, e outras imposturas, persuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde passava, que o ajudassem contra sua fortuna: todos se compadeciaõ, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande prosapia, e os famosos cargos, que servira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, passava sempre o dona-

tivo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta, achou-se o senhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foraõ tres Condessas: e elle ficou taõ alfayte como dantes, sem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de seus genros, que se bem o ajudaraõ, mal lho agradeceraõ. E não diz mais a historia.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tollice de todas, como se vio no que succedeo ao Carvalho na semana, em que componho este capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheas muito bem, porque as punha em sua casa, como se foraõ suas: foy demandado porisso; e porque não deu boa razão de si ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á custa alhea, e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoio desta tollice; livro-me com hum deste particular, e de todo este capitulo. Em Angóla tinha ElRey nosso Senhor não ha muitos annos hum Ministro [tomara-lhe muitos semelhantes] que empregava os direitos Reaes em escravos, que mandava ao Brasil com direçaõ, que se vendessem, e fizessem do procedido caxas de açúcar para o Reyno, e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim; mas o Ministro, que respondia no Brasil, fazia seu negocio melhor que os alheos. Chegava huma partida de trinta, ou quarenta negros, achava serem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que

sempre as perdas erão Reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem o boquejar se atreviaõ, até que o tempo descobridor de mayores segredos trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e porisso o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açúcar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz comsigo a luz, por mais que a eclypsem, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que não seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Céu com hum joeira; e que não saiba, o que já fica dito por boca de hum arganás no capitulo 24. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

CAPITULO LXVI.

Dos que furtaõ com unhas ridiculas.

FUrtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceu em Coimbra a huma corja de estudantes, por final que erão graves, e bem nascidos. Derão no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeraõ tal descante nas galinhas, perús, e ganços sem compasso, que meteraõ tudo a saco, sem deixarem mais, que dous, ou tres galos vestidos de luto, arrastando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o Procurador do Convento á justiça, tirou-se de vaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depenaraõ, foy facil apanhalos a todos; e choraraõ as penas, que mereciaõ, e se lhes perdoaraõ por misericordia, res-

peitando sua authoridade, e nobreza. Mais ardilosos se portaraõ outros tais na mesma praça: souberaõ, que vinha do celebre Lorvaõ, por occasiaõ de Natal, huma valente consoada para o Bispo: seis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiosa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o passo, antes de chegarem á Cidade; e aliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vasio, enchendo-se de doces para a festa, e carregando-se de amargozes para a Quaresma; ainda que sahiraõ em paz desta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-se, com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a Semana Santa, mordeo-os a consciencia, como costuma; fizeraõ petiçaõ ao Bispo, que os perdoasse, sem se affinarem nella: poz-lhes por despacho: Appareçaõ os supplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o mesmo, que deixar-lhes a restituicaõ ás costas a cada hum por inteiro, se todos juntos a naõ satisfizeraõ; e assim ganharaõ mayor pena, que o riso, que lograraõ.

Em Villa Viçosa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no serviço da Real Casa de Bragança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum pár de obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe dêsse calçado, sem lho pagar prĩmeiro. Vendendo-se o Fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queira dar çapatos sem o dinheiro na mãõ, mandou ao moço, que pedisse hum só çapato á prova; e que se lhe contentasse, mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, hum çapato levará vossê, mas dous naõ os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo ficou hum çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lho restituiria, naõ lhe servindo. Vendo-se assim, com dous,

calçou-os, e foy-se ao Paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, sobre que se fizeraõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa preza estas unhas; porque huma graceta, e dous chistes movem talvez hum Ministro, e tambem hum Rey enfadado, mais que discursos sérios. O sério do governo vexa, e cansa a natureza, que aceita, e estima o desafogo, que traz consigo alegria, e riso; e quem sabe mover a este com boa têmpera, e em boa conjunção, faz bom negocio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey, para seus despachos, por conselho de hum experimentado, que lhe notou a petição nesta forma em tres

Q U A R T E T O S

*Soy Dona Aña Gavilanes,
La de los hojos hundidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Magestad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como assado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vuestra Excelencia
Me perdone este pecado.*

Deu a mulher a petição ao Conde Duque, sem saber o que levava nella: festejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha, em que médrãõ mais bufoens com suas graças, que homens sezu-dos com grandes serviços.

Acabo este capitulo, e todo o tratado, com hum gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo: e he, que ha nesta Corte, huma casa, que chamaõ Collegio dos Cathecumenos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agazalharem, e sustentarem todos os infieis, assim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautismo, até serem industriados nos Mystérios da Fé, e aprenderem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que passaõ annos, sem haver neste Collegio hum só Cathecumeno; o qual tem seu Reytor, e officiaes, como se houvera nelle hum grande menêo de sugeitos. E he certissimo outrosim, que o Reytor tem sessenta mil reis de renda, e que não paga casas, sem fazer mais, que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum Cathecumeno, e chorar que não tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Escrivaõ desta fabrica tem setenta mil reis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil, sem tomar a penna na mão em todo o anno, mais que para passar as quitaçoens dos recibos do seu estipendio. E o Medico tem doze mil reis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, sem fazer mais que huma sangria na bolça delRey, quando os arrecada. E estas são as verdadeiras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás costas dos Padres da Companhia de S. Roque, sem terem porisso próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. São porém muito dignas de lagrimas as unhas, que a estas se seguem; porque em havendo Cathecumenos, são tudo petiçoens a Sua Magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se não que perecem! Valha-me Jesu Christo, não fora melhor andar o principal diante

do accessorio! O principal aqui he a educação, e ensino dos Cathecumenos, e o accessorio são os Ministros, que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os servos tenham tudo o necessario de sobejo, e os servidos não tenham hum basaruco, se lho não derem de esmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem*. Quem quizer comer, depenne; porque não se pescão trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingão os tais officios, sem ficar mais que hum administrador Ecclesiastico com quarenta mil reis, que he bastante porção, ajudada com sua Missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo Collegio; e o mais, que passa de cento e cincoenta mil reis, que o logre seu legitimo dono, que são os Cathecumenos. E quando for necessario Medico, ou barbeiro, paguem-se da mesma porção por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passão annos, sem serem necessarios tais Ministros. Quanto mais, que bem pódem passar, sem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno; e se algum me escapou, perdoeme; porque não foy minha intenção deixo sem crisma: mas de ver, como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tisouras excellentes de aço fino: a primeira se chama *Vigia*: a segunda *Milicia*: a terceira *Degredo*. Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres desenganos: e daremos fim a esta obra.

Tisoura primeira para cortar unhas, chama-se
Vigia.

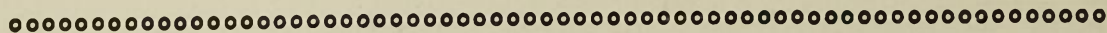
Senhor, eu offereci esta obra a V. Magestade, para ver nella os kannos, por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vassallos: façame V. Magestade mercê de a ver com ambos os olhos; porque se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contaõ os Poetas; e nem isso bastou, para Mercurio lhe não furtar huma pesa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Magestade como duas Estrellas; e se tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e

que vigiar em seu Imperio; tão grande na extensão, que se mede com a do mundo; e tão alto, e soberano na grandeza, que se levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, disse Nasaão, que são muito compridas; porque abarcão seus Reynos, quando bem os governaão: mais compridas considero as de V. Magestade; porque chegaão do Occidente, onde vive, ao Oriente, Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Tais lhe tomára a V. Magestade os olhos, e tais os tem, quando em todas as partes do mundo, que domína, põem bons olheiros: e para estes serem melhores, desejavaão muitos prudentes, que os illustrasse V. Magestade com os titulos, e prerrogativas, que fazem os homens mais illustres; e ficaria V. Magestade com isso mais illustrado, e o seu Imperio mais bem visto, e tudo mais venerado, mais amado, e temido.

Este lustre dos olhos, e olheiros de V. Magestade, não sey se o diga, porque temo dizello sem fruto; mas sim direy, porque me assegura, que não será debalde, por ser muito facil, e de muito proveito, e nenhum custo. Ponha V. Magestade quatro Vice-Reys da sua mão nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que não chegou Alexandre, nem Monarca algum do Universo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto, como V. Magestade possue. Na Asia Vice-Rey temos; e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Persia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaão do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataão, ilha de Manar, costa da Pescaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumvisinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para Bengala, Pegú, Arracaão, Malucas; Japaão, China, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que não cabem neste rascunho, e será mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla; na America, outro no Brasil, e outro em Europa no Reyno do Algarve.

Para grandes officios buscaõ-se grandes sugeitos, e humma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens, quando vêem que o Monarca de Espanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa, e Asia, não lhe he possivel; porque não tem nestas duas partes dominio capaz de tão grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o mayor Monarca de todos: e porisso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia, que se deve a estes titulos, mete veneração, terror, e obediencia até nos coraçoes mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes communica; e quando estes são mayores, entãõ são elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Magestade. Estes são os olhos, com que V. Magestade vencerá aos Argos, e vencerá aos lincs. Onde ha muitos, sempre ha furtos; porque os ladroens são em toda a parte mais que muitos: e como as couzas por muitas lhes vem á mão, as unhas não lhes perdoã; mas onde ha bons olheiros, não se furta tanto. Seja esta a primeira tisoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que não diminua muito os ladroens; porque os que o são por natureza: *Naturam expellunt furcæ*. Mas para extinguir estes, ou moderállos de todo, he de grande importancia a segunda tisoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prestimos.



CAPITULO LXVIII.

Tisoura segunda chama-se Milicia.

OBocalino nas suas Cortes do Parnaso, ou Parabolas de Apollo, diz que se amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes dar instrumentos, com que pudessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lha resolvesse, e remediasse. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a sua embaixada desta maneira: Senhor como ha de haver no mundo, que estejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das suas hortas, e quintas? Deulhes Deos instrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os sylvados, e todas as malêzas; e ás Republicas nenhum instrumento deu acõmodado, nem se quer hum ancinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos destroem, e de tantos males, que nos causaõ sem remedio! Indignou-se Apollo chamando-lhes barbaros! Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque se ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o pifaro, o tambor, e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, alistay todos esses, de que vos queixais, ponde-lhe hum pique ás costas, manday-os á guerra; lá amansaráõ, ou acabarão servindo a seu Rey, e patria, e ficará a vossa Republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Disse Apollo, e disse bem.

O mesmo digo aos Procuradores, e Governadores da nossa Republica, que se queixaõ de haver nella tan-

tos ladroens, que não os pódem extinguir: toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquistas; empreguem suas unhas, e garras em nossos inimigos, e ficarão livres de suas invasoens nossas fazendas. Esta he a melhor tisoura, que ha, para cortar todas as unhas. Não sey se notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a esta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com nossos inimigos; assim por mar, como por terra. Noto que antes disto, não nos podiamos ver livres de ladroens por estas estradas de todo o Reyno, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; não se fazia feira, em que não fizessem mil assaltos; nem havia justiça, que bastasse, para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já não vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fazer nas fronteiras, lá se cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha, tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de servirem a ElRey, se fazem izentos, e indomaveis; porque a isto se responde, que não haverá tal, se andarem bem disciplinados. São as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os Cabos [que sempre são homens escolhidos] as fizerem guardar, como tem de obrigação, tambem os soldados fazem a sua, de andarem compósitos, ou por medo, ou por primor. Não sey, que tem o andarem os homens alistados, e com superiores continuos sobre suas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardão bom, ou máo, segundo o merecem; que nenhum se atreve a lançar o pé álem da mão, antes lhes serve assim o premio, como o castigo de continuos estimulos, para serem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas se alcançaõ.

Esta he a segunda tisoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E se esta ainda não basta para alimpar de todo a nossa Republica, e Reyno, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes são Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e não aponto; temos outra tisoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste não digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della se póde disputar, fica apontado nos capitulos 20. 21 22. das unhas militares.

CAPITULO LXIX.

Tisoura terceira chamada Degredo.

Duas couzas ha, que facilitaõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso não he assim, se não que sobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiça para os emendarmos; bem está, assim he; mas tomara saber, de donde vem sobejar nelles a cobiça, e saltar em nós a justiça? Eu o direy, a quem estiver attento á historia, ou parabola, que se segue.

Duas Donas principaes, e senhoras muito conheci-
das nesta Corte, vieraõ ás gadelhas sobre pouco mais

de nada, e fizeraõ huma briga muito arriscada no terreiro do Paço; huma se chamava Dona Justiça, e a outra Dona Cobiça. A senhora Dona Cobiça, não sey se por mais moça, se por menos sofrida, deu huma punhada em hum olho á Justiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de se pôr em cobro. Acolheo-se para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhe disseraõ seus amigos [que lá não lhe faltaõ] que visse onde se metia, que não lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Pessoas Reaes, que a encontrasse, a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicida, e ladra, como por ser Cobiça, que não se permite no Paço. Deu comsigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a avisaraõ, que se arriscava á fazerem estanque della para o Brasil; álem de que poderia cahir nas unhas dos Parlamentarios, ou Hollandezes, se para lá fosse, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comsigo na rua Nova, para se esconder por essas loges dos mercadores, que todas são escuras, e sem janellas, para não vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por bayeta, dessa que compraõ a seis vintens, para a encaixarem a seis tostoens, passou de corrida para a rua dos Ourives; e não fez ahi muita detença, porque vio que mal se podia encobrir, onde tudo se poem á porta. Acolhamonos a sagrado, disse ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ser vedado nos Sagrados Canones aos Ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tratou de se homiziar em algum Mosteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religiosos, porque não lhes inquietasse as comunidades com ambiçoens; e as Freiras, porque não podia professar entre ellas, por ser cazada com hum mulato, que se chama Interesse. Por fim de contas se recolheo no Castello, onde aturou pouco; porque não se dá lá mesa, nem cama aos hospedes; e fez porisso tais revoltas, que a degrada-raõ para as fronteiras, onde não podendo aturar o paõ

de munição, porque he muito mimoza, deu em ladra com tanto desaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos dos soldados, e destruía a fazenda delRey por mil modos, que não se pódem contar: e temendo, que a enforcassem os Generais porisso, porque he ponto, que se não deve perdoar, passou-se para Castella, castigando-se a si mesma com degredo voluntario: e porque fugio sem passaporte, não se atreveo a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia, e excesso, que em breve tempo assolou toda Espanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deste Reyno. Enxergaraõ-se em Castella os damnos da Cobiça, não só nos vassallos destruídos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que se vay por esses ares; mas também na cabeça do Rey tirandolhe della Coroas, e quebrandolhe Sceptros á sua vista. Para se repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a causa delles no mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para se encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, não he para se referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores, para mais a seu salvo devorar serras de prata, e montes de ouro, que mandava a Espanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tratou-se do remedio; e resolveo-se com maduro conselho, que só a justiça direita lho podia dar; mas esta estava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita: tem-se pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e espera-se que ve-

nha cedo, e ha disso já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tisoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tisoura de todas he a força. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de emendar, e naõ de extinguir o mundo; álem de que naõ haverá forcas, que bastem para taõ grande pindura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-se lá embora huns aos outros, isso mesmo lhe servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melhorem, que he o que se pertende; e os que se melhorarem, tornem a nos ajudar com seu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que se dem facilmente castigos de morte, ficaõ apontados no cap. 49. das unhas apressadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

oo

CAPITULO LXX.

Desengano geral a todas as unhas.

MAis unhas ha; mas as que temos visto neste tratado, bastaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e desarresoadas saõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas se conhece o leaõ, e pelas mesmas se conhece o ladraõ. Conheci-dos assim bem todos os ladroens, suas unhas, e artes, boas tres tisouras vos dey, para lhas cortardes todas. E se essas naõ bastarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por asperas, porque nem toda aspe-

reza serve para medicamento, tenho tres desenganos effiacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correição. Assim he: e he impossivel não repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos, os que virem este tratado, que leão com attenção estes tres pontos.

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *basta*. Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se acende, e mais fome mostra de mais pasto, accrescentando-a com aquillo, que a pudéra fatar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome, que os homens tem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit*. Disse lá o outro, que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E he o primeiro desengano, que damos a todas as unhas; que se furtaão para fatar sua cobiça, e fome, que tem de riquezas, desenganem-se, que trabalhaão debalde; porque mayor a haão de ter, quando mais se encherem, e mayores monções ajuntarem; porque he hydropesia, que quanto mais bebe, tanto mayor sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que não procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjoo, que a todas as couzas do mundo he natural causallo, pela corrupção, que tem de casa. E dahi vem, que enfastiados do que possuimos, suspiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma satisfação: e não he assim, quando lá vou; porque tudo he do mesmo lote, e jaez, e em nada ha a satisfação, que buscamos: e porisso digo, que se desenganem todas as unhas, que canção, e trabalhaão debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satis-

fazer a sede, que as pica. Ora dêmos-lhe, que não seja assim, o que assim he, que não achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo, quanto vossas unhas adquirião, e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando-vos em cada couza: day-me licença, para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DESENGANO SEGUNDO.

VEnhaõ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como Briareu Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: não fique unha, que aqui não venha a este exame: pequem, caçem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais preciosa, officios, beneficios, cõmendas, mórgados, titulos, honras, grandezas até não mais, e vamos por ordem discutindo tudo. Nasceste neste mundo nú [que assim nascem todos] abristes os olhos, e vistes, que com as riquezas medraõ os poderosos; desejastes logo ser hum delles, e tratastes de ajuntar as riquezas, com que os poderosos inchaõ. Esperay: não furteis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque só tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou discursando, para cairdes no desengano, que trato de vos intimar: e se as tendes já, porque as adquiristes servindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a ser o mesmo: Dizeime agora, se vos falta mais alguma couza, depois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, responde muito sezu-do, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar, e ser temido, e respeitado de todos, e merecer servindo a Sua Magestade, que me faça mayores mercês. Se o não haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum bastaõ; e dou-vos, que servistes já com gineta, e bastaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos não vos enfadeis mais cedo

do que convêm. Ao depois desta Capitanía, e Generalato, tomára saber, o que se vos segue para appetecer? Segue-se huma Cômenda famosa, para ter renda, que gastar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o não haveis por mais, dou-vos duas Cômendas, e que sejam embora as mais grossas do Méstrado de Christo; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta cômenda, e fidalguia, tomára saber, que he o que resta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e lustre de minha geração. Titulo de Conde? Com pouco se contenta v. m. senhor Cômendador; eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida sua, senhor Marquez, diga-me Vossa Senhoria, ou Vossa Excellencia [que já se não contenta com Senhoria] ao depois deste titulo, que he o que se lhe segue? Segue-se passar huma velhice muito descansada, e lustrosa. Embora, seja assim, ainda que lho pudéra negar; porque neste mundo não ha velhice descansada, nem lustrosa: *Senectus ispsa est morbus*. A mesma velhice em si he doença cheya de mil desalinhos. Essa velhice ha de ter o fim: e ao depois della tomára saber, que he o que se segue a Vossa Excellencia, meu senhor Marquez? Segueseme ha huma morte muito bem assombrada; porque farey hum testamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me fação humas Exequias, em que se gastem duzentos mil reis, e dous trintarios de Missas pela minha alma: *Et requiescat in pace*; que representey meu dito. Bem está; mas ainda não tem dito tudo Vossa Excellencia. Demaneira meu senhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta tostoens para Missas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Missas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a seus parentes, quem lhe disse, que não seriaõ demandas? E a morte bem assombrada, que se promette, quem lhe passou carta de seguro para ella? Não sabe que os velhos, quasi todos morrem tontos, e que toda a morte

no mundo sempre foy muito fea, e mal assombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostraõ seus retratos; e dou-lhe, que lhe fizeraõ seus parentes as Exequias, ainda mais magestosas. Ao depois de tudo isso, que he o que se lhe segue? Que he o que resta? Não me responde? Encolhe os hombros? Diz que não sabe? Pois este ponto, e este ao depois, tomára eu, que o trouxera estudado desde o primeiro despacho da gineta, e desde o primeiro dia, em que entrou nú neste mundo, para prova, de que assim havia de sahir d'elle, sem levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o não sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lho direy, esteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, segue-se hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou decer para o Inferno. Quem servio o mundo, e se carregou do alheio, esse pezo mesmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, q̃ devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano, de que tudo dispara em nada: e desse nada resulta hum muito, que são eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto, que lograstes, ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que não duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt*. Que a ladroens não se deve gloria, senão penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Inferno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo del Purgatorio nó ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar diñeros por Missas*. Não sey, como não disse tambem, que não havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e não diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que não ha mais que este mundo, estendey os olhos por

todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que mayores bens, e glorias lograraõ, Slamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompêos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabáraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se não deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christaõs o dava, que o devem crer; mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

DESENGANO TERCEIRO.

SUponho que não fallo com animais brutos, mas com homens racionais, que se entendem; mas que sejaõ Atheos, que não crêm, que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, saõ, valente, gentil homem; e que adquiristes por vossas artes, e industria tudo, quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honra, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possais roubar. Senhor estais de tudo: Dizey-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, pessos, enxovais, propriedades, rendas, &c. Se dais, ou gastais isto, como mundano, sois pródigo: se o guardais como escasso, sois avarento; e ambas as couzas saõ vicio. E se tendes entendimento, como suppomos, sois obrigado a crer, que em vicios não póde haver gloria, nem descanso; assim o alcançaraõ, e escreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que dispende, e guarda com a moderação devida, e porisso he virtude; e porque o he, não atina com ella, quem serve o mundo, que traz apregoada guerra com as

virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas não póde haver para nós a bemaventurança, que vós fingis.

Quaes são as vossas honras? São titulos, que vos fazem respeitado; apparatus de criados, e vestidos, que vos fazem venerado; são officios, que vos dão poder para sopear, e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disso tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com hum delicto; os apparatus, que se desfazem com huma ausencia; e as superioridades, que se malograão com huma desobediencia dos subditos: e tudo, o que chamais honra, vem a ser hum vidro, que com a liviandade de huma mulher se quebra, e com o desconcerto de qualquer da vossa familia se tolda, como o espelho com hum bafo. E se bem apertardes a honra buscando-a em vós mesmo, não a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e se vola negar, ficais sem ella: e até a que chamais de sangue, não consiste no vosso, senão em vossos antepassados, e em seus braçoens, que vem a ser pergaminhos velhos roídos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como não póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras são mais mudaveis, que as grimpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifraão todos: e os da vista com ser dos sentidos mais nobre, são de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçãoens para estimar; e até nas mesmas perfeiçãoens vemos, que não são de dura, que se murchaão como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido são musicas, e lisonjas: lisonjas, que mentem, e enganaão; musicas, que se

compoem de vozes; as vozes do ar, o ar sujeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaão, e extenûaão, até se consumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do gosto são doçuras, e sabores de manjares, e licores: se os tomais com demazia, mataão-vos; se vos abstendes delles, já os não lograis, e se os usais com moderação, continuados enfastiaão, dilatados causão fome, deixados são como se não fossem, para desengano, que por todas as vias não se soacha gosto nos mesmos gostos desta via. Os do tacto, que consistem na brandura, no carêo, e afago, com que a sensualidade lisongêa a natureza, quem os logra confessa que são momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternaão, que são mais as dores, que as suavidades, que de seu trato, quando he immoderado, resultaão. E em conclusaão todos os deleites dos sentidos rendem vassalagem ao somno, que os sepulta: O somno imagem da morte he senhor de todos os gostos, para os ter cativos, e sepultados: e quem a tal senhor se sujeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto he, o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo são confusoens, e labirintos. Destas saco ao mundo, para viverdes delle abastado, e satisfeito, e em nada achastes a satisfação plenaria, que buscaveis: seguisdes suas leys, que vos ensináraão a pertender, buscar, e estimar, o que elle estima; e achastes em tudo vaidades sem firmeza, amargózes sem doçura, inferno sem bemaventurança. Que resta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como esta, e que não ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna, porque a grandeza, constancia, e formosura do Ceo nos testemunha, e assegura, que ha outra couza melhor, que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solida, e verdadeira. A esta não he possivel, que se vá pelo caminho, que segue o mundo,

pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver necessariamente que nos guie com verdade, e leve ao descanso firme, e que nos ponha na gloria, que não padece eclipses. Esta he a Ley Divina, que se reduz a dous preceitos, que são, amar a Deos sobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti mesmo. Quem ama a Deos, não trata no mundo, porque lhe he apposto; quem ama ao proximo, não o offende: dar a cada hum o que he seu, he hum ponto, em que tudo se cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda nesta vida, e livrarse-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas couzas nas penas, molestias, e tribulaçoens, que causão, até quando se gozão; e porisso com muita propriedade, e razão lhes chamou Clerigo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva o alheio, trate só do que lhe pertence, e converterselhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o Paraíso: e bem se prova; porque se o não ha, em quem segue as leys do mundo, havello-ha necessariamente, em quem seguir a ley contraria, que he a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quæ sunt Cæsaris Cæsari, & quæ sunt Dei Deo*. Que demos a cada hum o que he seu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convêm. Donde se segue, que quem não tomar o alheio será bemaventurado.

C O N C L U S A M F I N A L ,

e remate do desengano verdadeiro.

TEve hum Religioso santo huma visão, em que lhe appareceo huma matrona muito formosa, com huma tocha acesa em huma mão, e huma quarta de agua na outra. Perguntoulhe o servo de Deos, quem era? Respondeo: Sou a Ley de Christo. E que tem que ver com a Ley

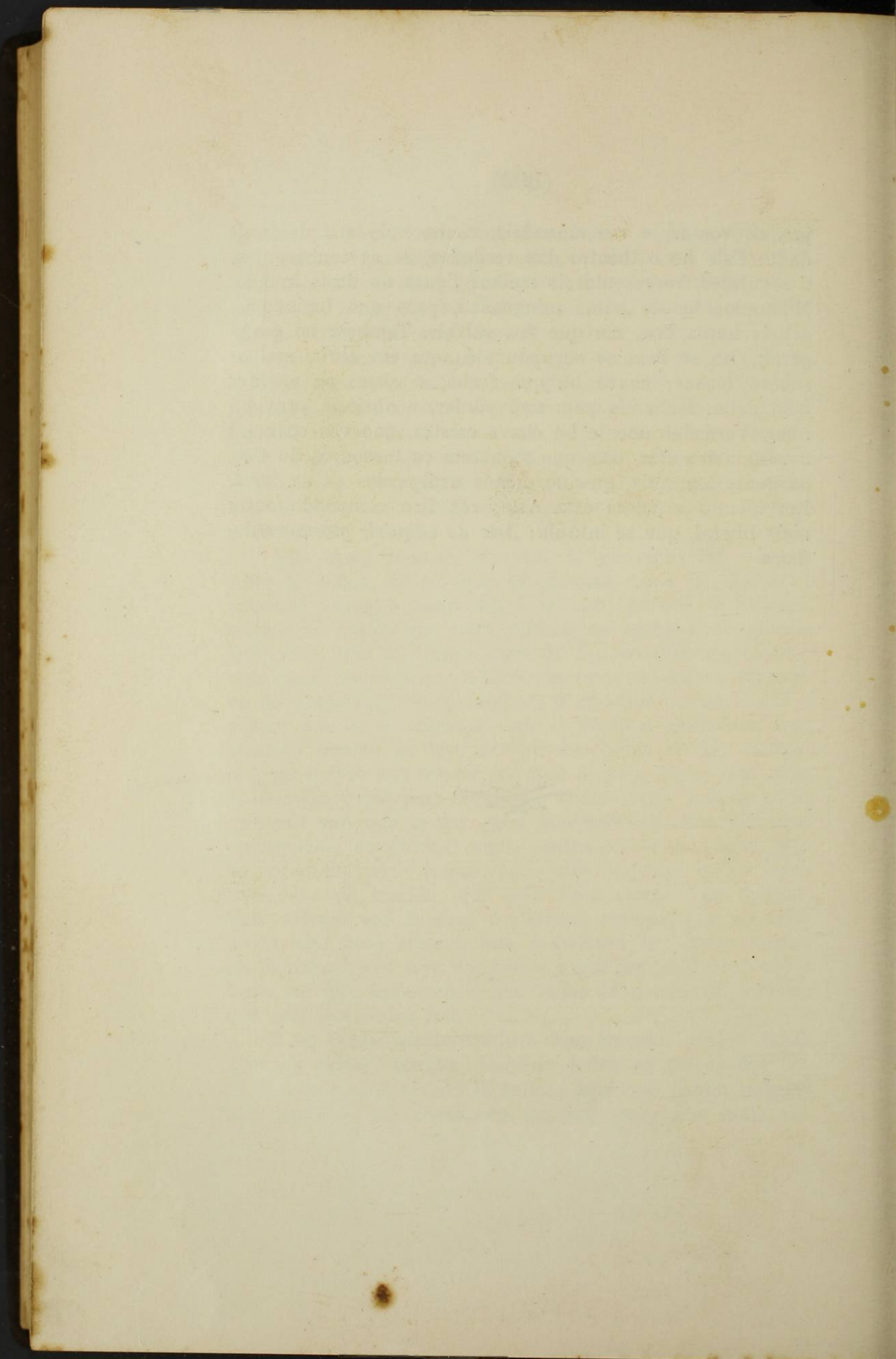
de Christo esses dous elementos, fogo e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abraçar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o Inferno até o aniquilar: e depois de não haver Ceo, que espere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Christo; porque só com a guardar, acho que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e affliçoens, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, não achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará afflicção de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e viverá em inferno.

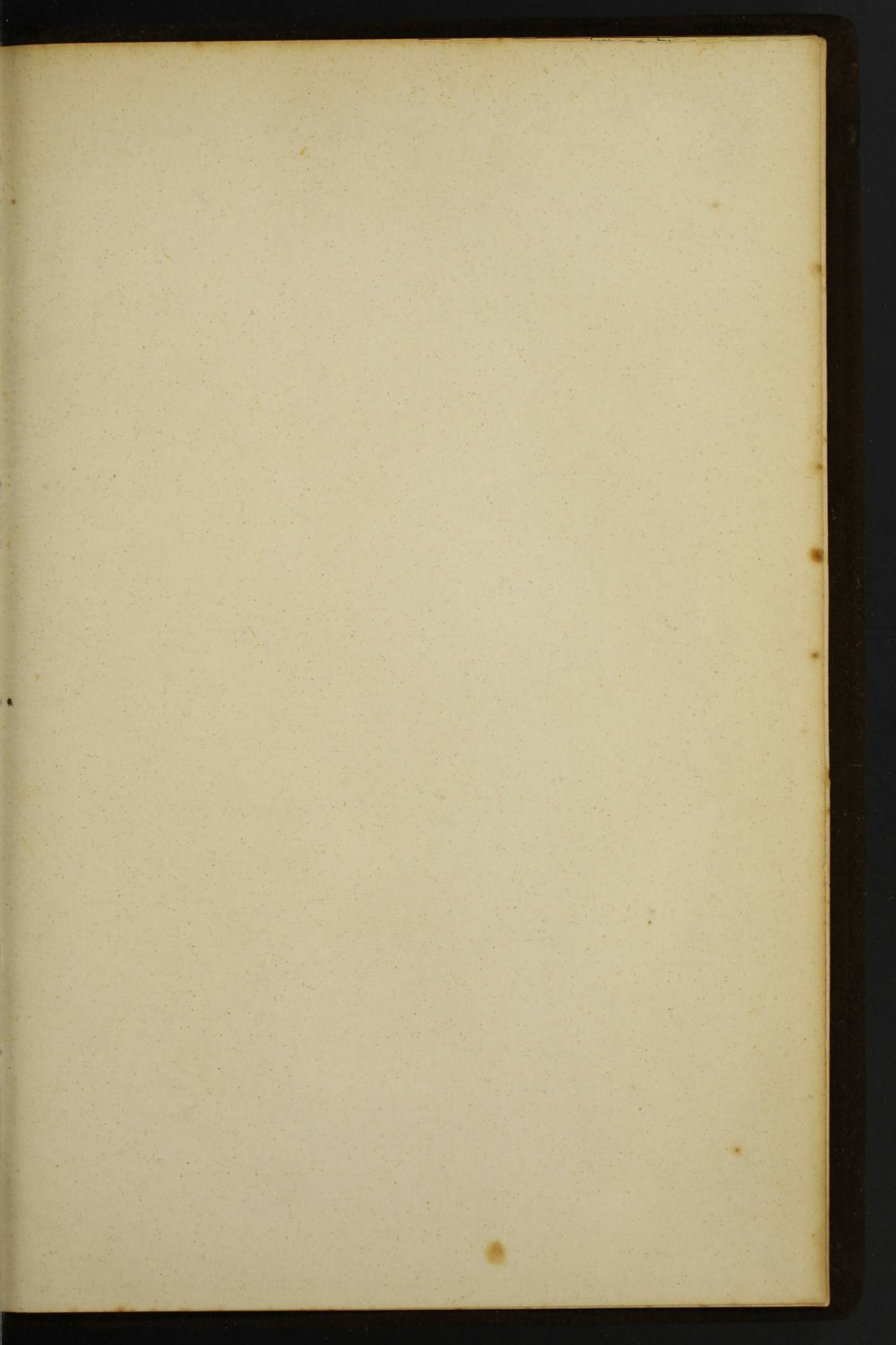
Que fazes homem, á vista de verdades tão claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporais, não faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanso da Ley de Christo; e aquellas custão muito a achar, porque se buscão com o suor, e trabalhos, que comsigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te creou, e não para servires o mundo falso, e enganador, que não tem que te dar mais que dores, disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias são relampagos, que se por huma parte luzem, por outra disparaõ rayos. Suas luzes são de candêa, que com hum assopro se apagaõ. Seus affagos são rapozas de Sansaõ astutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formosura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupção, e fumo em que poem seu termo todas as couzas do mundo, que não tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque descobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle ve-

jais os vossos, e vos emendeis, conhecendo sua deformidade: Este he o theatro das verdades, se as conhecerdes, e seguides, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador he de horas minguadas, para que fugindo-as, acheis huma boa, em que vos salveis. Tambem he gasúa geral, que se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar; chave he que fecha, e abre; se usardes bem della, fechareis para não perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave mestra, que vos ensinará a verdadeira arte, com que se abrem os thesouros do Ceo, os quais lograreis, quando menos usurpardes os da terra. Em quanto estudais esta Arte, vos fico compondo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira*.







800—

19300

